



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A Escolha do Objecto de amor na Patologia Narcísica

CÁTIA FILIPA SARAIVA SANDIÃES

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTORA TERESA SANTOS NEVES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA TERESA SANTOS NEVES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof.^a Doutora Teresa Santos Neves, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Venho por este meio agradecer às pessoas que ao longo deste ano de final de curso, me ajudaram na realização da presente investigação e me apoiaram sempre incondicionalmente.

Um especial agradecimento à minha orientadora, Doutora Teresa Neves, por ter sido uma verdadeira orientadora. Pelos conhecimentos que me transmitiu, por ter acreditado na exequibilidade do tema de investigação, por me ter motivado nos momentos críticos, pelo apoio constante e pela paciência que teve comigo ao longo da elaboração da investigação.

Em segundo lugar quero agradecer também à professora Dra. Isabel Duarte pelo apoio prestado com o teste projetivo Rorschach e pela disponibilização em me ajudar naquilo que pode

Quero ainda agradecer aos meus pais, por terem acreditado sempre em mim e por me darem a oportunidade de conseguir alcançar o meu sonho.

Ao meu noivo, por me ter acompanhado sempre ao longo deste período, nomeadamente nos momentos mais difíceis. Sendo compreensivo, apoiante e transmitindo-me sempre força.

Um muito obrigada à minha cunhada pela ajuda preciosa com as transcrições das entrevistas.

À minha amiga Nádia Correia um muito obrigada pela grande ajuda que me deu com as transcrições das entrevistas. E por ser uma amiga que está sempre presente e disponível para me ajudar em tudo.

Às minhas colegas e amigas Cláudia Santos e Susana Rocha, pela partilha de experiência, de angústias, de ansiedades que tornaram este percurso bem mais fácil. E pelas tardes de estudo que tinham sempre aquela componente maravilhosa de uma tarde bem passada com amigas.

Queria ainda agradecer à equipa de psicólogos do hospital onde recolhi a amostra da investigação por me terem referenciado sujeitos com patologia narcísica.

Por último mas não menos importantes, aos participantes do estudo por se terem disponibilizado para participar na investigação.

Resumo

O conceito narcisismo é um conceito de difícil delimitação devido à diversidade de significados a ele associados. A forma de compreender esta patologia não é unânime, alguns teóricos centram-se numa análise dos comportamentos e atitudes de grandiosidade e nas defesas maníacas do self e outros na vulnerabilidade do self e na sua profunda falha narcísica. Partindo deste pressuposto considerou-se importante realizar uma investigação em que ambos os polos fossem considerados.

O narcisismo patológico é uma estrutura patológica do self que está na base da patologia narcísica. Segundo Kernberg, na origem desta patologia está uma falha ou um excesso de gratificação dos pais que leva a que o sujeito sinta raiva e/ou inveja face aos objetos primários. No grau mais grave desta patologia encontram-se os pacientes com um self grandioso patológico. Kernberg ainda refere que os pacientes com patologia narcísica não conseguem aceder a um objecto total em que integram no seu self o objecto bom e mau.

O objetivo da presente investigação é compreender o vínculo amoroso de pacientes narcísicos e a forma como este se liga ao seu funcionamento psíquico, realizando-se para tal uma revisão da literatura existente sobre a temática incidindo de forma mais aprofundada na teoria compreensiva de Otto Kernberg.

Palavras-chave: Narcisismo patológico, grandiosidade, defesas maníacas, vulnerabilidade do self, vínculo amoroso.

Abstract

The concept of narcissism is difficult to delimit due to the diversity of meanings associated. The way to understand this pathology is not unanimous some theoretical approaches focus on an behavior analysis and attitudes of grandiosity and manic defenses and others in the vulnerability of the self and the profound narcissistic failure. In this research both perspectives were taken into account.

Narcissistic pathology is a pathological structure of the self which is the basis of narcissistic pathology. According to Kernberg, the origins of this condition is a fault or an excess of gratification by the parents leading to anger and / or jealousy felted towards the primary objects. In more severe degree of this disease patients have a pathological self-grandiosity. Kernberg also states that patients with narcissistic pathology can not achieve a full subject relationship incorporating into the self good and bad object.

The objective of this research is to understand the loving relationships established by narcissistic patients and how it binds to its psychic functioning. A comprehensive theory review of Otto Kernberg work will be developed.

Keywords: Narcissistic pathology, grandiosity, manic defenses, vulnerability of self, loving bond.

Índice

Introdução	2
Compreensão do Vínculo Amoroso em Sujeitos com Patologia Narcísica	4
Origem do conceito Narcisismo	4
Origem da Patologia Narcísica	7
O Funcionamento Psíquico na Patologia Narcísica	11
Caraterísticas de Funcionamento	11
O Amor e o Narcisismo	14
O Vínculo Amoroso de Pacientes com Patologia Narcísica	16
Conclusão	20
Referências Bibliográficas	22

Introdução

O conceito narcisismo foi utilizado pela primeira vez por Ellis num debate psicopatológico para fazer alusão ao mito de narciso, desenvolvendo subsequentemente a expressão *Narcissus-like-tendency* (tendência a ser como narciso) que daria origem por contiguidade ao termo narcisismo (Mijolla, 2005).

Este mesmo conceito foi utilizado pela primeira vez na perspectiva psicanalítica por Freud, em 1910 para explicar a escolha de objeto dos homossexuais, em que eles próprios se tomam como base da sua escolha - escolha narcísica (Laplanche & Pontalis, 1967). Em 1914 no seu texto "*Introdução ao Narcisismo*" descreve quatro eixos em que o conceito narcisismo é utilizado: o da perversão, o do desenvolvimento sexual, como catexia libidinal do ego e como escolha de objecto de amor. O termo narcisismo está associado à autoestima, ao amor-próprio que as pessoas sentem em relação a si próprias (Kernberg, 1975) e ao narcisismo patológico, como uma estrutura patológica do self (Kernberg, 1995a/2006).

A origem da patologia narcísica está ligada a uma fixação no narcisismo primário, em que a libido é investida no ego e não nos objectos exteriores (Freud, 1914). Esta perturbação, de acordo com alguns autores é uma forma do sujeito se defender do seu ego primitivo, da reativação das suas vivências precoces com os seus objectos primários (Burness, 1975; Kernberg, 1975).

Uma característica central do paciente narcísico é a constante tentativa de alcançar o seu ideal do ego (aquilo que gostava de ter), para obter a completude narcísica exigida pelo ego ideal (o que gostava de ser) (Grinblat, 2004).

Com o aumento do diagnóstico de personalidades narcísicas na população (Cooper, 1986), torna-se relevante aumentar o conhecimento sobre esta patologia para uma melhor intervenção (Kealy & Ogradniczuk, 2011). Como o vínculo amoroso é uma questão transversal a todas as pessoas, todos nós procuramos sempre um outro que nos complemente, que atenua a ferida narcísica intrínseca a cada um, por não sermos completos (Rios, 2008), considerou-se relevante compreender o vínculo amoroso em pessoas com patologia narcísica.

Na presente investigação pretende-se identificar e analisar quais as características do objecto de amor do paciente narcísico, bem como, a qualidade do relacionamento e a ligação entre a relação com os objectos primários e os relacionamentos amorosos.

Este artigo está dividido em cinco partes. Na primeira é analisada a origem do conceito e problematiza-se a utilização do mesmo; na segunda parte, a partir da perspectiva teórica de

Cooper (1986) e Kernberg (1974/1975/1995/2006/2013) pretende-se compreender a origem da patologia narcísica; na terceira pretende-se compreender a organização psíquica do paciente narcísico e algumas características de personalidade relevantes na compreensão do funcionamento psíquico do mesmo; de seguida explora-se o conceito de amor, bem como o estabelecimento de relações amorosas maduras e os entraves ao estabelecimento das mesmas na patologia narcísica e, na última parte, pretende-se compreender a ligação entre a escolha de objecto de amor do paciente narcísico e as suas características de funcionamento.

Compreensão do Vínculo Amoroso em Sujeitos com Patologia Narcísica

Origem do conceito Narcisismo

O narcisismo é um conceito polissêmico difícil de delimitar. A origem do conceito está associada ao mito grego de Narciso, que remete para o amor que o sujeito sente por si próprio (Mijolla, 2005; Araújo, 2010).

Narciso é descrito como um homem jovem de aspeto físico muito cuidado, que suscitou desejo nas ninfas, nomeadamente em Echo que se apaixonou por ele mas foi rejeitada. Ao ser rejeitada, Echo e as outras ninfas, desejaram vingar-se de Narciso, fazendo-o viver o sentimento de rejeição de um amor não correspondido. Narciso acaba por se apaixonar pela sua própria imagem refletida nas águas do rio, que considera ser um espírito bonito da água, acabando por ficar aprisionado na contemplação da mesma, até definhar e acabar por falecer. Quando as ninfas vieram procurar o seu corpo para o enterrar, constataram que ele tinha desaparecido, deixando no seu lugar uma flor (Cooper, 1986). De acordo com este mito, a atração romântica está ligada a uma auto-centração do sujeito em si próprio, em que a sua escolha de objecto se concretiza tendo como base o próprio corpo (escolha de objecto narcísica) e a desvalorização do outro. Esta problemática está patente neste mito, quando Narciso fica preso à sua imagem refletida que não reconhece como sua, remetendo isso para dificuldades ao nível da coesão do ego e da coesão da imagem corporal (Bergeret, 2000).

A origem do termo narcisismo foi atribuída a Ellis e Nacke. Ellis fez alusão ao mito de Narciso em 1898, num debate psicopatológico. Para o autor o narcisismo é uma forma extrema do comportamento autoerótico, onde o outro não está presente no processo de excitação e descarga da energia sexual. Em 1989, Nacke faz referência ao texto de Ellis e cunha a palavra (Guimarães, 2012). Para Nacke o narcisismo é uma perversão, uma “conduta pela qual um individuo dá ao seu próprio corpo um tratamento parecido ao que daria ao objecto sexual” (cit. por Freud, 1914, p.1; Mijolla, 2005).

O termo narcisismo encontra-se associado à autoestima, ao amor-próprio que todas as pessoas sentem em relação a si próprias (Kernberg, 1975). A autoestima é constituída por partes do narcisismo infantil e pela onipotência que foi corroborada pela realização do ideal do ego (aquilo que o sujeito gostava de alcançar) e pela satisfação da libido (Kealy & Ogrodniczuk, 2011). De acordo com Kernberg (1975) o narcisismo é uma forma de regular adequadamente a autoestima, que se modifica conforme o tipo de relações que se estabelecem, gratificantes ou frustrantes, sendo essa apreciação realizada de acordo com a

avaliação que cada pessoa efetua entre os seus objectos ou aspirações e os seus êxitos (Kernberg, 2006). O narcisismo normal implica um nível saudável de investimento na autoestima, nos interesses do sujeito e na sua preservação, para que consiga alcançar os seus objetivos (Kernberg, 1975), assim como na existência de uma boa integração do superego e de relações de objecto totais (Kernberg, 1995a).

O narcisismo patológico é uma estrutura patológica do self, que segundo Kernberg (1995a/2006) pode ser analisada segundo três tipos. No primeiro o paciente regride a formas de regulação da autoestima infantis, ocorrendo uma fixação ou regressão ao narcisismo infantil normal. No segundo tipo, o self do paciente identifica-se patologicamente com o objecto, existindo assim uma projeção do self infantil nesse mesmo objecto, criando-se uma relação em que as funções do self e do objecto se invertem. O terceiro corresponde à personalidade narcísica, em que existe um self grandioso patológico. Quando realiza esta categorização da patologia narcísica o autor não inclui o tipo de personalidade narcísica em que predomina a vulnerabilidade narcísica, realizando posteriormente essa distinção quando fala sobre as relações amorosas destes pacientes.

Na teoria freudiana, o conceito surge para explicar a esquizofrenia a partir da teoria da libido, assim como, a homossexualidade. Freud utiliza o termo pela primeira vez em 1910, para explicar a escolha de objecto de amor dos homossexuais, que é uma escolha de objecto narcísica (Laplanche & Pontalis, 1967). Já na esquizofrenia, a libido é retirada do mundo exterior e é dirigida para o ego, para os objectos imaginários (Freud, 1914).

No texto “*Introdução ao Narcisismo*”, Freud (1914) descreve o conceito narcisismo a partir de quatro eixos: da perversão, do desenvolvimento sexual, como catexia libidinal do ego e como escolha de objecto de amor. O narcisismo ligado à perversão está associado à escolha do objecto de amor na homossexualidade. Na homossexualidade o sujeito cuida do seu corpo com satisfação sexual, acariciando-o e mimando-o para alcançar o prazer pleno. O narcisismo ligado ao desenvolvimento sexual caracteriza-se por ser um “estádio intermédio entre o autoerotismo e o amor de objecto” (p. 1), como um complemento libidinal da pulsão de autoconservação, presente em todos os sujeitos (Freud, 1914). Enquanto catexia libidinal do ego, o investimento libidinal é dirigido ao ego (Freud, 1921). Consequentemente isso acontece na patologia narcísica, em que esta fase nunca é ultrapassada. De acordo com esta visão económica do investimento pulsional, o autor define dois tipos de narcisismo comuns a todo o desenvolvimento psíquico: o narcisismo primário e o narcisismo secundário.

O narcisismo primário resulta do investimento original da libido no ego, em que a criança antes de dirigir o investimento libidinal para os objectos exteriores, torna-se ela mesma o seu objecto de amor, dirigindo a libido para o ego (Freud, 1914). Este conceito é controverso pois, embora Freud refira que é um estado em que o outro não existe, percebe-se que ser necessário existir algum grau de identificação, isto é, que existam relações de objecto para que esse processo possa ocorrer. O ser humano está organizado biologicamente para investir nos objectos e para ter consciência de si como separado dos outros e para procurar um ótimo nível de estimulação e não a eliminá-lo (Auerbach, 1993). De acordo com Klein, o bebé estabelece relações desde o seu nascimento, não se podendo considerar o narcisismo primário como um estado anobjectal. Apenas se pode considerar a existência de estados narcísicos, definidos como um retorno da libido a objectos interiorizados (Laplanche & Pontalis, 1967). Se considerarmos que para existir a coesão do ego é necessário ter-se construído uma imagem corporal e psíquica coesa, o que só é possível através da relação precoce com o cuidador principal (Chabert, 2000), então, é necessário que exista uma identificação com o outro para que se possa alcançar essa coesão. De acordo com essa premissa, no narcisismo primário existe sempre uma identificação primária com o outro (Laplanche & Pontalis, 1967). Dessa forma, este pode ser mais facilmente observado através dos pais em vez da criança. Segundo Freud (1914) os pais tendem a atribuir ao bebé tudo o que é perfeito e a ocultar todos os seus defeitos, “sua majestade, o bebé” (p.10), sendo este amor infantilizado dos pais, uma reativação do narcisismo dos mesmos que é transposto para o seu objecto de amor, o seu filho. O filho transforma-se no ideal dos pais (Gobbi, 2008).

No narcisismo secundário existe um retorno da libido, que é dirigida ao objecto, ao ego (Freud, 1914). O narcisismo secundário pode observar-se no processo de desenvolvimento normal através da identificação secundária com o objecto e quando o sujeito consegue atingir o seu ideal do ego (Kintron, 1991). Neste processo o sujeito ama-se como consequência de amar o outro (Freud, 1914).

O narcisismo ligado à escolha de objecto de amor pode ser uma escolha anaclítica, em que o sujeito escolhe o seu objecto como base na figura cuidadora do sexo oposto, ou uma escolha narcísica, que tem como base o seu próprio corpo (Freud, 1914; Burness 1975). Na escolha narcísica o sujeito substitui o objecto assumindo as suas funções, tornando-se um substituto para o ideal do ego. O sujeito passa a considerar o objecto externo como uma parte de si mesmo deixando de reconhecer as fronteiras ego/objecto. Quando tal situação extrema acontece, o objecto funde-se com o ego, sendo as qualidades do objecto exacerbadas e os

defeitos ignorados (Freud, 1914/1921). No mito de Narciso a escolha de objecto de Narciso, constituía-se como uma escolha narcísica, em que ele evitou estabelecer uma relação com a ninfa Echo (Campbell, 1999), apaixonando-se pela sua imagem refletida no rio e acabando por ficar aprisionado à mesma. O narcisismo ligado à patologia narcísica é uma forma do sujeito se defender do seu ego primitivo e da reativação das suas vivências precoces com os seus objectos primários (Burness, 1975; Kernberg, 1975). O objecto da pulsão sexual da pessoa com patologia narcísica é sempre o ego, mesmo que este se direcione a um objecto exterior (Freud, 1921).

Freud introduziu dois conceitos-chave na sua teoria para compreender o narcisismo, o ideal do ego e o ego ideal. Embora nunca os tenha distinguido, estes foram diferenciados por outros autores (Laplache & Pontalis, 1967). O ideal do ego é uma formação intrapsíquica que está ligada ao registo do simbólico (Raffaelli, 2007) e resulta da convergência do narcisismo infantil (que o sujeito tenta recuperar através desta instância), com as identificações com os pais, ou seus substitutos e com os ideais coletivos. Esta instância é o modelo que o sujeito procura seguir, aquilo que gostava de alcançar. Este é o herdeiro do Édipo (Freud, 1914; Grinblat, 2004), reunindo as funções de interdição e de ideal (Laplache & Pontalis, 1967). Através desta instância o sujeito tem um ponto de referência para avaliar e comparar o seu ego (Ferreira, 2010).

O ego ideal, de acordo com Freud, pertence ao registo do imaginário (Raffaelli, 2007). Formando-se com base no deslocamento do narcisismo infantil que um dia correspondeu ao ego real, já que o sujeito não quer abdicar desse narcisismo infantil (Freud, 1914). Este é modelado através dos pais, do superego e dos ideais (Mijolla, 2005). O ego ideal é aquilo que o sujeito gostava de ser (Grinblat, 2004), é uma forma do sujeito recuperar a perfeição, a completude narcísica. O amor que o sujeito sente por si na infância dirige-se agora para o ego ideal (Raffaelli, 2007). Para Laplache e Pontalis (1967) o ego ideal implica uma identificação primária com um outro que seja percebido como onipotente, algo que Freud não considerou. Porém o olhar dos pais que engrandecem o seu filho referido por Freud, já supõe algum grau de identificação com o outro.

Estes conceitos são fundamentais na compreensão da patologia narcísica já que estes pacientes estão constantemente a tentar alcançar o ideal do ego de forma a obterem a completude narcísica que é exigida pelo ego ideal.

Origem da Patologia Narcísica

Segundo Cooper (1986) a patologia narcísica surge durante as fases iniciais do desenvolvimento infantil, com a separação inicial da mãe e com a diferenciação self/objecto. A criança em circunstâncias ideais sente uma sensação de onipotência e de perfeita união com a mãe e com o meio envolvente, em que todas as suas necessidades são satisfeitas rapidamente, alcançando a completude narcísica. Como a experiência de fome ou desconforto foram sempre, de forma rápida, satisfeitas a criança constrói uma fantasia de onipotência e poder. Pouco a pouco, como resultado da introdução da experiência de frustração, a criança torna-se consciente da sua necessidade da mãe e do cuidado que esta lhe presta.

Quando a criança é capaz de começar gradualmente a delegar o seu sentimento de onipotência para pessoas que ama, como por exemplo para o pai, adquire um sentimento de maior eficácia, repercutindo-se isso no desenvolvimento de um ego coeso em que existe uma integração do ódio e do amor, com prevalência do amor. Quando a criança percebe que necessita do outro e responde face a isso com frustração e raiva fica mais propensa a desenvolver sentimentos de raiva e a ser incapaz de obter gratificação (Cooper, 1986).

Como o processo de separação da mãe coloca em causa a onipotência e grandiosidade do ego ideal (Cooper, 1986), a criança acaba por introjectar dentro de si tudo o que é bom e a projetar tudo o que é mau (Freud, 1914). Para tentar manter as suas fantasias onipotentes, a criança tenta dominar os seus sentimentos de raiva, impotência e frustração pela fantasia de controlo sobre a “mãe má” que é responsável por tudo aquilo que ela sente (Cooper, 1986).

A dinâmica da patologia narcísica não é unânime entre as diversas correntes psicanalíticas. Os autores da escola Kleiniana enfatizam a função das defesas maníacas e do ego grandioso enquanto a perspectiva da escola americana de psicanálise debruça-se sobre a profunda vulnerabilidade destes pacientes. Na presente investigação optou-se por compreender o funcionamento psíquico na patologia narcísica segundo a perspectiva das relações de objecto, nomeadamente através da teoria compreensiva de Otto Kernberg. Para este autor o narcisismo patológico surge devido a uma falha sentida pela criança ao nível do amor fornecido pelo seu cuidador, falha sentida especialmente até aos três anos de idade. O narcisismo patológico reflete um investimento libidinal numa estrutura de self patológica, que contém representações do self real, ideal e representações de objectos ideais, estando estas representações clivadas ou dissociadas, recalcadas ou projetadas. Esta estrutura patológica resulta da fusão entre aspetos verdadeiros do self (quem o sujeito é), do ego ideal (quem gostava de ser) e do objecto ideal (objecto idealizado) (Kernberg, 1974a/1975). O sujeito não

integra as representações positivas e negativas do self e do objecto, reunindo as representações positivas do self e dos objectos o que resulta num self grandioso patológico que é irrealista e idealizado (Kernberg, 1975/2006).

A gratificação excessiva das necessidades narcísicas pode levar a que o menino tenha a fantasia de que o seu pequeno pénis é plenamente satisfatório para a sua mãe negando a diferença entre o seu pénis e o do pai, existindo dessa forma uma fixação no narcisismo primário, fixação que irá interferir na identidade genital completa do menino, assim como na internalização do pai no ideal do self (Kernberg, 1977). Para alcançar a identificação sexual normal, o menino identifica-se com o pai rivalizando com ele. Este representa para o menino o ciúme e a restrição da fase edipiana. A superação do complexo de Édipo surge quando o menino se identifica com um pai bom, que não o repreende. A identificação incompleta com a função parental repercute-se no estabelecimento de relações amorosas instáveis (Kernberg, 1977). O fato da competição com a figura parental não ter ficado resolvida, assim como a negação da angústia de castração, traduz-se no estabelecimento de relações dependentes em que a sua mulher representa a sua mãe (Braunschweig & Fain, 1971 cit. in Kernberg, 1977). A sua mãe é representada como provocadora sexual, devido à transformação das suas primeiras frustrações orais em agressão sexual. Essa imagem da mãe leva a uma intensificação dos componentes agressivos da excitação sexual, promovendo uma dissociação entre a excitação erótica e a ternura (Kernberg, 1995b).

A menina desde muito cedo tem consciência sexual, embora esta esteja recalcada devido ao pouco investimento nos seus genitais por parte da sua mãe. Esse escasso investimento deve-se a um recalçamento da sexualidade da mãe (Klein, 1975). O fato da mãe não ter estimulado diretamente o erotismo genital da menina e os conflitos que existem entre estas, devido ao valor dos genitais da menina, das funções femininas, conduz a uma inibição no seu desenvolvimento psicosexual (Kernberg, 1977). Os conflitos não resolvidos com a mãe, assim como, a admiração do pénis no menino leva a que a menina tenha inveja do pénis, acabando por se direccionar mais para a relação com o pai devido ao desapontamento que teve com a mãe (Blum, 1976 cit. in Kernberg, 1977). Se a identificação com a mãe surge num estágio em que as tendências sádico-orais e anais estão mais acentuadas, o medo do superego materno primitivo leva ao recalçamento e à fixação nessa fase, o que interfere no desenvolvimento genital posterior. O medo da mãe impede que a menina se identifique com esta e comece a identificar-se com o pai. O ódio e a rivalidade com a mãe fazem com que a

identificação com o pai seja abandonada, voltando a mãe a ser o objecto escolhido para amar e pelo qual deseja ser amada (Klein, 1975).

Na patologia narcísica, o sujeito cresce a ver os pais, ou as figuras de referência que idealiza, como onipotentes, acabando por se comparar com elas, para tentar alcançar o ideal do ego de forma a obter a completude narcísica que o ego ideal lhe exige. Isto pode ser imposto pelo sujeito ou pelos pais. O paciente acaba por se decepcionar quando não consegue alcançar o que deseja, ou não consegue obter do outro o efeito esperado e/ou imaginado, não se sentindo suficientemente valorizado. Este fato leva a uma acumulação de raiva dirigida ao objecto (Mosquera, 2008), que se repercute numa dificuldade do sujeito em aceitar conselhos, críticas construtivas ou outro tipo de exigências (Cooper, 1986). Este também pode ter uma resposta defensiva, demonstrando uma aparente submissão, à qual subjaz uma sensação de fracasso por não ter conseguido a valorização do seu objecto idealizado (Mosquera, 2008).

Quando os pais têm uma perturbação narcísica em que usam a projeção como defesa, transmitem este funcionamento como modelo aos filhos. A criança acaba por ser apenas um depósito das projeções dos pais, tornando-se uma extensão narcísica dos mesmos, não sendo vista como separada, vivendo sempre na expectativa do que estes querem dela. Estes deslocam os seus sentimentos para o seu filho, a partir de uma relação idealizada, ou odiada (Burness, 1975).

Como a criança acaba por servir para satisfazer as necessidades narcísicas dos pais, acaba por regredir às suas próprias satisfações narcísicas sempre que o objecto se torna decepcionante e frustrante. Para evitar a descompensação, a criança reforça a sua expectativa inicial megalómana, que não precisa de limites, porque através desses comportamentos consegue obter poder (Burness, 1975). Devido a essa atitude megalómana tendem a projetar os afetos negativos (e.g. raiva e inveja) no outro, nomeadamente quando se sentem frustrados, já que atribuem a culpa dessa frustração ao outro (Campbell, Foster & Finkel, 2002).

Mais tarde, Kernberg (1995b) acrescenta que o narcisismo patológico pode ser uma alternativa do sujeito aos impulsos agressivos e libidinais, uma forma de se defender destes impulsos. A raiva é dirigida ao objecto materno por se sentir rejeitado, por uma mãe que não satisfaz as suas necessidades emocionais, e por um pai com o qual só tem conflitos ou que nunca se mostrou disponível para a criança, este sente uma intensa inveja e ódio da mãe, o que acaba por prejudicar a relação com ambos. Com a reativação dos conflitos com as figuras parentais, em que o sujeito sente uma forte inveja do casal edipiano e um grande sentimento de culpa face à identificação com os pais na cena primitiva (Kernberg, 1991), sendo o ódio

inconsciente e a inveja do bom relacionamento entre o casal parental transformado em desejos destrutivos contra o próprio. Estes sentimentos levam a que o sujeito tenha problemas nas suas relações amorosas, já que destrói tudo o que é bom no outro, em si e no relacionamento (Kernberg, 1995b). O paciente narcísico acaba por não conseguir internalizar um bom objecto materno que lhe permita partilhar as suas fragilidades num relacionamento amoroso, porque a confiança básica é frágil (Kernberg, 2011).

O Funcionamento Psíquico na Patologia Narcísica

Características de Funcionamento

Bergeret (2000) ao mencionar Freud descreve que na patologia narcísica o superego não está bem estabelecido, pois ainda não acedeu ao primado da genitalidade, verificando-se um predomínio das pulsões do ego no sentido da autoconservação. O superego tende a ser dissociado e projetado, o que se repercute no desenvolvimento de objectos externos considerados como persecutórios e à perda das funções normais do superego na regulação da autoestima, como monitorizar e elogiar (Kernberg, 2006). A integração do superego nas personalidades narcísicas é pobre, porque o superego é constituído por imagens parentais primitivas perccionadas de forma distorcida como agressivas, não existindo uma integração normal dos precursores agressivos, nem do ideal do self e das imagens dos objectos ideais (Kernberg, 1975). A projecção da raiva resulta em medos paranóides de ataque e destruição (Bishop & Robert, 2002). Porém existem pessoas com patologia narcísica que têm comportamentos inibitórios das pulsões agressivas e sexuais (Bergeret, 2000), dirigindo-as ao próprio ego (Bishop & Robert, 2002). A angústia primordial na patologia narcísica é o medo de perder o amor e a proteção do objecto (Bergeret, 2000), de não existir como separado do outro, de não conseguir sobreviver ao abandono do objecto (Maltas, 1991).

Nos sujeitos com esta patologia, o amor-próprio patológico surge como uma auto-referência e auto-centralização excessivas (Kernberg, 2006). A grandiosidade verifica-se em tendências exibicionistas, que se podem expressar em valores infantis como atratividade física, poder, riqueza, vestuário, entre outros (Cooper, 1986; Kernberg, 2006).

O funcionamento dos pacientes narcísicos depende da gravidade da sua patologia, existindo um espectro que oscila entre os que têm um grau de patologia menos grave e mais grave. Os que estão num grau de menor severidade estão adaptados à realidade mas têm pouca consciência da sua patologia. Estes têm sentimentos de vazio e/ou aborrecimento

associado a uma forte necessidade de aprovação e êxito. Num nível intermédio encontramos pacientes com um self grandioso que necessitam da valorização do outro para manterem a sua autoestima (Kernberg, 2006), demonstrando-se dessa forma pessoas grandiosas ou hipersensíveis face a qualquer situação em que a sua autoestima possa ser colocada em causa (Campbell, 1999). Sendo o outro facilmente idealizado e facilmente desvalorizado. No grau de patologia grave os pacientes têm um self grandioso e apresentam características borderline, como falta de controlo dos impulsos, predisposição para terem comportamentos agressivos ou para distorções paranóides graves e baixa tolerância à ansiedade (Kernberg, 2006; Kernberg & Yeomans, 2013). A categorização em graus de severidade proposta por Kernberg levanta algumas dúvidas. Embora os pacientes com self grandioso não tenham crítica sobre a patologia e, por isso, recorram menos aos serviços de saúde mental, por outro lado, os pacientes com self vulnerável, por terem mais consciência crítica sobre o seu estado clínico, deprimem-se mais facilmente cometendo mais o suicídio (Mosquera, 2008). De acordo com estes dados considera-se que ambos os polos são graves, independentemente das suas manifestações clínicas diferentes que muitas vezes mascararam o grande sofrimento de que ambos os pacientes padecem.

O sentimento de grandiosidade emerge como um processo de compensação narcísica, face ao sentimento que o sujeito sente de não ser suficientemente amado e admirado pelos seus objectos acabando ele próprio por se amar e admirar (Matos, 1893; Mosquera, 2008). Na procura de valorização, os pacientes tendem a procurar pessoas bem-sucedidas, populares e poderosas, acabando por serem muito encantadores (American Psychiatric Association, 1996) recorrendo ao seu humor agradável e sedutor para conquistarem o outro (Nollet, 2001). A admiração do outro substitui as funções de proteção e de regulação da autoestima (Kernberg, 1995b), servindo como um espelho para o sujeito obter a valorização que necessita (Kernberg, 1975), para satisfazer as necessidades de coesão do ego e de manutenção e/ou reforço da autoestima (Maltas, 1991; Campbell, 1999; Campbell, Foster & Finkel, 2002). A baixa autoestima surge devido à desvalorização dos outros, ao esvaziamento de representações objetais e à incapacidade das pessoas com esta patologia para empatizarem com o outro (Kernberg, 2006).

Essa visão onipotente de si deve-se à necessidade que o sujeito tem de alcançar o seu ideal do ego para engrandecer o seu ego ideal. Porém a comparação entre o self e o ideal do ego leva-o a ter sentimentos muito dolorosos de vergonha, humilhação e fracasso (Kernberg, 1975/2006), constatando-se uma alternância entre o sentimento de grandiosidade e

sentimentos de desvalorização (Kernberg, 2006; Kernberg & Yeomans, 2013). Daí estes sujeitos terem medo de partilhar e expressar os sentimentos que possam demonstrar a sua fragilidade (Maltas, 1991), assim como o seu sentimento de vazio, raiva e inveja (Mosquera, 2008). Estes podem ter experiências de sucesso e fracasso, por exemplo um sujeito que lute contra a sua vergonha pode demonstrar grandiosidade face a um elogio assim como um sujeito muito confiante poderá ter sentimentos de inferioridade perante uma rejeição, assim como o sentimento de ser privado do que os outros possuem (Kealy & Ogrodniczuk, 2011).

A fúria narcísica, que é raiva que emerge devido a sentimentos de desamparo e vergonha surge como uma forma do paciente narcísico reparar o seu ego danificado. Num estado de fúria narcísica pode ser vingativo para corrigir aquilo que sente como uma falha intolerável para a sua autoestima (Kealy & Ogrodniczuk, 2011).

A profunda vulnerabilidade narcísica dos sujeitos com patologia narcísica traduz-se num grande sofrimento psicológico (Mosquera, 2008). Entendendo-se por vulnerabilidade narcísica as fragilidades que o ego do sujeito tem por não se sentir completo como desejava (Rios, 2008) e à necessidade que têm de ter a aprovação e a valorização dos outros ficando muito instáveis emocionalmente (Mosquera, 2008). A vulnerabilidade narcísica surge face à comparação que o sujeito realiza entre o seu ego real e o seu ideal do ego (Laplanche & Pontalis, 1967). Essa fragilidade está ligada a uma angústia de perda/separação que se tornou estrutural (Freud, 1914), permeando toda a vida mental do sujeito, e condicionando todos os seus relacionamentos interpessoais (Bishop & Robert, 2002).

Para Kernberg estas pessoas não se deprimem verdadeiramente, porque na verdade o que sentem é uma profunda raiva e ressentimento mesmo que pareçam deprimidos porque são incapazes de experimentar formas diferenciadas de autocritica ou depressão ligeira, com existência de remorso, tristeza e auto-reflexão crítica (Kernberg, 1975/2006). Para o autor (1975) são “depressões aparentes”, em que se observa uma falha nas estratégias de funcionamento habituais. Segundo Matos (1983) a grandiosidade é uma defesa contra a depressão, que existe quando o sujeito não se sente amado.

A necessidade de dominar e controlar o outro é uma manifestação de um comportamento defensivo, em que a clivagem e a projeção permitem ao sujeito afastar-se de aspetos internos considerados intoleráveis. O domínio é ainda uma forma de luta contra o medo de não ser reconhecido e antes ser dominado e rejeitado pelos outros (Kealy & Ogrodniczuk, 2011), assim como de refúgio de sentimentos relacionados com a sua vulnerabilidade narcísica (Bishop & Robert, 2002). A procura de controlar o outro através de várias estratégias, desde o

logro até à manipulação, é uma forma de adquirir o que quer (Nollet, 2001), uma forma de compensar o sentimento inconsciente de ter pouco interesse para os outros (Kealy & Ogrodniczuk, 2011).

A visão do outro é clivada, este ou é admirado, ou é admirador, desprezado ou desprezador, útil ou usado (Nollet, 2001). Estes sujeitos são incapazes de aprender com os outros, porque têm necessidade de estímulos intensos e sentem que a vida não tem sentido (Kernberg, 2006). Quando não conseguem alcançar a admiração que desejam do outro ou recebem um feedback negativo sobre si, tendem a transparecer as suas características negativas como a insensibilidade e a falta de empatia pelos outros, porque se sentem ameaçados pelo outro (Morf & Rhondewalt, 2001).

As profundas dificuldades relacionais manifestam-se em problemas profissionais, sociais e familiares (Kealy & Ogrodniczuk, 2011), sendo nas relações interpessoais que os efeitos do narcisismo patológico são mais notórios (Miller, Widiger & Campbell, 2010). Nas relações sociais de caráter mais superficial, verifica-se uma falta de relações de objecto, mas a um nível mais profundo, constata-se que as suas interações sociais refletem um objecto interno primitivo e assustador, não permitindo ao sujeito a dependência face aos bons objectos internos (Kernberg, 1975). A dependência do outro é temida, porque isso implica o reconhecimento da sua inveja e gratidão em relação ao outro. A dependência fica mascarada pela autoexigência (Kernberg, 1995a).

Amor e Narcisismo

De acordo com Freud (1921), o amor é uma forma do sujeito superar as falhas do seu ego, daí o sujeito investir num objecto que tenha as qualidades desejadas pelo ideal do ego. Dessa forma, o sujeito investe parte do seu narcisismo num objecto externo, com o objetivo de fomentar o seu ego. O objecto funciona, dessa forma, como um substituto do inalcançável ego ideal. A plenitude seria alcançada através da união com o outro, que tem tudo aquilo que o sujeito julga não possuir, ou seja, o outro seria uma espécie de alma gémea. Freud (1914) distingue dois tipos de escolha de objecto de amor: a anaclítica e a narcísica. Na escolha anaclítica, a escolha do objecto de amor é feita com base no cuidador do sexo oposto. Já na narcísica o sujeito escolhe o seu objecto de amor tomando-se a si mesmo como modelo.

Segundo Freud (1914) a escolha de objecto no homem é tendencialmente anaclítica, porque este tem uma sobrestimulação sexual, que provém do seu narcisismo primário, que se traduz na transferência desse narcisismo para o objecto sexual. Já a escolha da mulher,

tendencialmente é narcísica, porque com o desenvolvimento pubertal e com a confrontação com os órgãos sexuais femininos surge um aumento do narcisismo primário. Esta perspectiva da diferença de género na escolha de objecto de amor traduz uma visão falocêntrica em que a mulher procura alcançar o poder atribuído ao homem.

Quando o investimento amoroso vai no sentido daquilo que o ego quer, o amor é considerado como qualquer outra função do ego, porém quando não vai nesse sentido, o sujeito interpreta o amor como uma forma de diminuição da autoestima, que expõe a sua ferida narcísica. Quando esse investimento não foi no sentido desejado pelo ego, o sujeito sente em si uma falha, sendo o seu re-enriquecimento possível apenas através da retirada da libido dos objectos e investimento da mesma, no ego. Nesse caso, o sujeito ama segundo a escolha narcísica porque o ego não consegue alcançar o seu ideal, não consegue amar segundo a escolha anaclítica (Freud, 1914).

Por paixão, ou amor sexual entende-se a excitação sexual, a ternura, a identificação genital, uma forma madura de idealização, assim como o compromisso numa relação de objecto, em que o outro é visto como tendo defeitos e qualidades. A paixão sexual está ligada à estabilidade, ou instabilidade das relações amorosas. Esta é uma componente de todas as relações amorosas, que está presente no início das relações e dos processos de idealização. Estes processos servem, para consolidar e renovar as relações e para manterem a excitação sexual sempre ligada à vivência do casal (Kernberg, 1977).

Embora Kernberg (1977) reconheça que para existirem relações e para se desfrutar delas não têm de existir relações de objecto maduras (genitais), no entanto, salienta que para que estas sejam duradouras é necessário que as etapas de desenvolvimento tenham sido ultrapassadas de forma satisfatória. As condições prévias, necessárias para a existência de relações normais são: perceber-se como separado dos outros, sendo necessário para isso ter internalizado uma estrutura triádica; ter tido experiências precoces positivas, para que em seguida possa existir uma boa resolução do conflito edípico; estabelecer uma relação de objecto total em que exista identificação sexual e identificação com a figura parental do mesmo sexo; integrar dentro do seu self que o outro tem partes boas e más; perceber no outro as suas qualidades e defeitos de forma objetiva; ter capacidade de aprofundar a experiência sexual, com o erotismo e com a agressão (Kernberg, 1974a/1977).

Os principais entraves ao sujeito se apaixonar são: o narcisismo patológico (Kernberg, 2011), a incapacidade de resolver os conflitos edípicos e a incompletude da identificação genital com a figura parental do mesmo sexo (Kernberg, 1977).

O Vínculo Amoroso de Pacientes com Patologia Narcísica

Na patologia narcísica predomina a escolha narcísica de objecto, através da introjeção do objecto amado, que é composto pelo que o sujeito é, pelo que foi, pelo que gostaria de ser e por partes do que foi em criança. Para Freud (1914) a escolha amorosa do sujeito é uma atualização das relações primárias com as figuras parentais. Esta procura é uma tentativa para recuperar o seu narcisismo infantil para que possa recuperar a sensação ilusória de onipotência e completude vivenciada na relação com o seu cuidador.

Para Kernberg (1995a) a questão central não é se as pessoas com patologia narcísica conseguem ou não amar o outro para além de si próprios, ou se investem no self, no objecto ou na sua auto-representação em contraste com as representações do objecto, mas sim, se o self consegue integrar em si o amor e ódio que sente face ao outro num relacionamento amoroso ou, se pelo contrário, o self é patologicamente grandioso. No paciente narcísico não se pode falar na existência de verdadeiras paixões já que este não procura engrandecer o objecto com qualidades e valores, porque a libido não está dirigida para o objecto mas sim para o ego (Ferreira, 2010). A vivência de paixões passageiras é um sinal da possibilidade de vir a experienciar o amor, esta capacidade de se apaixonarem marca a presença de um esboço da capacidade de se preocupar, de sentir culpa e um indício da superação da desvalorização que sentem face ao seu objecto de amor (Kernberg, 1974b).

Segundo Freud (1921), na patologia narcísica, o ego pode-se complementar ou fundir com o seu ideal (o outro que concebe como ideal). Para existir um relacionamento com o outro, o paciente narcísico tem de conseguir tolerar a procura do objecto que é percebido como sendo ideal e uma necessidade de se defender deste que é sentido como perigoso, ou seja, ele terá de suportar o ressurgimento de relações de objecto primitivas. Na reatualização das relações primitivas, em que não foi suficiente gratificado, este procura nas suas atuais relações apropriar-se do que lhe foi retirado no passado, de superar os conflitos pré-edípicos (Kernberg, 1995b). Através da identificação projectiva, o sujeito projecta no outro características do seu objecto edípico ou pré-edípico com o qual vivenciou um conflito (Kernberg, 1991). Frequentemente também projecta no outro uma parte de si que desvaloriza, a fim de obter a admiração do outro para confirmar o seu self grandioso. Com menor frequência projecta o seu self grandioso no outro e encena uma relação entre o seu self grandioso e o reflexo da sua projecção (Kernberg, 1995a).

Como não consegue tolerar as várias adversidades que surgem ao longo das relações amorosas (Kernberg, 1991), devido ao medo que sente do seu objecto de amor, à agressividade e inveja que projecta no casal parental, transforma esses sentimentos em desejos destrutivos contra o próprio e contra o seu relacionamento (Kernberg, 1995b).

O homem pode escolher uma parceira que seja o oposto da sua mãe, mas perceberá que têm características comuns. Isso acontece porque quer superar uma fixação demasiado intensa ligada à mãe (Klein, 1975). No entanto, acaba por procurar uma mulher com a qual possa replicar o relacionamento com a mãe e que possa ter um relacionamento em que exista sexo e ternura de forma integrada (Kernberg, 1991).

De acordo com Kernberg (1974a,b/1975/1995a,b) pode-se falar na existência de dois tipos pacientes narcísicos: os promíscuos sexualmente e os inibidos sexualmente. Porém deve-se pensar que não existem tipos puros que só têm características de um dos polos, mas sim na coexistência de características de ambos, predominando as características ou do ego grandioso, no caso dos pacientes narcísicos promíscuos sexualmente ou do ego vulnerável nos inibidos sexualmente. Os pacientes inibidos sexualmente caracterizam-se pela excessiva e inadequada vergonha do que são (Kernberg, 1975; Rohmann, Hans-Herner & Schmohr, 2011), sendo pessoas que passam grande parte do seu tempo a pensar no quão frustrados se sentem e em como não conseguem corresponder às expectativas que têm para si e que acreditam que os outros têm para eles (Mosquera, 2008). São pacientes que têm muito medo de serem rejeitados e ridicularizados, daí projetarem no outro, o ódio inconsciente que sentem por si. Podem ter sentimentos de fracasso como expressão direta do medo, e depois do tratamento podem tornar-se sexualmente promíscuos (Kernberg, 1995b). O medo pode levar a uma repugnância dos órgãos genitais femininos, ou a uma clivagem, em que algumas mulheres são idealizadas e todos os sentimentos sexuais do paciente narcísico são negados. Este tipo de pacientes apresenta dificuldade em estabelecer relações genitais e amorosas com outra pessoa, em se apaixonarem (Kernberg, 1974b, 1995b). É comum neste tipo, existir uma substituição de todos os possíveis envolvimentos, por fantasias masturbatórias, passando assim vários anos sozinhos (Kernberg, 1974a). O medo da solidão leva a que se demonstrem pessoas que se preocupam muito com os outros, sendo que esta forma de preocupação é uma forma de satisfazerem o seu ego que necessita de aprovação e reconhecimento (Mosquera, 2008).

Nota-se uma curiosa contradição entre a apresentação do paciente inibido que pode ser uma pessoa modesta, tímida, complacente, ou mesmo submissa por um lado. Pode ainda

existir uma preocupação oculta, muitas vezes sob a forma de hipocondria ou ansiedade difusa, ou de um self grandioso, com grandes ambições, em que existe um sentimento de direito sobre os outros. Estes pacientes podem experienciar ansiedade acentuada, tensão e uma sensação de vazio, porque se consideram sujeitos danificados, não conseguindo dessa forma medir o seu self grandioso, as suas ambições e os seus ideais. Existe dessa forma um predomínio da idealização do outro e uma tentativa de fusão com o objecto para compensar a falha narcísica que sentem, os defeitos e danos que consideram ter (Kernberg, 1975). Procuram um outro que seja o seu gemelar narcísico, uma pessoa inibida, pouco sofisticada, que o adore e que ele possa manipular, um companheiro no qual possa projetar toda a raiva que sente de si (Kernberg, 1995a).

Quando o paciente procura um gemelar narcísico existe uma reativação da sua inveja profunda das mulheres e da sua necessidade de dependência que para ele é extremamente difícil de aceitar. Posto isto, desvaloriza a sua companheira e o seu relacionamento termina, pois para este é impossível tolerar as adversidades que fazem parte das relações (Kernberg, 1991/2011). A desvalorização da sexualidade feminina, e da negação das suas necessidades de dependência leva à impossibilidade do estabelecimento de relacionamentos amorosos e sexuais (Kernberg, 1974a). A desvalorização protege-o contra a raiva que sente por depender dos outros (Garza-Guerrero, 2000; Kernberg, 2011). Porém alguns pacientes podem manter relações dependentes, desde que se sintam valorizados sexualmente. Esse ódio destrói a capacidade de excitação sexual e leva a uma inibição. Em alguns casos, o paciente narcísico idealiza defensivamente a mulher, para aumentar o desejo e a excitação pela mesma. Porém em seguida irá desvalorizá-la, isto poderá conduzir à promiscuidade sexual (Kernberg, 1995a).

No tipo promíscuo, as mulheres são vistas como objectos sexuais através dos quais se pode obter prazer em detrimento da ternura e da idealização romântica. Tudo isto se repercute numa desvalorização destrutiva da intimidade sexual e a uma procura constante de parceiros sexuais (Kernberg, 1995b). Geralmente, sujeitos sexualmente promíscuos apaixonam-se por curtos períodos de tempo. A promiscuidade sexual está relacionada com a excitação sexual que o corpo do outro suscita na patologia narcísica. Como considera o corpo do outro atraente ou importante, isso desencadeia inveja em si. Essa inveja leva a que o paciente narcísico queira tomar posse desse corpo ou pessoa, por um lado, e, por outro, desvalorize e estrague o que inveja. O estado de entusiasmo que surge face ao objecto sexual desejado pode ser confundido com paixão. Porém, depois de satisfeita a necessidade sexual e a necessidade de

conquista, constata-se uma desvalorização do objecto desejado. Existe uma procura desesperada de amor, à qual subjaz a fantasia fusional de estarem ligados ao outro através do seu corpo, devido à dificuldade em tolerarem a ambivalência, a integração do amor e ódio no mesmo objecto. O que os move é a eterna procura do seu amor, da pessoa que o complete, que seria um objecto idealizado com o qual possam restabelecer a relação primitiva idealizada (Kernberg, 1974a, 1995b).

O parceiro ideal na patologia narcísica acaba por ser o substituto do ideal narcísico do sujeito, do seu narcisismo infantil. Este tipo de pacientes tende a procurar parceiros que considerem como perfeitos para assim se auto aperfeiçoarem através da identificação com o mesmo. O fato do narcísico incorporar em si características que admira no outro, serve-lhe de gratificação narcísica (Kernberg, 1995b; Grinblat, 2004). Na patologia narcísica os pacientes desejam inconscientemente completar-se através do parceiro amado, que é tratado como um gémeo imaginário (Kernberg, 1991), consiga tolerar as suas limitações (Kernberg, 1995a).

O ódio inconsciente das mulheres pode determinar a homossexualidade nos homens. A idealização defensiva do pénis de outro homem considerado como gemelar, torna-se como o pénis do próprio, sendo dessa forma a reafirmação inconsciente que não depende de nenhuma mulher (Kernberg, 1995b).

A mulher com patologia narcísica procura um homem que represente o seu pai edipiano e lhe permita reencontrar a genitalidade vaginal. Por detrás desse pai está uma mãe pré-edípica, logo ao satisfazer a sua necessidade de dependência, através de um objecto edipiano simbólico (pai), satisfaz essa necessidade com a sua mãe (Kernberg, 1991). A mulher narcísica tende a provocar insatisfação no seu parceiro devido à dúvida que provoca neste em relação ao seu amor. Muitas mulheres permanecem frias face ao seu parceiro, só alcançado o pleno amor de objecto quando têm um filho, porque oferecem a este o seu narcisismo. Outras mulheres obtêm o pleno amor, porque na puberdade se sentem homens e se comportaram como tal durante algum tempo. Quando essa fase termina fica o desejo de um ideal masculino que seja a continuação do homem que um dia foram (Freud, 1914). No caso das mulheres a inveja inconsciente dos homens pode levar a uma desvalorização defensiva dos homens que a amam, através do seu distanciamento emocional e por alguma promiscuidade (Kernberg, 1995b). Se a mulher não conseguir, através do deslocamento para o pai, resolver o sentimento de raiva que sente pela mãe, o medo e ódio que sente pode levá-la a procurar uma mãe substituta idealizada. Face à negação da dependência do homem procura uma relação homossexual em que possa projetar as suas necessidades de dependência, e assim satisfazer a

fantasia inconsciente de ser de ambos os sexos ao mesmo tempo, negando a dependência, ódio e inveja do pai e convertendo-a numa dependência da mãe (Kernberg, 1995b).

Como não são capazes de conter a raiva e frustração que sentem em relação às suas relações primitivas assim como a sensação de se sentirem “presos” nos relacionamentos (Kernberg, 1995b), essa expectativa de ser "preso" nas relações amorosas faz com que estes evitem o compromisso, os relacionamentos estáveis e que surja a paranóia de trair e abandonar o seu companheiro (Garza-Guerrero, 2000). Face ao término dos relacionamentos as pessoas com patologia narcísica podem demonstrar ansiedade de separação (Bishop & Robert, 2002). Já que as separações são sentidas pelo sujeito como uma forma de diminuição de si, como se lhes tivesse sido tirada uma parte vital para a sua sobrevivência (Grinblat, 2004), devido à dificuldade que têm em lidar com a dependência.

Relativamente às características os parceiros amorosos dos pacientes narcísicos são descritos por alguns autores como sendo extrovertidos, charmosos e confiantes (Cooper, 1986), para que possam dar a atenção positiva que o paciente narcísico necessita para reforçarem a autoestima e satisfazerem sexualmente (Campbell, Foster & Finkel, 2002). Alguns ainda acrescentam que estes necessitam de pouco carinho e atenção (Campbell, 1999). Por outro lado existem autores que consideram que o parceiro de um paciente narcísico provavelmente é alguém que seja o seu oposto, que seja muito ligado aos outros, que queira muita proximidade, acabando por ser constantemente dececionado com a retirada do paciente narcísico, mas acaba por se adaptar ao seu estilo relacional suportando assim, uma quantidade invulgar de privação. O fato de ser o seu oposto permite-lhe identificar-se com o seu parceiro, ou seja, com partes de si mesmo, já que projeta no outro tudo o que não tolera em si (Maltas,1991; Campbell, 1999).

Conclusão

Em conclusão, a teoria de Kernberg sobre a patologia narcísica assenta em três vetores principais: a origem da patologia pode surgir devido a uma carência sentida pela criança (1975/2006), bem como por uma gratificação excessiva das suas necessidades narcísicas (1977) ou como uma defesa contra os seus impulsos agressivos e libidinais dirigidos aos objectos primários; o sujeito não consegue integrar no seu self sentimentos de amor e ódio projetando, no outro, tudo o que não aceita em si (1995a); a relação com os objecto primários é reatualizada no relacionamento amoroso o que dificulta a manutenção do mesmo na medida

em que o sujeito projeta no parceiro a raiva e inveja que sente face ao casal parental (1991/1995b).

A teoria compreensiva de Kernberg introduz importantes contribuições para a compreensão da patologia narcísica. O autor refere a importância da raiva e da inveja dirigida ao casal parental por este não ter correspondido às necessidades do sujeito, algo que ainda não tinha sido considerado por outros autores. Ao retomar a ideia de Freud da reactualização da relação com os objectos primários nos relacionamentos amorosos, e o fato da sua perspectiva sobre o estabelecimento de relações amorosas nos pacientes narcísicos não se centrar apenas na capacidade de estabelecer ou não relações com o outro, mas também se este consegue integrar no seu self o amor e ódio face ao objecto de amor

Após uma reflexão crítica sobre a teoria de Kernberg permanecem alguns aspetos pouco claros. De facto, embora o autor distinga os vários níveis de patologia narcísica, posteriormente utiliza o conceito personalidade narcísica e perturbação de personalidade narcísica como sinónimos. Através da diferenciação que o autor realiza do tipo inibido sexualmente e do sexualmente promíscuo, percebe-se que o primeiro tipo corresponde a um paciente com um self vulnerável e segundo tipo a um paciente com self grandioso. Porém, este último tipo não está suficientemente explicitado quando o autor diferencia os tipos, porque ao descrevê-lo centra-se muito na descrição dos elementos da relação sexual. Por último, quando o autor enuncia algumas características-chaves para a compreensão do funcionamento do paciente narcísico apenas enuncia características ligadas ao self grandioso, não considerando o tipo que define como inibido sexualmente.

Referências Bibliográficas

Auerbach, J. (1993). *The origins of narcissism and narcissistic personality disorder: A theoretical and empirical reformulation* (43- 93). Retirado em 9 de Agosto de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

APA (1996) *DSM-IV Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. Climepsi Editores: Lisboa.

APA (2012). *Manual de Publicação da APA* (trad. Daniel Bueno). Porto Alegre: Penso.

Araújo, M. (2010). Considerações sobre o narcisismo. *Estudos de Psicanálise*, 34, 79-82. Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de <http://www.cbp.org.br/consideracoessobreonarcisismo2010.pdf>

Bergeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica*. Climepsi Editores, Lisboa.

Bishop, J. & Robert, L. (2002). The Dynamics and Dangers of Entitlement. *Psychoanalytic Psychology*, 19,4, 739-758. Doi: 10.1037//0736-9735.19.4.739 Retirado em 14 de Agosto de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Burness, E. (1975). Toward a Clarification of the concept of narcissism. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 30, 24, 3-276. Retirado em 2 de Novembro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Campbell, W. (1999). Narcissism and Romantic Attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 6, 1254-1270. Doi: 0022-3514/99/53.00 Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Campbell, W., Finkel, E. & Foster, C. (2002). Does Self-Love Lead to Love for Others? A Story of Narcissistic Game Playing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 2, 340–354. Doi: 10.1037//0022-3514.83.2.340 Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Cooper, A. (1986). Narcissism. In Morrison, P. (ed.). *Essential papers on narcissism*. (13-143). New York Univ. Press, NY and London.
- Ferreira, E. (2010). A Separação Amorosa: Uma Abordagem Psicanalítica. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 1,8, 56-97. Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/15/P&Brev15Ferreira.pdf>
- Freud, S. (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIV* (pp. 81-108). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII* (pp.81-145). Rio de Janeiro, Imago.
- Garza- Guerrero, C. (2000). Idealization and Mourning in Love Relationships: Normal and Pathological Spectra. *Psychoanalytic Quarterly*, 69,1. Retirado em 26 de Fevereiro de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.
- Gobbi, A. (2008). O narcisismo na clínica contemporânea. *Contemporânea- Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 6. Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de <http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo186.pdf>
- Grinblat, H. (2004). Os Mitos de Origem: Considerações sobre a Constituição Narcísica do Casal. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 3. Retirado em 11 de Agosto de 2012 através de <http://www.contemporaneo.org.br/artigos/artigo100.pdf>
- Guimarães, L. (2012). *Três estudos sobre o Conceito de Narcisismo na obra de Freud: Origem, Metapsicologia e Formas Sociais* (Tese de Mestrado). Retirado em 14 de Agosto de 2013 através de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-14022013-104450/pt-br.php>

Kealy & Ogrodniczuk, 2011, D. & Ogrodniczuk, J. (2011). Narcissistic Interpersonal Problems in Clinical Practice. *Harv Rev Psychiatry*, 19, 6, 290-301. Doi: 10.3109/10673229.2011.632604 Retirado em 11 de Agosto de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1974a). Barriers to Falling and Remaining in Love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 22, 3, 486-511. Retirado em 26 de Fevereiro de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1974b). Further Contributions to the Treatment of Narcissistic Personalities. *The International Journal of Psychoanalysis*, 55, 2, 215-240. Retirado em 8 de Janeiro de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1975). *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. Retirado em 11 de Agosto de 2013 através de http://books.google.pt/books?id=VFw_I_MZCV4C&pg=PA225&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false

Kernberg, O. (1977). Boundaries and Structure in Love Relations. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 25, 1, 81-114. Retirado em 25 de Fevereiro de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1991). Aggression and Love in the Relationship of the Couple. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 39, 1, 45-70. Retirado em 21 de Outubro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1995a). *Transtornos graves de Personalidade: estratégias psicoterapêuticas*. Artes Médicas, Porto Alegre.

Kernberg, O. (1995b). Narcissism. In *Love Relations. Normality and Pathology* (pp.143-162). Vail-Balrow Press, New York.

Kernberg, O. (2006). *Agressividade, Narcisismo e auto-destrutividade na relação psicoterapêutica*. Climepsi Editores, Lisboa.

Kernberg, O. (2011). Limitations to the capacity to love. *Int J Psychoanal*, 92, 6, 1501-1515. Doi: 0.1111/j.1745-8315.2011.00456.x. Retirado em 1 de Novembro de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. & Yeomans, F. (2013). Borderline personality disorder, bipolar disorder, depression, attention deficit/hyperactivity disorder, and narcissistic personality disorder: Practical differential diagnosis. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 77,1. Retirado em 1 de Novembro de 2013 através de Scribd.

Kintron, G. (1991). Narcissism and object love as separate but dependent developmental lines. *Psychoanal Study Child*, 46, 325-336. Retirado em 31 de Outubro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Klein, M. (1975/1996). *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (pp. 301-329; 385-464). Rio de Janeiro, Imago Editora.

Laplanche, J. & Pontalis, J. (1967/1985). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.

Maltas, C. (1991) The Dynamics of Narcissism in Marriage. *Psychoanalytic Review*, 4, 78, 567-581. Retirado em 21 de Outubro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Matos, A. (1983). Textos sobre o Narcisismo, Depressão e Masoquismo. *Análise Psicológica*, 4,3. Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1701/1/AP%203\(4\)%20409-424.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1701/1/AP%203(4)%20409-424.pdf)

Mijolla, A. (2005). *International Dictionary of Psychoanalysis*. Thomson Gale, USA.

Miller, J., Widiger, T., Campbell, W. (2010). Narcissistic Personality Disorder and the DSM-V. *Journal of Abnormal Psychology*, 119, 4, 248-259. Doi: 10.1037/a0019529 Retirado em 13 de Julho através de Web of Knowledge.

Morf, C. & Rhondewalt, F. (2001). Unraveling the paradoxes of narcissism: A dynamic selfregulatory processing model. *Psychological Inquiry* 12, 4, 177-196.

Mosquera, D. (2008). Personalidades Narcisistas y Personalidades com Rasgos Narcisistas. *Persona*, 8, 2, 7-18. Retirado em 11 de Agosto de 2013 através de <http://www.centrologpsic.com/fotos/PERSONALIDADES%20NARCISISTAS%202008.pdf>

Nollet, Q. (2001). *As personalidades patológicas: Abordagem cognitiva e terapêutica*. Climepsi Editores, Lisboa.

Raffaelli, R. (2007). Nota sobre a Metapsicologia Freudiana. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*, 1, 4. Retirado em 24 de Março de 2013 através de www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/.../890/10848

Rios, I. (2008). O amor nos tempos de Narciso. *Comunicação Saúde Educação*, 25,12, 421-426. Retirado em 4 de Abril de 2013 através de <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n25/a16v1225.pdf>

Rohmann, E., Hans-Herner, B. & Schmohr, M. (2011). Narcissism and Perceived Inequity in Attractiveness in Romantic Relationships. *European Psychologist*, 16, 4, 295-302. Doi: 10.1027/1016-9040/a000025 Retirado em 11 de Agosto de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A Escolha do Objecto de Amor na Patologia Narcísica

CÁTIA FILIPA SARAIVA SANDIÃES

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTORA TERESA SANTOS NEVES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA TERESA SANTOS NEVES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof.^a Doutora Teresa Santos Neves, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Venho por este meio agradecer às pessoas que ao longo deste ano de final de curso, me ajudaram na realização da presente investigação e me apoiaram sempre incondicionalmente.

Um especial agradecimento à minha orientadora, Doutora Teresa Neves, por ter sido uma verdadeira orientadora. Pelos conhecimentos que me transmitiu, por ter acreditado na exequibilidade do tema de investigação, por me ter motivado nos momentos críticos, pelo apoio constante e pela paciência que teve comigo ao longo da elaboração da investigação.

Em segundo lugar quero agradecer também à professora Dra. Isabel Duarte pelo apoio prestado com o teste projetivo Rorschach e pela disponibilização em me ajudar naquilo que pode.

Quero ainda agradecer aos meus pais, por terem acreditado sempre em mim e por me darem a oportunidade de conseguir alcançar o meu sonho.

Ao meu noivo, por me ter acompanhado sempre ao longo deste período, nomeadamente nos momentos mais difíceis. Sendo compreensivo, apoiante e transmitindo-me sempre força.

Um muito obrigada à minha cunhada pela ajuda preciosa com as transcrições das entrevistas.

À minha amiga Nádia Correia um muito obrigada pela grande ajuda que me deu com as transcrições das entrevistas. E por ser uma amiga que está sempre presente e disponível para me ajudar em tudo

Às minhas colegas e amigas Cláudia Santos e Susana Rocha, pela partilha de experiência, de angústias, de ansiedades que tornaram este percurso bem mais fácil. E pelas tardes de estudo que tinham sempre aquela componente maravilhosa de uma tarde bem passada com amigas.

Queria ainda agradecer à equipa de psicólogos do hospital onde recolhi a amostra da investigação por me terem referenciado sujeitos com patologia narcísica.

Por último mas não menos importantes, aos participantes do estudo por se terem disponibilizado para participar na investigação.

Resumo

O narcisismo é um conceito polissémico que pode ser utilizado para se referir à autoestima, à perversão, ao desenvolvimento sexual, como catexia do ego, como escolha de objecto de amor e da patologia narcísica.

Na patologia narcísica os sujeitos estabelecem relações de objecto parciais em que a sua escolha amorosa pode ser uma escolha idealizada, uma escolha em que outro é percebido como um gemelar ou como sendo o ser oposto. Através do seu parceiro o sujeito tenta alcançar o seu ideal do ego para obter a completude narcísica exigida pelo ego ideal.

Com o aumento do diagnóstico da patologia narcísica, tornou-se relevante aumentar o conhecimento sobre a mesma. Através da presente investigação procurou-se aumentar o conhecimento sobre a patologia narcísica e contribuir para melhorar a prática clínica.

A presente investigação procurou desenvolver um estudo qualitativo através da metodologia histórias de vida para se compreender o vínculo amoroso de pacientes com patologia narcísica. Para a realização da investigação foram realizadas entrevistas histórias de vida a três participantes.

Da análise dos resultados é de destacar, o fato de existirem componentes mais maduras num relacionamento narcísico e da escolha de objecto de amor ser uma escolha ideal, em que o seu parceiro é representado quase como perfeito. As principais conclusões foram que a escolha amorosa do paciente narcísico está ligada às suas características de funcionamento, nomeadamente à sua necessidade de completude narcísica e que o relacionamento com os seus pais é reatualizado no relacionamento amoroso.

Palavras-chave: Narcisismo, patologia narcísica, vínculo amoroso, escolha de objecto de amor.

Abstract

Narcissism is a polysemic concept that can be used to refer to self-esteem, perversion, sexual development, as cathexis of the ego, such as choice of love object and narcissistic pathology.

In Narcissistic pathology the subjects establish partial relationships object which is loving choice can be exceed the reality, whereupon the other is perceived as the twin or the opposite. Subject try to find his ego ideal for picked up narcissistic completeness demanded by the ideal ego.

Of the narcissistic pathology diagnosis, it become important to rise the knowledge about it. Through this research we tried to rise the knowledge about the narcissistic pathology and contribute to improve clinical practice.

The present investigation to develop a qualitative study through the life story methodology to understand the loving bond of patients with narcissistic pathology. To carry out the research interview life stories of three participants were conducted.

Analysis of the results is to highlight the fact that there are more mature components in a narcissistic relationship and choice of love object be an ideal choice, where your partner is represented as almost perfect. The main conclusions were that loving select the narcissistic patient is connected to its operating characteristics, in particular their need for narcissistic completeness and that the relationship with their parents is reactualizado in loving relationship.

Keywords: Narcissism, narcissistic pathology, loving bond, choice of love object.

Índice

A Escolha de Objecto de Amor na Patologia Narcísica	2
Metodologia	4
Objetivos	4
Delineamento	4
Participantes	5
Instrumentos	6
Procedimento	7
Categorias de Análise	7
Análise dos Resultados	13
Análise quantitativa	13
Análise qualitativa	14
Referências Bibliográficas	27
Anexos	33
Anexo A. Solicitação da autorização do hospital para realização da investigação	34
Anexo B. Consentimento Informado entregue aos participantes	35
Anexo C. Questionário Sociodemográfico	36
Anexo D. Protocolos da prova projectiva Rorschach	37
Anexo E. Guião das entrevistas histórias de vida	55
Anexo F. Categorias de análise	58
Anexo G. Entrevistas história de vida	60
Anexo H. Tabelas referentes à análise quantitativa dos dados	192

A Escolha do Objecto de Amor na Patologia Narcísica

O narcisismo é um conceito polissémico difícil de delimitar (Mijolla, 2005; Araújo, 2010). De acordo com Kernberg (1975) o narcisismo é uma forma de regular adequadamente a autoestima, que se modifica conforme o tipo de relações que se estabelecem, gratificantes ou frustrantes, sendo essa apreciação realizada de acordo com a avaliação que cada sujeito efetua entre os seus objectos ou aspirações e os seus êxitos (Kernberg, 2006).

O narcisismo patológico é uma estrutura patológica do self, que pode ser analisada segundo três tipos. No primeiro, o paciente regride a formas de regulação da autoestima infantis, ocorrendo uma fixação ou regressão ao narcisismo infantil normal. No segundo tipo, o self do paciente identifica-se patologicamente com o objecto, existindo assim uma projecção do self infantil nesse mesmo objecto, criando-se uma relação em que as funções do self e do objecto se invertem. O terceiro corresponde à perturbação narcísica de personalidade, em que existe um self grandioso patológico (Kernberg, 1995a/2006).

De acordo com Kernberg (1975/2006) o narcisismo patológico surge devido a uma falha sentida pela criança relativamente ao amor que é dado pelo seu cuidador até aos três anos de idade. Este reflete um investimento libidinal numa estrutura de self patológica, que contém representações do self real, ideal e representações de objectos ideais e que é criada para que o sujeito se possa defender do seu self primitivo e dos seus objectos primários. O autor (1975) ainda refere que o narcisismo patológico pode ser uma alternativa do sujeito aos impulsos agressivos e libidinais, uma forma de se defender destes impulsos. O sujeito sente raiva face ao objecto materno por se sentir rejeitado, por uma mãe que não satisfaz as suas necessidades emocionais, e por um pai com o qual tem conflitos ou que nunca se mostrou disponível para a criança (Kernberg, 1995b).

Ao descrever os pacientes narcísicos, Kernberg descreve dois tipos de pacientes: os inibidos sexualmente e os sexualmente promíscuos. Os pacientes inibidos têm receio profundo de serem rejeitados e ridicularizados, daí projetarem no outro, o ódio inconsciente que sentem por si (Kernberg, 1995b). Procuram um outro que seja o seu gemelar narcísico, uma pessoa inibida, pouco sofisticada, que o idealize e que ele possa manipular, um companheiro no qual possa projetar toda a raiva que sente de si (Kernberg, 1995a). Nos pacientes promíscuos sexualmente, o sentimento de paixão pode ser confundido com um estado de entusiasmo face a um objecto sexual desejado e não uma verdadeira paixão. Porém, depois de satisfeita a necessidade sexual e a necessidade de conquista, constata-se uma

desvalorização do objecto desejado. Existe uma procura desesperada por amor, à qual subjaz a fantasia fusional de estarem ligados ao outro através do seu corpo, devido à dificuldade em tolerarem a ambivalência, a integração do amor e ódio no mesmo objecto. Estes pacientes procuram incessantemente a pessoa que o complete, que seria um objecto idealizado com o qual possam restabelecer a relação primitiva idealizada (Kernberg, 1974a, 1995b). O parceiro ideal do narcísico acaba por ser substituto do seu ideal narcísico, do seu narcisismo infantil. Este tipo de pacientes tende a procurar parceiros que considerem como perfeitos para assim se auto aperfeiçoarem através da identificação com o mesmo. O fato do narcísico incorporar em si características que admira no outro, serve-lhe de gratificação narcísica (Kernberg, 1995b; Grinblat, 2004).

O objetivo da presente investigação é compreender o vínculo amoroso que sujeitos com patologia narcísica estabelecem. Este objetivo é pertinente devido ao aumento do diagnóstico de personalidade narcísica na população (Cooper, 1986), o que torna necessário aumentar o conhecimento sobre a patologia para melhorar a intervenção terapêutica (Kealy & Ogrodniczuk, 2011). Por outro lado, a metodologia utilizada, histórias de vida, permite ao investigador obter um conhecimento mais aprofundado do fenómeno que pretende estudar, tendo como mais-valia o fato da narrativa ter por base o ponto de vista do entrevistado. E este tipo de entrevista permitir ao investigador aceder aos significados partilhados pelos entrevistados ligando-os às situações em que surgiram e estabelecendo uma interligação entre ambos (Hollway & Jefferson, 2000). Esta metodologia possibilita assim uma nova forma de olhar a patologia narcísica, à prática clínica da psicologia, que não a metodologia quantitativa e os relatos clínicos.

Metodologia

Objetivos

A presente investigação tem como principal objetivo compreender o vínculo amoroso que sujeitos com patologia narcísica estabelecem. Pretende-se ainda compreender de que forma a escolha do parceiro amoroso se relaciona com o funcionamento psíquico destes pacientes e como a dinâmica da relação com as figuras parentais influencia os relacionamentos amorosos dos sujeitos com esta patologia.

Delineamento

A presente investigação é um estudo qualitativo, exploratório que tem por base a metodologia história de vida e a análise de conteúdo para tratamento dos dados. Optou-se por utilizar esta metodologia por nos possibilitar um conhecimento mais aprofundado sobre o sujeito, sobre o seu percurso de vida, as suas vivências e as suas particularidades como sujeito (Poirier, Clapier-Vallador & Raybaut, 1999).

A metodologia qualitativa pretende compreender a forma como os sujeitos interpretam e dão significado aos acontecimentos das suas vidas (Silva, Gobbi & Simão, 2004). Esta metodologia permite ao investigador interpretar e reinterpretar os fenómenos de forma a compreender as ações do sujeito (Lakatos & Marconi, 2007).

O estudo exploratório é uma técnica que devido à sua flexibilidade permite-nos trabalhar a informação obtida sem se perder a relevância das informações para o conhecimento do fenómeno de estudo (Mello, Juliano, Collaço & Casagrande, 2006), permitindo ao investigador ter uma visão geral sobre o seu objeto de estudo. Esta metodologia é utilizada quando o tema de investigação é pouco explorado, permitindo ao investigador desenvolver um conhecimento mais aprofundado sobre o seu objeto de estudo, criando novas formas de olhar para o fenómeno (Gil, 2008; Vilelas, 2009).

As histórias de vida são entrevistas em que é pedido ao entrevistado para relatar a sua própria história de vida, o que pode permitir ao entrevistador ter uma visão mais geral sobre a temática que pretende explorar (Hollway & Jefferson, 2000), sendo esta entrevista enriquecedora do ponto de vista reflexivo na medida em que permite ao sujeito refletir sobre a sua história enquanto a descreve (Ramalho, s.d.). O significado é criado pelo participante na construção da narrativa e na relação com o entrevistador (Hollway & Jefferson, 2000). O entrevistador não confirma a autenticidade dos fatos relatados, porque o mais importante é o ponto de vista de quem está a narrar os acontecimentos (Spindola & Santos, 2003), devendo-

se considerar que estamos perante um sujeito que tem um inconsciente que se defende contra a ansiedade, o que influencia as suas ações, relações e a informação narrada pelo mesmo (Hollway & Jefferson, 2000). Este tipo de metodologia permite ao entrevistador compreender de forma aprofundada a vida do outro, permitindo-lhe descobrir, explorar e avaliar a forma como as pessoas compreendem e interpretam a sua vivência individual, assim como, se relacionam com o meio em que se inserem (Bellato, Araújo, Faria, Santos, Castro, Souza & Maruyama, 2008). Permite ainda, ao entrevistador depreender aspetos que por vezes não são percecionados através de metodologias quantitativas, como os questionários (Ramalho, s.d.).

A análise de conteúdo é a técnica utilizada para o tratamento dos dados, definindo-se como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos de descrição dos conteúdos das narrativas. No caso da presente investigação utilizou-se uma análise por temáticas, privilegiando-se a análise dos significados inerentes a cada uma (Bardin, 2004). Para além da análise da própria narrativa, também se analisou a existência de inconsistências, contradições, mudanças de tom voz e interrupções textuais existentes nas mesmas. Ou seja, a análise de conteúdo incide na análise do conteúdo manifesto e latente da narrativa que é interpretado pelo entrevistador à luz da teoria compreensiva adotada pelo mesmo (Hollway & Jefferson, 2000; Campo & Turato, 2009).

Esta técnica permite ao entrevistador realizar inferências sobre o entrevistado e sobre a situação em que se produziu o material objeto de análise. A finalidade é efetuar inferências com base numa lógica explicitada sobre as mensagens, cujas características foram inventariadas e sistematizadas. A técnica é utilizada para descrever de forma exaustiva um acontecimento de um caso, bem como para organizar os dados obtidos nas entrevistas, para mostrar a importância atribuída dos sujeitos a um dado tema (Vala, 1999). A análise de conteúdo ainda possibilita ao entrevistador testar questões teóricas com o objetivo de aumentar o conhecimento sobre os dados (Elo & Kyngäs, 2007).

Participantes

Para a realização da presente investigação foi recolhida uma amostra de conveniência de três participantes com patologia narcísica. A recolha da amostra foi realizada num hospital geral da Grande Lisboa, após se ter conseguido a autorização para a realização da investigação junto da administração do hospital e do conselho de ética (Anexo A). Como a amostra foi recolhida com a colaboração da equipa de psiquiatria e saúde mental do hospital que recorre a diagnósticos psiquiátricos de base sintomatológica, foi administrada a prova projectiva Rorschach aos participantes que foram referenciados pela equipa de psicólogos

como tendo patologia narcísica. A prova foi aplicada para se aceder ao funcionamento mental dos participantes e identificar a existência ou não de uma patologia narcísica de acordo com os critérios psicanalíticos. Dos cinco sujeitos indicados pela equipa, apenas um não aceitou participar na investigação, os outros quatro aceitaram incluindo-se nos requisitos para participarem na mesma, porém um dos participantes não conseguiu terminar a segunda parte da entrevista por motivos de saúde, o que impossibilitou a conclusão da recolha de dados.

Os restantes três participantes selecionados, dois são do sexo masculino e um feminino. Têm idades compreendidas entre 43 anos e os 64 sendo a média de idades de 52 anos.

“Cristina” tem 43 anos é repórter fotográfica mas no momento está de baixa psiquiátrica. É solteira, não tem filhos e vive sozinha.

“Jorge” tem 64 anos é serralheiro reformado, é viúvo mas vive atualmente em união de fato. Vive com a companheira e tem dois filhos da sua falecida esposa, vivendo o filho atualmente consigo.

“Cristóvão” tem 48 anos é vendedor de produtos químicos mas no momento está de baixa psiquiátrica. É casado e tem dois filhos que vivem consigo.

Instrumentos

O instrumento utilizado nesta investigação foi a entrevista história de vida. A entrevista de histórias de vida permite ao entrevistador explorar uma parte da vida do entrevistado, focando-se em determinadas situações vividas e/ou acontecimentos. Tendo em conta o objetivo da entrevista, esta foi semidiretiva, para permitir ao entrevistador introduzir as temáticas abordadas mas permitindo liberdade de expressão ao entrevistado (Poirier, Clapier-Vallador & Raybaut, 1999).

A entrevista foi dividida em três partes - infância, adolescência e adultíssia. Na primeira parte pretendia-se explorar a relação familiar do sujeito na infância, como era o seu ambiente familiar e a relação com a sua família nuclear, pretendeu-se também compreender a qualidade da relação entre os pais. Foi igualmente explorado o processo de socialização, nomeadamente o relacionamento com os pares e o período escolar. No fim desta primeira parte, foi pedido ao sujeito que refletisse acerca da sua infância, sobre a qualidade da mesma. Na segunda parte, explorou-se o autoconceito do sujeito na adolescência, bem como a sua autoimagem. Abordou-se as relações de amizade, o grupo e o tipo de atividades que o participante realizava com os seus amigos. Ainda se tentou compreender como foram os primeiros relacionamentos amorosos e as primeiras separações. Na terceira parte da entrevista, era pedido ao sujeito que falasse da representação que tem de si, da sua ocupação profissional, se esta o realiza

profissionalmente e pessoalmente, da sua vida familiar/conjugal, nomeadamente do seu relacionamento atual com os seus pais e com o seu parceiro amoroso. Relativamente ao parceiro amoroso pretendia-se compreender a qualidade deste relacionamento bem como a representação que o participante tem do seu objecto de amor. Por último pretendia-se ainda compreender a relação que o participante estabelece com os filhos, bem como com os seus amigos.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Procedimento

Para a realização da presente investigação foi contactada uma equipa de psiquiatria de um hospital público da zona da grande Lisboa. Após terem sido explicitados os objetivos da investigação e obtida a autorização junto da administração e da comissão de ética do hospital, foi solicitada à equipa de psicólogos a referência de pacientes com patologia narcísica.

Os sujeitos indicados pela equipa de psicólogos foram contactados via telefónica, para se averiguar a sua disponibilidade para participarem na presente investigação. No telefonema foi explicitado o objetivo da investigação e assegurado o anonimato e a confidencialidade da informação recolhida.

Após terem sido esclarecidas eventuais dúvidas sobre a investigação, no primeiro contato presencial com a entrevistadora, os participantes assinaram o consentimento informado (Anexo B) e preencheram um questionário sociodemográfico (Anexo C) no qual foram recolhidas informações sobre a idade dos participantes, estado civil, número de filhos, número de irmão e agregado familiar. No primeiro momento foi aplicada a prova projectiva Rorschach de forma a seleccionar os participantes com patologia narcísica para a presente investigação (Anexo D). Nenhum dos participantes que aceitou participar no estudo foi excluído pela prova projectiva. Posteriormente procedeu-se à realização das entrevistas histórias de vida (Anexo E), tendo estes dois momentos sido realizados em duas entrevistas com a investigadora, cada uma com uma duração aproximada de hora e meia.

Após a recolha das entrevistas, estas foram transcritas e posteriormente tratadas através da análise de conteúdo.

Categorias de Análise

A partir do quadro teórico de base da presente investigação e da leitura das entrevistas recolhidas, foi possível identificar quatro categorias relevantes para os objetivos desta investigação. Essas categorias foram: C1. Elementos estruturais do narcisismo, C2. Relação

com os objectos primários, C3. Escolha do objecto de amor e C4. Outras relações self/objecto importantes. Por sua vez estas categorias estão divididas em várias subcategorias, que não são mutuamente exclusivas (Anexo F), ou seja, a mesma temática pode ser categorizada em mais do que uma categoria.

C1. Elementos estruturais do narcisismo

Esta categoria surge por se considerar importante analisar alguns elementos estruturais para a compreensão da patologia narcísica. A categoria foi subdividida em representação do self, em que se pretende analisar se existem ou não elementos mais integrados do self, bem como, se o self do sujeito com patologia narcísica é vulnerável ou grandioso. Na subcategoria ego ideal vs. ideal do ego pretende-se compreender de que forma estas instâncias se manifestam no relato do sujeito e por último na subcategoria objecto idealizado vs. objecto desvalorizado pretende-se compreender a forma como o sujeito com patologia narcísica representa o objecto.

C1.1 Representação do self: Nesta subcategoria pretende-se analisar a representação que os sujeitos têm de si, recorrendo a três eixos de análise: dimensões mais integradas do self, considerando-se todos os elementos ligados à personalidade do sujeito que não sejam patológicos; self vulnerável e self grandioso.

No self vulnerável pretende-se apurar através de que sentimentos e comportamentos se observa a vulnerabilidade narcísica do sujeito. Por vulnerabilidade narcísica entende-se às fragilidades que o ego do sujeito tem por não se sentir completo como desejava (Rios, 2008). Esta característica é observável através da auto desvalorização do sujeito, de sentimentos de fragilidade, bem como do medo da rejeição do outro.

No self grandioso pretende-se analisar se a grandiosidade surge como um processo de compensação narcísica face ao sentimento de não se sentir suficientemente amado e admirado pelos objectos acabando ele próprio por se amar e admirar (Matos, 1893; Mosquera, 2008). Esta característica traduz-se em comportamentos e atitudes do sujeito que revelem grandiosidade, superioridade face aos outros, que se podem expressar em valores infantis como atratividade física, poder, riqueza, vestuário, entre outros (Cooper, 1986; Kernberg, 2006), bem como, pela negação da dependência do outro, e da necessidade de ajudar o outro para obter a aprovação e reconhecimento que necessita (Mosquera, 2008). Pretende-se

perceber se no relato do sujeito existe um predomínio de uma destas características, ou se o sujeito oscila entre ambas (Kernberg, 2006; Kernberg & Yeomans, 2013).

C1.2. Ego ideal vs Ideal do ego: Como, de acordo com a literatura, os pacientes com patologia narcísica estão constantemente a tentar alcançar o seu ideal do ego, o que o sujeito gostava de alcançar, para obter a completude narcísica que o ego ideal, aquilo que o sujeito gostava de ser lhe exige (Laplanche & Pontalis, 1967), tornou-se pertinente criar uma subcategoria que explora-se essa ligação.

C1.3 Objecto idealizado vs. Objecto desvalorizado: De acordo com a literatura, os sujeitos com patologia narcísica oscilam entre uma idealização do outro e uma desvalorização em que reduzem o outro a algo insignificante (Nollet, 2001). Nesta subcategoria pretende-se compreender se os sujeitos se posicionam num dos dois polos, ou se pelo contrário oscilam entre ambos.

C2. Relação com os objectos primários

Considerou-se importante criar esta categoria para compreender de forma mais aprofundada a relação que o sujeito estabelece com as suas figuras parentais, retomando a tese da origem da patologia narcísica estar associada uma falha ou a um excesso de gratificação dos pais à criança (Kernberg, 1975/2006). Por outro lado, pretende-se também compreender se existe uma reactualização do relacionamento com os pais nas relações amorosas dos pacientes (Freud, 1914; Kernberg, 1995b).

C2.1 Representação do objecto materno: Nesta subcategoria pretende-se compreender a qualidade da relação com o objecto materno, se é um objecto materno que desempenha a função continente (Bion, 1963) que acolhe as angústias do filho e as transforma, de forma a que este as possa reintrojectar ou se pelo contrário a figura materna é sentida como rejeitante (Kernberg, 1995b). Para analisar a qualidade da relação mãe/filho também serão colocadas em evidência o tipo de angústias emergentes nos relatos dos participantes, bem como a existência ou não de conflitos, com o objetivo de se perceber se esta relação se caracteriza por ser uma relação de mais dependência ou de evitamento.

C2.2 Representação do objecto paterno: Nesta subcategoria pretende-se compreender qual a relação com a figura paterna, se surge como um objecto securizante ou ausente. Pretende-se perceber as principais angústias, a existência ou não de conflitos, com o objetivo de se perceber se esta relação se caracteriza por ser uma relação de maior dependência ou de evitamento.

C2.3 Posicionamento face ao casal edipiano: Com a reativação dos conflitos com as figuras parentais, em que o sujeito sente uma forte inveja do casal edipiano e um grande sentimento de culpa face à identificação com os pais na cena primitiva (Kernberg, 1991), sendo o ódio inconsciente e a inveja do relacionamento entre o casal parental transformado em desejos destrutivos contra o próprio. Nesta subcategoria o objetivo é compreender como o sujeito lida com a exclusão face ao casal parental, se houve uma integração do complexo de Édipo.

C2.4 Relação entre pais: Como o modelo relacional do casal parental serve de modelo para os filhos (Barón, Zapiain & Apodaca, 2002) e influencia o tipo de relacionamento que estes estabelecem com os outros (Feeney & Noller, 1990), considera-se importante a existência de uma subcategoria que avalie a dinâmica relacional entre os pais, se esta é mais evitante, violenta, enigmática ou fusional.

C3. Escolha de objecto amorosa

Através desta categoria pretende-se compreender a escolha do objecto de amor do paciente com patologia narcísica. Para tal, criou-se a subcategoria objecto total vs. objecto parcial, a subcategoria escolha de objecto anaclítica para se compreender se existem aspetos mais maduros no relacionamento amoroso. Através da subcategoria escolha de objecto narcísica pretende-se compreender a forma como o sujeito com patologia narcísica vê o seu parceiro e se relaciona com este. Já na subcategoria agressividade auto-infligida vs. agressividade infligida ao outro. Na última subcategoria pretende-se averiguar se existiram rupturas e separações importantes para o sujeito.

C3.1 Objecto total vs. Objecto parcial: Com esta subcategoria pretende-se analisar se o sujeito consegue integrar no seu self, que o seu parceiro tem características mais positivas e outras mais negativas (Kernberg, 2006), se integra o amor e ódio que sente face ao outro num relacionamento amoroso ou, se pelo contrário, o self é patologicamente grandioso (Kernberg,

1995a). Por outro lado, pretende-se perceber se emerge uma representação clivada, em que o objecto é admirado, ou é admirador, desprezado ou desprezador, útil ou usado (Nollet, 2001).

C3.2 Escolha de objecto anaclítica: O narcisismo ligado à escolha de objecto de amor pode revelar uma escolha anaclítica, que tem por base a figura cuidadora do sexo oposto (Freud, 1914; Burness 1975). Nesta subcategoria pretende-se averiguar se nos relacionamentos destes pacientes existem componentes de um relacionamento mais maduro, como o sentimento de culpa, perceber que o outro tem qualidades e defeitos, existência de identificação e identificação sexual com a figura parental do mesmo sexo (Kernberg, 1974a/1977).

C3.3 Escolha de objecto narcísica: Na escolha narcísica, o sujeito escolhe o seu objecto de amor com base em si próprio, no seu corpo (Freud, 1914; Burness 1975). Neste tipo de escolha o sujeito substitui o objecto assumindo as suas funções, tornando-se um substituto para o ideal do ego (o que o sujeito gostava de alcançar). O sujeito passa a considerar o objecto externo como uma parte de si mesmo, deixando de reconhecer as fronteiras ego/objecto (Freud, 1914/1921).

Na escolha narcísica o sujeito pode procurar um gemelar, alguém que reconheça como sendo igual a si mesmo (Kernberg, 1995a); um ideal, alguém que o sujeito considere como o seu ideal narcísico, sendo através da identificação com esse parceiro que procura se auto aperfeiçoar (Kernberg, 1995b; Grinblat, 2004) ou o parceiro poderá ser o seu oposto, permitindo assim ao sujeito identificar-se com partes do seu self que projectou no outro, e com as quais depois se identifica porque as percebe como sendo do outro (Malta, 1991; Campbell, 1999).

Segundo Kernberg (1995a) o tipo inibido sexualmente, que se caracteriza por uma predominância de sentimentos de inferioridade e de falta de valor escolheria preferencialmente um parceiro gemelar ou então um parceiro idealizado. Já os sexualmente promíscuos procurariam um parceiro que fosse o seu ideal.

No que se refere ao estabelecimento das relações amorosas é importante compreender se o relacionamento se caracteriza pela desvalorização do mesmo e do controlo, ou se por um evitamento do contato com o outro por medo da dominação e da rejeição (Kealy & Ogrodniczuk, 2011).

C3.4 Agressividade auto-infligida vs. Agressividade infligida ao outro: Os sentimentos preponderantes na patologia narcísica são a raiva e a inveja, que são dirigidas às figuras parentais, devido à falha que o sujeito sente na satisfação das suas necessidades (Kernberg, 1975). Pretende-se analisar se a agressividade é dirigida ao próprio, ou se, pelo contrário, a agressividade é dirigida ao outro, o sujeito projeta no outro a raiva que sente das figuras parentais.

C3.5 Ruturas e separações: Nesta subcategoria pretende-se averiguar se existiram perdas ou separações significativas com os seus parceiros amorosos e a forma como estes sujeitos lidaram com essas situações. Se foi possível realizar o luto dessas relações, ou se experienciaram e experienciam uma angústia de separação e perda que lhes condiciona os relacionamentos posteriores.

C4. Outras relações self/objecto importantes

Nesta categoria pretende-se compreender a qualidade das outras relações, que não as relações com os objectos primários, que estes sujeitos estabelecem. Para tal pretendem-se compreender alguns aspetos gerais como, o evitamento do contato do outro, estabelecimento de relacionamentos de dependência e a existência ou não de conflitos.

C4.1 Relação com figuras de referência/familiares próximos: Nesta subcategoria pretende-se compreender a relação que o sujeito estabelece com outras figuras de referência que não os pais, bem como com familiares próximos. Para além dos aspetos gerais enunciados anteriormente pretende-se ainda perceber se o estatuto/prestígio destas figuras é um fator relevante na dinâmica relacional. E se existiram ruturas ou separações relevantes com estas figuras que permitam compreender a importância do relacionamento para o sujeito, e a forma como podem ter afetado o estabelecimento de relacionamentos subsequentes.

C4.2 Relação com os filhos: Na subcategoria relação com os filhos pretende-se compreender a dinâmica relacional entre o sujeito e os seus filhos. Esta relação pode se caracterizar por um relacionamento de desvalorização e ataque em que o filho é o depositário das projeções do seu pai/mãe, por ser um relacionamento em que predomina o evitamento do progenitor para com filho, ou deste para com o pai. Pretende-se ainda apurar se existe um relacionamento de dependência em que o progenitor vive quase exclusivamente para o filho ou a existência de

uma relação em que o filho é o prolongamento narcísico do seu progenitor, ou seja, se é visto como uma extensão narcísica sua, e não como uma pessoa diferenciada de si (Burness, 1975).

C4.3 Relação com amigos/colegas: Nesta subcategoria o objetivo é compreender a qualidade do relacionamento do sujeito com os seus pares (amigos e colegas de trabalho). Por um lado, se o sujeito tem uma atitude de procura de proximidade, em que procura o outro ou se, pelo contrário, tem uma atitude de evitamento. Face aos pares, o sujeito assume uma atitude de controlo, de competição, se existem ou não conflitos com os pares.

C4.4 Relação com figuras de autoridade: O objetivo desta subcategoria é perceber como o sujeito lida com a autoridade/poder (e.g. seu chefe de trabalho), se assume uma atitude de submissão, em que se sujeita aquilo que é imposto ou se, por outro lado, assume uma atitude de confronto, não se submetendo à ordem, podendo ainda assumir uma atitude de superioridade e desvalorização da autoridade.

Análise de Resultados

Análise quantitativa

Através da análise de conteúdo realizada nas entrevistas recolhidas (Anexo G) foi possível efetuar uma análise quantitativa por forma a compreender a prevalência das categorias e das subcategorias nas entrevistas (Anexo H).

As duas categorias com maior frequência de respostas em todas as entrevistas são a categoria C1 elementos estruturais do narcisismo (38,2%) e a categoria C2 relação com os objectos primários (28,4%), sendo a categoria C3 escolha de objecto amoroso a que tem menor prevalência com 11,3% de respostas.

A categoria mais mencionada por “Cristóvão” é a C2 relação com os objectos primários (44,9%), sendo a subcategoria representação do objecto paterno a mais referida (23,8%). E as categorias menos mencionadas são C3 escolha de objecto amoroso (8,2%) e C4 outras relações self/objecto importantes (8,2%). Na categoria C3 escolha de objecto, a subcategoria mais referida é a escolha de objecto narcísica (7,5%), e dentro desta subcategoria destaca-se a escolha ideal (2,7%). Na categoria C4 outras relações self/objecto as subcategorias mais referenciadas com 1,4% são a relação com figuras de referência/familiares próximos, a relação com os filhos e a relação com figuras de autoridade.

“Cristina” referencia com maior frequência a categoria C4 outras relações self/objecto importantes (31,5%), destacando-se a subcategoria relação com figuras de referência/familiares próximos (16,1%). A categoria menos referida é a C3 escolha de objecto amoroso (14,2%), sendo a subcategoria ruturas e separações a que tem um maior número de respostas (2,3%).

Por último a categoria mais referida por “Jorge” é a categoria C1 elementos estruturais do narcisismo (55,1%), sendo a subcategoria objecto idealizado vs. objecto desvalorizado a mais mencionada (34,6%). A categoria menos citada é a C3 escolha de objecto amoroso (9,6%), destacando-se pelo maior número de respostas a subcategoria escolha de objecto narcísica (5,8%) e dentro desta destaca-se a escolha ideal (2,5%).

Através dos dados recolhidos pode-se concluir que a categoria C3 escolha de objecto amoroso foi a menos referida. Isso parece relacionar-se com o fato desta categoria ter tido um menor número de questões estruturais, o que se traduziu num menor número de respostas devido à dificuldade dos participantes em falarem segundo o princípio da associação livre. Por outro lado, o fato da categoria C2 relações com os objectos primários ter sido a mais mencionada relaciona-se com a importância desta relação na vida dos participantes e na qualidade dos seus relacionamentos amorosos, já que existe uma reactualização nestes da relação precoce com os pais.

Análise qualitativa

A análise qualitativa dos resultados é constituída por duas partes. A primeira corresponde a uma análise por categorias, em que se destacam os aspetos mais relevantes de cada categoria e a segunda numa análise individual de cada participante em que se destacam os aspetos mais importantes para a compreensão do seu funcionamento psíquico e para se compreender a sua escolha de objecto de amor.

Análise por categorias

C1. Elementos estruturais do narcisismo

Através da análise desta categoria verificou-se que os sujeitos com patologia narcísica também têm partes mais integradas, saudáveis, do seu self. Apuraram-se algumas características de personalidade que são comuns a vários tipos de funcionamento e às várias organizações psíquicas. Algumas destas características foram: determinação, ”Dra. eu sempre

fui um homem muito determinado (...).” (sic) (“Cristóvão”, pág.76), introversão, extroversão, “Eu era mais extrovertido, (...) andava sempre na brincadeira (...).” (“Jorge”, pág.164) observação do outro, racionalidade, frontalidade e autoexigência “(...) fazer uma foto (...) a próxima tinha sempre de ser melhor (...).” (sic) (“Cristina”, pág. 111).

No que se refere às dimensões mais patológicas do self, a maioria dos participantes tem um self grandioso em que predomina a desvalorização e superioridade sobre os outros “Porque o Ricardo demorava horas a escolher a foto para a primeira página (...) e eu olhava as fotos e fazia a leitura rápida do jogo e escolhia a foto da primeira página.” (sic) (“Cristina”, pág.113). Porém existe uma oscilação entre essa grandiosidade e sentimentos de vulnerabilidade “O meu maior medo é de eu morrer, filha.” (sic) (“Jorge”, pág.186).

No que se refere à interligação entre as instâncias super-egóicas - ego ideal e ideal do ego- consta-se que “Cristóvão” e “Cristina” estão em conflito com aquilo que tinham idealizado para si e aquilo que conseguiram alcançar, “(...) nunca deixei que ninguém se aproximasse, aproximasse prontos, o suficiente para ter um...um pensamento de, de olhar para o futuro e ver aquilo que eu via quando era mais criança, (...) a mãe de equipa de futebol feminino a mãe de um equipa de futebol mista.” (sic) (“Cristina”, pág.135).

Quanto à representação do outro, o que predomina na maioria dos participantes é a idealização do objecto, em que o outro é descrito de forma ideal em oposição aos pais “ (...) o meu avô Pires, sim que era uma pessoa (...) que me marcava porque tinha, tinha uma atenção especial para comigo ahh... protegia-me, ahh...deixava-me brincar (...) porque nunca teve aquela característica (...) de me penalizar, de... de me humilhar, de me confrontar com outras pessoas (...).” (sic) (pág. 79).

C2. Relação com os objectos primários

No que diz respeito à representação que os participantes têm do objecto materno e paterno, verificou-se que todos eles descrevem as suas mães como submissas “(...) a minha mãe era submissa de mais, (...) também não condenava porque aos 12 anos foi o primeiro namorado dela, aos 15 casou (...).” (sic) (“Cristina”, pág.102) e dependentes das figuras paternas e os pais como figuras autoritárias “(...) excessivamente rigoroso com...com o que eu não chamo de educação, chamo medo (...).” (sic) (“Cristóvão”, pág.60).

Na subcategoria posicionamento face ao casal edipiano apurou-se uma impossibilidade de elaborar o conflito edipiano em todos os participantes, verificando-se uma dificuldade em lidar com a frustração “(...) essa discussão marcou-me na medida que a minha mãe, a minha

mãe ahh...ficou do lado do meu pai e eu...acho que de todos os cenários que se passou, (...) eu ahh...achei que, que passei (...).” (sic) (“Cristóvão” pág.64), no sentimento de exclusão “Acho que aceitei melhor a separação dos meus pais do que a minha mãe, mas pronto ela é que era a esposa, não era eu, ela é que era maltratada, mas isso eu também fui.” (sic) (“Cristina”, pág.127) e na idealização do casal parental “Estávamos sempre todos felizes, sempre o melhor, uma família... que era do melhor que havia.” (sic) (“Jorge” pág.155).

A relação entre os pais é percebida por “Cristóvão” e “Cristina” como uma cena primitiva violenta “ (...) violência gratuita do meu pai para com a minha mãe, ah... violência gratuita para comigo, para com a minha irmã (...).” (sic) (“Cristóvão”, pág.59) e “(...) os meus pais, (...) estavam sempre na guerra (...).” (sic) (“Cristina” pág.99). “Jorge” descreve antes uma cena primitiva idealizada “Sempre tudo do melhor.” (sic) (pág.155), “(...) sempre foi bom para eles e eles sempre para mim.” (sic) (pág.167), em que “Jorge” não é percebido como uma pessoa diferente dos pais, mas uma pessoa incluída no casal.

C3. Escolha de objecto amoroso

A escolha de objecto amoroso nos três participantes é fundamentalmente a de um objecto parcial, em que o seu parceiro amoroso é descrito como tendo só qualidades “A minha esposa era uma mulher espetacular, para toda a gente. Então a minha mulher, se alguém fosse a casa dela pedir-lhe qualquer coisa comida e assim, ela dava sempre...(...).”(sic) (“Jorge”, pág.181).

Embora a escolha destes participantes seja essencialmente uma escolha de objecto narcísica, verifica-se a existência de algumas componentes de uma escolha de objecto mais anaclítica, como o sentimento de culpa perante a desvalorização dos relacionamentos amorosos (“Cristina”) e a fidelidade face ao seu parceiro “(...) nunca enganei a minha mulher.” (sic) (“Cristóvão”, pág.89). No que se refere à escolha narcísica, a escolha de todos os participantes é de um parceiro ideal/idealizado, “A minha esposa era uma mulher espetacular, para toda a gente.” (sic) (“Jorge”, pág.181), sendo esta escolha característica dos dois tipos descritos por Kernberg (1995a), o tipo inibido sexualmente e o tipo sexualmente promiscuo. Em todos os participantes verificou-se que em algum momento desvalorizaram os relacionamentos amorosos que tiveram, ou por medo da rejeição “(...) eu resolvi não arriscar não... mais vale ficar com um amigo do que ficar com um ex-marido(...).” (sic) (“Cristina”, pág.135), ou pela dificuldade em se envolverem emocionalmente com o outro repercutindo-se isso no evitamento “(...) o fato de essas conquistas, por períodos muito pequenos, (...) ninguém (...) permaneceu por períodos que me pudesse deixar ahh...marcas e (...) como também vinham

porque não, não havia ahh...da minha parte não havia qualquer tipo de esforço, eu, eu estava pura e simplesmente ali (...).” (sic) (“Cristóvão” pág.86).

A agressividade no relacionamento amoroso não se apurou. Porém verificou-se a expressão direta desta face às figuras parentais “ (...) ele (pai) estava a tentar asfixiar a minha mãe, eu pulei para cima dele e fiz-lhe uma gravata (...) ” (sic) (“Cristina”, pág.101), quer a direção da agressividade ao próprio “(...) é aquela carga que eu ahh...talvez traga até hoje que não consigo expelir apesar de... de adorar os meus pais e o que os meus pais precisarem estou lá para aquilo que for preciso mas já com adulto ahh...” (sic) (“Cristóvão”, pág.64).

C4. Outras relações self/objecto importantes

Na subcategoria ruturas/mudanças relevantes os participantes assinalaram o falecimento de familiares próximos que também eram figuras de referência “(a referir-se ao falecimento do avó) (...) senti muito, mas sinto muito mais hoje do que sentia ah, sinto muito mais hoje do que senti naquela altura, ahh...sinto muito mais hoje.” (sic) (“Cristóvão”,pág.69).

Na subcategoria relação com amigos/colegas a dimensão procura de proximidade foi referida por todos “Cá fora pouco brincava ahh...eram raras as vezes que eu, que eu saía, as únicas vezes (silencio) era, era ou na escada ou, ou ia um vizinho meu a minha casa, um amigo do prédio, que tinha crescido comigo e...(...)” (sic) (“Cristóvão”, pág.79). E a dimensão evitamento do contato foi assinalada por “Cristina” e “Cristóvão”, “ (para descrever a relação de trabalho) O Ricardo às vezes duas horas depois ainda estava a pensar numa segunda hipótese para a primeira página, acha normal (ri) e eu comecei a levar fones.” (sic) (“Cristina”, pág.113).

Na relação com figuras de autoridade (professores e chefia) todos os participantes demonstraram submissão face à autoridade “ (...) nunca faltei ao respeito aos professores, (...) só tínhamos mesmo era de acatar (...).” (sic) (“Cristóvão”, pág.82).

Análise individual

“Cristóvão”

“Cristóvão” tem um self vulnerável em que é de salientar o seu sentimento de falta de valor, bem como o seu sentimento de fragilidade e impotência. Ao nível da identidade constata-se uma falha que se reflete na sua dificuldade em se considerar uma pessoa diferenciada do outro e com valor próprio, “(...)quase sempre fazia colagens, gostava de,

gostava de, gostava de, (...) depois perde-se um bocadinho o que é, (...) a verdade não é, (...) onde é que é o genuíno ou não da nossa parte (...).” (sic) (pág.83). Esta necessidade de ser uma pessoa diferente parece relacionar-se com a fantasia de “Cristóvão” que se fosse diferente os seus pais iriam amá-lo mais e teriam outro tipo de atitudes para consigo.

O objecto materno é percecionado como frágil, dependente e subjugado ao objecto paterno. Em oposição, o objecto paterno é descrito como opressivo, agressivo, inacessível e imprevisível “monstro imprevisível” (sic) (pág.74). “Cristóvão” descreve o seu ambiente familiar como um clima de terror em que predominava a imprevisibilidade das atitudes do seu pai e a ausência de “acompanhamento” de ambos os progenitores. Tendo sido as suas outras figuras de referência, o avô materno e a avó da sua esposa, que assumiram as funções parentais de securização e de apoio emocional dos seus objectos primários, bem como, de narcisar o participante “(...) porque nunca teve aquela característica (...) de me penalizar, de... de me humilhar, de me confrontar com outras pessoas (...).” (sic) (pág. 79).

“Cristóvão” descreve a cena primitiva violenta, tomando este sempre o partido da sua mãe nos conflitos com o seu pai e o mesmo acontecia com a sua mãe em relação aos conflitos de “Cristóvão” com o pai. Quando esta ligação foi quebrada numa discussão de “Cristóvão” com o pai e a sua mãe tomou partido do seu pai isto despoletou em si um sentimento de traição. Embora sinta muita raiva face ao objecto paterno, “Cristóvão” tem uma relação de dependência com ele da qual não se consegue libertar mas tem o desejo de se autonomizar, de diferenciar do pai “ (quando questionado sobre o que mudaria na sua vida (...) (silêncio) Saía de casa e ia viver a minha vida (...).” (sic) (pág.93). Esta dificuldade de se separar do seu objecto paterno também surge no relacionamento com a figura materna. “Cristóvão” sente que funcionou como uma extensão narcísica para o seu pai, não sendo percecionado como uma pessoa com a sua própria singularidade, “ (o que o seu pai lhe disse sobre o seu estado clínico) (...) eu também tive (depressões), dei a volta, eu também tive dei a volta e tu nada, tens que dar, eu tenho um motivo dei a volta, tu também tens que dar (...).” (sic) (pág.75). Predomina face ao objecto paterno uma ambitendência, “Acabou o teu tempo pai (silêncio), eu sou homem, sou adulto, tenho filhos (...) Eu agarrei-me a ele e disse pai não vás embora, por favor, fica, desculpa (...).” (sic) (pág.65).

No que se refere à escolha do objecto de amor a parceira de “Cristóvão” é uma parceira idealizada, o que corresponde ao tipo inibido sexualmente, em que o sujeito se atribuiu sentimentos de pouco valor e de vergonha (Kernberg, 1975). O fato de referir a importância da forma como a sua esposa olha para si remete-nos para uma necessidade de ser narcisado,

de sentir-se valorizado e importante. A forma como descreve a parceira e a sua auto descrição, parece que “Cristóvão” assume o papel da sua mãe de dependente e a sua esposa do seu pai, em que “Cristóvão” necessita ser reconhecido e amado.

“Cristóvão” temia identificar-se com o seu pai e ser para os seus filhos o mesmo pai que o seu tinha sido para si, “(...) os pais tenham, possam eventualmente ter ali momentos de, de grande pressão e até de susto para eles e às vezes eles não entenderem o quê e a gente está-lhes a dar uma palmada, palmadinha mas às vezes o susto é grande que nós refletimos neles aquilo que é a nossa ansiedade (...), mas depois acaba por repetir de alguma forma o modelo parental, “(...) não eram os meus filhos agora que fazem grandes asneiras e essas sim grandes asneiras mais ou menos e dizem eu não pedi para nascer, desculpa lá não quis nascer mas também ahh...que eu saiba levou-te aos melhores médicos e tu não és surdo e pelo menos bons valores eu passei-te, e se te passei esses bons valores não é isso que estás a demonstrar, (...) daqui para fora quando tu o poderes fazer, aqui segues essas regras, mas isso é absolutamente normal (...)” (sic) (pág.66). Estabelecendo uma relação de dependência com os filhos, “(...) a educação dos meus filhos, foi uma educação com muito medo que acontecesse alguma coisa aos meus filhos, eu nunca larguei os meus filhos para nada (...)” (sic) (pág.71).

“Cristóvão” presentemente está em conflito entre o seu ideal do ego e o seu ego ideal “O mais fácil não é treinar os grandes, o mais difícil é ensinar os pequeninos a serem felizes, nisso eles precisam porque se não houver um trabalho de base eles nunca vão ser uns homens felizes, eles lá em cima vão receber jogadores, robots, eu vou receber jogadores que sabem genuinamente a modalidade e isso eu sei passar às crianças.” (sic) (pág.91), o que se traduz num sentimento de derrota, incapacidade, no medo de tudo, “(...) conduzir é muito difícil, atender o telefone é muito difícil, e eu tenho vergonha de dizer o que é muito difícil (silêncio) porque são coisas tão banais (...)” (sic) (pág.71), condicionado muito a sua vida e conduzindo a que este se isole cada vez mais. Apresentando uma profunda falha narcísica em que continua a predominar o fantasma de um objecto paterno punitivo e assustador “Falhei...chega! É tudo... (silêncio) falhei, o meu pai tinha razão... o meu pai sempre teve razão... (silêncio) (...)” (sic) (pág.93).

“Cristina”

“Cristina” apresenta falhas ao nível da coesão do self observada através da sua descrição como “Transformers” (pág.149), um desenho animado que se transforma remete-nos para

uma pessoa que está sempre em contante mudança numa tentativa de descobrir quem é “(...) a maneira de eu mostrar força não era precisava de me transformar era só... alisar psicologicamente o que é que estavam a querer de mim e eu conseguir superar expectativas (...)” (sic) (pág.149) e numa ausência de limites internos, “(...) não posso dizer que na vida não fiz o que quis, eu fiz sempre o que quis.” (sic) (pág.103). No que se refere à integração do superego esta é pobre, já que este é constituído por imagens parentais agressivas (Kernberg,1975), por um pai autoritário, agressivo e ausente e por uma mãe chantagista, que alterna entre uma figura ausente e abandonada e uma figura intrusiva.

O seu self é grandioso, predominando a negação da sua fragilidade, recorrendo para isso ao humor, salientando-se características como: o seu sentimento de onipotência, “(...) eu já desafiei a morte. Quando o meu irmão teve o acidente eu peguei no carro e fui à noite pela estrada fora, (...) e pus o pé no acelerador e na altura pronto, era uma coisa inconsciente tipo... agora tu desafiaste o meu irmão, agora tipo não era morte era a vida (ri) e eu fiz esse desafio, tipo desafia-me a mim agora se conseguires.” (sic) (pág. 116) e o seu sentimento de superioridade e de desvalorização do outro “(...) comecei a ter com o psicólogo (...) durante cinco anos não consegui aquilo que eu consegui aqui... prontos não estou a passar nenhum atestado de incapacidade.” (sic) (pág.113).

O fato de se descrever como um “Robocop” (pág.107) e como um dos desenhos animados “Transformers” remete para uma desumanização, para uma estrutura defensiva rigidificada, para uma pessoa que tem dificuldades em estabelecer relações interpessoais mais íntimas.

A representação dos objectos primários tem duas componentes comuns. Ambos são descritos como objectos pouco securizantes que não contiveram e transformaram de forma adequada os estados mentais internos de “Cristina” e a segunda é a raiva direcionada a ambas as figuras. Inicialmente “Cristina” dirige a agressividade que sente para a sua mãe, por esta não ter satisfeito as suas necessidades emocionais e por ser submissa ao seu pai. Porém depois de iniciar uma avaliação psicológica percebe que tinha deslocado a raiva que sentia do seu objecto materno para o seu objecto paterno “(...) a minha raiva nunca foi direcionada para o meu pai, foi direcionada, era direcionada para a minha mãe, a tal submissão (silêncio).” (sic) (pág.108), dirigindo-a para esta se não de forma tão manifesta como para o pai, de forma implícita “E há seis anos quando faleceram os meus avós, a minha mãe (...) perguntou se eu não ia ao funeral dela, e eu disse que não, que escusava de mandar convite, porque como há seis anos não fui ao dos meus avós, ela não ia ser diferente” (sic) (pág.99). Atualmente rompeu a relação com ambos os pais.

“Cristina” não aceitou ao conflito edipiano de forma satisfatória, assumindo o papel da sua mãe, assumindo os seus sentimentos de desilusão e raiva fase à traição do pai “Acho que aceitei melhor a separação dos meus pais do que a minha mãe, mas pronto ela é que era a esposa, não era eu, ela é que era maltratada (silêncio), mas isso eu também fui.” (sic) (pág.127), bem como o papel de mãe protetora quer da sua própria mãe quer do seu irmão mais novo “Sempre protegi o meu irmão e a minha mãe, o mais que pude.” (sic) (pág.109). Para além da raiva que sente da mãe, ainda sente inveja porque esta conseguiu alcançar aquilo que “Cristina” gostava de alcançar (ideal do ego), casar e ter filhos, não conseguindo obter a completude narcísica exigida pelo seu ego ideal.

Depois do divórcio dos pais aos 15 anos, “Cristina” começou a ter necessidade de se isolar do contato com os outros. Por um lado, isso reenvia-nos para uma dificuldade em lidar com a separação, não só física mas também psíquica, e, por outro, o receio de estabelecer contato com o outro, e depois se sentir abandonada como experienciou na relação com os pais. Esse evitamento do contato tornou-se abrangente a outro tipo de relacionamentos como por exemplo o relacionamento com amigos, em que “Cristina” refere ter um “(...) círculo muito restrito de amigos (...)” (sic) (pág.137) e que são todos “(...) muito parecidos uns com os outros (...)” (sic) (pág.145), mas também por alguma desvalorização do relacionamento com o outro “(...) as minhas cadelas que estão à frente de qualquer homem. De qualquer animal com duas pernas (ri).” (sic) (pág.146).

“Cristina” ao longo do seu percurso amoroso, teve os três tipos de parceiros (idealizado, gemelar e oposto), o seu primeiro parceiro foi uma escolha idealizada “Assim moreno, de olhos verdes, pele morena (...) era muita areia para a minha camioneta (...)” (sic) (pág.133), depois teve uma escolha gemelar “(...) o John fosse o que foi mais, não sei se era por ele, é muito parecido comigo, em termos de... (silêncio) a teoria do bicho-do-mato (...)” (sic) (pág.137) e por último realizou uma escolha em que o seu parceiro era o seu oposto “ Não tem nada a ver com os meus ideais (ri) sim... (...) está muito longe de ser o loiro de olhos azuis que eu em criança idealizei (...)” (sic) (pág.142). Nos relacionamentos amorosos de “Cristina” constata-se que existe uma reatualização do relacionamento com os objectos primários, em que “Cristina” evita estabelecer relações amorosas por medo de se sentir rejeitada, como se sentiu na relação com os pais e também pelo medo que a sua relação fosse igual à dos pais, marcada pela violência recíproca. “Cristina” ainda referencia a questão da perda da sua liberdade como um motivo para o evitamento do compromisso que, segundo

Kernberg (1995b), se relaciona com a raiva e frustração que sente do seu relacionamento com os objectos primários e a dificuldade em lidar com a dependência.

A forma como “Cristina” lidou com as suas separações amorosas remete-nos para a sua dificuldade em se envolver de forma íntima nos relacionamentos, repercutindo-se isso no evitamento “(...) eu é que lhes passava sempre a guia de marcha (...)” (sic) (pág.134). Essa característica pode estar na origem da constante procura por um parceiro que a complete. Porém com a emergência da problemática precoce a participante revive constantemente os conflitos com as figuras parentais, como é o caso da questão da invasão que “Cristina” sentiu com a sua mãe e referencia como motivo para o término do seu último relacionamento amoroso “(...) só que de alguma maneira (silêncio) acabávamos sempre por ser invadidos (...)” (pág.140). Esta invasão remete-nos para uma invasão do espaço psíquico, para um sentimento de intrusão por parte do outro.

Por último a relação com a autoridade, nomeadamente com o seu chefe é muito conflituosa, já que “Cristina” demonstra dificuldade em lidar com os limites. Inicialmente a atitude da participante foi de confronto para com o seu chefe, assumindo a frente do descontentamento dos seus colegas, opondo-se onnipotentemente de forma infantil, imaginando que tem um poder que de facto não tem, face à figura de autoridade. Depois face ao confronto com a realidade provavelmente é invadida pelo medo da retaliação, tomando consciência da fragilidade “E de repente dei por mim sentada, sentada comodamente no musgo do fundo do poço, e não me apeteceu ir ao de cima.” (sic) (pág.110). Como “Cristina” não conseguiu lidar com essa situação de forma construtiva acaba por ter uma depressão.

“Jorge”

O self de “Jorge” é um self grandioso em que se destacam características como: a constante desvalorização do outro e um sentimento de onnipotência “ (referindo-se à causa do adoecimento da tia e da mãe, como sendo este o motivo) (...) De certeza que foi. Porque elas coitaditas estavam sempre comigo.” (sic) (pág.173) e a importância de ter um estatuto reconhecido. “Jorge” oscila ainda entre um movimento de desvalorização do outro e uma idealização do outro, bem como, do relacionamento que estabelece com o outro. Essa idealização está patente na relação com os pais e na relação dos próprios pais. A idealização parece ser uma defesa de “Jorge” contra a falha narcísica que sente e aos defeitos que considera ter (Kernberg, 1975).

Embora não aprofunde muito a representação que tem dos seus objectos primários, percebe-se que a mãe é percebida como dependente do pai, o pai percebido como autoritário e infiel, tinha traído a sua mãe, tendo um filho fora do casamento (“Jorge” apenas mencionou a existência desse irmão no questionário sociodemográfico e depois na entrevista negou a existência do mesmo). No que se refere à relação com os pais percebe-se que proximidade era apenas física, porque em termos emocionais o que se verifica ao longo da entrevista são objectos primários ausentes, pouco securizantes. “Jorge” mostra dificuldade em lidar com a separação, algo observado na sua dinâmica relacional, tendo apenas tentado a sua autonomização aos 17 anos ao ingressar na marinha. Mas depois percebe-se que essa separação apenas foi física, porque psicologicamente “Jorge” nunca conseguiu se separar da sua família.

Os primeiros relacionamentos amorosos foram desvalorizados, bem como as separações, o que parece estar relacionado com a necessidade de “Jorge” de ter um parceiro ideal, que corresponde ao tipo promíscuo sexualmente, em que predomina a desvalorização do objecto depois de satisfeitas a necessidade sexual e a necessidade de conquista. Quando percebe que o parceiro ideal tem defeitos e/ou que não lhe permite exercer controlo sobre ele, deixa de lhe ser importante manter esse relacionamento. A primeira esposa de “Jorge” era uma parceira descrita como ideal que ele podia controlar “(...) a minha mulher (...) quando ela começou a ter, pronto, teve o miúdo e depois foi a filha, depois... eu disse ó filha pronto porque é que não deixas isso e vens pó pé dos teus filhos e assim foi.” (sic) (pág.180). E após o seu falecimento procurou uma companheira com as mesmas características. As escolhas amorosas de “Jorge” reatualizam o relacionamento dos seus pais, em que a mãe era submissa ao pai e o pai exercia controlo sobre a mãe o mesmo que o participante procurou na sua esposa e na sua companheira atual. O controlo sobre o outro também se verificou nas relações de amizade “(...) às vezes batiam-se uns aos outros, e então ele fugia deles e vinha pó pé de mim para eles não lhe baterem (...).” (sic) (pág.159).

A relação com a filha é uma relação idealizada, em que “Jorge” tem dificuldade em lidar com a separação física. Com o filho, este parece ser percebido como uma extensão narcísica do pai, em que não tem direito de realizar as suas próprias escolhas sem o consentimento do mesmo. Na relação com os filhos “Jorge” repete o seu modelo parental em que o próprio tinha de se submeter as vontades do seu objecto paterno.

Discussão

Através da análise dos dados verifica-se que os participantes que têm um self grandioso também têm sentimentos de vulnerabilidade, o que vai ao encontro do que refere a literatura da existência de uma alternância entre o sentimento de grandiosidade e sentimentos de indignidade especial que se relacionariam com a comparação que o sujeito realiza entre o seu ego e o ideal do ego (Kernberg, 2006; Kernberg & Yeomans, 2013). Essa oscilação também se verifica na forma como o outro é percebido, verificando-se inicialmente uma idealização do outro, em que é percebido como ideal e depois num movimento de desvalorização do mesmo. A idealização é uma tentativa do sujeito de se fundir com o outro para compensar a sua falha narcísica (Kernberg, 1975), porém quando não obtém do outro a admiração que deseja ou recebe um feedback negativo sobre si, tende a desvalorizá-lo (Morf & Rhondewalt, 2001), algo observável através de expressões verbais como “coitadito” e de comportamentos referidos pelos participantes.

No que se refere aos objectos primários, constatou-se que as mães dos participantes são descritas como submissas e dependentes e os pais como autoritários, verificando-se ainda que foram figuras abandonadas que não estiveram presente emocionalmente para os filhos, tendo sido outras figuras de referência que asseguraram essas funções parentais de securização e de apoio. Em todos os participantes, verificou-se uma problemática edipiana não ultrapassada, o que se liga à dificuldade dos participantes masculinos em se identificar com um pai bom, e à participante feminina na sua dificuldade em resolver os conflitos com a sua mãe e em se identificar com o seu pai devido ao medo que sentia da sua mãe (Kernberg, 1977), permanecendo dessa forma fixada no desejo de ser amada pela mãe (Klein, 1975). Através das narrativas verificou-se que a relação de autoridade com os pais é reatualizada no relacionamento com outras figuras de autoridade, como a relação com o superior hierárquico no trabalho, constatando-se na mesma uma atitude de submissão face à autoridade.

Devido à inveja e raiva que os sujeitos sentem do casal parental não conseguem estabelecer relacionamentos estáveis e maduros (Kernberg, 1991, 1995b), o que se traduz num sentimento de raiva face aos pais, por estes não terem transformado os seus estados mentais e não terem sido pais securizantes (Kernberg, 1995b). Porém verifica-se que os conflitos existentes nesse relacionamento precoce continuam a permear os outros relacionamentos que os sujeitos estabelecem, nomeadamente os seus relacionamentos amorosos, verificando-se uma reatualização do relacionamento com os objectos primários. Pode-se verificar que os

participantes não conseguiram separar-se internamente dos seus objectos primários, predominando nas entrevistas a problemática precoce.

Nos relacionamentos amorosos verifica-se que assumem o papel do progenitor que tenha características de personalidade semelhantes às suas (e.g. “Cristóvão” descreve-se como uma pessoa frágil assim como a sua mãe e procura uma parceira que assuma o papel do seu pai, no caso que o admire como ele gostava que o seu pai fizesse). O objecto de amor é um objecto parcial, que como é referido por Kernberg (1974a/1975), é um objecto clivado ou dissociado, recalcado ou projetado que apenas é detentor de qualidades. A escolha do parceiro amoroso é predominantemente uma escolha ideal/idealizada, em que apenas são referidas qualidades do mesmo. Este tipo de escolha é característico dos dois tipos de pacientes descritos por Kernberg (1975), os inibidos sexualmente e os promíscuos. Em ambos o sujeito tenta alcançar a completude narcísica “(...) eu só quero que ela me olhe (...)” (sic) (“Cristóvão”, pág.126), só que no inibido sexualmente a sua falha narcísica não está mascarada por defesas maníacas e no promiscuo sexualmente essa está mascarada por movimentos de grandiosidade que, em momentos críticos, alterna como sentimentos de vulnerabilidade narcísica. A desvalorização do relacionamento foi algo referenciado pelos participantes como já tendo existido em algum dos seus relacionamentos. Essa característica parece se associar ao medo do sujeito da rejeição e da dominação “(...) preferia ficar com a minha liberdade (...)” (sic) (“Cristina”, pág.134) (Kealy & Ogrodniczuk, 2011), bem como, de ficar “preso” ao outro (Kernberg, 1995b).

Conclusão

Na presente investigação pretendeu-se compreender o vínculo amoroso que sujeitos com patologia narcísica estabelecem, a forma como a escolha do parceiro amoroso se relaciona com o seu funcionamento psíquico e como a dinâmica da relação com as figuras parentais influencia os relacionamentos amorosos destes sujeitos.

A análise dos resultados permite concluir que os participantes também evidenciam elementos saudáveis da personalidade embora o seu self tenha características predominantes de um dos polos, grandioso ou vulnerável existe uma oscilação entre estas características. As figuras parentais destes pacientes são ausentes emocionalmente e pouco securizantes, sendo a relação com estes reatualizada nos relacionamentos amorosos que os sujeitos estabelecem. O

parceiro que procuram é um parceiro que considerem que lhes possa possibilitar a completude narcísica exigida pelo seu ego ideal.

Relativamente às limitações da investigação, em primeiro lugar é de referir o fato da categoria escolha de objecto de amor ter tido a menos abordada pelos participantes, tendo estes se focado muito na relação com os objectos primários e nos seus aspetos mais infantis da personalidade. Considero que poder-se-ia ter aprofundado mais a escolha amorosa se tivessem realizado pelo menos duas entrevistas a cada participante, permitindo assim uma maior exploração desta temática. Em segundo é de destacar a dificuldade em categorizar alguns conteúdos da entrevista o que nos aponta para a necessidade de criar mais categorias ou de criar mais subcategorias, como por exemplo na categoria relação com os objectos primários, poder-se-ia ter explicitado mais cada subcategoria (e.g. separação interna), de forma, a que a informação tivesse organizada de forma mais simples para ser trabalhada e facilitasse mais o acesso da mesma ao leitor.

Ao nível de investigações futuras nesta área seria pertinente realizar um estudo em que existissem participantes de ambas orientações sexuais (homossexuais e heterossexuais), para se apurar se a escolha do objecto de amor seria idêntica à dos heterossexuais. Considero ainda que seria importante realizar um estudo longitudinal em que se avaliasse o tipo de relacionamento do paciente narcísico antes de iniciar um acompanhamento psicológico e depois do mesmo, para se apurar de que forma é que um acompanhamento psicológico poderia ajudar estes pacientes a estabelecerem relacionamentos mais duradouros e mais maduros.

Referências Bibliográficas

- Anzieu, D. (1995). *Le Moi-peau*. Paris: Dunod.
- Araújo, M. (2010). Considerações sobre o narcisismo. *Estudos de Psicanálise*, 34, 79-82. Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de <http://www.cbp.org.br/consideracoessobreonarcisismo2010.pdf>
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (11-39). Lisboa, Edições 70 Lda.
- Barón, M., Zapiain, J. & Apodaca, P. (2002). Apego y satisfacción afectivo-sexual en la pareja. *Psicothema*, 14, 2, 469-475. Retirado em 26 de Fevereiro de 2013 através de <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=72714244>
- Beizmann, C. (1966). *Livret de Cotation des Formes dans Le Rorschach*. Paris: Éditions du Centre de Psychologie Appliquée.
- Bellato, R., Araújo, L., Faria, A. Santos, E., Castro, P., Souza, S. & Maruyama, S. (2008). A história de vida focal e suas potencialidades na pesquisa em saúde e em enfermagem. *Rev. Eletr. Enf*, 10, 3, 849-56. Retirado em 5 de Junho de 2013 através de http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v10/n3/pdf/v10n3a32.pdf
- Bergeret, J. (2000). *A personalidade normal e patológica*. Climepsi Editores, Lisboa.
- Bion, W. (1963). *Elements of psycho-analysis*. London: Heinemann.
- Burness, E. (1975). Toward a Clarification of the concept of narcissism. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 30, 24, 3-276. Retirado em 2 de Novembro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.
- Campbell, W. (1999). Narcissism and Romantic Attraction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 6, 1254-1270. Doi: 0022-3514/99/53.00. Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Campos, C. & Turato, E. (2009). Content analysis in studies using the clinical-qualitative method: application and perspectives. *Rev Latino-am Enfermagem*, 17, 2, 259-64. Doi: org/10.1590/S0104-11692009000200019. Retirado em 19 de Outubro através de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692009000200019&script=sci_arttext

Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores.

Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.

Cooper, A. (1986). Narcissism. In Morrison, P. (ed.). *Essential papers on narcissism*. (13-143). New York Univ. Press, NY and London.

Feeney, A. & Noller, P (1990). Attachment Style as a Predictor of Adult Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 2, 281-291. Retirado em 26 de Fevereiro de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Freud, S. (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIV* (pp. 81-108). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII* (pp. 81-145). Rio de Janeiro, Imago.

Gil, A. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (pp. 46-54; 130-133). São Paulo, Editora Atlas.

Grinblat, H. (2004). Os Mitos de Origem: Considerações sobre a Constituição Narcísica do Casal. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 3. Retirado em 11 de Agosto de 2012 através de

<http://www.contemporaneo.org.br/artigos/artigo100.pdf>

Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently*. (19-39) London: SAGE Publications.

Elo, S. & Kyngäs, H. (2007). The qualitative content analysis process. *Journal of Advanced Nursing*, 62, 1, 107–115. Doi: 10.1111/j.1365-2648.2007.04569.x

Kealy & Ogrodniczuk, 2011, D. & Ogrodniczuk, J. (2011). Narcissistic Interpersonal Problems in Clinical Practice. *Harv Rev Psychiatry*, 19, 6, 290-301. Doi: 10.3109/10673229.2011.632604 Retirado em 11 de Agosto de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1974a). Barriers to Falling and Remaining in Love. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 22, 3, 486-511. Retirado em 26 de Fevereiro de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1975). *Borderline Conditions and Pathological Narcissism*. Retirado em 11 de Agosto de 2013 através de http://books.google.pt/books?id=VFw_I_MZCV4C&pg=PA225&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false

Kernberg, O. (1977). Boundaries and Structure in Love Relations. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 25, 1, 81-114. Retirado em 25 de Fevereiro de 2013 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1991). Aggression and Love in the Relationship of the Couple. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 39, 1, 45-70. Retirado em 21 de Outubro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Kernberg, O. (1995a). *Transtornos graves de Personalidade: estratégias psicoterapêuticas*. Artes Médicas, Porto Alegre.

Kernberg, O. (1995b). Narcissism. In *Love Relations. Normality and Pathology* (pp.143-162). Vail-Ballow Press, New York.

Kernberg, O. (2006). *Agressividade, Narcisismo e auto-destrutividade na relação psicoterapêutica*. Climepsi Editores, Lisboa.

Kernberg, O. & Yeomans, F. (2013). Borderline personality disorder, bipolar disorder, depression, attention deficit/hyperactivity disorder, and narcissistic personality disorder: Practical differential diagnosis. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 77, 1. Retirado em 1 de Novembro de 2013 através de Scribd.

Lakatos, M. & Marconi, E. (2007). *Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas. Retirado em 10 de Dezembro de 2012 através de <http://pt.scribd.com/doc/54227861/Metodologia-Qualitativa-e-Quantitativa-Cap-8-Marconi-e-Lakatos>

Laplanche, J. & Pontalis, J. (1967/1985). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.

Maltas, C. (1991) The Dynamics of Narcissism in Marriage. *Psychoanalytic Review*, 4, 78, 567-581. Retirado em 21 de Outubro de 2012 através de EBSCO Host Academic Search Elite data-base.

Matos, A. (1983). Textos sobre o Narcisismo, Depressão e Masoquismo. *Análise Psicológica*, 4,3. Retirado em 20 de Outubro de 2012 através de [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1701/1/AP%203\(4\)%20409-424.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1701/1/AP%203(4)%20409-424.pdf)

Mijolla, A. (2005). *International Dictionary of Psychoanalysis*. Thomson Gale, USA.

Morf, C. & Rhondewalt, F. (2001). Unraveling the paradoxes of narcissism: A dynamic selfregulatory processing model. *Psychological Inquiry* 12 (4), 177-196.

Mosquera, D. (2008). Personalidades Narcisistas y Personalidades com Rasgos Narcisistas. *Persona*, 8, 2, 7-18. Retirado em 11 de Agosto de 2013 através de <http://www.centrologpsic.com/fotos/PERSONALIDADES%20NARCISISTAS%202008.pdf>

Nollet, Q. (2001). *As personalidades patológicas: Abordagem cognitiva e terapêutica*. Climepsi Editores, Lisboa.

Mello, A., Juliano, D., Collaço, G & Casagrande, J. (2006). *Metodologia da Pesquisa*. Palhoça: UnisulVirtual

Poirier, J., Clapier-Vallador, S. & Raybaut, P. (1999). *Histórias de Vida: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Ramalho, C. (s.d.). *Da biografia à história de vida – percurso de uma jovem*. Retirado em 31 de Maio de 2013 através de http://www.fpce.up.pt/iiijornadashistoriasvida/pdf/2_Da%20biografia%20%E0%20historia%20de%20vidaPDF.pdf

Rios, I. (2008). O amor nos tempos de Narciso. *Comunicação Saúde Educação*, 25,12, 421-426. Retirado em 4 de Abril de 2013 através de <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n25/a16v1225.pdf>

Silva, C., Gobbi, B. & Simão, A. (2004). *O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método*. Retirado em 18 de Outubro de 2013 através de http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/44035/2/revista_v7_n1_jan-abr_2005_6.pdf

Spindola, T. & Santos, R. (2003). Trabalhando com a história de vida: Percalços de uma pesquisa(dora?). *Rev Esc Enferm USP*, 37, 2, 119-126. Retirado em 31 de Maio de 2013 através de <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf>

Vala, J. (1999). Análise de Conteúdo. In Pinto, J. (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais* (101-128). Porto, Edições Afrontamento.

Vilelas, J. (2009). Estudos da investigação. In Robalo, M., *Investigação - O processo de construção do conhecimento* (pp. 100-231). Lisboa: Edições Sílabo.

Anexos

Anexo A. Solicitação da autorização do hospital para a realização da investigação (requerida à administração do hospital e à comissão de ética)

Cátia Sandiães

Estagiária Académica de Psicologia Clínica

Aluna do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA

Presidente da Comissão de Ética
Hospital X

Torre da Marinha, 11 de Março de 2013

Assunto: Pedido de recolha de amostra para Tese de Mestrado

Ex. Senhor,

Eu, Cátia Filipa Saraiva Sandiães, aluna do 5º ano do Mestrado Integrado de Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) e estagiária académica do Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental do Hospital X, venho por este meio, e no âmbito do seminário de tese orientado pela Prof. Doutora Maria Teresa Neves, solicitar a autorização da Comissão de Ética do hospital para recolher a amostra da tese de mestrado no Serviço de Psiquiatria e Saúde Mental.

A investigação que vou realizar pretende compreender o vínculo amoroso de pessoas com personalidade narcísica. Esta investigação é relevante devido à necessidade crescente de na prática clínica se conhecer cada vez melhor este tipo de personalidade que tem vindo a aumentar ao longo dos anos (Cooper, 1986), assim como pela ausência de investigações realizadas com pessoas com este tipo de personalidade e pela escassa literatura recente sobre tema.

Aos participantes ser-lhes-á entregue o consentimento informado que deverão preencher antes de participarem na investigação. A estes assegura-se o anonimato, a confidencialidade dos dados transmitidos (que apenas serão utilizados para a investigação) e todos os princípios do Código Deontológico dos Psicólogos Portugueses que se apliquem à situação de investigação.

Sem mais nenhum assunto,

Com os melhores cumprimentos,

Cátia Sandiães

Anexo B. Consentimento Informado entregue aos participantes

Eu Cátia Sandiães, aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA-IU) estou a realizar um estudo, no âmbito da tese de mestrado, para tentar compreender de que forma as escolhas amorosas se ligam ao funcionamento psíquico.

A recolha de dados será efetuada através de entrevistas que serão gravadas. Para tal solicita-se a autorização aos participantes para se gravar os dados em áudio.

É importante ainda referir que a identidade do participante permanecerá confidencial, que este poderá desistir em qualquer momento do estudo, que os dados recolhidos apenas serão utilizados para o estudo e que a participação no estudo será gratuita.

Enunciados todos estes parâmetros, venho assim solicitar o seu consentimento por escrito para participar neste estudo.

Eu, _____,
aceito participar no estudo sobre “Funcionamento psíquico e Escolhas Amorosas” realizado por Cátia Sandiães, aluna de 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, no ISPA-IU. Declaro que fui informado (a) sobre objetivos e procedimentos a serem garantidos, assim como confidencialidade e anonimato.

_____ Data ____/____/____

Assinatura do participante

_____ Data ____/____/____

Assinatura do(a) investigador(a)

Anexo C. Questionário sociodemográfico

Dados Sociodemográficos

Nome:

Idade:

Local de Nascimento:

Habilitações literárias:

Profissão:

Estado Civil:

Solteiro

Casado

União de fato

Viúvo

Namora

Tem irmãos?

Sim Quantos? _____

Não

Tem filhos?

Sim Quantos? _____

Não

Com quem reside?

Sozinho

Pais

Companheiro (a)

Companheiro (a) e filhos

Outro _____

Anexo D. Protocolos da prova projectiva Rorscharch

Protocolo Cristóvão

40'

Respostas Espontâneas	Inquérito	Cotação
<p>I 63'' Sim mas isto...</p>		
<p>1 – Parece-me um raio X à primeira</p>	<p>Pelo preto e branco; vertebrae do lado direito e esquerdo (inclusão do branco- Ddbl) e as massas (D laterais)</p>	<p>Gbl FC' Rad</p>
<p>2 – Umhas vertebrae</p>	<p>D laterais e Ddbl central (ambos)</p>	<p>Gbl F+ Anat</p>
<p>3 – Posso com profundidade... (precaução verbal) uma cara, dois olhos, duas orelhas completamente desfigurada</p>	<p>Olhos (Ddbl superior), orelhas (D laterais)</p>	<p>Gbl F+ Hd</p>
<p>4 – Uma imagem disforme</p>	<p>(na mancha toda) por ser inacabada, falta completar para ter significado. É muito vago para ser conclusivo</p>	<p>G F± Abs</p>
<p>5- Uma borboleta</p> <p>Parece-me bem... (comentário subjetivo) 1'44''</p>	<p>(na mancha toda, sem incluir o branco) Nenhuma me diz nada (cartões), uma ou outra é que me diz.</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>II 37'' (sussurra) Eu não sei... (precaução verbal) Fico um pouco assustado por não ver nada que eu consiga identificar com uma realidade. (tendência choque) 6 – Uma borboleta De resto não tenho nenhum sentimento para esta imagem. (comentário subjetivo) 1'42''</p>	<p>Pela forma (vermelho inf.), a cor ajuda a destacar um pouco.</p> <p>No conjunto não vejo nada. (negação)</p>	<p>D FC A</p>

<p>III 27'' 7 – Imagens de imagiologia... de Tac's. É difícil de perceber o que está, só especialistas é que os conseguem perceber. (comentário subjetivo)</p> <p>Mais não consigo ver. (crítica de si) Todas as imagens do lado direito e esquerdo são iguais. (observação simetria)</p> <p>1'13''</p>	<p>Quando recebemos os relatórios dos Tac's e das ressonâncias há inúmeras imagens e nós não percebemos. Os especialistas destacam determinada área a dizer se está bom ou mau. (comentário subjetivo)</p> <p>Na diferença de cor, do cinzento claro e escuro para destacar as diversas densidades do nosso corpo (parte mais clara e escura) (D inferior em baixo do vermelho central).</p> <p>R.A. Não gosto do vermelho, vermelho escorrido no papel.</p>	<p>D F± Anat → Clob</p> <p>(R.A.: D C Mancha)</p>
<p>IV 6'' (sussurra) Faz-me um pouco de aflição. Não gosto do que vejo. (tendência choque) 36''</p>	<p>Não gosto. (comentário subjetivo)</p>	<p>Recusa</p>
<p>V 4'' 8 – Uma borboleta. 16''</p>	<p>(na mancha toda) a cabeça (D sup.), as asas (D lateral) e aquilo que as borboletas têm (Dd inf.)</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VI 19'' (sussurra) Tal e qual como a “anti penúltima” faz-me aflição. (tendência choque) 42''</p>	<p>Tem imagens que me deixam algo incomodado. Aqui fui obrigado a olhar, lá fora não olharia duas vezes. (tendência choque)</p>	<p>Recusa</p>
<p>VII 39'' 9 – Partes de um mapa. Zonas geográficas. O lado esquerdo e direito são iguais. (observação simetria) 1'9''</p>	<p>(1º terço da imagem) Mas tenho de me esforçar muito. Recortadas.</p>	<p>G F± Geo</p>

<p>VIII 24'' Vejo aqui... (precaução verbal) 10 – Dois animais. 1'2''</p>	<p>(Rosas laterais)</p>	<p>D F± Geo</p>
<p>IX 36'' Não. 39''</p>	<p>(Abana a cabeça a dizer que não)</p>	<p>Recusa</p>
<p>X 42'' 11 – São imagens que... Fazem-me estar um pouco... Há determinadas imagens, não estas, que me fazem confusão. Imagens pequeninas, chegadas fazem-me confusão. Nas últimas três imagens notei que havia o colorido. (comentário subjetivo) 1'59''</p>	<p>Quantidade de cores diferentes... São manchas, são borrões, não consigo visualizar aqui... (comentário subjetivo)</p>	<p>(D)G C Abs</p>

Prova das Escolhas

(+)

II – Porque consegui identificar a borboleta completamente. Foi rápido de identificar na imagem. No todo foi difícil de identificar (referindo-se aos cartões todos).

V- Foi a mais evidente, falta um bocadinho de cor.

(-)

IV – Faz-me lembrar imagens do sobrenatural.

VI – É uma imagem feia.

Inquérito dos Limites

É possível ver personagens neste cartão?

III – Não (hesita; parecia que ia responder sim mas termina com o não).

Psicograma

<p>R= 11 ↓</p> <p>Recusa= 3 (IV; VI; IX)</p> <p>Temp. Tot.= 40' →</p> <p>Temp./Res.= 4' ↑</p> <p>Temp. lat. Med.= 34'' ↑</p> <p>Sucessão - Relaxada</p> <p>T. Apreensão - \bar{G} D Dd Dbl Do</p> <p>T.R.I. - 0K / 2,5 C</p> <p>F. Comp. - 0k / 0E</p> <p>RC% - 18% ↓</p> <p>I.A. - 18% ↑</p> <p>Prova das Escolhas</p> <p>(+) II; V</p> <p>(-) IV; VI</p>	<p>G- 7</p> <p>D- 4</p>	<p>$\Sigma F= 10$</p> <p>F₊= 6</p> <p>F₋= 1</p> <p>F_±= 3</p> <p>FC= 1</p> <p>FC'=1</p> <p>K- 0</p> <p>Kp- 0</p> <p>Kan- 0</p> <p>C= 1</p>	<p>A- 4</p> <p>H- 0</p> <p>Hd- 1</p> <p>Anat- 2</p> <p>Abs- 2</p> <p>Geo- 1</p> <p>Rad- 1</p> <p>Elementos</p> <p>Qualitativos:</p> <p>Comentário subjetivo - 7</p> <p>Precaução verbal - 3</p> <p>Crítica de si - 1</p> <p>Observação simetria - 2</p> <p>Tendência choque - 4</p>	<p>G%= 64% ↑</p> <p>D%= 36% ↓</p> <p>F%= 90% ↑</p> <p>F₊%= 75% →</p> <p>F₊%a= 77% →</p> <p>A%= 36% →</p> <p>H%= 9% ↓</p> <p>Ban- 3 ↓</p>
---	---------------------------------------	--	--	--

Eixo de análise- Narcisismo

Caraterísticas:

Identidade e ameaça da continuidade do ser

“Cristóvão” demonstra ter uma identidade pouco coesa, evidenciado pela dificuldade em reconhecer a figura humana (ausência de respostas humanas), assim como pela sua necessidade extrema de investir nos contornos dos cartões (percentagem de respostas globais elevadas). Acresce ainda uma percentagem de respostas formais (F%) elevada e uma percentagem de respostas de boa qualidade formal (F+%) dentro da média o que nos remete para a necessidade do estabelecimento de barreiras firmes entre o dentro e o fora, assim como, a necessidade de recorrer a condutas objetivas de forma a evitar a emergência de conteúdos latentes (Chabert, 2000).

Ao longo da prova surge um carácter muito assustador e perturbador associado às respostas de “Cristóvão”, que passam pela utilização de conteúdos anatómicos que remetem para o interior do corpo, para uma angústia de fragmentação, para uma angústia da continuação do ser (Chabert, 1998). Alguns exemplos deste tipo de respostas são as respostas muito primitivas como “vertebras”, que associadas a um sentimento de incompletude (I.” Imagem disforme. Por ser inacabada, falta completar para ter significado.”), leva-nos a pensar numa preocupação na continuidade do ser, por parte de “Cristóvão” já que as fronteiras entre o Eu e o não-Eu parecem desaparecer face a determinados estímulos externos que desencadeiam intensas angústias (Chabert, 1998).

Ao nível da identidade sexual, esta parece ser frágil, não se percebendo se “Cristóvão” se identifica com o género masculino ou feminino, já que para que exista uma identidade sexual definida o sujeito tem que se confrontar com a diferença, que neste caso é anulada através das respostas simetria e do não reconhecimento da dualidade (Chabert, 2000). Isto vai ao encontro à recusa ao cartão VI que remete para a identificação com um dos géneros assim como com uma atitude mais ativa ou passive.

A recusa ao cartão IV leva-nos a pensar numa dificuldade em lidar com uma figura poderosa, tendo em conta todas as fragilidades identitárias de “Cristóvão” percebesse a dificuldade deste em lidar com uma imago poderosa que de alguma forma expõe as suas vulnerabilidades.

Relação de objeto

O não reconhecimento da bilateralidade nos cartões bilaterais remete-nos para uma dificuldade em reconhecer a dualidade, em reconhecer o outro como um ser diferenciado (Chabert, 1998). Isto associado a uma necessidade constante de fazer referência à simetria dos cartões aponta-nos para dificuldades de diferenciação do outro, sendo este outro é visto como um especular assim como uma forma de negar a dimensão conflitual dos relacionamentos (Chabert, 2000).

Neste protocolo também se observa uma clivagem entre “especialistas” e “nós” (onde se inclui a examinadora). Atribuindo aos especialistas um estatuto valorizante, e desvalorizando-se a si e a mim de alguma forma. O que demonstra o seu desejo de anular a diferença existente entre ambos.

O relacionamento tanto com a figura paterna como materna parece evocar dificuldades em lidar com uma figura potente, autoritária que de acordo com a entrevista de “Cristóvão” se percebe que essa figura é o seu pai. E com a mãe verifica-se uma dificuldade em separar/diferenciar, algo observável na sua necessidade de frisar a simetria do cartão, a sua semelhança (e.g. VII “O lado esquerdo e direito são iguais.”).

Importância cor

A sensibilidade ao branco e preto remete-nos para uma vulnerabilidade ao vazio e por outro lado para uma necessidade de preenchimento (Chabert, 1998). Estas cores que induzem associações depressivas ainda parecer estar ligadas a fantasmas de morte (Chabert, 2000) que no caso de “Cristóvão” surgem na sua preocupação com o corpo. Já a utilização do vermelho acaba por ser uma forma de delimitar a resposta, indicando-nos assim uma dificuldade de “Cristóvão” em lidar com as suas pulsões agressivas (e.g. III. “Não gosto do vermelho, vermelho escorrido no papel.”) assim como a existência de um retraimento libidinal (Chabert, 1998/2000). Face aos cartões pastel “Cristóvão” inicialmente dá uma resposta que pela configuração do cartão é dada com frequência, defendendo-se dessa forma das solicitações latentes do cartão (Chabert, 1998). Em seguida recusa o cartão IX que nos remete para conteúdos mais primitivos e por ultimo no cartão X face à dispersão tenta dar uma resposta global mas sem sucesso, posto isto, podemos dizer que “Cristóvão” não conseguiu aceder ao movimento regressivo (Chabert, 2000).

Respostas Espontâneas	Inquérito	Cotação
<p>I 12’’ Uma palavra que defina isto né? (comentário subjetivo) 1- Anjos. 2-Demónios.</p> <p>28’’</p>	<p>Parece-me ser um corpo com as mãos no ar. Ao centro um anjo com as mãos no ar. Os demónios (preto lateral).</p>	<p>D kp (H)</p> <p>D F+ (H)</p>
<p>II 22’’ Lembro-me de tudo isto... (comentário subjetivo) 3- Parecem-me duas geishas frente a frente.</p> <p>43’’</p>	<p>O dorso, a vestimenta toda, a forma delas se apresentarem sempre submissas e as duas frente a frente.</p> <p>R.A. E aqui uma borboleta. Não é que eu tenha alguma coisa com borboletas, nem é o meu animal preferido (vermelho inferior).</p>	<p>G F+ H</p> <p>R.A. D F+ A</p>
<p>III 11’’ 4- Duas mulheres à volta de um cesto.</p> <p>5- Uma borboleta no meio como na imagem anterior junto ao cesto.</p> <p>39’’</p>	<p>Mulheres africanas talvez, pela postura. Ao meio parece-me um cesto.</p> <p>E uma borboleta, um laço entre elas.</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F+ A</p>
<p>IV 12’’ 6- Este parece-me aqueles monstros dos desenhos animados que os miúdos vêm aos sábados e domingos de manhã.</p> <p>28’’</p>	<p>Aqueles bonecos todos articulados, a cabeça pequenina e o tronco todo...o resto do corpo é mais ostensivo, querer mostrar poder (cartão todo).</p>	<p>G F+ (H)</p>
<p>V 4’’ 7- Um morcego feio, ainda por cima. Mais nada</p> <p>28’’</p>	<p>Acho que não há morcegos bonitos. Asas de morcego, pelo que conheço de morcego, a cabeça, os pezinhos.</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI 7'' 8- Parece-me aqueles...aquelas peles indígenas, com aqueles paus tribais que eles têm, com pedras.</p> <p>44''</p>	<p>Parece-me aquelas peles como se tivessem nas paredes, aqueles paus tribais que usam na parte superior têm penas.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>VII 13'' 9- Dois rostos femininos frente a frente. É só.</p> <p>45'</p>	<p>Aqui a forma...Duas pessoas gêmeas porque são idênticas, com o carapito na cabeça, só metade do corpo. Não sendo idênticas são parecidas (1º terço).</p>	<p>D F+ H</p>
<p>VIII 13'' 10- Ah...A parte central não me diz nada, a parte lateral parecem-me dois ratos, duas toupeiras como se estivessem a subir.</p> <p>45''</p>	<p>O formato. Parecem-me ser duas toupeiras tanto de um lado como de outro, como se estivessem a escalar alguma coisa.</p> <p>R.A. Uma carcaça, poderá dar a ideia de uma carcaça (cinzento).</p> <p>R.A. Pedra (cinzento). Depois não consigo fazer a ligação com o resto.</p>	<p>D F+ A Ban</p> <p>R.A. D F± A</p> <p>R.A. D F+ Frag</p>
<p>IX 24'' Este confesso não me diz nada. Não sei as cores, não me diz nada.</p> <p>43''</p>	<p>Só vejo três cores: laranja, verde e rosa em formas abstratas. (nomeação cor)</p>	<p>Recusa</p>
<p>X 23'' Aqui só vejo cores, não consigo ver formas...Não diz mais nada. (comentário subjetivo)</p> <p>45''</p>	<p>Parecença à anterior, vejo as cores mas sempre de forma abstrata. Não consigo visualizá-las numa forma. (comentário subjetivo)</p>	<p>Recusa</p>

Prova das escolhas

(+)

I- Neste momento anjos e demónios. Pela vontade de espantar os demónios, as coisas menos boas que possam estar à nossa volta.

VI- Gosto de índios de coisas tribais, nunca fui muito à bola com cowboys, é algo que vi em filmes e já tive a oportunidade de trabalhar...faz-me lembrar coisas boas.

(-)

II- Faz-me lembrar as tais geishas e a submissão, a desvalorização do ser humano. E eu não gosto de submissão.

IV- Porque não gosto de coisas que se impõem pela força ou pela agressividade, gosto das coisas mais suaves. Gosto mais do Tom Sawyer.

Psicograma

<p>R= 10 ↓ Recusa= 2 (IX; X) Temp. Tot.= 30' ↓ Temp./Res.= 3' ↑ Temp. lat. Med.= 14'' ↑</p> <p>Sucessão – relaxada T. Apreensão – <u>G</u> D Dd Dbl Do T.R.I. – 0K / 0C F. Comp. – 1k / 0E RC% - 0 I.A. – 0</p> <p>Prova das Escolhas (+) I;VI (-) II; IV</p>	<p>G- 5 D- 5</p>	<p>$\sum F= 8$ F+ = 8 F- = 0 F± = 0</p> <p>K=1 kp = 1</p>	<p>A- 3 H- 3 (H)- 3</p> <p>Elementos Qualitativos:</p> <p>Comentário subjetivo – 4 Nomeação cor-1</p>	<p>G%= 56% ↑ D%= % ↓</p> <p>F%= 80% ↑ F+%= 100% ↑</p> <p>A%= 33% ↓</p> <p>Ban- 3 ↓</p>
--	-------------------------------------	---	--	--

Eixo de análise- Narcisismo

Caraterísticas:

Identidade e ameaça da continuidade do ser

“Cristina” demonstra ter uma identidade pouco coesa, em que existe uma necessidade de ter limites bem definidos, algo observado pela elevada percentagem de respostas globais, em que o cartão é apreendido no seu todo. Isto associado a uma percentagem de respostas formais (F%) e a uma percentagem de respostas de boa qualidade formal (F+%) elevadas remete-nos para a necessidade do estabelecimento de barreiras firmes entre o dentro e o fora assim como à necessidade de recorrer a condutas objetivas de forma a evitar o surgimento de conteúdos latentes (Chabert, 2000).

O fato de existir um reconhecimento da figura humana indica-nos que “Cristina” reconhece a figura humana e se identifica com ela. Porém parece associar-lhe um caráter assustador, já que num cartão que remete para a identidade associa o adjetivo feio (e.g. V “Um morcego feio, ainda por cima.”) assim como por respostas de caráter desvitalizado, no cartão VI “peles indígenas”, resposta que nos remete para uma falha na estruturação do ego numa fase inicial do desenvolvimento (Anzieu, 1995).

As respostas pele, como “carapaça” (VIII), demonstra-nos que “Cristina” tem uma necessidade de ter um envelope psíquico protetor, que proteja o seu interior depositário de bons conteúdos dos ataques advindos do exterior (Anzieu, 1995).

A recusa ao cartão X leva-nos a pensar numa dificuldade em lidar com a dispersão em se organizar perante um estímulo regressivo que apela a conteúdos mais primitivos, o que é comum numa pessoa que apresenta dificuldades ao nível da coesão da identidade (Chabert, 1998).

Relação de objeto

O outro surge ao longo deste protocolo sempre como um especular, quer pela não diferenciação física (e.g. II. “Parecem-me duas geishas frente a frente.”), quer pela atribuição do caráter gemelar (VII. “Dois rostos femininos frente a frente.” No inquérito “(...) Duas

pessoas gêmeas porque são idênticas (...)). Ao afirmar os dois “Cristina” pretende manter a unicidade, já que os dois não são vistos como diferenciados (Chabert, 2000).

Ao longo do protocolo fica patente a oposição entre submissão (e.g. “(...) sempre submissas (geishas) e as duas frente a frente”) e poder (e.g. IV. Aqueles bonecos todos articulados, a cabeça pequenina e o tronco todo...o resto do corpo é mais ostensivo, querer mostrar poder”). Posições que parecem ser difíceis de lidar, para “Cristina” a submissão segundo refere na prova das escolhas, II.” Faz-me lembrar (...) a submissão, a desvalorização do ser humano. E eu não gosto de submissão”, e o poder, como refere na prova das escolhas “ (...) não gosto de coisas que se impõem pela força ou pela agressividade (...). Com a entrevista realizada a “Cristina” percebe-se que as geishas representam a sua mãe, a submissão que esta não consegue admitir em si e que os bonecos representam o seu pai, que representa o poder, a autoridade em oposição à sua mãe.

Face ao cartão IV que nos remete para uma imago poderosa, “Cristina” desvaloriza-a atribuindo-lhe um carácter de desenho animado. Esta ainda demonstra dificuldade em lidar com esta (prova das escolhas: IV. Porque não gosto de coisas que se impõem pela força ou pela agressividade, gosto das coisas mais suaves. Gosto mais do Tom Sawyer.), o que parece se dever às dificuldades com figuras poderosas que exponham a sua vulnerabilidade (Kernberg, 1995b). Ao atribuir um carácter irreal à imago parental está a evitar lidar com as pulsões que surgem face à mesma (Chabert, 2000). O fato de referir “gosto mais do Tom Sawyer”, que era um desenho animado rebelde, insubmisso mas órfão, leva-nos a pensar numa relação com a figura parental conflituosa em que “Cristina” não se submete à autoridade do pai.

Perante o cartão VII que nos remete para a relação com a figura materna (Chabert, 1998), constata-se a dificuldade de “Cristina” se diferenciar da sua mãe (e.g. VII. “Duas pessoas gêmeas porque são idênticas, com o carapito na cabeça, só metade do corpo”), o que nos pode levar a pensar numa fantasia de fusão com o objeto materno (Anzieu, 1995).

A recusa ao cartão IX leva-nos a pensar em dificuldades em lidar com o regressivo, com conteúdos mais arcaicos o que vai ao encontro da possível dificuldade de separação/diferenciação do objecto materno.

Importância da cor

“Cristina” não inclui as cores nas suas respostas, o que nos remete para um evitamento para entrar em contato com os seus afectos (cores pastel) assim como com as suas pulsões libidinais e agressivas. Este evitamento é uma forma de “Cristina” utilizar barreiras contra excitações externas ou contra conteúdos internos (Chabert, 1998).

O vermelho surge nas suas respostas apenas como um delimitador da imagem constatando-se assim um retraimento pulsional que surge como uma defesa para que o sujeito não seja invadido por excitações (Chabert, 2000).

Face ao contato com as cores pastel, “Cristina” inicialmente dá uma resposta que pela estrutura do cartão é comum, uma banalidade (VIII) e posteriormente recusa o cartão IX e X que são cartões que apelam a conteúdos mais regressivos (Chabert, 1998), remetendo para as dificuldades da participante em elaborar problemáticas precoces de forma satisfatória, bem como, em construir uma identidade suficientemente sólida que pudesse lidar com a dispersão, sem que isso se traduzisse na desorganização de “Cristina”.

Respostas Espontâneas	Inquérito	Cotação
<p>I 14’’ Sei o que é mas não me lembro do nome... andam de noite, mas não me lembro do nome...quando vamos para a caça elas estão nas árvores. Se for preciso daqui a bocado lembro-me do nome. (comentário subjetivo)</p> <p>1’23’’</p>	<p>São o género de uns pássaros com as coisas grandes, largas. Pela cor. As asas largas e isto aqui (eixo) preto, todo.</p> <p>Um morcego.</p>	<p>Recusa</p> <p>R.A. G C’F A Ban</p> <p>R.A. G F+ A Ban</p>
<p>II 29’’ 1-Isto são coelhos? Não. (Negação) Isto não lhe consigo dizer o que é. (comentário subjetivo)</p> <p>56’’</p>	<p>Quando se tiram as peles deles, é pele de coelho. (inclusão do branco intramacular)</p>	<p>D bl FE A Ban</p>
<p>III Bate com a mão no cartão 1’3’’ Não estou a ver filha, estas coisas não consigo compreender.</p> <p>1’19’’</p>	<p>Faz-me lembrar os bichos que andam em Lisboa, onde os miúdos vão ver os animais e nós também. No brasil há muito disso. Esqueço-me das coisas todas... já me lembro macaco. (vermelho superior)</p>	<p>Recusa</p> <p>R.A. D F- A</p>
<p>IV 17’’ 2-Parece-me pêlo de raposo. Não é filha?</p> <p>1’5’’</p>	<p>Aponta para o eixo central. Tiramos a pele de raposo para pôr nos casacos. Esta parte branca devia ser tudo ligado, pode ser o rabo.</p>	<p>G FE A</p>

<p>V 42'' Vão a voar? Filha não estou a conseguir. 3- Uma águia não? Refiro que não existem respostas certas/erradas. Assim não conheço. 1'45''</p>	<p>Parece-me uma águia por causa das pernas. Elas têm umas asas grandes.</p>	<p>G F+ A</p>
<p>VI 16'' 4- Um borrego, uma pele de borrego. Esta parece que é pele. 45''</p>	<p>Esta parte toda (laterais) e esta parte da cabeça (parte superior). Esta parte é os rabos já tirados (detalhe inferior).</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VII 11'' 5- Esta...são peles de coelhos...não!? É filha? De vaca não deve ser. 1'</p>	<p>Estas são iguais. (observação simetria) Antigamente tiravam-se muitas e punham-se a secar.</p>	<p>G FE A</p>
<p>VIII 20'' 6- Quero me lembrar do nome deles mas não consigo... Vão lá para cima, para as árvores...é o...sei o que é mas não consigo filha. Ali em Lisboa está as coisas dele...javali, como é que é? 1'37''</p>	<p>O javali não deve ser porque andam no chão. Macacos em cima das árvores. (rosa)</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>IX 18'' Também não consigo. Ainda há mais? 25''</p>	<p>Não me diz nada, nada.</p>	<p>Recusa</p>

X 25'' 7- Isto é peixes... parece que estão dois peixinhos aqui. 53''	Castanho	D F- A
---	----------	---------------

Prova das Escolhas:

(+)

VI; VIII- pensei que eram animais

(-)

IV- Não estou a conhecer o que é.

IX- porque não consigo compreender o que será.

Inquérito dos Limites:

III- sim com sapatos

o fora, permitindo ao sujeito diferenciar-se do mundo envolvente (Chabert, 1998). Este tipo de resposta remete para uma necessidade de restabelecer o sentimento de se estar intato e coeso. A resposta pele assume a função de criar uma barreira que proteja o interior que tem conteúdos bons do exterior, das agressões dos outros (Anzieu, 1995). A referência recorrente ao eixo central dos cartões que parece ser uma forma de ter um suporte a que o sujeito se possa agarrar (Chabert, 1998).

A associação de respostas esbatimento de textura (e.g. respostas pele) aos determinantes leva-nos a pensar numa necessidade de um continente associada a uma necessidade de toque que nos reenvia para relações primitivas e para a necessidade deste na criação de uma imagem corporal e psíquica coesa (Chabert, 1998). A pele surge como uma necessidade de ter uma segunda pele que delimite o dentro e o fora, o que é interno do que é externo (Chabert, 2000).

A utilização recorrente de respostas que colocam em oposição poder e desvalorização, exemplo no II “coelho” e no V “águia” remete-nos para a presa e para o predador, e o fato de existir uma oscilação entre uma posição de poder e de submissão remete-nos para a importância destas características num funcionamento narcísico (Maltas, 1991).

O não reconhecimento da figura humana vai ao encontro da dificuldade identitária de “Jorge” já que este não consegue reconhecer a figura humana nem se identificar com esta (Chabert, 1998).

As recusas nos cartões I, III e IX apontam-nos para as dificuldades identitárias de “Jorge” já que para se darem respostas a estes cartões é necessário ter referências de um todo unificado e coerente, algo que “Jorge” demonstra não ter (Chabert, 2000).

Relação de objeto

O reconhecimento da bilateralidade no cartão II acaba por ser anulada já que este surge como especular (e.g. II. “São coelhos?” e no inquérito “Quando se tiram as peles deles, é pele de coelho”), ou seja o outro aparece como um especular e não como um ser diferenciado (Chabert, 2000). A referência constante à simetria também é uma forma de anular a diferença e conferir um caráter especular à imagem (Chabert, 1998).

Ao longo de todo o protocolo verifica-se uma oscilação entre animais mais frágeis (e.g. II. “coelho”) e animais mais fortes (e.g. V. “águia”), assim como animais a que é atribuído um caráter doce e fofo (e.g. VI. “borrego”) e outros associados à noite, a um caráter mais destrutivo (e.g. I. “morcego”). Ou seja, constata-se a presença de um movimento mais

dependente, ligado à fragilidade e outro mais onipotente ligado a imagens de força como a água que é uma característica chave nas relações de objeto deste tipo de sujeitos (Kernberg, 1995b).

Perante o cartão VII que nos remete para a figura materna, “Jorge” apresenta uma dificuldade em se diferenciar da mãe, através da resposta bilateral que depois se torna apenas unilateral. O outro aqui é considerado como um especular, e não como um ser diferente.

As recusas no cartão III e no IX remetem-nos para dificuldades relacionais já que o cartão III apela para o relacional e o IX para dificuldades em lidar com a regressão, com uma fase mais regressiva do seu desenvolvimento.

Importância da cor

O uso do recalçamento ao longo do protocolo (e.g. I. “Sei o que é mas não me lembro do nome...”) é uma forma de “Jorge” evitar entrar em contato com as suas pulsões assim como com as representações simbólicas. A inclusão do vermelho nas respostas é apenas uma forma de limitação da imagem (e.g. III. (verm inf) “(...) macaco”), verificando-se dessa forma um retraimento pulsional (Chabert, 2000).

A referência ao branco dos cartões leva-nos a pensar numa falha narcísica, para uma vulnerabilidade ao vazio e para uma necessidade de preenchimento (e.g. IV “Esta parte branca devia ser tudo ligado (...”).

Face aos cartões pastel “Jorge” demonstrou dificuldade em aceder a um movimento regressivo sem ficar mais destabilizado. Inicialmente no cartão VIII o impacto inicial foi a mobilização de um mecanismo de defesa, recalçamento, depois no cartão IX foi uma recusa o que nos remete para conteúdos mais primitivos e por último no cartão X “Jorge” face à dispersão opta por interpretar apenas uma parte do cartão, sendo isso uma forma de evitar o contato com o conteúdo latente do cartão (Chabert, 1998). Tudo isto aponta-nos para uma dificuldade de “Jorge” aceder a uma dinâmica mais regressiva, em que entra contato com os seus objetos primitivos.

Guião- Estudo do vínculo amoroso

1) Infância

- Gostaria que me falasse um pouco da sua infância.

Relação familiar

- A) Onde nasceu?
- B) Com quem morava?
- C) O que faziam os seus pais profissionalmente?
- D) Alguma vez teve alguma doença ou algum dos seus pais/pessoa próxima? Como lidou com isso?
- E) Alguma vez teve separado dos seus pais? Se sim, porquê? E como vivenciou isso?
- F) Como se davam todos em casa (pais/filhos)?
- G) Como era a sua relação com o seu pai/mãe/? Com quem se dava melhor e porquê?
- H) Existiu algum adulto importante para além dos seus pais?
- J) Como era a sua relação com os seus irmãos? Com quem se dava melhor e porquê?
- K) Tinha muitas responsabilidades/obrigações em casa? Se sim como lidava com isso?

Relacionamento dos pais

- A) Como era o relacionamento dos seus pais?
- B) Quando os seus pais discutiam envolviam os filhos nas suas discussões?
- C) Refira uma discussão marcante que se lembre.

Relacionamento com os pares

- A) Com quem brincava? E a que brincava?
- B) Tinha muitos amigos? Como era a relação com eles?
- C) Tinha algum melhor amigo? Como ele era?

Período escolar

- A) Como foi a entrada na escola?
- B) Como era a sua relação com os colegas e figuras de autoridade (e.g. professores)?

Reflexão sobre a infância

- A) Refira uma recordação que guarda da sua infância.
- B) Se pudesse mudar alguma coisa na sua infância o que seria e porquê?
- C) Quando estava triste o que fazia para se sentir melhor?
- D) Descrever-se-ia como uma criança...
- E) Qual era o seu maior medo?
- F) Com quem se identificava?

2) Adolescência

O que recorda de mais significativo da sua adolescência?

Autoconceito

- A) Como se via?
- B) O que o preocupava?
- C) Como viveu as mudanças do seu corpo?

Relacionamentos interpessoais

- A) Se nesta fase aconteceu algo de significativo no relacionamento com os seus pais?
- B) Como era o relacionamento com os seus colegas/amigos?
- C) Como era estar em grupo?
- D) Como foram as primeiras relações amorosas? E as seguintes?

3) **Idade adulta**

- Como é a sua vida agora?

Sobre si

- A) O que gosta de fazer nos seus tempos livres?
- B) Como se descreve?
- C) O que não mudaria na sua vida? E o que mudaria?
- D) Qual o seu maior medo?

Ocupação Profissional

- A) Gosta do que faz? Se não o que gostava de fazer?
- B) Como se relaciona com os colegas e as figuras de autoridade?

Vida Familiar/ Conjugal

- A) Atualmente como é a relação com os seus pais?
- B) Como é a relação com o seu companheiro(a)? Como o descreve?
- C)Quais são os seus planos para o futuro com o seu companheiro(a)?
- D)Como seria o seu par ideal?
- E)Como é a relação com os seus filhos?

Relacionamento com os pares

- A) Tem muitos amigos? Estabelece um contato regular com eles? O que fazem quantos estão juntos?
- B) Como descreve o seu amigo mais próximo?
- C) Que tipo de características não gosta nas outras pessoas?

Anexo F. Categorias de análise

Categorias

C1. Elementos estruturais do narcisismo

C1.1 Representação do self

C1.1.1 Dimensões mais integradas do self

C1.1.2 Self vulnerável

C1.1.3 Self grandioso

C1.2 Ego ideal vs. Ideal do Ego

C1.3 Objecto idealizado vs. Objecto desvalorizado

C2. Relação com os objectos primários

C2.1 Representação do objecto materno

C2.2 Representação do objecto paterno

C2.3 Posicionamento face ao casal edipiano

C2.4 Relação entre pais

C3. Escolha de objecto amoroso

C3.1 Objecto total vs. Objecto parcial

C3.2 Escolha de objecto anaclítica

C3.3 Escolha de objecto narcísica

C3.3.1 Gemelar

C3.3.2 Oposto

C3.3.3 Ideal

C3.3.4 Evitamento do contato

C3.3.5 Desvalorização do relacionamento

C3.3.6 Controlo do outro

C3.4 Agressividade auto-infligida vs. Infligida ao outro

C3.5 Ruturas e Separações

C4. Outras relações self/objeto importantes

C4.1 Relação com figuras de referência/familiares próximos

C4.1.1 Relacionamento de dependência

C4.1.2 Evitamento do contato

C4.1.3 Conflitos

C4.1.4 Importância do Estatuto

C4.1.5 Ruturas/Mudanças relevantes

C4.2 Relação com os filhos

C4.2.1 Desvalorização/ataque

C4.2.2 Evitamento

C4.2.3 Dependência

C4.2.4 Prolongamento narcísico

C4.3 Relação com amigos/colegas

C4.3.1 Procura da proximidade

C4.3.2 Evitamento do contato

C4.3.3 Controlo do outro

C4.3.4 Conflitos

C4.3.5 Competição

C4.4 Relação com figuras de autoridade

C4.4.1 Submissão

C4.4.2 Confronto

C4.4.3 Superioridade

C4.4.4 Mudanças

Anexo G. Entrevistas histórias de vida

O “Cristóvão” já tinha sido avaliado anteriormente por mim, na sequência do estágio acadêmico e como o teste projectivo Rorschach já tinha sido administrado procedeu-se logo à entrevista, depois de explicitado o objetivo do estudo, compreender o vínculo amoroso que as pessoas estabelecem e a interligação dessa escolha com o seu funcionamento psíquico e assinado o consentimento informado. A entrevista foi dividida em duas partes, uma realizada no primeiro encontro e outra no segundo.

Nome: “Cristóvão”	Idade: 48 anos
Estado Civil: casado	Número de filhos: 2

1ª Parte da entrevista

Entrevistadora: Sr. Cristóvão gostava que me falasse um pouco da sua infância.

Participante: Ah...Dra. Cátia eu...durantes este tempo todo em que, ah, até pode não ter grande interesse ao nível daquilo que é o estudo mas...provavelmente marcará e muito naquilo que me trouxe aqui junto da Dra. E que me tem ajudado e que, me ajudou a fazer a minha avaliação psicológica, por acaso gostava de saber também o desfecho dessa avaliação. Não querendo detalhar para já, não querendo detalhar e cingindo-me só à pergunta da minha infância ah...penso que...que a minha infância não foi uma infância feliz. A minha infância não foi uma infância feliz, foi uma infância ahhh... de alguma forma violenta, foi uma infância em que eu vi... (silêncio) violência do, gratuita do meu pai para com a minha mãe, (C2.4) ah... violência gratuita para comigo, para com a minha irmã (C2.3) ahh... educações muito, muito (silêncio), digamos que isto ultrapassa tudo aquilo que é o rígido, mas...ahh, sim fui sempre uma criança que, que sofreu de alguma forma as consequências da...da opressão de não conseguir que, ter alguém para poder falar e partilhar tal e qual como agora dou oportunidade aos meus filhos, (C1.1.2) de puderem falar comigo, ahh, e partilharem comigo. Eu digo democraticamente ahh, mas em minha casa dizia-se ahh...é uma democracia mas quem manda sou eu, portanto, ahhh... Aqui não se tratam de educações de gerações,

DIFERENTES, porque em geração diferente os comportamentos não podem ser comportamentos, razoáveis e...e tidos. (C2.3) Então até ao momento em que efetivamente ahh... casei e... vamos lá, até ao momento que desisti da escola, porque a escola para mim era um pesadelo ahh...(silêncio) e...(silêncio) porque eu era muito, digamos que eu era muito, era avaliado, era muito avaliado pelos professores ahh...era muito avaliado pela...(silêncio) pelo meu pai, muito mais ainda ah...severamente castigado pelos resultados menos bons (C.2.2) (C1.1.2) Se eu era um bom aluno, talvez não fosse, ah...se eu tinha um acompanhamento correto, um aconselhamento correto, não. (C2.1; C2.2) Não foram só maus, não, não estou a dizer que tenham sido maus, não. Eram eles, foram eles que me educaram, eu gosto deles (silêncio), isso não há volta a dar. Agora (silêncio), eu como adulto com 48 anos (silêncio), já com dois filhos adultos, um filha com 26 e outro com 19 sei perfeitamente dar valor ao que é ter uma infância ah...feliz, expressiva em que se pode perguntar ao pai, dizer ao pai (silêncio), determinadas conversas, não ultrapassando as regras da boa educação mas...tendo uma, uma, uma conversa que de alguma forma não fosse aquilo que eles estão à espera de ouvir, mas não terão de ser punidos através de...ah... da violência gratuita.(C.1.1.1)

Entrevistadora: Sr. Cristóvão quando me diz que haviam esses maus tratos do seu pai...esse clima mais conflituoso...

Participante: Era muito.

Entrevistadora: O Sr. Cristóvão e a sua irmã eram envolvidos nas discussões?

Participante: Ah...ah sim. O meu pai para com a minha mãe ah tinha um determinado tipo de comportamento, era muito agressivo, (C2.4) portanto ao nível, ele sempre foi trabalhador é verdade, é inquestionável uhh...mas...(silêncio) em casa ah... era excessivamente, excessivamente rigoroso com...com o que eu não chamo de educação, chamo medo, criava um clima de pânico em todos. (C2.2) A minha mãe quando precisava por exemplo na altura de 1000 escudos para completar o resto das compras da semana, a minha mãe ficava doente em pedir dinheiro ao meu pai, porque já sabia que o meu pai ia ficar fora de si ahh... (C2.4)

Entrevistadora: Fora de si como?

Participante: Porque achava que a minha mãe com o dinheiro que tinha deveria ser o suficiente para sustentar, era aquela, aquele tipo de gestão doméstica em que o homem dá um x por semana à mulher, e a mulher tem que, ah...podia haver uma semana ou outra em que a minha mãe não conseguisse gerir o orçamento e que lhe tivesse de pedir. Nunca se foi de gastos, nós nem nunca tivemos ainda assim, pelo contrário era uma vida de dinheiros contados sem dúvida ah... Eu tinha calças que se usavam antigamente com joalheiras em napa, quando rompia, as batas quando chegavam rotas a casa ainda levava um sova porque eu devia ter... O que é fato é que eu sempre fui uma, uma, uma...uma criança um pouco abaixo daquilo que foi ah...o crescer, o crescer saudavelmente, o crescer por mim próprio, o crescer, o crescer algumas vezes na rua. O crescer aprendendo a brincar, aprendendo a aleijar-me, aprendendo ah...ah... (silêncio) cansado até, esmurrarmo-nos uns aos outros como miúdos que não faz isso? Ah...e...o normal das crianças, e eu não tive isso. (C1.1.2) O meu pai, não tinha esse tipo de educação, surgia contra a minha mãe, eu apoiava a... o meu...a minha mãe ah...a minha irmã apoiava a minha mãe e...e ficávamos nós os três metidos naquilo. (C2.2) Se fosse comigo a minha irmã apoiava-me a mim e também ah... o meu pai surgia-se contra ela ou contra a minha mãe, portanto...agora estão bastante mais calmos, tão sozinhos, agora é completamente o contrário, o meu pai quer é que a minha mãe se divirta. Mas a minha mãe agora (silêncio), faz, faz o que pode, mas vive a vida dela porque nunca conheceu outro homem e é aquele homem que vai ter, acabar por, por e...e até acho que gosta dele. (C2.4) aquelas mulheres não existem, não existem, e pronto é um pouco disso, não... (C2.3) Comecei a trabalhar muito cedo tive só para a Dra. ter uma noção ah...eu tive do...tive aproveitamento, algum aproveitamento, aproveitamento, já tirei o secundário já com, já depois de estar a trabalhar ah...eu quando ah... eu quando transitei para o 9º ano ahh... eu disse pai eu não quero estudar mais, eu quero ir trabalhar, (emocionado) tal era o pânico de eu ter que ir estudar e saber que de fato os resultados negativos que eu pudesse trazer para casa eventualmente poderiam ser alguns apesar de não ser humm...porque eu acabava por não sair de casa, acabava por...ele também não deixava sair porque tinha medo que acontecesse isto porque eu andava na, nos maus vícios, que eu andasse, toxicodependente que isto, aquilo e “aquolotro” de qualquer forma me enclausurou humm...que eu não conheci nada, eu só conheci as coisas mesmo quando comecei a trabalhar. E comecei a trabalhar muito cedo foi quando eu disse pai eu não quero ir estudar, eu não quero estar mais neste terror, (C2.2) eu quero ir trabalhar e comecei a trabalhar aos 16 anos e aos 16 anos comecei a trabalhar e esse

dinheiro do meu trabalho eu entregava-o todo em casa, chegava ao final do mês e entregava esse dinheiro ao meu pai, portanto ahh...o meu pai dava-me... (silêncio) um x para eu ter a tal gestão que fazia com a minha mãe, se bem que eu não ganhava muito mas, era o meu dinheirinho e ele podia dizer olha pronto estas com...fica com o dinheirinho vai gerindo, tu até não gastas mal. Eu não era mal educado, quer dizer mesmo que tivesse pretensões a isso o meu pai não me deixava sequer abrir os olhos ahh... (C2.2) eu conto uma história aos meus filhos que (silêncio), que marca bem ahh...aquilo que era o cenário na altura. Eu tinha pedido ao meu pai para, para ir ao cinema mais os meus amigos a uma matine, à noite não, a uma matine à academia almadense, eu fui à academia almadense, mas na academia quando chegou perto da nossa altura para retirarmos os bilhetes, lotação esgotada. Então optamos por ir ao cinema, era cinema fomos à Incrível que são 200 metros mais à frente, fomos ali ao outro cinema e fomos ver (silêncio), o importante era estarmos juntos, queríamos...as nossas parodias eram essas, era um cineminha e...ahh...que filme é que eu fui ver? O Ben Yur, portanto a Dra. pode imaginar que um filme normal pode ter no máximo dos máximos 120 a 140 minutos, enquanto um Ben Yur tem 240, ou seja 4 horas de filme. O meu pai foi à minha procura à academia e não me viu, que eu disse-lhe que era na academia, não me viu, não me viu ahh... foi para casa, foi para casa, eu saí do cinema tranquilamente. fui ao cinema tal e qual como tinha dito à mesma. cheguei a casa ligeiramente mais tarde sem dúvida. cheguei a casa a primeira coisa que me fez foi punir-me (silêncio) batendo-me (silêncio) e depois expliquei-lhe (emocionado) pai mas eu fui ver o Ben Yur (silêncio), o filme não havia na academia, era na Incrível (silêncio), e ele olhou para mim. (C2.2) porque sabia perfeitamente que o Ben Yur tem quase mais anos de idade do que (silêncio), do que o meu pai até (silêncio) e, e, ficou (silêncio), com alguma (silêncio), digamos que...percebeu o porquê de eu ter chegado mais tarde e que eu não tinha feito nada de mal, pura e simplesmente era uma consequência de eu ter visto um filme que, que tinha um bocadinho mais de prazo (silêncio), mas a primeira forma de resolver o assunto foi...foi...no chão ao pontapé, depois perguntar o que se passou, costumo dizer que era um bocadinho como no Texas primeiro dá-se o tiro e depois perguntasse passou-se aqui alguma coisa (silêncio). (C2.2)

Entrevistadora: Isso é uma recordação marcante é isso senhor Cristóvão?

Participante: Várias mas esta é uma delas.

Entrevistadora: Ainda falando um bocadinho das discussões, quando existiam essas discussões entre o seu pai e a sua mãe vocês também eram envolvidos nelas, ou essas eram só entre os dois?

Participante: Se não de forma direta, indireta, não sei se me estou a fazer entender... ah...nada daquilo para mim e para a minha irmã era agradável, nós sofriamos. Eu lembro-me de estar, o meu pai dizia que saía de casa e em estar de joelhos agarrado às pernas e às calças do meu pai a dizer não saías de casa pai, eu sabia que havia ali um foco de instabilidade que era ele mas... eu não queria a destruição da família, eu não queria e era miúdo e já entendia isso ah... (C1.1.2) e, e... (silêncio) e pedi-lhe várias vezes pai não saías e... (C2.2) e vi a minha mãe estendida várias vezes no sofá com as capacidades motoras limitadas tendo em conta a contração dos músculos e ficar com aqueles espasmos nas mãos, (C2.4) ter uma aflição e eu ir buscar a ventoinha para a minha mãe apanhar ar, a minha mãe não conseguia, só soluçava, isto foi, foi indo portanto se não era de forma direta senão era porque havia qualquer coisa comigo, havia qualquer coisa com a minha irmã, era com...com a minha mãe e eu, eu...entrevia ou não gostava ou...não entrevia dizendo ah...discutindo com ele não, só dizia pai pára, pára, pai pára ah... (C2.2) eu lembro-me ah...que é uma coisa que também me marca ah... e que eu conto aos meus filhos ah...dou-lhes só como exemplo e eles acham que é caricato e...e...e...e ficam de alguma forma ah...abismados como é que isso pode ser mas a minha mãe às vezes tinha daqueles desabafos, eu fazia umas judiariazinhas deixa lá quando o teu pai vier eu vou-lhe contar tu andas aí a fugir aí de volta da mesa, brincadeira com a minha mãe, era mais brincadeira do que mas pronto tinha feito uma digamos uma traquinice ah...quando o teu pai vier vou-lhe contar ah...quando o meu pai vinha estava com 40° de febre na cama não havia vez NENHUMA até que a minha mãe me deixou, desistiu de dizer. (C2.2)

Entrevistadora: O que acha que lhe acontecia?

Participante: Não sei...apoderava-se de mim qualquer coisa na altura não conseguia avaliar hoje não sei (silêncio) talvez medo da reação, um modo defensivo para que...pera eu tou com febre e talvez não seja tão severo comigo (C2.2) mas eu...ninguém consegue provocar febre, quer dizer pensando hoje. E naquela altura eu, também não queria ir para a cama ter febre, queria continuar mas sentia-me logo completamente abatido e...ficava mal

disposto dava sinais e ia para a cama e à noite estava com febre, quando o meu pai chegava EU ESTAVA COM FEBRE.

Entrevistadora: Uma discussão que o tenha marcado.

Participante: (silêncio) Dra. humm...não foram poucas, não foram poucas (silêncio) a discussão que mais, que (tosse) (silêncio) infelizmente para ela, infelizmente até ahh...eu como criança como deve compreender ahh...tudo era muito marcante para mim à um episódio aqui que vou guardar e outros que são...é aquela carga que eu ahh...talvez traga até hoje que não consigo expelir apesar de... de adorar os meus pais e o que os meus pais precisarem estou lá para aquilo que for preciso mas já com adulto ahh... (C2.3) já com dois filhos pequeninos na altura ahh...eu lembro-me que fui de férias com eles e...(silêncio) estávamos numa conversa no jantar e...e eu lembro-me já como, como homem, eu fui dar comigo a fazer a mesma coisa quando era criança ahh... (silêncio) Surgiu a conversa sobre a educação sobre a forma como se trata as mulheres, as esposas e eu...achei por bem também dar alguns exemplos e era disso que se estava a falar alguns exemplos como é o caso da mãe que a mãe tinha sofrido alguma coisa nas tuas mãos. ah pronto agora estás mais ahh...mais dócil mas também de vez em quando quer dizer a conversa já era diferente eramos dois homens, dois adultos a conversar depois o meu pai não gostou não me bateu, não ahh...não é que ele tivesse algum problema de o fazer podia fazê-lo que eu também não lhe respondia, as consequências eram nenhuma, era só mais uma vez numa idade diferente (C2.2) e essa discussão marcou-me na medida que a minha mãe, a minha mãe (silêncio) ahh...ficou do lado do meu pai e eu...acho que de todos os cenários que se passou, de todos os cenários que eu ahh...achei que, que passei (C2.3), tentei aproximá-los para que nada corresse mal entre nós e que tudo se mantivesse e acho que (silêncio) por uma ínfima parte ahh...que fosse, se calhar até contribui (silêncio) desta vez fui deparar-me com a mesma coisa, que o meu pai diz “amanhã vou me meter no comboio e vou me embora”, porque eu tinha pago as férias e tinha convidado os meus pais para ir e...e eles estavam sem carro fomos com o meu carro e vou no comboio amanhã, e quando os vi de manhã estavam no comboio e eu LEMBRO-ME (silêncio), eu lembro-me de ter voltado a criança (silêncio), eu lembro-me de chorar e agarrar-me ao meu pai pedi-lhe desculpa “pai não vás, fica”, ainda me pergunto hoje (silêncio) porque é que eu não disse “pai (silêncio) acabou o teu tempo pai”. (C2.2)

Entrevistadora: Se calhar porque não queria que ele fosse embora...

Participante: Acabou o teu tempo pai (silêncio), eu sou homem, sou adulto, tenho filhos, dei-te a minha opinião aceitas se quiseres, se não quiseres não aceitas, nada disto influencia o nosso relacionamento (silêncio). Eu agarrei-me a ele e disse “pai não vás embora, por favor, fica, desculpa” e...acabou por ahh...ficar ali mais dois ou três dias ahh... muito, mas muito magoado comigo, muito, mas muito zangado comigo (Silêncio), coisa que eu não entendia, o meu objetivo principal era que ele não se fosse embora (silêncio), (C2.2) e...digamos que há uma história já pós infância mas que...que...que essa carga aqui ou ali...

Entrevistadora: Como era a relação com a sua mãe quando era mais pequeno? Com o seu pai já percebi que era um pouco conflituosa, e com a sua mãe?

Participante: Eu com a minha mãe era, era um relacionamento mais...ahh...mais calmo (Silêncio), era um relacionamento mais calmo, (C2.1) não tinha, não tinha assim grandes...eu quis sair de casa uma vez e já trabalhava, o meu pai ahh...sempre me valorizou, ele sempre disse só ganhas isso, só ganhas aquilo, só fazes isso, o outro faz aquilo, tu não fazes isto, tu não fazes aquilo ahh...hoje gaba-se de ter o filho que tem, quer dizer eu não percebo não foi propriamente pela...pelo aquilo que me passou, passou-me algumas coisas sim, passou-me algumas coisas de valor mas depois também existe a nossa ahh...a nossa personalidade, (C2.2) a qual nós achamos que devemos seguir, tanta gente que é bem-educado, que é bem tratada, que é ahh...de excelentes famílias e...acaba por depois tomar rumos que quase não se entende o porquê do terem feito, e com grandes possibilidades financeiras para poderem contornar situações e acabam por, mas isso são pormenores da vida que acontece a todos ahh...A mim acontece-me de fato, eu...não consigo, sinto-me frágil e impotente e em determinadas alturas... (C1.1.2) eu estou a fugir à questão Dra. relativamente ao, ohh...ohh...relacionamento que eu tinha com a minha mãe mas eu, a minha mãe não tenho assim ahh...grande coisa a assinalar a não ser o fato dela passava um bocadinho a mensagem daqui e ali ahh...também era um bocadinho (silêncio), se não quisesse ser, tinha que ser ahh...porque o meu pai ahh...assim a obrigava quer dizer eu era um bocadinho oprimida, (C2.1) eu tinha que estar dentro daquilo que eram os parâmetros do meu pai independentemente do meu pai estar ou não estar, (C2.2) estar ou não estar, aquela linha mais ou menos foi seguida, mas era fácil porque ahh...com a minha mãe era fácil porque eu nunca

FUI de...as diabruras que qualquer um faz e assim às vezes levava uns sopapos com é obvio, eu não queria ser um menino protegido, os sopapos no rabinho faz bem. (C1.1.1) E depois mais tarde ahh...faz bem que, que, que...que os pais tenham, possam eventualmente ter ali momentos de, de grande pressão e até de susto para eles e às vezes eles não entenderem o quê e a gente está-lhes a dar uma palmada, palmadinha mas às vezes o susto é grande que nós refletimos neles aquilo que é a nossa ansiedade, agora aqui não, aqui trava-se só de...de parâmetros (C1.1.1; C4.2.1), havia parâmetros para tudo, parâmetros que era assim...eu ajudava o meu pai por exemplo num, num trabalhinho humm...que ele fazia em casa, um bricolage e...se fizesse mal eu (silêncio), tinha que ser penalizado por isso, (C2.2) quer dizer...os outros eram todos melhores que eu, quer dizer a minha autoestima, nunca foi... (C1.1.2) e a minha mãe se, se não...só houve uma vez que de fato, foi aquela vez, oh filho não te vás embora, porque eu tava à espera que o meu pai não chegasse a casa ahh...ainda para eu ter tempo de sair, já trabalhava, já trabalhava há três ou quatro anos portanto tamos a falar (silêncio)...era eu “recibo” por baixo dinheiro por cima na...e o meu pai pegava no dinheirinho. Eu fui para a tropa, fui militar com o dinheiro que eu próprio, ahh...consegui juntar. O meu pai diz gastaste muito dinheiro na tropa, gastei muito dinheiro na tropa, gastei o dinheiro que eu tinha do meu trabalho, não pode exigir que eu também não pedi para nascer, (C2.2) porque não eram os meus filhos agora que fazem grandes asneiras e essas sim grandes asneiras mais ou menos e dizem eu não pedi para nascer, desculpa lá não quis nascer mas também ahh...que eu saiba levou-te aos melhores médicos e tu não és surdo e pelo menos bons valores eu passei-te, e se te passei esses bons valores não é isso que estás a demonstrar, tu não podes sequer dizer ouviste aquilo que eu te disse que era como, como...um ahh...bom seguir ahh...esse exemplo, se achas que esse exemplo não é de seguir então, tá na tua personalidade, intrínseco a ti és tu que vais seguir, mas daqui para fora quando tu o poderes fazer, aqui segues essas regras, mas isso é absolutamente normal porque eu acho que ninguém vive sem regras, toda a gente tem de viver sem regras ahh... (C4.2.4) por isso mesmo eu num...nunca mais estar a conseguir entrar na vida e...ahh...e não quero, não consigo, no...não vou já, chega! (C1.1.2)

Entrevistadora: Nessa altura sentia que tinha muitas responsabilidades?

Participante: (silêncio) Eu tinha algumas Dra., tinha algumas, eu fui a um (silêncio), responsabilidades?

Entrevistadora: Sim obrigações.

Participante: (silêncio) Ah tinha. Quer dizer eu não tinha ahh...digamos que tarefas específicas atribuídas, para, para fazer, tens de fazer isto, tens de fazer aquilo, tens de arrumar a tua roupa, não isso já era ahh...aquilo que é normal (silêncio) num adolescente (silêncio) ahh...eu fazia, mas eu já quase como adolescente comecei a trabalhar portanto eu saía, a minha mãe fazia-me a lancheira, agora voltou a moda, parece que voltou novamente essa moda, e eu pegava na lancheira e...e vinha ao final do dia. Comecei a trabalhar na Amadora ah tive lá três anos (silêncio) ahh...depois acabaram por, por (silêncio), eu acabei por ir ao sindicato e ver que eles não me estavam a pagar o que deviam até a conselho do meu pai, verdade que se diga não estavam e entretanto depois tive que ser, fui indemnizado num valor X e foi esse valor que eu amealhei e fui pá tropa, até foi esse valor. Mas eu quando casei, ainda estava na tropa Dra., ainda estava na tropa.

Entrevistadora: Um bocadinho ainda relacionado com a infância...o Sr. Cristóvão nasceu aonde?

Participante: Eu nasci na Pontinha, nasci em Lisboa portanto Campolide, Pontinha ahh...não sei se a Dra. conhece para...Benfica...

Entrevistadora: Sim.

Entrevistadora: Pelo que eu percebi o Sr. Cristóvão morava com os seus pais e a sua irmã, correto?

Participante: Ahh...a minha irmã, ahh...ahh...si....sim, a minha irmã, a minha irmã, já nasceu aqui, porque eu vim para aqui, não. A minha irmã, eu nasci lá e a minha irmã já lá estava claro, a minha irmã é mais velha. Ahh...tava ligeiramente confuso, portanto e...ela tem cinco anos de diferença de mim, e eu saí de Lisboa, que era ao lado da casa do meu avô Pires, do meu avô Pires e da minha avó (silêncio), da minha avó Edite hum, eu morava na casa ao lado e foi aí que eu nasci, em casa e, e...tive até aos meus dois anos ahh...depois aos dois anos ahh...vim aqui para Almada para esta morada onde os meus pais estão agora, portanto.

Entrevistadora: E como é que foi essa mudança?

Participante: Eu não me...não tenho grandes recordações da, da ahh...da mudança em si tinha dois anos não, não tenho grandes recordações ahh...a única, única recordação que eu tenho ahh...boa recordação apesar das regras, boa recordação que eu tenho do local onde eu nasci e que...muitas vezes passo por lá, era os tempos em que eu ia ao pé da minha avó e do meu avô Pires, porque o meu avô Pires era um senhor excecional e a minha avó só porque o meu avô quando eu tava a jantar me dizia ahh... o menino não quer sopa não come sopa (silêncio), faça lá o ovinho estrelado. A minha avó dava-me a sopa ao lanche, e eu comia a sopa ao lanche, no entanto quem me queria ver era pedir para ir passar férias para lá, pó sitio onde eu nasci e pó pé da minha avó e do meu avô, davam-me um bocadinho mais de... ah era uma zona um bocadinho mais aberta, davam-me um bocadinho mais de liberdade, (C1.3) não tinha nada a ver com a zona mais aberta, porque antigamente era tudo aberto não havia casas umas em cima das outras, aqui em Almada passava-se a mesma coisa, portanto eu tenho uma lembrança, lembranças muito agradáveis dos momentos que passei com, com o meu avô, com a minha avó na Pontinha ahh... e dos momentos em que passei, momentos que, que, os amigos que deixei lá ficar depois mas...há uma transição de vir para aqui, mas sim depois mais tarde, quer dizer fiquei um bocadinho mais ahh...ahh...digamos que sedentário, não frequentava tanto, mas ainda não passava três quatro vezes por ano ahh...passo lá para ver a casa onde nasci, a casa onde a minha avó e o meu avô, o meu avô Pires ahh...e eu passava férias.

Entrevistadora: E como foi a separação dos seus avós?

Participante: (silêncio) Eu não tinha (silêncio), eu não tinha uma idade ahh...lembro-me quando tinha uma idade assim considerável os meus pais ahh...e nesse capítulo eles fizeram algo que eu ahh...até percebo que possa, possa ter sido por, por bem para eles ter sido por bem, eles poupavam-me ahh...omitiam ahh...(silêncio) até onde ahh...onde lhes pudesse levar a imaginação deles tudo quanto pudesse acontecer de mau, escondiam-me tudo, não sabia o que era um funeral, não sabia (silêncio) o que era um caixão, não sabia ahh... (C2.1; C2.2) mas soube, a perca do meu avô, do meu avô que naquela altura com, com, com ahh... jovem ahh...(silêncio) foi mais cedo que a minha avó, tinha 8 anos, 9 anos, portanto uma

criança ainda senti de alguma forma, senti muito, mas sinto muito mais hoje do que sentia ah, sinto muito mais hoje do que senti naquela altura, ahh...sinto muito mais hoje. (C4.1.5) Ah perdi um tio relativamente à pouco tempo ahh...toda a gente diz que eu sou igual ao meu avô e que sou igual ao meu tio, e perdi um tio também que...bem ou era amado ou era odiado, eu amava o meu tio, o meu tio esteve sempre presente nos meus momentos difíceis, esteve sempre presente e...numa altura em que toda a gente disse não vás ver o teu tio, que ele estava num lar, não vás porque ele não conhece ninguém e...e eu fui lá vê-lo, eu disse eu tenho que ir e já tava, e já tava assim eu disse ah levem-me ao lar para ver o tio porque eu não me vou perdoar pó resto da minha vida, se não vir o meu tio ainda ahh... fale não fale, conheça ou não conheça, não interessa eu tenho que ir ao tio. (C4.1.5) E eu perguntei-lhe tio (silêncio) então tio Cristóvão, está-me a conhecer? “Tão não estou é o Cristóvito” (silêncio), portanto foi a melhor prenda que eu, me pode dar, eu era tratado como Cristóvito (silêncio) como ahh...como deve compreender, como citei agora e...o que quer dizer que ele também tinha um laço forte, laço forte comigo (C1.3) e...digamos que se calhar eu estou a estragar um bocadinho aquilo que é o trabalho, já não me lembro o que tenho de dizer (ri) mais porque depois começo a divagar Dra. Eu entro em...um pouco em tristezas porque...não estou feliz, não estou feliz, então o meu estado é um estado que não...não vou dizer que é um estado vegetativo, mas estou farto das pessoas, eu cheguei a dizer à Dra. eu não tenho na mesma Dra., mantenho-me a aguardar, o momento certo, na altura certa mas vou tendo estes bocadinhos para...para, eu percebi ah...que, e percebo que tenho de ir a consultas porque ainda cá estou, se ainda cá estou tenho que...ser o menos pesado possível para a minha família e...(silêncio) e então eu também não posso de alguma forma ah já não posso deixar de, de passar ahh...esta carga genética incrível que existe de...de...de depressões, de...familiares meus que se suicidaram, outros tentaram o suicídio ahh...aos meus filhos. Portanto não posso, já me vou penalizar enquanto cá tiver todos os dias por passar isto aos meus filhos ahh... (C1.1.2) eu não tenho com...com...com...oito anos também cá ah, cá do segundo andar, tive em coma e...sei que depois melhorei, recebi os tratamentos devidos, os tratamentos na altura eram espera que acorde e acordei (C2.1; C2.2) e...e...depois comecei a fazer exames à cabeça (silêncio), eletroencefalogramas ahh...não era de três em três meses, fazia um encefalograma.

Entrevistadora: E como é que foi a separação, enquanto esteve hospitalizado?

Participante: Sim foi muito difícil.

Entrevistadora: Como é que foi essa fase e a separação dos seus pais?

Participante: Muito difícil, muito difícil (C2.3) que dizer, houve três episódios. O primeiro episódio mais novo que foi o coma (silêncio), não tenho grandes recordações desse anos, porque depois do coma eu tive salvo erro dois dias ahh...a recuperar, depois vim para casa porque não havia nada a fazer, não havia salvo erro, o quadro que havia ia-se diluir ahh...e vim para casa recuperar, vim-me deitar, chamava a minha mãe com um sino, no tempo da minha...digamos ahh...da minha recuperação (C2.1) portanto era, casa ahh...mas depois tive uma apendicite aguda que a minha mãe teve comigo no hospital durante sete dias ahh...mas ao 17 anos tive uma meningite purulenta ahh... (C2.1) eu sei que, que...é difícil sozinho quando eu...sempre teve ali e como se costuma dizer não é sobre a proteção saudável mas rédea curta é difícil, hoje não tanto mais a doença, mais pelo pânico. (C2.3) Mas eu quando comecei a fazer exames lembro-me que a minha mãe e o meu pai para me agradarem não era tudo mau, algumas coisas boas ahh...mas se for preciso ele ainda hoje diz que eu não, não valho nada, não presto para nada, uma vez diz uma coisa, outra vez diz outra, mas pronto ahh... (C2.2) e a minha mãe ofereceu-me um relógio e eu lembro-me de dizer à minha mãe naquela altura, mãe não me ofereças o relógio porque eu vou morrer, eu tinha nove anos na altura, portanto... (C1.1.2)

Entrevistadora: Era esse o seu medo na infância?

Participante: Será?

Entrevistadora: Tinha esse medo?

Participante: Não sei...

Entrevistadora: De que medo é que se recorda na infância?

Participante: (silêncio) (tom de voz baixo) De tudo (silêncio), de tudo, eu tinha medo de tudo. Hoje tenho medo de tudo Dra. (C1.1.2)

Entrevistadora: De tudo como Sr. Cristóvão?

Participante: (silêncio) Ah (suspiro), é difícil, eu, eu, eu conseguir explicar (silêncio), eu costumo dizer, costumo dizer, em casa (silêncio), que ahh...por vezes as palavras (silêncio), de ânimo são as palavras que mais ahh...que mais, que para mim banalizam (silêncio), ahh...banalizam o cenário. Eu já passei por um cenário, idêntico a este, não tão profundo mas idêntico a este, e eu só estou aqui efetivamente porque a Dra. sabe com dois lexotans, mas estou aqui a falar com a Dra., porque realmente ahh...a minha (silêncio), a Dra. perguntar-me-á ahh...eu vou-lhe fazer algum mal? (silêncio), está-lhe a acontecer algum mal neste momento, tá a ser uma, uma consulta ou digamos uma conversa. (C1.1.2) Estamos aqui numa conversa que...se me é permitido essa...

Entrevistadora: Sim fale.

Participante: Intimidade, de conversa, não consulta. Ahhh...eu digo que sim Dra. até entrar esta porta foi uma coisa...(silêncio) muito difícil. (C1.1.2)

Entrevistadora: Porquê? O que esperava Sr. Cristóvão?

Participante: Não sei... (silêncio) eu espero sempre o pior, eu a conduzir é muito difícil, atender o telefone é muito difícil, e eu tenho vergonha de dizer o que é muito difícil (silêncio) porque são coisas tão banais. (C1.1.2) (silêncio) ahh...que, que, que me levam à, à, ah digamos que vão a ter ainda, que ainda tenho a consciência que ah, as pessoas que têm, todo o seu, o seu ahh...o seu poder cognitivo conseguem ahh...(silêncio) conseguem talvez entender porque, não falo no caso da Dra., ahh...mas também falo no caso da Dra., (C1.1.2) a Dra. porque cada caso é um caso, e o meu é um, e o seu será outro, terapêuticas e as formas serão diferentes mas...(silêncio) eu sempre tive medo de muita coisa, a educação dos meus filhos, foi uma educação com muito medo que acontecesse alguma coisa aos meus filhos, eu nunca larguei os meus filhos para nada, mas foram crianças felizes, muito felizes isso eu sei (silêncio) garantidamente que foram crianças felizes. Eles são o exemplo de crianças felizes, infelizmente o meu filho com os problemas de saúde como teve (tosse), perdão. Ahh...levou-me muito ao desespero, custou-me muito, eu (silêncio), ahh...ainda hoje andei à procura num

sítio... em Londres, em Barcelona ou...mas...a única coisa que eu pude fazer na altura foi acompanhá-lo. (C4.2.3)

Entrevistadora: Sr. Cristóvão se pudesse mudar alguma coisa na sua infância o que seria?

Participante: Peço desculpa Dra.

Entrevistadora: Se pudesse mudar alguma coisa na sua infância o que é que mudava?

Participante: (silêncio) Isto parece... parece ser... (silêncio) completamente incompatível ou incongruente com aquilo que eu, eu, que eu digo (silêncio), com aquilo que já disse. Às vezes olho para os meus pais (silêncio), e apetece-me voltar para lá (silêncio). (C2.3)

Entrevistadora: Para junto deles, é isso?

Participante: Não sei...quem sabe reparar alguma coisa que não foi feita. (C2.1; C2.2)

Entrevistadora: Humm...

Participante: Ou... (silêncio) não sei Dra., eu acho que é, se houve este tipo de situações, és masoquista? Não, acabou passou. Foi assim que ele fez, tem segunda oportunidade, terceira, quarta, quinta, pai tens as oportunidades todas e acabou. Eu estou a dar como um fato consumado, eu não vou, eu não vou enforcar o meu pai, eu estou a dizer que...ah (silêncio), dentro da cultura dele, daquilo que ele conhecia na altura era o que ele achava que devia fazer, o melhor pelos filhos mas...de fato foi completamente desadequado mesmo para aquela geração ahh...foi completamente desadequado mas...olho para ele e digo, às vezes (silêncio), gostava de voltar mas não como ele era (C2.2), muitas vezes penso nisso e a Dra. diz-me assim mas o que me acabou de dizer, que se fizesse alguma diabrura dizia ao seu pai, você metia-se na cama com 40º graus de febre (silêncio), eu não sei se alguma coisa, não sei Dra. A tal, a tal diferença que existe entre ahh...entre ahh...um profissional e o, e o paciente, é, é ahh...é a estrutura, cognitiva completamente...san e...e uma estrutura que não é estrutura,

portanto isso aí, que...uma desestrutura, desestruturação total do meu, do meu organismo, isto não funciona porque se eu penso que não funciono bem, como é que isto pode ser, e eu sou uma pessoa que passo...a pensar, penso, penso, penso, penso, penso, penso sobre o hoje, sobre o ontem, sobre o amanhã, sobre...sobre o há dez anos (silêncio) e parece que ando com uma mochila nas costas e que...todos os dias vão lá colocar mais uma, pedrinha da calçada, todos os dias, e o peso cada vez se está a tornar mais (suspira; silêncio). (C1.1.2) Agora voltar à infância, eu só tenho esta explicação para lhe dar, deste sentimento que de fato é o meu sentimento agora e é o mais profundo, às vezes olho para ele e digo, ao meu pai e digo...

Entrevistadora: O que fazia para se sentir melhor quando estava mais em baixo Sr. Cristóvão? Quando era pequenino.

Participante: (silêncio longo) Eu tinha, tinha...brincadeiras em casa, eu tinha uns bonecos (silêncio), o trabalho era uma forma de eu, depois já, em criança, isto em criança...os cavalinhos e os bonecos eram uma forma de passa fases ahh...nunca tive assim (silêncio), aqueles brinquedos que eu possa dizer de, não, pião.

Entrevistadora: Ou seja quando estava mais em baixo, brincava para se sentir melhor, é isso?

Participante: Hum não. Nunca fui muito de brincar, a minha irmã impulsionava-me para brincar e eu brincava com ela com tachinhos e panelas, porque ela era mais velha e eu brincava com ela.

Entrevistadora: E era isso que fazia quando estava mais triste? Ia brincar com ela?

Participante: Não eu cedia, aquilo que ela...cedia aquilo que ela me pedia e fazia-o porque se calhar até nem era a minha vontade, estávamos juntos e...e acabava por, por ser eu que cedia. (C1.1.2) Agora eu lembrar-me de ter algum escape, eu ter algum escape ahh...se é que entendo a Dra. para não me recorde nada que tivesse de fato interesse que eu pudesse até eventualmente descarregar ali a tensão e tivesse intenções não.

Entrevistadora: E como era a relação com a sua irmã?

Participante: (silêncio) Era bem...boa, eu gostava da minha irmã, gosto muito, muito ahh... (silêncio) brincadeiras não é, mais...ahh...uma vítima também em determinados pontos era uma vítima, andávamos sempre em pânico por causa do pai e da mãe, e ela fazia as suas diabruras e eu fazia as minhas. Ela era penalizada e eu também e começou ah...a trabalhar também muito cedo e...o relacionamento com a minha irmã sempre foi, sempre muito, muito calmo, não tive, não tive assim quando estavam os dois sozinhos muitas vezes, tava sozinho com...tava sozinho com ela, tínhamos as nossas diabruras, tínhamos as nossas diabruras lembro-me que a gente passou o pijama que eu tinha, eu tinha o pijama molhado e ela pôs-me em cima da tabua de passar a ferro e passou-me o pijama com a perna lá dentro e então além de furar o pijama queimo-me a perna, eu tenho cá uma cicatriz e...e...então foi, foi (silêncio) o pânico quando o meu pai chegou mas...o pânico não eram as consequências, o pânico era até acontecer as consequências, o que é que ia acontecer, passava na nossa cabeça, o que é que passava na cabeça da minha irmã, o meu pai, fui eu que fiz isto ao, ao...(silêncio) ao Cristóvito e agora não sei quê, mas ele...ele não vai, e agora o quê que eu faço, aquelas coisas de miúdo que fizeram uma tropelia ah das grandes e ainda por cima confrontar com um...(silêncio) digamos com, com um monstro imprevisível, monstro ahh...entre parêntesis, monstro dizendo que não era previsível ahh...a forma como agisse, (C2.2) podia chegar e achar que não havia ah, e eu como tinha sido queimado se calhar naquela altura, tava a pensar a mim não me vai calhar nada porque...agora a minha irmã não sei, vou, estou do lado dela, se calhar também posso ser penalizado, portanto era um imprevisibilidade muito grande em casa tendo em conta a forma como o meu pai chegava a casa.

Entrevistadora: Já percebi que existiram alguns momentos, de doença em pequenino que teve de estar hospitalizado, e o seu pai e a sua mãe alguma vez tiveram de estar hospitalizados?

Participante: O meu pai teve hospitalizado (silêncio) ah...seis anos ou sete aqui no hospital com uma pneumonia (silêncio). A minha mãe os problemas que teve foi um acidente ahh...o meu pai mais vez nenhuma. Ahh...a minha mãe foi num acidente de viação ahh...que foi operada aqui e em cima ahh...também, aqui em cima no edifício, partiu o maxilar, portanto teve que ser operada ao maxilar, foi uma fase bastante difícil, (C2.1) e sempre teve ahh...problemas ao nível da...(silêncio) ao nível dos...(silêncio) dos órgãos reprodutores,

das, das senhoras ahh...muito cedo, teve esse tipo de cirurgia e varizes nas pernas, portanto eu lembro-me que houve vários episódios com a minha mãe mas...episódios de, nada de grande chee...(silêncio) não vejo, nenhuma doença de assinalar que, que nos pudesse trazer além... das tais depressões que o meu pai também tinha e que... (C2.2)

Entrevistadora: Mas lembrasse disso quando era pequeno, é isso?

Participante: Ah...

Entrevistadora: E como era lidar com isso?

Participante: Era complicado, o meu pai diz pois...(silêncio) eu também tive, dei a volta, eu também tive dei a volta e tu nada, tens que dar, eu tenho um motivo dei a volta, tu também tens que dar. (C2.2)

Entrevistadora: Ou seja aquelas palavras...

Participante: Eu sinto que...tenho um dever de...para com todos do qual não sou capaz... (C1.1.2)

Entrevistadora: Que é?

Participante: E esse dever eu tenho...(silêncio) ahh...aqueles que foram menos bons, aqueles que erraram mas que ah se mantêm no meu coração para aqueles que não erraram e, e...de forma até mais sólida ah estão no meu coração, a minha mulher e os meus filhos (silêncio). Tenho (silêncio), tenho o dever principal de...(silêncio) de ser acima de tudo um homem (silêncio) que...(silêncio) que honre o seu, o seu trabalho, que seja um profissional que foi até então ahh...(silêncio) o resto, pouco mais falta, pouco eu...(silêncio) sempre fui um bom pai sem ser pretensioso, não ponho a menor dúvida ahh...(silêncio) e...e digamos que ahh...o dever que eu tenho para com eles, é este (silêncio) (tom de voz baixo) simples (silêncio), tão simples (silêncio) que... (silêncio) me torna tão ahh...tão ridículo (silêncio) ahh...(silêncio) não conseguir ahh...(silêncio) a cor, ver as cores (silêncio) sentir-me um incapaz portanto ahh...tão ridículo que...ahh...não vale a pena (silêncio). (C1.1.2) Dra. eu

sempre fui um homem muito determinado, (C1.1.1) pela primeira vez na minha vida eu estou ah...(silêncio) numa situação em que permaneço ah... (silêncio) o quê que eu vou fazer eu só tenho duas soluções ou vivo ou não vivo, e isto está-se a tornar tão ridículo (silêncio) ah...a impotência é tanta, que...o meu residente, como eu costumo dizer, o meu residente às vezes fala mais alto Dra. e é muito difícil conseguir (silêncio) ah...ultrapassar, ultrapassar esse confronto que existe entre, entre chamamentos digamos (silêncio), para quem já está em desequilíbrio, entre chamamentos, para o lado bom para o lado mau (silêncio), também prova grande falta de coragem, tanto para uma coisa como para outra (silêncio), Dra. eu não posso...adiantar (silêncio) mais porque eu penso que todas as minhas palavras, já, já (silêncio), já pressupõem talvez um, uma generalidade um...(silêncio) tenho muito orgulho nos filhos que tenho. (C1.1.2)

Entrevistadora: Eu hoje ainda gostava de...

Participante: Mas eu já estraguei tudo... (silêncio) e...tenho muito orgulho nos filhos que eu tenho, é o que digo às pessoas, naquilo que conquistei, uma mulher linda...apesar de... (emocionado) no estado em que está (silêncio), mas é linda. (silêncio) Os meus filhos (silêncio), a minha casa foi conquistado é verdade mas... (silêncio) eu costumo dizer que...(silêncio) enquanto eu tive força (silêncio), eu não tenho de, nem eu estou agarrado à idade, não tem a ver com a idade, tem a ver com timing, acabou, daqui para a frente é só para estragar (silêncio). (C1.1.2)

Entrevistadora: Não será o sofrimento que é tanto que não consegue ver...

Participante: Não sei Dra., sei que posso estragar, eu...em casa, a coisa que eu faço é, chego a casa ahh... encosto-me, reflito, penso (silêncio) e...mas continuo a ser um... bom, a ser... (silêncio) bom, mais para com as outras pessoas do que propriamente para comigo, porque eu, para mim é indiferente (silêncio), se bem que indiretamente uma ação mal calculada pode ahh...trazer prejuízos para...e causar males maiores para, mas...é uma consequência talvez, das cargas e...(silêncio) espero ter sido suficientemente (silêncio) entendível. (C1.1.2)

Entrevistadora: Foi sim Sr. Cristóvão, foi entendível. Eu já conhecia parte da sua história porque já tínhamos estado juntos. O que eu lhe ia pedir é que ainda existem algumas questões muito específicas do estudo que não foi possível fazer hoje. Queria perguntar ao Sr. Cristóvão se tem disponibilidade para vir cá mais uma vez, que é para fazer essas questões. Continuo a ver o Sr. Cristóvão muito em baixo e...na altura eu falei com a minha orientadora sobre a possibilidade do Sr. Cristóvão ter apoio psicológico, mas como pode compreender existe a questão da lista de espera que é sempre um bocado difícil. Eu vou tentar outra vez falar porque acho que o Sr. Cristóvão está num estado de grande sofrimento, e acho que se calhar poderia ser bom ter alguém com quem pudesse falar, como está aqui a falar comigo, eu acho que o podia ajudar, vou voltar outra vez a falar com a minha orientadora a ver se consigo, a ver se existe a possibilidade de algum psicólogo neste momento...

Participante: Pode ser a Dra.?

Entrevistadora: Eu não posso Sr. Cristóvão porque estou de saída daqui, ou seja, o meu percurso aqui está a terminar...

Participante: Acaba o mestrado e saí.

Entrevistadora: Sim, o meu percurso aqui está a terminar, agora será outro percurso por isso eu não poderei ser, mas irei falar com a minha orientadora para saber se neste momento existe algum psicólogo que o possa acompanhar.

Participante: Sim Dra., eu na medida dos possíveis e a Dra. diga-me quando é que ah...queria que me disse-se...

Entrevistadora: Tem disponibilidade para a semana?

Participante: Dra. segunda-feira ahh...eu, é assim.

Entrevistadora: Segunda-feira tem Sr. Cristóvão?

Participante: (silêncio) A que horas é que a Dra. acha...segunda-feira às 11h à mesma?

Entrevistadora: Ahh...segunda-feira para mim só dá se for logo às 9 da manhã ou então às 2h (14h), 3h da tarde.

Participante: Às 9h.

Entrevistadora: Bem Sr. Cristóvão espero-o cá, segunda-feira. Agradeço imenso o fato de ter vindo e de me estar a ajudar.

Participante: Não Dra. isto não é uma obrigação. Fico contente por a poder ajudar.

2ª Parte entrevista

Entrevistadora: É assim senhor Cristóvão...agora ainda retomando um bocadinho à sua infância há algumas questões que eu gostava de lhe fazer porque da última vez não fiz. Os seus pais faziam o quê? Qual era a profissão deles?

Participante: Ahhh...O meu pai trabalhava na área da vidreira portanto era vidraceiro e a minha mãe foi (pausa) cabeleireira portanto durante um período de tempo pequeno. (silêncio) durante um período de tempo pequeno porque depois o meu pai não permitiu que ela continuasse a trabalhar (silêncio) era aquele estilo, a mulher tinha de ficar em casa e...trabalhou muito pouco tempo (som com a garganta). (C2.4)

Entrevistadora: Diga-me uma coisa Sr. Cristóvão para além dos seus pais, existiu mais alguma pessoa significativa para além deles na sua vida?

Participante: (silêncio) Ahhh... Sim houve (silêncio) ...referenciei o meu tio, (silêncio) o meu tio que eu referenciei na (pausa) na outra conversa, a minha tia também que tiveram nos momentos em que eu (silêncio) tive de fato na minha infância uma...aqueles períodos em que, de doença...e... o meu avô, o meu avô Pires e...o meu avô Pires era uma pessoa que...que marcava bastante e...o meu avô (hesita) paterno, era o meu avô materno. (C1.3) O meu avô paterno faleceu cedo ahhh...de um problema cardíaco, eu ainda era miúdo tinha nove anos, dez portanto como disse também me era um bocado escondido tudo aquilo que era

(silêncio) portanto essas situações de...de problemas e confrontos menos bons que aconteciam na vida...

Entrevistadora: Porque é que eram importantes?

Participante: (silêncio) Eu... importante, importante ahh...até, até agora, importante, importante, pessoas que tenham sido importantes para mim...

Entrevistadora: Na infância, na infância...relativamente há infância.

Participante: Relativamente há infância (silêncio) sim o meu avô Pires, sim que era uma pessoa que, que...era o meu avô materno ahh...que me marcava porque tinha, tinha uma atenção especial para comigo ahh... protegia-me, ahh...deixava-me brincar, ahh...deixava-me sair e jogar à bola, à bola cá fora no, no...em conjunto com os amigos, (C1.3) onde eu nasci na Pontinha, porque eu depois vim aqui para Almada. Eu gostava muito de passar férias lá por isso ahh...e não só, eu era uma pessoa muito, muito...aliás dizem que eu sou muito parecido com ele, e...e então...talvez por causa disso, porque nunca teve aquela característica que eu sempre tive muito perto de... de me penalizar, de... de me humilhar, de me confrontar com outras pessoas (C2.1; C2.2) de...ahhh (silêncio) em principio simplesmente gostava de mim, dava-me valor... (C1.3)

Entrevistadora: O Sr. Cristóvão estava agora a falar que gostava porque ia brincar, jogar à bola cá fora...já me tinha dito que também brincava com a sua irmã.

Participante: Sim em casa.

Entrevistadora: E com que amigos é que brincava cá fora? E brincavam ao quê para além de jogarem à bola?

Participante: (silêncio) Cá fora pouco brincava ahh...eram raras as vezes que eu, que eu saía, as únicas vezes (silêncio) era, era ou na escada ou, ou ia um vizinho meu a minha casa, um amigo do prédio, (silêncio) que tinha crescido comigo e...e que cresceu comigo e que são agora também amigos...nomeadamente um, um deles e... em meio particular e...e quando ia

para a rua pronto jogávamos à bola, sei lá aqueles jogos de lutas e...confrontos entre...e brincadeiras e...os jogos de... da carga e do carrinho, do pião, ahhh...havam os carinhos de, carinhos de... (silêncio) carinhos de regulamentos. (C4.3.1) (C4.3.4) Lembro-me que não podia jogar com os carinhos, que não podia andar nos carinhos de regulamentos na rua e andava na varanda. Uma vez risquei a varanda toda com os regulamentos e ainda levei uma sova por causa disso mas pronto, isso são episódios que passam. (C2.2; C2.1)

Entrevistadora: E tinha muitos amigos?

Participante: (silêncio) Nunca tive...assim muitos apesar de ser uma pessoa bastante introvertida (C1.1.1) não sei se era mais, mais como ahh...a juventude mesmo mas na escola primária ia...sentia-me muito inseguro ahhh...(silêncio) mas...nunca me assim muito difícil eu, eu conseguia...apesar de, de não ser fácil e eu integrar-me por ser muito extrovertido também não é difícil depois entregar-me (C1.1.2) e...(silêncio) e tinha, e posso considerar que tinha muitos amigos.

Entrevistadora: Como é que eles eram? Como é que os descreveria?

Participante: (silêncio prolongado) Não sei...acho que eram bastante mais, pelo menos...eu tirava que...ahhh...eram (silêncio) tinham mais tempo de, de, de agora pensando nisso, mas na altura também, mas...durante este período de tempo tive mais tempo de...de histórias para contar, de vivências de, da rua de criança de, ahh... então achava que aquilo era absolutamente normal para a idade deles, para a minha nomeadamente, e achava que eles tinham, que estavam um bocadinho mais à frente, do que eu no que diz respeito à felicidade e ao momento que estavam a viver, dentro de...da felicidade, da brincadeira que se exigia na altura. (C1.1.2)

Entrevistadora: E havia algum melhor amigo?

Participante: (silêncio) Sim tive (voz de choro), tive bons amigos (silêncio) em particular... humhum (irritação garganta) perdão peço desculpa. Em particular tive o meu vizinho de baixo ao qual fui muito chegado porque também a proximidade mas podia não ser por isso, ainda hoje é meu amigo. Tive outro (silêncio) também do grupo lá da rua que

era...três prédios acima, sim um ou dois bons amigos, (C4.3.1) mas que eu não podia ser de forma nenhuma ahh...chegado como queria porque eles tinham vamos aqui vamos ali e eu não podia sempre...existiam situações em que eu nunca tive ligado (silêncio) diretamente a todas as atividades com eles, portanto eu não podia ter, não era completo, (C1.1.2) Ahh...o que eles eram... (silêncio) eu sei que depois tive já isso na adolescência, adolescência. Comecei depois, a jogar andebol (silêncio) e tive, tive um amigo, tive vários amigos depois daí, foi, foi, foi, foi muito bom mas também como jogador também não era, não era, acho que nunca fui assim muito bem acompanhado, nem nos estudos, (pausa) nem nas atividades desportivas porque era necessário haver um determinados reforços que por vezes nos momentos certos fazem com que nós ahh...nos possamos agarrar e...(silêncio) andar para a frente com os nossos objetivos (C2.1; C2.2) e pronto sempre fui muito comparado em tudo e isso foi um travão, sempre foi um travão na minha vida. (C1.1.2)

Entrevistadora: Mas estava-me a dizer que, quando andava no andebol já na adolescência que teve muitos amigos. Como é que era estar em grupo, com esses amigos?

Participante: Era muito constrangedor, no início muito constrangedor porque eu não podia fazer tudo aquilo que eles, que eles faziam, (C1.1.2) depois dos jogos saíam, depois dos treinos saíam e antes dos treinos, encontravam-se e... quando não haviam treinos encontravam-se no café. Eu com 16 anos depois (pausa) comecei a trabalhar e... só podia sair até às 11 horas (23h), portanto saía ia beber um cafezinho e vinha para cima tinha que dizer que vinha, eles ficavam eu vinha-me embora, portanto sempre foi assim. Eu nunca quis tal e qual como...não sei como é que seria se os meus pais tivessem dito faz a mesma coisa que os outros mas agora conheço muitos que têm as vidas deles tal e qual como eu tenho que tinham, tinham pais que ahh... estavam presentes e lhes davam, davam (silêncio) segurança que não os penalizavam (silêncio). (C2.1; C2.2) Ainda hoje aqui ou ali há sempre uma palavra de, de (silêncio) agora não tanto neste período em que eu estou um bocadinho mais (silêncio) estou debilitado (tom de voz mais baixo) mas (silêncio) já mesmo depois de casado (silêncio) nunca fui (pausa) valorizado por (silêncio), por nada do que eu (silêncio) daquilo que eu consegui fazer, e de fato eu não consegui absolutamente nada. (silêncio). Isto é como um castelo de cartas, em que as coisas conforme aparecem conforme vão embora, e são assim...(silêncio). (C1.1.2)

Entrevistadora: Mas ainda falando um bocadinho da infância, mas agora um bocadinho diferente... Como foi a entrada para a escola?

Participante: (silêncio) No 1º ciclo?

Entrevistadora: Sim.

Participante: Muito mau, foi muito mau. (pausa) Muito mau, foi horrível, horrível porque aquele confronto entre (silêncio), entre aquelas crianças que riam e, e eu assustado, encrustado lembro-me de estar encostado a um canto e só queria proteção para que (tom infantil) não me tocassem, para que não me batessem, para que não...o que é que eu faço agora diante desta energia toda, eu tenho a mesma idade deles ou...até há aqui um diferencial, de seis ou sete e eles têm dez porque são repetentes (silêncio), portanto houve ali um grande ahh...isto já numa fase mais, mais avançada porque no início há sempre um período de habituação, de, de... penso eu que de todos mas uns mais que outros, adaptam-se mas eu, (C1.1.2) eu sei que tinha, tinha um... um amigo meu lá depois, encontrei um amigo, não era bem um amigo era...era um...procurei uma segurança (silêncio). Era um rapaz que também era muito introvertido não brincava com ninguém mas era muito grande e ninguém se metia com ele e eu sei que eu ali procurava um posto para mim e...pronto fui-me adaptando dentro dos possíveis fui mais ou menos me adaptando. (C4.3.1)

Entrevistadora: E como era a sua relação com os professores?

Participante: (silêncio) Eu sempre fui muito, muito alheado também ahh...(silêncio) a minha cabeça vagueava muito mas (silêncio) educado nunca faltei ao respeito aos professores, nada (silêncio) os professores deram uma educação normal até porque naquela altura (pausa) ah...os professores eram muito rigorosos (silêncio) e de fato (silêncio) só tínhamos mesmo era de acatar e eram as palmatórias e aquelas coisas antigas e ah... mas nunca tive assim grandes problemas com, com professores. (C4.4.1)

Entrevistadora: Na infância com quem é que se identificava? Uma pessoa com quem se identificasse.

Participante: (silêncio prolongado) De uma infância... (silêncio) ahh... não sei eu aqui ou ali ahh... digamos que quase sempre fazia colagens, gostava de, gostava de, gostava de, (silêncio) por que em nada daquilo eu penso que (silêncio) depois perde-se um bocadinho o que é, o que é, onde é que tá a verdade não é, quer se dizer, onde é que tás, onde é que é o genuíno ou não da nossa parte (C1.1.2) mas ahh...entre os vários amigos haviam os mais chegados e...e identificava-me mais com um do que com outro na totalidade mas...ahh...talvez fizesse ali uma montagem entre as várias coisas para, para...eu era marginalizado num grupo e era aceite, aceite noutra e...e havia características que eu por vezes gostava, que eram aqueles que jogavam melhor, que, que eram os pais, mas também por outro lado sei que haviam educações que não eram educações porque simplesmente faziam o que queriam e...ahh...tenho a noção que também não era o correto mas, o extremo, o contrário também não portanto eu identificar-me-ia talvez, por uma questão de interesse com tudo aquilo que fosse bom, tu.. (não termina a palavra) (silêncio) que fosse um bocadinho mais agradável do que aquilo que eu passava no momento. (C1.1.2)

Entrevistadora: Como é que se descreveria...descrever-se-ia como uma criança com que características.

Participante: (silêncio prolongado) Muito...muito...calculista, muito... muito observador (silêncio) mas ao mesmo tempo mas...muito desatento exatamente por causa disso, porque a minha cabeça vagueava (C1.1.1) por...atento nas tarefas escolares não era, porque...(silêncio) ahh...a minha cabeça vagueava por vários (silêncio), por vários momentos, não tava ali, saía dali para fora, que eu gostava de fazer agora...de conseguir, ainda faço, às vezes também sinto que estou noutra mas não era bem nesse sitio que eu queria estar...mas o meu pensamento às vezes estava noutra lado. O porquê? Era sempre a minha, minha a minha pergunta, e essa pergunta sempre me perseguiu nos momentos bons e nos momentos maus. Porquê dos momentos bons? E o porquê dos momentos maus? Sempre fiquei muito (silêncio) ahh...suspeitei muito sempre de uma coisa e de outra. (C1.2)

Entrevistadora: O que é que recorda de significativo da adolescência?

Participante: (silêncio prolongado) Humm...não era nem nunca fui valorizado, não tenho (silêncio), não tenho (silêncio), diga-mos não tenho vergonha daquilo que eu fui, mas

aquilo que eu me recordo são períodos muito maus de...são períodos muito maus de doença também que eu tive. Ahh...alguns momentos de alegria, um momento ou outro, (C1.1.2) sei que fiz uma viagem com os meus pais a Espanha (silêncio), de resto...

Entrevistadora: Nessa altura como é que se via?

Participante: (silêncio) Humm... (silêncio) eu sempre eh...uma altura em que fui a Espanha.

Entrevistadora: Na adolescência como é que se via? Como criança já me disse como é que se via. E como adolescente?

Participante: (silêncio) Eu como adolescente, eu, eu (silêncio) ahh...já conhecia, conhecia, ahh...determinadas formas e...de defesas para conseguir contornar ahh...a vida para que eu pudesse esconder um pouco aquilo que eu, que eu, que eu era na realidade, às vezes até capaz de mentir ou falsear aqui ou ali (silêncio) (C1.1.2) por uma questão de brincar com as coisas, bem fazia, saía, aquelas conversas de... mas não me sentia (silêncio) nunca me senti confiante (silêncio) isso, isso não ahh...senti-me sempre um pouco ah...como em grande parte ah...(silêncio) o meu cérebro sempre viveu noutra dimensão, uma parte de...sempre viveu a tentar ah...(silêncio) a comandar a outra a adaptar-se à situação ou a analisar a situação em si para depois (silêncio) filtrar e poder (silêncio), e poder dizer quem sabe o que é melhor para poder ter a reciprocidade, (C1.2) alguém que possa dar (silêncio), que possa dar valor, alguém que, que nos seja próximo, que não sei, já não entendo muito bem o que, o que consegui por isso não valer a pena dizer agarra-te ao que conseguiste porque eu não sei se consegui aquilo que eu quero, também não sei ah... (C1.1.2) se algum dia serei um indigente, poderei vir a ser, também uma coisa que nunca disse foi (silêncio) ahh... nunca digas nunca, porque foi sempre uma coisa que eu disse, ou uma coisa que eu nunca disse foi que me aconteceria fosse o que fosse na vida, (sobe o tom de voz) NUNCA e isto é mais que indicador ahh...da minha, não da minha educação, mas da minha insegurança porque eu sempre tive a consciência que a minha vida era uma, uma, uma, um pleno desequilíbrio e... e até agora tenho-me mantido ahh...digamos que talvez no rumo certo, no equilibrado quem sabe, mas ahh...aquilo que as outras pessoas querem que eu seja, que seja o mais, o mais

especial possível, para eu poder fazer a vida ou a minha vida adaptando-a sendo feliz com aquilo que faço ahh...(silêncio longo) isso seria outra conversa. (C1.1.2)

Entrevistadora: E nessa altura da adolescência o que é que o preocupava?

Participante: (silêncio longo) (suspiro) Eu na altura ahh... preocupava-me muito porque também ahh...as situações de, de...de doença, as situações de doença preocupavam-me muito, porque ah... eu tive três, os tais episódios que quase me levaram à morte, durante três vezes, tirando o fato de eu ser ahh... ahh... andar sempre a tomar antibióticos, andar sempre frágil, mas...(silêncio) ahh...aquilo que (silêncio), não consigo identificar bem (silêncio), à situações que são muito difíceis para mim (silêncio) falar...não... porque não consigo, não consigo entender, são perguntas que estão, tão em mim...tão em gavetas tão...ahh... (C1.1.2)

Entrevistadora: Eu percebo. Como é que sentiu as mudanças do seu corpo? Como é que essas foram vividas por si?

Participante: Eu nunca tive grande...grandes problemas com o corpo eu tive uma fase em adolescente que, que de fato fiquei um bocadinho mais...agora entendo, um bocadinho mais forte, tinha a ver com a mudança da idade com os fatores maturacionais, depois esse período passou ahh...o meu corpo passou a ser um corpo seco, ao qual não me, não me (silêncio), não me sentia mal, era um corpo seco, magro, um corpo... em termos físicos?

Entrevistadora: Tudo.

Participante: Era um corpo que eu não, era um corpo que em termos físicos, em termos de aspeto físico eu não, não me sentia mal nele porque não era...condicionante para ahh...para nada mas eu lembro-me como adolescente, e muitas vezes tenho este tipo de conversas (silêncio), eu os namoros tive, tive contrariamente a todas as suas expectativas tive, tive algumas situações de, de amigas, amigas mais chegadas e... mas não houve uma única amiga a não ser ah... uma amiga, uma namorada que eu tivesse, que tivesse sido eu a escolher que não a minha mulher. Fui eu que dei o passo com a minha mulher, foi a única pessoa que eu dei o passo, foi com a minha mulher e e...ahh...já, já ahh... 18 anos, 17/18 anos mas antes disso não me lembro de ter dado o passo com ninguém para ahh...e não era porque eu me

sentisse... há crianças que...eu tenho um filho que tem, que tinha problemas com...por ter mais um bocadinho, por ser um bocadinho mais forte, não despia a camisa, eu nunca tive esse problema, às vezes até era um bocadinho mais magro do que era, que era na altura, mas nunca tive problemas para me sentir bem com aquele corpo, aquilo que tava na cabeça marcava muito...ahh... o que, que, o que aquele corpo transportava era exatamente, era que eu nunca tomei e dei um passo fosse onde fosse ou na praia, fui educado praticamente num parque de campismo (silêncio). Tive a minha infância ou uma parte da infância ah... com praia e...portanto nunca, nunca me cheguei ao pé de uma rapariga para ter uma conversa com ela ahhh...era sempre ao contrário e, dava sempre um, um, esperava sempre que dessem um passo aqui ou ali, um olhar ou...ou...podia ate ser errado mas...teria de haver algum sinal para eu me poder aproximar porque eu, de, de, disso não tinha...com medo. (C3.3.4)

Entrevistadora: E como é que foram esses primeiros amores?

Participante: (silêncio) Ahh... foram, foram...foram todos bons, felizmente não posso, felizmente não posso...queixar de (silêncio) ou posso, mas eu não, não é uma questão de orgulho ahh...ou de desprezo por mim ahh... portanto não é um fator ao qual eu possa ahh...relevar a não ser este, o fato de essas conquistas, por períodos muito pequenos, mais ou menos ahh...ninguém foi ahh...ahhh...permaneceu por períodos que me pudesse deixar ahh...marcas e...não me posso queixar nem da quantidade nem das pessoas nem de, portanto por aí acho que...ahhh...como também vinham porque não, não havia ahh...da minha parte não havia qualquer tipo de esforço, eu, eu estava pura e simplesmente ali, (C3.3.5) e e...era através de, do meu aspeto só, que veria um sinal e que eu...dava um passo e...e falava, conversávamos e...queria, podia ou não ahh... passar a ser uma coisinha mais, mais, mais...de brincadeira, mais amiga.

Entrevistadora: E como é que foram essas separações?

Participante: (silêncio) Não tive, não tive separações porque também não tive grandes períodos. (C3.3.5) Não tive separações ahh...eu sinto que...o que eu fiz, foi, foi certo ahh...a determinação que eu tive em, e eu analiso até isso com frieza, a determinação e o tempo que eu demorei a tentar conversar com a minha mulher para conseguir fazer com que ela (silêncio) ahh... fosse minha namorada ahh...tornou isso num caso único porque o resto para mim foi

passageiro. (C3.3.3) Às vezes até acho que era indelicado porque eu não, não queria assim muito...ahh...não queria me aproximar muito e não era importante se eu deixava se ela deixava, ou se ela amanhã aparecia com outro ou se eu amanhã aparecia com outra portanto não era relevante, (C3.3.5) apareciam ambos os casos e não, não, não foi...o tal foi a evidencia ahh... da (silencio), da minha mulher ter sido a única pessoa, de resto...

Entrevistadora: Como é a relação com a sua esposa?

Participante: Humm...não gosto muito humm... (silêncio) um momento mau aqui um momento mau ali em 26 anos, (silêncio) é óbvio que (silêncio), 26 de casado vamos para 27, é óbvio que muita discussão, muita palavra (silêncio) ahh..., muita injustiça mas também ahh... muito, muita cumplicidade, muito amor, muito sofrimento mas amo e...temos muitos...eu fazia (silêncio) (emocionado) tudo de novo, tudo de novo, voltava a insistir novamente.

Entrevistadora: Como é que a descreve?

Participante: (silencio) Uma mulher cheia de força, eu só quero que ela me olhe (silêncio) a ter que melhorar a vida tirou-lhe... ela tem força para viver, ela quer viver a vida e eu...vou fazer todos os possíveis, vou levá-la todos os dias à fisioterapia, vou andar com ela, vou para os médicos, vou para onde for preciso, como com o meu filho vou para onde for preciso, ajudá-los porque eles gostam de viver esta vida (silêncio) e eu enquanto cá tiver é isso que vou fazer. (C3.3.2; C3.1)

Entrevistadora: Um bocadinho para trás ainda na adolescência...aconteceu algo de significativo na sua relação com os seus pais nessa altura?

Participante: (silêncio longo) Na adolescência com os meus pais...entre os meus pais?

Entrevistadora: Não dos seus pais em relação a si. Surgiu algo de novo, algo que o tenha marcado para além daquilo que já me falou na infância.

Participante: (silêncio longo) Não...não vejo que (silêncio), a instabilidade era muita, a incerteza era muita, nunca sabia o que é que eventualmente me ia acontecer no minuto a

seguir mas...de resto tanto do meu pai para mim como do meu pai para a minha mãe não havia certeza de nada era coisa que nos não tínhamos era grande estabilidade. (C2.2) Havia a estabilidade sim de termos um...o meu pai que trabalhava, nos dava a alimentação (silêncio), que nos dava a alimentação e...e pronto penso que era um bocadinho, que passava um bocadinho por aí. Por vezes também não tinha tempo, trabalhava demais e... envolvia-se em atividades sindicais e políticas então não...pouco tempo tinha para casa.

Entrevistadora: Agora ainda falando um pouco da sua esposa quais são os seus planos para o futuro com ela?

Participante: Acabei de mencionar um que é, que é fazer com que ela recupere a autoestima dela (silêncio), ahh... (silêncio) e os meus planos para com ela, os meus planos era ir com ela para um sitio onde (silêncio), mas eu não a posso levar (silêncio longo), não posso, porque ela como lhe disse há pouco ela, tudo isto lhe pertence, tudo isto ela... há uma ligação (silêncio) dela com a realidade, dela com, com a...com a vida, dela com, com o dia de amanhã, e de querer vivê-lo, em dizer estes momentos valem a pena e eu... poucos momentos ou nenhuns fazem com que eu diga vale a pena viver, ou nenhum, para mim...bom. (C3.3.2) Os planos é enquanto estou cá, enquanto tiver cá tentar fazer os possíveis por a prejudicar (silêncio) ahh...o menos possível, perdoo-me a redundância mas não vou, ahh... para já não consigo ver com os olhos dela mas entendo que os olhos dela ver a verdade e mesmo que não vissem a verdade, a verdade dela para mim é uma, é uma, é é... (C1.3) ahh... a verdade dela para mim é uma obrigação que eu tenho para com ela de, de, de a fazer voltar a recuperar a sua carinha, o seu corpo novamente, a sua autoestima, a sua vaidade para até a minha vida. (C3.3.3)

Entrevistadora: Que características teria a mulher ideal?

Participante: (silêncio) Dra. ahh...(silêncio) eu nunca...(silêncio) a mulher ideal é a minha mulher. (C3.3.3) Ahh... porque eu...é assim, eu, eu...a minha mulher como mulher ahh...está dentro da porta para dentro e...e eu não vejo mais nenhuma ahh... (silêncio) da porta para fora ahh...(silêncio) via muito, sempre fui...muito observador (silêncio) mas não tinha assim ahh...uma...diga-mos que nunca tinha feito uma análise profunda da mulher ideal. Uma mulher (silêncio) morena, uma mulher loira, uma mulher ahh... mas sim uma

mulher inteligente, não uma mulher submissa, (C3.3.2) não uma mulher que saiba conversar, uma mulher que converse, uma mulher inteligente não pelo fato só físico mas muito pelo físico, a também uma vez que...olhando tudo passa um pouco por aí penso eu...ou então não sei o que estou a dizer, não sei, eu...foi aquilo a que fui habituada a transmitir e eu acho que formatei a minha cabeça como sendo ma... a expectativa daquilo que penso ou...e que será aceitável, neste caso já não sei se, se me reconheço, se...penso que será isto, que sempre fui muito instável, muito incerto no que diz respeito às, às senhoras (silêncio) (C1.1.1) com todo o respeito que tenho há, há minha mulher, com todo o respeito mas não (silêncio), nunca enganei a minha mulher.

Entrevistadora: Atualmente como é a relação com os seus pais?

Participante: É uma relação próxima, é uma relação próxima eles estão sempre...ligam, ajudam, (C2.3) nós... sei que... (silêncio) até muito tarde, até eu ter aos... (silêncio) talvez à meia dúzia de anos atrás e depois até o meu filho começar a ficar doente, ter-lhe aparecido aquela doença, houve uma situação em que eu me revoltei ahh... e eles foram indelicados porque foi numa altura em que estava a passar um período mau... (silêncio) faleceu a minha avó, a minha avó mas...a avó da minha mulher (silêncio) (C2.1; C2.2) e essa sim, essa sim era da parte da minha mulher, mas eu não distingo sangues (silêncio) e eu ainda não falei ainda à pouco dessa questão, que foi uma questão que... biológica ou fisiológica ou... que eu referenciei, pai, mãe, avô e avó porque uma verdadeira avó que eu também tive a...não subestimando os outros ahhh...foi, dava-me valor em tudo, era um homem que sabia fazer tudo, “sabes fazer tudo, tu pegas em qualquer coisa”, eu fazia-lhe tudo e adorava. Era uma senhora...faleceu com 96 anos, foi uma perda muito grande para mim, mas muito grande, a senhora com 96 anos criada com uma enxada à frente tinha uma capacidade de ver a vida, tinha uma capacidade de, de observar as dificuldades dos dias de hoje, dos casais, e da geração de hoje com... (silêncio). (emocionado) Tenho muitas saudades da avó Maria, tenho muitas saudades dela, (C1.3) e eles faltaram ao respeito à minha avó Maria e a minha mulher também não gostou (silêncio), e o meu cunhado também faleceu um mês depois com 43 anos (silêncio), isto foi há cinco anos, há pouco tempo fui pôr flores ao meu cunhado ahh... (silêncio) então eu...simplesmente eu...estorei com os meus pais e... (silêncio) tive uma, como nunca tinha tido aí não me ajoelhei, mas tinha 44 anos e...deixei de falar com eles

(silêncio). (C2.1; C2.2) Até que depois aconteceu a situação com o meu filho, eles vieram a saber e... abri-lhes a porta como é óbvio.

Entrevistadora: Atualmente tem muitos amigos?

Participante: (silêncio) (sussurrar) Tenho poucos.

Entrevistadora: E costuma estar com eles?

Participante: (silêncio longo) Não quero... (silêncio) o “Costa” já foi, o que eles conheceram, mesmo que não fosse o “Costa” que fosse este, não foi este que eles conheceram foi outro...portanto não há aqui uma...mesmo que estejam comigo, não sei o que lhes dizer porque uma parte do meu cérebro está a pensar no que é verdade e o que não é verdade, o que devo ou não devo dizer, confuso, muito confuso. (C.1.1.2)

Entrevistadora: Então neste momento não tem nenhum amigo mais próximo, são todos afastados? Ou existe algum mais próximo?

Participante: Não neste momento, amigo mais próximo não, não, não tenho. (C4.3.2)

Entrevistadora: O que gosta de fazer nos seus tempos livres?

Participante: (silêncio) (voz tremula) Casa. (silêncio) Penso em casa (silêncio), posso fazer um bricolagezinho aqui e ali mas muito raramente, em casa computador, venho um bocadinho de televisão, não consigo atender o telefone praticamente, não consigo ahh...a minha mulher é que atende (C1.1.2) (silêncio longo), pronto tenho telefonado pá... (silêncio) alguns amigos a socorrer-me por causa do emprego e...e pronto eu, quando os procuro vou ter com eles sou bem recebido, eles falam comigo mas depois (silêncio), há um convite aqui e ali, e vamos tomar um cafezinho ou fazer não sei o quê (silêncio), não dou seguimento. (C4.3.2)

Entrevistadora: Então e atualmente está a trabalhar?

Participante: Não.

Entrevistadora: Mas gosta do que faz?

Participante: Ahh...

Entrevistadora: O que gostava de fazer?

Participante: Já de conduzir, não... (silêncio). Dra. eu, eu fui privado de, fui privado daquilo que eu acho que era, aquilo que eu mais gosto na vida que é ahh... (silêncio) a docência no desporto. (silêncio) E na altura, eu, eu... (silêncio) tinha já eu ia iniciar a fase das disciplinas de desporto como eu fui colocado na situação de continuar a ter de sofrer estas pressões em casa por causa de... (Silêncio) da escola ou vou trabalhar. A oferta era muita, havia muita oferta para trabalhar (silêncio), vou para escola, sigo aquilo que tenho a seguir, gosto ou vou trabalhar (silêncio), vou trabalhar porque eu, tava sujeito mais a entrar em casa, e era uma maneira de sair de casa, de não estarem perto de mim e de não poderem penalizarem-me por um teste mau ou menos bom, ou não estudas vai estudar, tarefa por isto, tarefa por aquilo, o tempo que eu tava em casa era, era, era enorme (silêncio) portanto eu fui trabalhar. (C2.2; C2.1) Eu fui privado do que eu mais gosto que é, ensinar desporto, portanto ensinar a modalidade que eu também aprendi que foi o andebol e...depois também me formei, tirei os cursos necessários para ter ahh... a cédula de treinador do desporto, neste momento até ao secundário posso (silêncio) ahh...também me inscrevi para poder dar humm...aulas ahh...e... mas eu na altura, isto já foi tudo após a minha velhice digamos, não foi um seguimento de estudos, tenho a cédula de treinador grau três e era isto que gostava de fazer, para passar o tempo, a ensinar independentemente de quem fosse mas... (voz tremula) crianças.

Entrevistadora: O que o impede?

Participante: Toda a gente diz que...que quer chegar a treinar os seniores e...a seleção e isso, eu também, cheguei a treinar mas... e tenho a minha cédula lá para ter ah...para treinar alto rendimento (silêncio). O mais fácil não é treinar os grandes, o mais difícil é ensinar os pequeninos a serem felizes, nisso eles precisam porque se não houver um trabalho de base eles nunca vão ser uns homens felizes (silêncio), eles lá em cima vão receber jogadores,

robot's (silêncio), eu vou receber jogadores que sabem genuinamente a modalidade e isso eu sei passar às crianças. (C1.2)

Entrevistadora: O que o impede de o fazer?

Participante: (suspira) (silêncio) Dra. da boca para fora eu consigo dizer muita coisa, acho que tenho esta capacidade, mas acho que, que ah... alguma vez também estudei, passei por alguns períodos mas também pela comunicação que eu tinha com clientes ahh... pôr em prática para mim ahh... (tom de voz desce) não consigo, não tenho força (silêncio), não tenho força. (C1.1.2)

Entrevistadora: Quando trabalhava como é que se dava com os seus colegas? E com o chefe? Como era a relação com eles?

Participante: Sempre foi muito (silêncio) ahh... a minha mulher acusa-me, ando em negociações com, para, ando em negociações para (silêncio), para rescisão amigável da empresa e... como vendedor, não se está a vender, mas depois também surgiu uma situação que foi o culminar, além de, da gestão de topo não ser, não ser muito agradável pelo culminar que ahh... o genro do dono ahh... que também tem a mulher a trabalhar lá ahh... perdeu o emprego e foi para lá, para a minha função que eu desempenho ahh... e... passou a ser analisado nos quadros de avaliação trimestral, mensal, semanal tal e qual como eu mas... eu não posso correr 10 km e ter uma meta ahh... a partir do 0 e... e alguém correr 10 km, ser avaliado pelos mesmos 10 km e partir ahh... 5 km à minha frente, quer dizer, é um bocadinho cansativo Dra. eu ahh... mais uma vez era comparado com... (silêncio) não pode ser... davam-lhe os quilómetros que era clientes, era matéria-prima, era aquilo que era necessário para ahh... mas pronto. (C4.4.1)

Entrevistadora: Neste momento qual é o seu maior medo?

Participante: (silêncio) (suspira) (silêncio) Dra. não posso... do que é que eu não tenho medo (silêncio), eu neste momento não tenho medo... (Silêncio) ahh... estou aqui com períodos de menos ansiedade mas... não tenho medo de... às vezes de, ou quase sempre de

estar em casa, de estar seguro mas mesmo assim a cabeça trabalha... aqui não sei do que é que não tenho medo, neste momento não sei... (C1.1.2)

Entrevistadora: Como é que se descreve? Neste momento descreve-se como uma pessoa...

Participante: Falhei...chega! É tudo... (C1.1.2) (silêncio) falhei, o meu pai tinha razão... o meu pai sempre teve razão... (silêncio) (C2.2) mas agora é tarde para dizer o que me está a dizer porque eu não (silêncio)... ainda por cima...

Entrevistadora: O que é que mudava?

Participante: (silêncio) Saía de casa e ia viver a minha vida (silêncio longo) (emocionado) começou mal...nunca me droguei, nunca me prostitui, nunca roubei, saía de casa... sempre honrei o meu trabalho, ia trabalhar, ia ser militar como fui (silêncio), acho que fazer amigos fazia-os à mesma, era genuíno à mesma, era genuíno de verdade, não era genuíno por momentos ou por aquilo que era ahh.. o meu impulso por querer viver aquele momento então tinha de ser bem, sempre fui perfeccionista ah... (C1.2) (silêncio) (sussurrar) parece que não...

Entrevistadora: O que não mudava o que mantinha?

Participante: (silêncio) A única coisa que eu não mudava na minha vida era a minha mulher (silêncio), até os filhos para mim, em determinados momentos tem sido... muito períodos que eles estão a passar de idade, tendo em conta a idade e... tendo em conta o crescimento, essa avaliação feita rigorosa há alguma desilusão ahh... aqui, ali. O meu filho tem mais que razões para, por vezes ter, aquelas situações mais instáveis a minha filha não. (C4.2.1) Agora a minha mulher (silêncio), essa ia comigo para todo o lado... (C3.3.3) (silêncio) e...

Entrevistadora: Sr. Cristóvão terminámos...

Participante: Uma coisa que eu nunca podia deixar de dizer, uma coisa que eu não mudava, podia dar a volta ao mundo, podia andar sozinho, não podia deixar de... de conhecer o meu avô Pires da parte da minha mãe e não podia deixar de conhecer a minha avó Maria. (silêncio) A minha avó Maria. é minha avó. minha avó (silêncio). era muito grande... com 96 anos era muito grande (silêncio). (C.1.5) A Dra. gasta a memória toda...

Entrevistadora: Obrigada Sr. Cristóvão por se ter disponibilizado a participar no estudo.

Observações

“Cristóvão” sempre se mostrou uma pessoa muito sedutora, sempre disponível para tudo o que lhe pedisse, atribuindo-me sempre um estatuto superior ao dele.

Quando questionado sobre a infância existiram momentos em que evitou abordar o assunto, como por exemplo, no início da entrevista quando lhe é pedido para falar um pouco da sua infância.

Ao longo da entrevista “Cristóvão” esteve sempre muito ansioso e tenso, tendo-se emocionado quando contava alguns fatos da sua infância, em que também falava do relacionamento com o seu pai. Também considerei relevante os vários silêncios que existiram ao longo da entrevista, os vários atos falhados, bem como o seu discurso confuso em alguns momentos que demonstram a dificuldade do participante em falar sobre a sua história de vida e se confrontar com momentos marcantes e em falar da sua relação com os seus objetos primários.

“Cristóvão” foi uma pessoa com a qual gostei de estar, já que o tinha avaliado anteriormente, porque sempre foi muito simpático e colaborante. Porém sempre foi uma pessoa que no fim das sessões me deixava cansada psiquicamente, algo que se voltou a repetir na entrevista, assim como uma grande preocupação sobre o seu estado clínico.

Antes de se iniciar a investigação foram explicitados os objetivos da investigação, que se pretendia estudar o vínculo amoroso que as pessoas estabelecem e a interligação dessa escolha com o funcionamento psíquico de cada um. Após explicitados os objetivos e assinado o consentimento informado, administrou-se o teste projetivo Rorschach (1ª parte do primeiro encontro com a entrevistadora) e depois iniciou-se a entrevista (2ª parte do primeiro encontro com a entrevistadora), que terminou no segundo encontro.

Nome: “Cristina”	Idade: 43 anos
Estado Civil: solteiro	Número de filhos: não tem

1ª Parte da entrevista

Entrevistadora: Então é assim Cristina agora vou-lhe pedir que me falasse um bocadinho da sua infância.

Participante: (silêncio) A infância foi boa ao contrário do que... se possa imaginar (silêncio) desde os 15 dias de idade até aos 11 anos estive numa escola militar, na manutenção militar e tinha várias... atividades (silêncio). Assim uma criança traquina porque tenho um irmão, mais velho e depois à posteriori tive também um irmão mais novo (silêncio), e queria ser sempre... como eles (ri; silêncio) e quando não estava na manutenção militar nós praticamente fomos nascidos e criados dentro de um quartel de bombeiros por isso eu... (silêncio) estava sempre em constante... (silêncio) se na manutenção tinha atividades mais...mais pedagógicas nos bombeiros tinha atividades mais, mais civis se é que se pode chamar (ri) assim, mas já nasci, já nasci e cresci sempre a olhar para as coisas, como causas (silêncio)...ainda hoje tomo essa noção (ri). (C1.1.1; C1.1.2)

Entrevistadora: A Cristina nasceu aonde?

Participante: (silêncio) Eu como quase todo o português fui nascer na maternidade Alfredo da Costa, como os meus pais trabalhavam na manutenção militar (silêncio) e naquela época a minha mãe só tinha 15 dias de licença de parto, por isso aos 15 dias já estava a ir para

a manutenção militar (silêncio) e foi até aos 11 anos, porque só tinham (tosse) até à 4ª classe (silêncio). E no último ano chumbei de propósito porque não queria sair da manutenção militar, de alguma forma gostava de ali estar, entrava às 8 da manhã e saía às 7 da tarde, depois quando regressava a Almada ou estava em casa ou nos bombeiros, porque depois os meus pais depois eram bombeiros voluntários e os meus irmãos.

Entrevistadora: Então nessa altura morava em Almada é isso?

Participante: Eu sempre morei em Almada, nunca, nunca deixei de morar em Almada, só que depois aos 11 anos quando já não pude chumbar mais vezes na 4ª classe (ri), porque já tinha sido apanhada (silêncio) tive de vir para a escola cá fora o que para mim foi mais problemático porque o que se fazia cá fora no 1º e no 2º ano, depois no 7º ano e no 8º eram coisas que eu já tinha feito na manutenção militar e foi aí que eu me senti um bocado desenquadrada (C4.4.4) apesar de ter tido a ajuda de alguns professores (silêncio). Um professor de música até era filho de um grupo musical (silêncio) e deixava o resto da turma na sala a fazer, copiar pautas de música e nós íamos jogar basquete para o campo ou lado (silêncio). Isso foi uma das coisas que me marcou porque foi um dos professores que mais compreendeu que eu já sabia pautas de música, já... as aulas de desenho já...(silêncio) trabalhos manuais já era...fazia de olhos fechados (silêncio), e depois era um bocado, também um bocado não era bem a ovelha ranhosa (ri), nem ovelha negra, era um bocado ovelha do contra (silêncio), (C4.4.3) porque apesar, prontos do convívio...sempre convivi com turmas mistas, nunca tive turma só de raparigas ou só de rapazes, só que de fato na rua onde eu morava é que era a única rapariga da rua e isso fez com que eu tivesse o privilegio de aprender a fazer carrinhos de esferas, andar de skate, jogar à bola, subir árvores e cair delas (ri).

Entrevistadora: Em relação à escola como era a sua relação com os professores?

Participante: (silêncio) Foi mais... foi mais complicado cá fora do que os 11 anos na manutenção militar porque quase que... a manutenção militar para mim era muito idêntica aos bombeiros, a gente entrava lá e estava em família, a gente conhecia-se desde a creche até, até a...até chegarmos à 4ª classe..(C4.4.4)

Entrevistadora: E como é que se davam todos quando estava na manutenção militar e nos bombeiros? Como era a relação?

Participante: Nos bombeiros eramos (silêncio), as crianças prontos...o meu irmão mais velho que tem uma diferença de três anos de mim tinha a geração quase simultânea na altura era muito mais familiar do que é agora. Então os bombeiros tinham sempre dois filhos ou três filhos e então praticamente era quase tudo, uma família a gente identificava-se muito. O meu irmão tinha os filhos dos outros bombeiros da idade dele, eu também tinha os filhos dos outros bombeiros, os filhos dos outros bombeiros da minha idade, mais ano menos ano e...e criam-se ali gerações de filhos de bombeiros (silêncio), mas era, era muito semelhante à manutenção militar humm... (silêncio). Cá fora é que realmente era um bocadinho mais problemático (silêncio), um...um bocadinho mais...não era desengadrada, era mais...(silêncio), talvez porque a escola já não, não era muito... porque eu já sabia aquilo tudo (silêncio) não por ser mais sabichona, mas porque já tinha tido a experiência da manutenção militar (silêncio). E porque... depois tornei-me um bocadinho rebelde (silêncio). (C1.1.3) Mas mesmo assim cá fora os professores não...só no nono ano é que eu desisti da escola, é que eu tive... (silêncio) mais, mais problemas, porque entretanto os meus pais separaram-se e... (silêncio) e eu não queria que a minha mãe fizesse sacrifícios para além das possibilidades dela e, e achei que também tinha que...porque queria trabalhar, queria fazer qualquer coisa diferente. (C2.1) Mas entretanto tive um à vontade... praticamente fui recolhida porque o meu quarto tinha tudo e ainda não sabia o que queria de fazer. Porque eu escrevia, eu desenhava a carvão, tocava instrumentos musicais (silêncio) e tinha a mania que prontos (ri) que o mundo era um bocado artístico. E na verdade não sabia muito bem por onde...porque também não queria mostrar aquilo que escrevia, também não queria mostrar aquilo que compunha, e também não queria mostrar os meus desenhos a... e comprava jornais de desp...da A, que curiosamente foi onde fui a trabalhar anos mais tarde. E de fato o meu primeiro cartoon foi feito através da foto de um colega meu, que conheci anos mais tarde.

Entrevistadora: Porque é que não queria mostrar Cristina?

Participante: Porque achava que me expunha muito (ri). Porque na verdade quando a gente mostra as obras acho que depois as pessoas mostram que pronto, os seus trabalhos serem ao nível das artes estão se a expor e eu não queria expor-me, não me sentia preparada

para me expor, nem mostraria, nem... até mesmo nos desenhos, mostrava a muito pouca gente. Mostrava apenas à minha mãe e à minha tia Otília (silêncio). (C1.1.2) Depois aos 14 anos quando a minha tia Otília faleceu, foi assim o desabar, o primeiro desabar que tive. (C4.1.5)

Entrevistadora: Como é que foi essa perda?

Participante: (silêncio longo) Trinta anos depois foi... foi como se fosse ontem (silêncio). Eu sei que não vou encontrar outra pessoa igual, como ela, mas também tenho que tirar o lado positivo da, da experiência (silêncio) também tive o privilegio de conviver 14 anos com... um ser humano extraordinário (silêncio). (C1.3) Em contra partida se eu não me dava bem com a minha própria avó, mãe do meu pai, (C4.1.2) em compensação com a minha tia, ela própria... não sei se, não sei se... porque ela tinha uma filha deficiente, e tinha supostamente tinha muita psicologia na altura, ou muita sensibilidade para lidar com... com as crianças (silêncio). (C1.3) E ela nesse aspeto, não sei se reparou que eu e a minha avó não nos dávamos, de facto, porque a minha avó queria que eu fosse a neta perfeita, a neta ideal, a neta que vai à catequese (silêncio) e eu não era nada disso. Eu era a neta que aparecia com os joelhos esfolados, aparecia... chegava tarde ao jantar (silêncio), porque tinha estado a jogar à bola ou ...e a minha tia não discriminava... porque na verdade eu sentia-me discriminada pela minha avó... (C4.1.3) mas a minha tia não... compensava tudo isso. E aos catorze anos quando ela faleceu, lembro-me nunca ter aceitado a morte dela (silêncio)... (C4.1.5) aumentou a minha raiva com a minha avó, que também já faleceu há dez anos. E que nunca mais nos falamos (silêncio). (C4.1.3; C4.1.2) Às vezes até me cruzava com ela na rua (tosse), e só a conhecia...ou só a reconhecia porque era uma pessoa de cabelos brancos (silêncio), aquelas pessoas idosas que prontos, que chamam a atenção (silêncio)... porque parece que têm uma nuvem no cabelo (ri; silêncio). Mas de facto o interior dela era muito mais cinzento, como uma nuvem (ri), era uma nuvem cinzenta (silêncio), acho que era... (silêncio) não criei qualquer tipo de... de rancores ou, simplesmente pronto, não me dava com ela, não me dava... (C4.1.2) mas nunca aceitei bem a morte da minha tia... não... (silêncio) demorou muito tempo até humm... (silêncio) tanto que eu nunca fui ao cemitério, não fui... (tosse; silêncio) eu como não acreditei que ela tinha falecido... é porque ela teve um funeral prontos, como se fosse um... uma bombeira, e ela era socia honorária dos bombeiros (silêncio). Eu não acreditei quando fui à capela, eu pedi para levantarem o véu, pronto aquele lenço branco (silêncio), porque que eu não acreditava, não... E lembro-me que foi a Ilda (tosse) que me

levou até ao caixão da minha tia ah... e quando eu vi a minha tia, saí porta fora, nunca mais (silêncio)... tomei a decisão de nunca mais ir a funerais, nem (silêncio)... porque achei que não era a recordação mais, mais bonita de se guardar de um ser humano que se gosta. E há seis anos quando faleceram os meus avós, (C4.1.5) a minha mãe acreditou nisso e até me perguntou se eu não ia ao funeral dela, e eu disse que não, que escusava de mandar convite, porque como há seis anos não fui ao dos meus avós (silêncio), ela não ia ser diferente. (C2.1)

Entrevistadora: Ela sua mãe?

Paciente: A minha mãe (silêncio). Porque isto à prontos... a minha tia faleceu tinha catorze, os meus avós faleceram há seis anos (silêncio)... e há sete (silêncio) e faleceram também muito... na data do meu aniversário, se eu não estou em erro. Com a diferença de um ano, lembro-me de que foram três anos seguidos no meu aniversário a falecerem pessoas, que eu gostava (silêncio). Primeiro a minha avó, depois o meu avô e uma colega minha do jornal, com quem trabalhei doze anos (silêncio) (C4.1.5) e eu não, não...e até lá a minha mãe achava que eu tinha aquela ideia de criança de, mas que ia ultrapassar não... (silêncio) há seis e sete anos que... com o falecimento dos pais dela, ela chegou à conclusão que de fato aquilo que eu dizia desde criança estava a assumi-lo depois de adulta. Ela fez-me a questão que era quando a mãe falecer... (silêncio) vais para o sitio para onde devem ir todos não faço ideia...(ri; silêncio) mas não entro, não gosto do cheiro das capelas, não gosto dos cemitérios (silêncio longo)...e não acho que seja uma imagem bonita de se guardar das pessoas... em envelopes de madeira, prefiro guardar as pessoas como elas eram, não como ficaram (silêncio) de resto... (C2.1)

Entrevistadora: Agora retomando um bocadinho mais para trás, quando era pequenina vivia com quem?

Vivia com os meus pais, que estavam sempre na guerra (ri) e com os meus irmãos, o mais novinho e o mais velho. (C2.3)

Entrevistadora: Como é que era a relação com os pais?

Participante: Minha para com eles, ou...

Entrevistadora: Sim.

Participante: Daquilo que eu me lembro, eu só me lembro de me dar mal com o meu pai, por volta ai dos 6/7 anos (silêncio) que foi quando comecei a observar que... ele não tinha só a minha mãe (silêncio)...eee...e eu rejeitava um bocado essa situação porque não achava que fosse justo não...e apesar de eu ter pouca idade não era que achasse prontos...que já não gostava da minha mãe, escusava de estar a enganá-la. (C2.2) E com a minha mãe (silêncio) era mais...era boa, era normal...era...ela protegia-me quando eu...embora não fosse muito de cometer asneira porque era sempre muito contida, (C2.1) tanto que eu ficava na rua no verão até às 10 da noite porque ela tinha confiança em mim. Eu nunca dei motivos para que ela não confiasse em mim. E a parte mais chata foi, prontos chegar a ver situações de violência entre eles. (C2.4) Sendo que a minha mãe era o elo mais fraco (silêncio longo) (C2.1) e depois aos 15 anos eles separaram-se (silêncio) e para mim foi um descanso. (C2.3) Apesar de para a minha mãe prontos, para ela ter sido difícil, porque eles casaram-se muito cedo. Eles começaram a namorar aos 12 e aos 14 já estavam a fazer a primeira encomenda, o que há sessenta anos atrás não era...acha a gente porque com tantas histórias que se vem a saber começo a ver até era muito normal (ri) mas socialmente não era muito (silêncio)... ee (silêncio)... acho que o meu pai sempre foi de afastamento (C2.2) não... porque acho que perdeu-se a recordação. Já me fizeram essa pergunta aqui, o que eu tenho do meu pai é dele como bombeiro não é como pai. Como pai não tenho qualquer registo dele (silêncio) a não ser que um filho de um Sousa não chora, um filho de um Sousa não isto, um Sousa aquilo... E eu dos três filhos era a que mais lhe fazia frente, era a que mais o contrariava. Não lhe pedia dinheiro para comprar um gelado, nem lhe pedia nada que ele achasse que fosse uma troca. Porque ele estava habituado a fazer trocas de silêncio com o meu irmão mais velho, conheci as...as ex. três namoradas dele (ri). (C2.2) E ele comigo não tinha qualquer hipótese não dava hipótese, nesse aspeto eu defendia muito a minha mãe. (C2.3)

Entrevistadora: Quando a Cristina me disse que assistiu a algumas discussões, a Cristina e os seus irmãos também eram envolvidos nessas discussões?

Participante: (silêncio) Nos últimos anos...sim. Tanto que eu tive umas atitudes de...defesa para com a minha mãe, porque tava a chegar a extremos (silêncio). (C2.1) E eu

pulei para cima do meu pai, tinha 15 anos, ele estava a tentar asfixiar a minha mãe, eu pulei para cima dele e fiz-lhe uma gravata porque também tinha tido...pronto as tais aulas de judo e aquelas coisas todas que tinha que tinha tido na manutenção militar de defesa também me fizeram depois utilizar um bocadinho (silêncio)... (C2.3) mas como eu tive duas ou três situações mesmo depois do divórcio, graves em que eu não lhe vi... não medi sequer o respeito porque não tinha nenhum respeito por ele, desde o momento em que...não pela separação da minha mãe, mas pela separação dos filhos (silêncio). Porque a separação da minha mãe era entre ele e a minha mãe, agora a separação com os filhos, ainda por cima com o mais novo, de nove anos, acho que não fazia sentido, (C2.2) porque nenhum de nós três pediu para...para vir ocupar espaço, eles é que quiseram fazer (ri) aumentar o agregado familiar. (C2.3)

Entrevistadora: Que situações foram essas, Cristina?

Paciente: Foram situações da atual esposa dele (silêncio). Uma foi...foi um dia que ele saiu de casa, que eu cheguei a casa e...e muitas vezes estava no jardim parecia que eu pressentia qualquer coisa, tipo...vai para casa, vai para casa. E às vezes eu chegava a casa e eles estavam a discutir. (C2.4) E dessa última vez, ele estava... (silêncio) ele já tinha um cargo alto nos bombeiros de Almada e... e eu achava que aquilo não era compatível...se ele praticava a solidariedade, se ele praticava... a vida pela vida dentro de um quartel como é que ele chegava a casa e ele próprio acabava com a vida dos outros também!? Fazia-me um bocado de confusão, aquilo (silêncio). E em casa essa foi a única vez, tanto que eu, fiz-lhe a gravata, como tinha 15 anos já era franzina, um bocadinho alta, e ele virou-se para mim e disse-me que se eu não fosse filha dele que... também levava. E eu disse-lhe “esquece que eu sou tua filha e bate-me” (ri). Enfrent...enfrentava...eu não gostava nada de enfrentá-lo a ele, (C2.2) tanto que à posteriori a atual esposa dele, após o divórcio deles, ligava para a minha mãe, eu duvidei da minha mãe achava que era mentira que ela queria chamar a atenção (silêncio). (C2.1) Só que um dia eu estava de folga e sem querer atendi o telefone e ou confundiram a minha voz com a da minha mãe, ouvi coisas... (silêncio) ofensas e coisas para bradar aos céus. Eu reconheci-lhe a voz e fui na altura, o meu pai morava com ela nos bombeiros, eu não disse nada à minha mãe, pousei o telefone, atravessei o jardim de Almada que era o que nos separava... (silêncio) entrei no (tosse) entrei no quartel e... perguntei à Célia, a telefonista, qual era o andar onde o meu pai morava. A Célia apercebeu-se que ia

haver festa. Porque eu nunca, nunca... porque sabiam que eu não tinha contato com o meu pai, que eu tinha cortado relações com ele (silêncio). O meu pai estava ausente do quartel e ela não disse, e eu toquei às campainhas todas e houve uma alminha penada que me abriu a porta e espreitou cá para baixo (ri) e eu descobri que era ela, porque fazia uma ideia do esboço de quem era a senhora. Eu desato a subir as escadas, no primeiro andar, se ela não tivesse comprometida, ela tinha fugido (silêncio). Ela escondeu-se dentro da própria casa e eu dei três pontapés na porta ia partindo o joelho, não partes o joelho não partes a porta (silêncio). E como a decoração do prédio eram... (silêncio) prontos eram casas do... de motoristas no caso dele de um bombeiro graduado, era toda decorada com vasinhos eu fui do primeiro andar até aos rés-do-chão, estraguei-lhe os vasos todos e confesso que me sinto muito mais arrependida por ter estragado as plantas (silêncio), preferia pessoalmente ter-lhe... ter-lhe posto a mão em cima. (C2.2) Quando cheguei cá fora já tinha... alguns bombeiros que me conheciam (silêncio) tinha a minha mãe e a bombeira, a tal bombeira, a Célia por tinha um menino atrás de mim, aperceberam-se que não tinha tido uma atitude normal. E lembro-me que o meu pai chegou no auto comando e virou-se para a minha mãe, no termo que eu levei, prontos, para mim ofensivamente, ele não se dirigiu a mim que eu é que estava a praticar atos feios mas virou-se para a minha mãe e disse o que é que ela queria. (C2.4) Eu levei aquilo para um lado tão ofensivo, tão ofensivo que pulei para cima dele e quem me segurou... foi um bombeiro amigo nosso de infância, João Caldas, que ele era enorme. Eu só sei que já estava com a mão no ar a agredir o meu pai e só sei que fiquei com os pezinhos, porque o João agarrou pelos ombros por trás e eu fiquei com os pezinhos no ar e com o braço, com o braço no ar, porque ia dar um murro ao meu pai. E até hoje não me arrependo. (C2.2)

Entrevistadora: Na altura quando viveram todos juntos, como é que se davam? A Cristina, os seus pais, os seus irmãos?

Participante: Não sei, tenho alturas que parecia tudo muito normal (silêncio) mas depois tinha aqueles momentos do meu pai (silêncio) prontos, que mais tarde vim a descobrir que não era o único, que não era um caso único dentro dos bombeiros. (C2.2) Depois tinha altura, que só mais tarde é que me apercebi que a minha mãe era submissa de mais, (C2.1) era (silêncio) ...mas também não condenava porque aos 12 anos (silêncio), foi o primeiro namorado dela, aos 15 casou mas também fez o que lhe apeteceu foi contra a vontade da família toda, tanto dela como dele, por isso ela pode não pode dizer que na vida não fez o que

quis, tal como eu, nunca posso dizer não posso dizer que na vida não fiz o que quis, eu fiz sempre o que quis (silêncio). (C1.1.3) Mas era...era... complicado aquelas...porque se ao mesmo tempo a gente tinha regras de conduta na manutenção militar, ou quando estávamos nos bombeiros, que somos preparados pra ajudar o próximo, para ajudar o semelhante e não se olha para trás não se pergunta “é preciso de ajuda?”. Quando toca, quando tocava a sirene já tínhamos ido. Como é que depois, se chega a casa e... e se vê o oposto. Aquilo para mim era um bocado... era um bocado confuso. (C2.2)

Entrevistadora: Até à separação dos seus pais, sempre viveram todos juntos Cristina?

Participante: Vivemos mas...mas cada um...o meu irmão mais velho, eu sempre me dei mal com ele até aos dias de hoje. A gente não consegue estar juntos mais de 5 minutos. (C4.1.2; C4.1.3)

Entrevistadora: Porquê?

Participante: (silêncio) Eu acho que também fui eu própria que criei esse muro porque... (silêncio) ele já tentou várias vezes se aproximar de mim. (silêncio) só que ele mexe com o meu sistema nervoso (ri). Ele ainda hoje não faz nada, se não for qualquer coisa por troca. “Vamos ao café? Vamos. Mas quem é que paga, a irmã! Caramba, este homem não é capaz de nada! (ri) Tem que ser sempre os outros a darem-lhe a ele. E mesmo em termos de...eu sinto que ele faz um bocado desse jogo, em termos de afectos para conseguir materialismo ou facilidades. Eu ainda hoje, 40 anos depois, não consigo... (silêncio) não consigo mais de 5 minutos ao pé dele. Com o mais novo é o contrário. (C4.1.2; C4.1.3)

Entrevistadora: Como é que é com o mais novo?

Participante: O mais novo temos 6 anos de diferença, ele depois teve um acidente nos bombeiros por discutir com o meu pai. (silêncio) (C4.1.5) que se calhar podia ter sido evitado, se ele tivesse ouvido um bocado os conselhos que eu lhe dei, mas... mas era o amor que se tinha aos bombeiros...o meu irmão mais velho também saiu dos bombeiros para vir viver para Lisboa. Eu também saí dos bombeiros, fui trabalhar para um laboratório de fotografia, (silêncio) isto tudo para não aturar-mos o meu pai, porque ele exigia que nós fôssemos os melhores bombeiros do mundo. (C2.2) Nós não tínhamos que ser melhores que os outros e

tínhamos que ser melhores (silêncio). (C1.1.3) E logo eu, para não entrar em confronto direto segui as pisadas do meu irmão mais velho e fui-me embora (C2.2) e voltei 6 anos depois a ir para Lisboa outra vez. Ainda tentei que o meu irmão mais novo viesse trabalhar comigo para o laboratório, só que, ele só conseguiu estar longe dos bombeiros, 2 ou 3 meses (silêncio) e uma vez falou comigo e disse-me a chorar que... até gostava do trabalho de laboratório mas que tinha saudades dos bombeiros (silêncio). Depois eu tinha 24 anos e ele 18, tinha acabado de tirar a carta e nas exigências do costume do Sousa (silêncio) ele discutiu com o Paulo à hora de almoço e o Paulo para o contrariar ainda tava na hora de almoço pediu a um colega uma mota e a 80 à hora conseguiu despistar-se (silêncio) e ficou paraplégico. (C4.1.5) E foi nessa altura que... eu tinha 24 anos, foi nessa altura que eu regresssei. Não é que eu regresssei, é que eu fui, ganhei coragem não me pergunte como!? Que passou um ano que pedi a um bombeiro, que também (tosse) tinha sido criado pela minha tia Otília (silêncio). Quando o Paulo teve o acidente nós não nos falávamos, precisamente por causa disso, porque eu não queria ouvir falar mais dos problemas dele com o pai, ele já tinha sido alertado para isso (tosse) eu dois dias antes tive a nítida sensação que estava a ser orgulhosa demais para o meu irmão (silêncio) e dei por mim a olhar para ele e a dizer caramba eu não falo com o meu irmão mas... se acontecesse alguma coisa eu acho que não me perdoava, e dois dias depois ele teve o acidente (silêncio longo; chora). (C4.1.2)

Entrevistadora: O que é que sentiu nessa altura Cristina?

Participante: (silêncio) Nessa altura lembro-me que era uma quinta-feira ou quarta, era dia de cozido à portuguesa... (silêncio) e... (silêncio) e o Garcia da Orta estava cheio de bombeiros quando nós chegamos de ir buscar a minha mãe a casa (silêncio longo) e lembro-me de estar (silêncio) porque tava a sufocar porque todos os bombeiros vinham ter connosco, do Seixal, de Cacilhas, de Almada, da Trafaria (silêncio) eu pedi ao Luís para me levar ao cemitério de Almada onde estavam os ossos da minha tia eu sabia que eram quase 5 horas (silêncio longo) e fui quando pela primeira vez eu fui... (silêncio) após a morte da minha tia (silêncio longo) e prontos e...(chora: silêncio) e consegui entrar no cemitério e perguntei ao coveiro a que horas fechava o cemitério, já estava na hora do fecho. O Paulo ia ser operado daqui a 2 horas...não sabia nada do estado dele os médicos, o doutor Jorge Passos deixou-me ver o meu irmão quando ele passou (silêncio) e ele pediu-me desculpa por estarmos chateados (silêncio) eu disse-lhe a ele para se portar bem lá dentro (silêncio) pareceu-me tudo muito

normal ao contrário do que estava e pedi depois ao Luís que... porque ele ia ser operado não levasse o... o tira-se dali, onde a minha mãe tava a ser amparada por bombeiros (silêncio). (C4.1.5) Discretamente a gente foi ao cemitério, (silêncio) tive que perguntar ao coveiro qual era o ossário da minha tia Otlia e... (silêncio) e pedi-lhe estive-se ela onde estivesse que, já a tinha perdido a ela, ela que ajudasse o meu irmão nem que fosse pela metade (silêncio) eu não sabia se quer qual o estado de gravidade do meu irmão. O que é certo, é que eu nem sequer sabia que ele poderia estar, não sabia nada pronto. Sabia que, para mim ele ia ser operado, (silêncio) Eu tive aquela espontaneidade de pedir à minha tia Otlia, para que ela protegesse o meu irmão, como me tinha protegido a mim, (silêncio). (C1.3) E mais tarde vim a saber que o meu irmão teve às portas da morte na sala de cirurgia, porque teve costelas fracturadas e um pulmão perfurado e hoje de fato é um paraplégico super independente (silêncio) de fato está pela metade como o pedi (silêncio) em desespero, mas a metade dele é muito... (silêncio) é muito relativa (silêncio). (C4.1.5) Isso fez com que mais tarde soube três anos mais tarde soube a causa do Paulo ter pegado na mota (silêncio) e se eu já antes dizia que... que não perdoava o meu pai por ter abandonado o filho mais novo, sobretudo o mais novo (silêncio) ...o que é esquisito é que há de há três anos para cá eu sinto que fiz um bocado as pazes com esse passado em relação ao meu pai porque, se durante estes anos todos eu sempre me recusei tivesse ele mal tivesse ele bem eu já mais eu iria voltar a falar com ele (silêncio). Eu de alguns tempos para cá, eu tenho...porque ele sempre teve graves problemas de saúde, pode ir a qualquer momento eu tenho a percepção que se, se ele me chamar eu sou incapaz de não ir... (silêncio) não por hipocrisia porque não é numa situação dramática que as pessoas devem, devem mostrar os seus afectos, mas porque eu sinto também que não sou a mesma (silêncio). (C2.2) Mas de facto foi, foram ciclos de... de praticamente dez em dez anos quando a gente já tava coiso...porque a minha mãe entrou em depressão com o divórcio (silêncio). (C2.1) Quase ao fim de dez anos ahh... o Paulo tem o acidente e a minha mãe volta a destabilizar outra vez, eu é que cuidei de tudo eu é que tratava de tudo, o meu pai mais uma vez não me ajudava em nada, (silêncio) o meu irmão sempre teve os apoios que um paraplégico pode ter, (silêncio) eu proporcionei-lhe tudo porque não queria que lhe faltasse nada, eu deixei de comprar o meu material fotográfico e tinha acabado de entrar no jornal A, eu não deixei que faltasse nada ao meu irmão, (silêncio) E começaram e comecei a revoltar-me um bocado, (C2.2) tanto que a minha terapeuta é um bocado fisioterapeuta do Paulo a Rosa, (silêncio) porque ela própria também assistia, conheceu o Paulo como bombeiro, que o pai de fato só lá ia para chorar lágrimas de crocodilo, porque depois materialmente, que era o que era

necessário na altura proporcionar em termos materiais para que ele pudesse fazer uma boa recuperação psicológica, fazia aquele papel do coitadinho, eu tenho outra família e eu perguntava “então este é filho de quem?” (ri), (C2.2) e ele praticamente sem me aperceber assumia esse papel. Não pus em causa a minha mãe já bastava de sofrimento pós divórcio, e ver um filho numa cadeira de rodas quer dizer, se eu como irmã já sentia o peso da situação, (silêncio) (C2.1) isto aos 24/25 anos, a entretanto o meu irmão foi operado logo coitado em Alcoitão, partiram-lhe os ferros e doutor Jorge Passos, tivemos que o raptar de lá (silêncio). E ele foi operado no dia dos meus anos, ele teve o acidente em maio em 94/95 recuperou rapidamente da cirurgia, aqui no Garcia, a gente não tem razões de queixa nenhuma, em três semanas conseguiram pô-lo em Alcoitão, e ele teve uma semana parada em Alcoitão e não saía da cama e tinha altos nas costas...eu liguei aqui para o doutor Jorge Passos e disse a situação que estava a passar com o Paulo e o doutor Jorge Passos falou com o diretor de Alcoitão e praticamente raptamos o Paulo de Alcoitão, transporte pessoal, uma ambulância e quando o diretor de Alcoitão deu avale para o Paulo sair para ser operado no Garcia da Orta, pelo doutor Jorge Passos a gente já não precisava da autorização para nada.

Entrevistadora: Mas a Cristina estava-me a dizer que a relação com esse irmão mais novo, o Paulo, era completamente diferente da relação que tinha com o seu irmão mais velho, como é que era a relação com o Paulo quando eram mais novos?

Participante: Antes do acidente não era muito... (silêncio) talvez pelos seis anos de diferença que tínhamos não é que fossem muitos mas como tínhamos amigos de idades diferentes, não quer dizer que se aquelas brincadeiras de rua que se alguém batesse no meu irmão, eu não fosse lá para socorrer, porque também se alguém me viesse bater a mim o meu irmão mais velho era capaz de me vir socorrer, era um bocado favores em cadeia. (silêncio) Mas depois da separação dos meus pais, eu senti isso mais tarde (silêncio), o meu irmão ficou muito desamparado, a minha mãe viveu intensamente a depressão dela e sentimos bastante que o meu irmão sempre viveu muito desamparado, nunca falou sobre isso, nunca... nunca ninguém falou com ele sobre isso (silêncio). (C4.1.5) (C2.1) O meu irmão mais velho saiu de casa e foi morar com a avó, mãe do pai dele, e nós ficámos os três sozinhos, a superar o estrago, porque o meu pai foi-se embora e levou tudo aquilo que tínhamos em casa (silêncio). Isso como foi muito vivido durante nove anos, até acontecer o acidente fomos vivendo os três e de facto comigo a trabalhar. (silêncio) se no início do divórcio a gente, eu é que tinha que

ver o futebol na casa do vizinho, eu fui trabalhar e não descansei enquanto não pus duas televisões, não comprei um VHS, não repus tudo aquilo que tinha sido retirado da casa da minha mãe. (C1.1.3) Depois o meu irmão também foi trabalhar cedo, também não quis estudar mais e foi para os bombeiros, era já era voluntário. (silêncio) Mas havia sempre aquele... não havia mau ambiente, só que o Paulo era uma pessoa extremamente meiga (C1.3) e eu era uma pessoa extremamente robocop (silêncio). (C1.1.3)

Entrevistadora: Como assim?

Participante: Porque era muito focada nos objetivos, não me expressava muito em termos emocionais, (C1.1.1) (silêncio) não... (silêncio) enquanto o meu irmão se chateava e com aqueles lábios carnudos que pareciam sei lá, aquelas borrachas (ri). Ele era muito beijeiro, muito era muito afável eu é que era muito ciborg, (C1.1.3) eu dizia “para de ser mariquinhas” (ri). Depois com o acidente dele, eu acho que foi o acidente dele que me transformou um bocado a mim, porque eu deixei de ser tão fria, tão... (silêncio) tão racional (silêncio). (C1.1.1; C4.1.5) Ultrapassamos as dificuldades dele sempre através da brincadeira, inclusive dele não sentir as pernas, não ter reações (silêncio) e...e sempre senti que psicologicamente para ele se eu usasse a brincadeira (silêncio) para falar daquilo que ele estava a passar, era muito mais fácil para todos. (C1.1.2) Mas ele como é óbvio com o acidente ficou muito mais frio, ficou muito mais revoltado...e eu fiquei muito mais emocionalmente, fiquei muito mais apegada a ele porque era... fui pedir para me salvarem o meu irmão agora não vou deixar, não vou deixar passar por isto sozinho. (C4.1.1) E de facto durante três, quatro anos era jornal, Garcia da Orta, Garcia de Orta, jornal (tosse), não me arrependo de nada até hoje.

Entrevistadora: Quando viviam todos juntos e os seus pais ainda não se tinham divorciado, como é que era a relação entre eles?

Participante: Entre?

Entrevistadora: Entre eles, os seus pais? Antes de se separarem.

Participante: Nós com eles ou eles...?

Entrevistadora: Entre eles.

Participante: Os meus pais tinham um relacionamento...pronto, o meu pai era mulherengo, a minha mãe sujeitava-se. (C2.4) Nós tínhamos uma vida boa, porque a minha mãe tinha um ordenado dela na manutenção, o meu pai tinha dois ordenados da manutenção e dos bombeiros de Almada. Só que o meu pai ficava com os dois ordenados (ri; silêncio) e através da terapia que eu vinha a fazer aqui, e até mesmo da avaliação com a Dra. Cátia cheguei à conclusão que a minha raiva nunca foi direccionada para o meu pai, foi direccionada, era direccionada para a minha mãe, a tal submissão (silêncio). (C2.1) Se a minha mãe não tivesse permitido tanta submissão se calhar poderíamos não ter passados por muitas coisas que passamos (silêncio). Mas é a tal coisa quando se é uma criança de 12 anos que se casou aos 14 e aos 15 já teve um filho, (silêncio) não me parece muito justo. (C2.1) (silêncio) Mas depois o lado...se ela cresceu demasiado cedo e se teve consciência que aos 35 anos teve que se separar do marido para...e fez aquelas tent...aquelas falsas tentativas de suicídio tive que ligar para os bombeiros porque tinha tomado comprimidos, (silêncio) há terceira vez eu disse-lhe que já tinha vergonha dela. Que se ela se quisesse matar, eu levava-a para a ponte 25 de Abril e empurrava-a... (C2.1) mas disse aquilo na brincadeira...eu sempre brinquei um bocado com as desgraças (silêncio). (C1.1.3) E sem me perceber, durante estes anos todos acho que foi isso que me...eu não tinha raiva pelo meu pai, o meu pai não tinha assim tanta importância como se calhar eu poderia imaginar que lhe estava a dar, tanto que eu perguntei à minha mãe na terceira vez que ela fez o circo de tomar os comprimidos e ligar para os bombeiros, chamar uma ambulância, porque o meu pai morava lá dentro, ela sabia que ele ia saber (silêncio). (C2.1; C2.2) Eu não tolerava aquelas chantagens emocionais e eu disse-lhe que, ou ela parava com aquele circo, ou eu virava-lhe as costas, porque eu não compactuava com aquilo. Porque se ela enchia o peito para dizer que vivia para os filhos e que amava os filhos, então o amor que tinha pelo ex-marido era superior ao dos filhos, então não fazia cabimento aquilo que... que ela própria também dizia que o amor de um filho...quer dizer, eu não fui mãe mas tenho esta perspectiva, mesmo como se tivesse sido...(C2.1) mas também já criei dois filhos que comecem batatas fritas e bife por isso, já os criei aos dois, por isso. E acho que foi aqui que eu descobri que, ou abri a pestana...não sei, (silêncio) que estes anos todos eu... (silêncio) a minha revolta foi, para além que falseado para o meu pai, e eu não sei porquê, porque é que de repente eu tirei aquele estigma de, eu não vou mais, se o meu pai me chamar e estiver a ir desta para melhor, eu vou. Não vou lá fazer a... a boa samaritana, porque

não tenho feito para isso, mas não vou negar um pedido dele, se ele assim o entender, porque eu voluntariamente, não... não sinto essa necessidade, até acho que está mais que perdoado. (C2.2) Só que depois achei que... (silêncio) de fato a minha mãe até aos dias de hoje, é, é emocionalmente muito chantagista, até mesmo com o meu irmão mais novo, eu não te disse, com as namoradas deles. A minha mãe já teve duas tentativas de pronto, de refazer a vida dela e não... (silêncio) não... não quis, ou não conseguiu, ou não foi feliz... não sei. (silêncio) Só que da minha infância, foi isso que ficou mais marcado e que eu descobri à pouco tempo que é, que eu sempre tive algumas reservas com a minha mãe não... (silêncio) e só me apercebi agora, por isso é que a gente não se fala há dois meses. Acho que desde o meu aniversário em Junho, Julho, sensivelmente dois meses (silêncio). E eu também não... sempre... (silêncio). (C2.1)

Entrevistadora: Deixaram-se de falar por causa desta zanga, que há pouco me estava a falar?

Participante: Não, estranhamente eu disse à minha mãe, que estava a fazer terapia no Garcia da Orta, prontos, na altura estava em avaliação com a Dra. Cátia, avaliação que à posteriori o Dr. Guilherme me explicou que não era terapia era avaliação... mas foi tão bom na altura que... depois com a Doutora Graça também, que consegui falar de coisas que não tinha conseguido falar (silêncio). Eu comentei isso com a minha mãe, que estava a falar de coisas da minha infância e senti que ela se sentiu ameaçada com alguma coisa e tentei fazer... porque eu sou muito calculista nessas coisas, agarrei na régua e no esquadro e tentei fazer porque é que a minha mãe se sente ameaçada? (C2.1) (silêncio) Porque na verdade estes anos todos eu, (tosse) eu não me posso queixar da vida mesmo depois de adulta, porque eu sou jornalista não tenho curso nenhum, mas consegui chegar onde cheguei (silêncio). Não por cunhas mas por mérito próprio. Porque fiz, fiz com que isso acontecesse. (C1.1.3) Sempre protegi o meu irmão e a minha mãe, o mais que pude. E senti que durante muitos anos, eles andaram às minhas cavalitas, e de facto isso foi-me dito, quer pela Dra. Cátia, quer pela doutora Gisela escarrapachado e caiu-me assim a ficha... (silêncio) não conheço em lugar nenhum, (silêncio) e são capazes de ter razão. E ainda são capazes, ou termos a certeza... têm razão! (C2.1; C4.1.1) Que o fato de eu viver constantemente em prol dos outros, mas é aquela coisa, quem nasce num quartel de bombeiros, (silêncio) ou quem nasce nos escuteiros, não sei... tem aquela, aquela... ou, não sei, a doutora é médica deve ter essa coisa... ajudar o

próximo, não é! (C1.1.3) Aquela ansiedade, eu criei problemas no meu jornal por ajudar um colega meu. (silêncio) E apesar de ter ganho uma depressão também com isso, não me arrependo até ao dia de hoje, voltava a ajuda-lo outra vez (ri; silêncio). (C4.3.4) Se calhar agora aprendi a ser um pouco mais, não tão frontal, ou a saber medir a minha frontalidade e de ser mais subtil, embora tenha muitos problemas com o excesso de frontalidade (silêncio). (C1.1.1) Eu não consigo dizer a uma pessoa que... que gosto se me apetecer dizer eu não gosto de ti vou te dar um murro, no sentido figurado...eu digo a essa pessoa (silêncio). Agora tenho muito poucos inimigos, felizmente, mas os poucos que tive que tinham algum poder no jornal usaram o seu poder para me atingir (silêncio). (C4.4.2) Isto... isto nos últimos tempos pesou muito, sempre cuidas-te dos outros e agora prontos...a gente também tem, precisa aprender a cair de joelhos e prontos, três ou quatro vezes que eu cai de joelhos e sempre me levantei. Fui com a minha mãe ao fundo do poço duas ou três vezes, mas eu vim ao de cima e esperei por ela cá em cima. Depois com o acidente do Paulo, fui com a minha mãe ao fundo do poço e esperei por ela cá em cima. (C1.1.3) (silêncio) Por isso eu não estava habituada a ir ao fundo do poço e a ficar lá (ri). E de repente dei por mim sentada, sentada comodamente no musgo do fundo do poço, e não me apeteceu ir ao de cima. (C1.1.2)

Entrevistadora: O que é que a levou ao fundo do poço?

Participante: (silêncio) Eu acho que era o...sentia um cansaço psicológico enorme até porque pela profissão e pelo desgaste que eu tinha (silêncio) e estava constantemente a fazer viagens e nunca parava. Tinha quase três meses de folgas em atraso, (silêncio) mas como eu gostava daquilo que fazia não...não media o tamanho das consequências das coisas. (C1.1.3) Mas começou-me a incomodar quando eu tive, quando comecei a trabalhar com o Dr. Guilherme eu...o fato de eu ter agora este editor há seis anos, (silêncio) nós somos o único jornal que recebe gente à uma da manhã, há meia-noite e meia, às duas...não cabe na cabeça de ninguém, uma pessoa não tem hora para dormir, nem para descansar. Ele é completamente desregulado e eu confrontei-o com isso no jornal e comecei a ficar na prateleira de castigo. (C4.4.2; C4.4.1) Ou seja, se eu vivi durante 18 anos com a adrenalina, no jornal, porque cá fora também vivia a minha adrenalina, eu não sabia viver sem adrenalina. (C1.1.1) De repente tipo, ele estava-me a confrontar, eu sou o editor “vamos lá pô-la de castigo para ver se ela acalma”. E eu durante...estou de baixa à dois anos, durante o ano e meio antes de eu entrar de baixa, eu fiz aquilo que eles queriam, fazia só conferências de imprensa, deixei de fazer jogos

de futebol, deixei de viajar, fazia conferências, colóquios com o diretor, que era a coisa mais maçuda...ou seja, fazia só serviços que não havia desporto nenhum. Eu durante um ano e meio também não...eu percebi, porque a gente durante 18 anos a gente aprende qual os jogos, o tipo de jogos psicológicos com que se... que a empresa tenta (silêncio) contornar os seus empregados, mais ariscas e eu percebi o jogo psicológico deles e deixei-me estar tranquila, sossegadinha, ao contrário do normal, por isso é que eles me puseram de castigo, porque sabiam os meus pontos fracos. (C4.4.2) Esta gente para tirar dos jogos, porque também sou forte, para me superar. Nesse aspecto eu era muito exigente comigo e para mim uma foto nunca era a melhor, tinha sempre que fazer uma foto melhor que a outra. (C1.1.1) E quando... eu me apercebi que eu não estava a fazer mais desporto, tava a fazer algo muito feio (ri), eu estava a fazer... os restos da agenda, e eu disse pronto, ele quer me chatear, mas eu vou fazer, vou inverter a psicologia dele que é... (tosse) vou aceitar tudo... (silêncio) e tinha por exemplo um serviço às dez da manha no estádio nacional e tinha outro às nove da noite no aeroporto, ou seja era um desgaste psicológico. Aguentei durante um ano e meio em silêncio e é certo é que eles também estranharam eu não refilar eu não...há aqui qualquer coisa que não está a bater certo, a Cristina concordar com esta apatia que lhe estamos a dar (silêncio). E na véspera de eu meter baixa, disse que... que o último ano e meio tinha sido muito bom, que tinha gostado muito do frio que ele me poupou dos jogos há noite, da chuva que não apanhei, das viagens que não tive que fazer malas, ter visto montes de jogos de futebol na televisão, com ele a trabalhar e eu em casa com os meus amigos a comer caracóis (silêncio) e que agora ia descansar. E ele ficou sem saber como é que eu ia descansar, só soube no dia a seguir quando eu liguei para os recursos humanos e disse que estava de baixa psicológica (silêncio). (C4.4.2; C4.4.3) Eu só aguentei inverter a psicologia deles, durante um ano e meio, porque depois eu já não aguentava mais, só me apetecia...comecei a ter instintos violentos, (silêncio) em que se eu apanhasse o meu editor um dia pouco bom, eu praticamente não ia ao jornal (silêncio) e eu comecei a temer porque às vezes bastavam-me por a mão no braço por trás e eu reagia com muita revolta cá dentro, e eu senti que... este é o momento de parar antes que faça estragos maiores e perca a razão toda, (C4.4.2) parabéns para ti, conseguiste enganá-los durante um ano e meio. Mas não consegues mais enganar-te a ti e a falta de adrenalina faz-te mal, é como a cafeína (silêncio) por isso agora vais para casa, descansas a cabeça, tomas cafés, vais tentar ser gente (silêncio). Pronto, estou de baixa há dois anos. (C1.1.2)

Entrevistadora: E essa mudança de rotina imposta pelo seu editor, o que é que lhe provocou? O que é que sentiu na altura?

Participante: (silêncio) Antes de eu tomar a atitude, “vou inverter a psicologia deles”, vou-lhes inverter o efeito que eles querem provocar em mim, eu era sempre...num grupo de seis fotógrafos, sendo que eu era a única rapariga, eu era sempre, a que prontos...numa pega (que eu nem gosto de touradas) mas numa pega eu era sempre o forçado, eu é que tomava sempre a iniciativa do grupo, daquilo que o grupo precisava, daquilo que o grupo não... (C4.4.2; C4.4.3) que a gente de vez em quando tinha reuniões... (silêncio) eu era sempre a que estava, não por.... eu acho que era instintivo, também prontos sempre fui assim na minha vida é preciso tomar-se uma atitude, toma-se não se fica (silêncio), não se fica à espera que a chuva caia do céu (silêncio). (C1.1.1) E sempre fui assim, pronto...o simples facto de estarmos seis anos na altura, estávamos todos esgotados, ninguém dos meus colegas conseguia dizer pah vamos fazer um dia de greve só para o editor abrir os olhos porque pah porque ninguém aguenta, porque ele só faz um serviço por dia, nós fazemos quatro, cinco, seis e eu já estava a fazer restos (silêncio). (C4.4.1) O que é certo é que eu venho de baixa com distúrbios do sono, com distúrbios alimentares, ninguém tinha horas para comer, ninguém tinha horas para dormir.(C4.4.4) Mas eles como de alguma maneira também se apoiaram, na frontalidade, eles descansaram um bocadinho mais e eu olho para o toro (silêncio), ponho a mão na cintura (ri) e quando olho para trás os rabejadores já tinham ido todos para casa, jantar ou almoçar com a família e eu disse “isto ninguém merece”. Tomaste a frente do cansaço geral e agora estás aqui sozinha, porque eles foram...piraram-se todos. (C4.3.3; C4.4.2)

Entrevistadora: Como era a relação com os colegas?

Participante: (silêncio) Era boa, tanto que haviam prontos, cada um com a sua personalidade. (silêncio) Se eu ia fazer um jogo ou uma dupla com um colega mais inseguro, eles punham-me a fazer dupla com esse colega que era o Ricardo, era o mais inseguro do grupo. Porque eu era mais objetiva, eu era mais prática (C1.1.3) e isto já vinha de outro editor que tínhamos tido antes, ele tinha-me explicado, porque houve uma altura que eu perguntei “mas porque é que eu só faço jogos com o Ricardo” e o Guto tinha-me dito que era porque quando os jogos eram muito tarde eu era o contrapeso do Ricardo eu... ele também prontos

tinha trabalhado na cede e depressa sabia muito bem ser editor, ao contrário do António (silêncio). E ele sabia, pronto, analisar psicologicamente e sabia onde eram os nossos pontos fortes e onde eram os nossos pontos fracos, e eu também aprendi muito com ele nesse sentido. (C4.4.1)_Também eu também já compreendo, pensei que fosse alguma coisa que eu não tivesse a perceber ou que... ultimamente ia sempre com a mesma pessoa. Porque o Ricardo demorava horas a escolher a foto para a primeira página e nós tínhamos meia hora para fechar a primeira página e eu olhava as fotos e fazia a leitura rápida do jogo e escolhia a foto da primeira página. O Ricardo às vezes duas horas depois ainda estava a pensar numa segunda hipótese para a primeira página, acha normal (ri) e eu comecei a levar fones. Mas enquanto contas anedotas, depois ele queria aquela atenção, o Ricardo era uma criança grande. E depois estava sempre a pedir a minha atenção “olha esta foto, olha esta foto” e eu chegava, “oh Ricardo eu tenho que olhar para as minhas fotos também”. (C4.3.2) E percebi por exemplo prontos que havia colegas, como o colega que eu defendi que foi uma coisa muito banal que era uma pessoa que estava a tentar sobressair no jornal e achava que ia domesticar os fotógrafos, como se nós fossemos animais. E ao terceiro fotógrafo houve ofensas grandes, por e-mails a um colega nosso, e ele não senti-o de facto o apoio de nenhum dos colegas de grupo e como já lá parava poucas vezes vim a saber da situação sem querer, num dia que lá fui para fazer contas de quilómetros. Simplesmente disse ao Serginho que tinha procedido bem ao escrever uma carta ao diretor, para a diretora, para o chefe de redação, em relação ao assunto mas que ele não se tinha comportado correctamente com ele, até disse a ele “se calhar não tinha sido tão branda” mas foi a atitude mais inteligente que fizeste e essa pessoa ao saber disso, eu passei a ser a quarta fotografa como alvo. (C4.3.4) E bateu de frente (ri). Tanto que a coisa chegou aos extremos de chegar aos recursos humanos. E entretanto faleceram os meus avós e eu senti que não me deram espaço para eu fazer o luto dos meus avós, ou aceitar a perda dos meus avós. (C4.1.5)

Entrevistadora: Como é que foi essa perda?

Participante: (silêncio) Do meu avô foi...aceitei porque acompanhei. Da minha avó foi... foi também aqui com... (silêncio) (C4.1.5) depois na altura comecei a ter com o psicólogo (silêncio). Não...durante cinco anos não consegui aquilo que eu consegui aqui... prontos não estou a passar nenhum atestado de incapacidade só... (C1.3) (silêncio) Ele de facto chegou à conclusão que três meses de conversa comigo, porque prontos eu estava

preocupada com a reação da minha mãe, com a depressão do meu irmão, com...falava que prontos, fiz tudo pelo meu avô com alzheimer, depois da morte da minha avó, tirei-o do lar onde o meu tio o tinha posto, cuidamos e tratamos dele (silêncio) e quando falava da minha avó eu tinha estado três dias a trabalhar seguidos e a seleção chegava da Alemanha no domingo, no dia 7 de Julho e eu lembro-me que disse ao Ricardo “não marques serviços para segunda-feira da parte da tarde porque eu vou ver a minha avó ela já está em coma há três dias e eu preciso de me inteirar da situação e estávamos sozinhos a trabalhar em lisboa e eram serviços de manhã à noite, não paravam (silêncio). E a seleção chegou a Lisboa e eu estava até a falar com o selecionador o Filipão e recebo uma mensagem a dizer para ligar para a minha mãe e para o meu irmão com urgência. Eu já nem precisei de ligar, eu sabia que a minha avó já tinha... (silêncio) àquela hora já, era tudo muito previsível. Tanto que eu pedi ao meu colega que, ao colaborador que e uma amiga minha fotografa que me segurassem, que me guardassem a mochila do material fotográfico e fui para trás do edifício do estádio nacional fumar um cigarro e dar uns pontapés nas bolas (silêncio). E não, não soltei uma pinga de lágrima, não... (C4.1.5) e depois o Ricardo chegou coitado, (C1.3) porque aquilo foi um alvoroço, o Ricardo tinha vindo do aeroporto até ao estádio nacional atrás do autocarro e chegou no fim da festa como era natural (silêncio). E o Ricardo disse-me “vamos passar os cartões” para eu poder ir ter com a minha família e que ele editava as fotos de manhã, nunca tinha feito no estádio nacional desde manhã até ao fim da tarde e até chegarmos à autoestrada o Ricardo pensava que chegava ao desvio e seguia para Santa Maria para Odivelas, mas eu fui atrás do Ricardo para o jornal e fui editar as fotos e quando lá chegamos a cima ao nosso departamento, ele disse “então não foste ter com a tua família?” e eu disse “fazer o quê, se a minha avó já morreu? Não vou ressuscita-la não... (silêncio) Agora está tudo lá na casa dela, fazer o quê, vou cantar o fado (ri). Editei cento e tal fotos, deixei os cartões com o meu colega Ricardo e depois é que fui para Odivelas. (C4.1.5)

Entrevistadora: O que é que sentiu quando soube que a sua avó já tinha morrido? Que a Cristina não a tinha ido ver.

Participante: Na altura não dei conta da situação, não...mas inconscientemente eu tenho noção que eu tava no tal fulano que me perseguia constantemente. (silêncio) E estava a começar a depositar toda a minha revolta em cima dele e... tipo este fulano não me deixa em paz, eu acabei de perder familiares, 99% da minha vida é o jornal e este cromo não tem vida

própria não me larga a breguilha (ri: silêncio) eu vou ter que lhe dar um chega para lá qualquer, não sei bem de que maneira. E teve muito perto de... (silêncio) de lhe pôr as mãos numa coisa que eu não gostava, que é aquele lado feio que nós temos, que nós ficamos cegos (silêncio) (C4.4.2) e eu tive um serviço que não tive olhos para isso que foi quando a seleção A, B vinha jogar em Portugal e o guarda-redes tinha dito que ia partir a perna ao Renato e isso criou aquele sururu que os jornalistas adoram, portanto quando fomos fazer a chegada da seleção belga, o meu colega do B foi agredido lá dentro (silêncio). Eu quando dei conta...o segurança nem sabia porque eu tava a tirar fotos tava concentrada no guarda-redes, o foco era o guarda-redes, o resto da malta não me interessava para nada. E cá fora de repente levo com um carrinho de malas nas pernas e caio para cima do polícia, assim que caio para cima do polícia, olho para trás e já havia aquela confusão toda porque o meu colega do B tinha sido agredido, vejo assim um cromo de dois metros, gordo imenso (ri) e eu disse “meu deus” eu só tive um pensamento enquanto me reerguia e a comissária, que na altura era uma senhora, que era comissária de serviço. O polícia estava-me a ajudar a reerguer só me lembro de olhar, que havia uma confusão imensa por de trás só ouvia “se não podes vencê-lo, junta-te a ele e via contra ele” (ri) e eu ia direita a ele, eu sabia que ele tinha capacidade física para derrubá-lo, bastava, eu só tinha uma hipótese, eu só tinha uma alternativa, uma alternativa, só podia jogar uma vez, que era, eu própria empurrar-me contra ele de maneira a que fossemos os dois contra o vidro do aeroporto e o Pedro reparou porque o meu rosto acho que se transformou de tal maneira que o Pedro diz que os meus olhos estavam completamente...o meu rosto transfigurou-se de tal maneira que eu tinha esse meu colega do B a segurar-me pelo carapuço, o polícia a agarrar-me com a mão dele no meu peito, a comissária também a tentar também agarrar-me, eles estávamos a ir os três a trás de mim em direção ao...e eu senti que isso não foi... foi das melhores emoções de se ter e foi quando eu decidi, porque o meu avô já sofria de alzheimer, (silêncio) eu vou passar os últimos dias com o meu avô. (C4.4.3) Parece que tinha sempre a percepção das coisas, prontos... (silêncio) E meti férias em Maio e... e no ano a seguir ao falecimento da minha avó meti férias em Maio e o meu avô partiu, prontos no dia do meu aniversário 10 de Junho (silêncio), um ano a seguir à morte dela. (C4.1.5)

Entrevistadora: Também foi a 10 de Julho? A Cristina tinha-me dito que tinha existido três falecimentos na sua data de aniversário.

Participante: Foi perto. A minha avó fazia anos quando o meu irmão, 29 de Junho...ah... eu faço a 10 de Julho, praticamente o nosso grosso familiar, o nosso dorso familiar fazia anos em Junho, a gente reunia-se sempre em Junho para fazer almoçarada (silêncio). E o que é certo, é que pra minha mãe, a morte dos pais ficou sempre marcada pelos aniversários dos filhos e reparei que isso também me abriu um bocado de consciência nos últimos anos em que a minha mãe (silêncio), é como se eu não pudesse fazer mais aniversário, é como se o Paulo não merece festejar mais o aniversário dele vai sempre dar a... vai sempre lembrar os pais (silêncio). Eu achei que tinha que me libertar disso... (silêncio) (C2.1) tanto que o ano passado eu não fui ao funeral dos meus avós, tive sempre cá fora na capela, ao pé da minha mãe e do meu irmão no carro. Eu nem para ir à casa de banho entrava na capela porque eu não suportava o cheiro, aquele cheiro da morte que é uma coisa... (C4.1.5)

Entrevistadora: Como é que a Cristina lida com a morte?

Participante: (silêncio) Eu não lhe dou a importância que ela exige das pessoas, porque vejo as pessoas chorarem a morte e...temerem a morte. Eu própria já disse, eu já desafiei a morte. Quando o meu irmão teve o acidente eu peguei no carro e fui à noite pela estrada fora, uma estrada quase deserta, praticamente deserta... e pus o pé no acelerador e na altura pronto, era uma coisa inconsciente tipo... agora tu desafiaste o meu irmão, agora tipo não era morte era a vida (ri) e eu fiz esse desafio, tipo desafia-me a mim agora se consegues (silêncio). (C1.1.3) E para mim é um bocado aquilo que eu... eu sei que a minha tia fez este ano 29 anos que partiu, faz agora dia 8 de Agosto, 29 anos. Curiosamente é um dia que eu tiro para mim mesma sempre, mas não faço questão de ir ao baú das recordações, gosto, nesse dia só faço aquilo que quero e me apetece, e curiosamente (silêncio) há 8 anos atrás, achei uma coincidência não é, eu tava num torneio de ténis, que até uma modalidade que eu não gostava muito, aprendi a gostar no Algarve e ganhei três prémios de fotografia durante três anos consecutivos num torneio de Monte Mouro, e calhava sempre no dia 8 de Agosto. E a minha mãe chamou-me a atenção, ainda dizias que a tua tia não olha por ti, a minha tia não fotografa (ri). No primeiro ano lembro-me que...eu nem era de concursos, era só porque aquilo era um torneio, eramos sempre os mesmos que íamos porque era no verão, era aquela parte do jet 7 e jet 8 e do jet 9...essa parte eu não gostava nada. Mas o ténis era uma modalidade que nós não fotografávamos muito, eu detestava ir ao Estoril Open, mas em Vale de Lobos aprendi a gostar de ténis porque era mais... mais descomprimido era mais brincadeiras que o ténis dos

famosos, que tinha uns circuitos de diversão e eu aprendi a gostar de ténis naquele torneio. E no segundo ano eles começam a abrir um concurso para os dez fotógrafos mais ou menos que estavam sempre presentes e eu sem querer ganhei os três anos seguidos, ganhei os concursos de fotografia (silêncio). E sei prontos sei que inconscientemente isso também causou algumas ciúmeiras em colegas, que nunca queriam ir a Vale de Lobo mas começou a ver prémios de fotografia e começaram a querer ir. (C4.3.5) Ao quinto ano eu deixei de ir a Vale de Lobo.

Entrevistadora: Gosta do que faz Cristina?

Participante: (silêncio) Gosto! Se não me prenderem gosto (ri; silêncio), se me deixarem ser a repórter fotográfica que eu gosto de ser, (silêncio) fotografar futebol, fotografar raybbie, fotografar hóquei em patins... (silêncio) agora se for para fotografar colóquios chatos, conferências de imprensa, epah cortem-me os pulsos, ou mandem-me da janela abaixo, ou mandem-me embora e essa é a minha consciência neste momento. (C4.4.2) Eu sei que tenho, que estou a preparar o meu regresso ao jornal, não sei se vou ficar, ou se vou negociar a minha saída. Agora sei aquilo que não quero, que é a inercia e eu não quero estar de castigo numa sala, enfiada numa prateleira, nem estar no (tosse), nem estar até à 1 da manhã para receber uma agenda (silêncio) porque se me quiserem deixar ser fotografa, eu tenho força e genica e psicologicamente tenho vontade durante mais dez anos com uma arrogância desculpe de lhes dar um bocadinho mais de raiva (ri). Se não quiserem também entendo que a gente não pode agradar a gregos e troianos, e os tempos também mudam e... as conveniências atuais também são cada vez mais, mas eu estou disposta a assumir esse risco, se não for para me sentir bem, eu não consigo fazer nada como deve ser. Eles que pensem bem o que é que querem fazer comigo, porque a bem têm tudo o que quiserem de mim, a mal não têm nada. (C1.1.3; C4.4.2)

Entrevistadora: Ok. Cristina, hoje vamos ter que ficar por aqui.

2ª Parte da entrevista

Entrevistadora: Então é assim Cristina, eu gostava de fazer algumas perguntas relacionadas com a sua infância que não fiz da última vez. Uma delas é se alguma vez a Cristina teve alguma doença ou alguém próximo, quando era pequenina?

Participante: Sim tive bronquite asmática, que tive... deram-me 24 horas (silêncio), na altura deram-me 24 horas e... e tiraram-me da Estefânia que era para morrer, que fosse morrer a casa (silêncio). Assim familiares, isso eu não tava aqui (ri).

Entrevistadora: E tinha que idade nessa altura Cristina?

Participante: Acho que era...três meses (silêncio) se bem me lembro acho que eram três meses, a minha mãe contou (tosse) (silêncio) e depois quando de... (tosse) assinou o termo de responsabilidade e...com aquela ideia que se fosse para morrer, que morresse em casa e levaram-me para casa da minha tia Otília (silêncio), ao fim de 48 horas eu tava viva (silêncio), depois safei-me (silêncio). Assim doenças familiares (silêncio) há muitas. (C4.1.5)

Entrevistadora: Mas assim na infância? Quando era pequena.

Participante: Assim minhas?

Entrevistadora: Ou de alguém próximo, pai ou irmão alguém significativo.

Participante: A minha mãe sempre teve problemas, porque na gravidez do meu irmão Paulo, seis anos mais novo que eu depois... apanhou diabetes e...e teve problemas de tromboflebitas, também a minha avó já tinha, (silêncio) tiroide, é uma lista infindável. (silêncio) O meu pai acho, que tem problemas respiratórios (silêncio), tal como a mãe dele (silêncio), mas pronto o meu pai acho que foi mais derivado aos abusos que fazia, porque fumava muito e...e bebia, aquelas coisas, aquelas bebidas assim um bocado pesadas, águas ardentes ou assim.

Entrevistadora: E como é que lidava com esses problemas? Disse-me que a sua mãe sempre teve muitos problemas.

Participante: Humm na altura achei normal (silêncio), sendo que a gente fomos criados nos bombeiros, ver doenças (silêncio) a gente acho que não diferenciávamos muito bem o que é que era uma doença para toda a vida ou uma doença que daqui uns tempos passa (silêncio),

sendo que a minha mãe também não se cuidava muito (silêncio). Aos 18 anos fui operada ao joelho (silêncio) deram o nome de artrite reumatoide sem saberem o que é que era, mais ou menos aquela prontas...batizaram com uma artrite reumatoide mas também nunca mais me deu problemas.

Entrevistadora: Quando era pequenina alguma vez esteve separada dos seus pais por algum tempo?

Participante: (silêncio) Não tirando nas férias, mas eram sempre muito...mas quase nunca (silêncio) não houve assim grandes separações.

Entrevistadora: Mas quando diz quase nunca, é porque existiram alguns momentos?

Participante: Não aquelas separações de férias curtas da escola que eventualmente poderíamos ir ou para a casa da minha avó em Odivelas ou quase sempre (silêncio) ficávamos pronto, eu na casa da minha tia Otília (silêncio), não eram separações de 24 horas nem de dias eram (silêncio), era estar o dia só os ver à noite, por exemplo não era...

Entrevistadora: Não se lembra de nenhuma separação em que tivessem mesmo ficado, separados durante uma semana, duas?

Participante: Não, só as idas para Odivelas, mas...praticamente em que a gente se falava por telefone.

Entrevistadora: Como é que isso era vivenciado pela Cristina?

Participante: (silêncio) No meu caso não é que ... a minha avó de Odivelas era, era muito (silêncio), uma pessoa muito aberta, muito liberal, não nos prendia dentro de casa, só que também onde ela morava não podíamos brincar para muito longe. Sendo que se estivesse deste lado sempre podia entre a casa e os bombeiros ter o jardim de Almada, podia fazer mais...teria mais opções de... (silêncio) mas também não era contrariada mas também não estava lá de boa vontade (ri). (C1.3)

Entrevistadora: Diga-me uma coisa Cristina quando era mais pequenina tinha muitas obrigações em casa? Responsabilidades?

Participante: (silêncio) Na verdade não, só eu é que entrava no meu quarto (silêncio), tanto que como às vezes as outras chaves das outras portas davam para abrir o meu quarto (tosse) como o meu irmão ia-me lá roubar os chocolates, só que a minha mãe ia lá, ia lá vasculhar as coisas que (tosse), que eu escrevia (silêncio), eu optei por... fazer desaparecer as outras chaves todas e ficar só com a do meu quarto e tive de castigo por causa disso mas... também nunca...não foi o castigo que o meu pai me deu que me fez dizer onde é que estavam as outras chaves por isso... (C2.2) O meu quarto era a única obrigação que eu tinha, que era guardar o meu quarto, que era onde eu tinha as minhas coisas todas. Não era assim um quarto muito grande, só...eu conseguia transformá-lo num T4 sem casa de banho nem cozinha. Nunca tive assim obrigações, a não ser à posteriori da separação dos meus pais, em que a minha mãe teve de ser operada, eu fiquei a...prontos a tomar conta dos meus irmãos, não era assim nada, todos nós colaborávamos dentro do possível. (C2.1)

Entrevistadora: Diga-me uma coisa, quando era pequenina brincava com quem?

Participante: Tinha de brincar com os meus irmãos, com os amigos dos meus irmãos porque na rua só tinha (silêncio), só tinha uma rapariga que era a filha da cabeleireira e como deve imaginar naquele tempo (silêncio), as filhas das cabeleireiras nunca iam, tudo o que era miúdos na rua era...eram más companhias (ri). Por isso ou brincava com os meus irmãos ou nos bombeiros, a brincar com os meus amigos e aí já tinha mais amigos, filhas de outros bombeiros. (C4.3.1)

Entrevistadora: Brincavam a quê?

Participante: Nos bombeiros brincávamos aos bombeiros pequeninos, no jardim brincávamos a tudo desde jogar à bola, desde de subir árvores, desde... (silêncio), fazer carrinhos de esfera andar de skate (silêncio) campeonatos de rocon com outros grupos, em que eu tive de cortar o cabelo como o meu irmão mais velho para poder participar porque senão não aceitavam raparigas.

Entrevistadora: E naquela altura tinha muitos amigos?

Participante: Tinha...nesse aspeto não me posso queixar.

Entrevistadora: E como é que eles eram? Como é que os descreveria?

Participante: (silêncio) Uns eram piores do que eu outros, eram melhorzinhos do que eu.

Entrevistadora: E isso é o quê...piorzinhos e melhorzinhos?

Participante: (silêncio) Por acaso à sempre aquelas três fases das crianças, essas que estão mais sogadinhas, uma fase mais sogadinha, quando são maiores, os do meio porque não têm quem os proteja, protegem os mais pequeninos, nunca se bate nos maiores e depois há os maiores (silêncio), a quem às vezes se presta vassalagem (silêncio), mas eu não tenho assim... (silêncio) como disse da outra vez nós tínhamos naquela altura, prontos os casais tinham sempre no mínimo dois filhos, às vezes três, quatro, havia sempre a geração dos pais filhos em que se a gente batesse no mais novo, os amigos mais velhos vinham bater na gente, e o nosso irmão batia neles e era assim...tipo favores em cadeia, resultava tudo a baterem-se uns aos outros e depois no fim do dia não era nada. (C4.3.3; C4.3.4)

Entrevistadora: E havia algum melhor amigo? Ou melhor amiga?

Participante: (silêncio) Mais tarde havia porque apareceram duas raparigas de outra rua, que era a Luísa e a Cila, curiosamente hoje mora ao pé de mim a Cila (silêncio). Às vezes passavam raparigas por perto mas como viam a jogar futebol, muitas raparigas não faziam essas coisas porque ficavam assim a olhar para mim como se eu fosse um alien (silêncio), e porque fazia tudo aquilo que elas tinham vergonha ou não podiam fazer (silêncio), mas assim grandes amigos tenho esses da infância. (C4.3.2; C1.1.3)

Entrevistadora: E como é que eram a Luísa e a Cila? Como é que as descreveria?

Participante: (silêncio) Acho que eram normais (silêncio), eram raparigas normais, era aquela fase dos...dos doze, treze, catorze, talvez treze, catorze.

Entrevistadora: Que características é que elas tinham que a Cristina gostava e por isso é que eram as suas melhores amigas?

Participante: (ri) Também eram as únicas, eram as únicas que...quando fomos para a nossa rua prontos, tinham o namorado lá ou...ou participavam nas nossas brincadeiras (silêncio), não sei acho que...que eram normais. A gente depois andava tipo em bandos (silêncio), o que um ou dois fazia os outros todos faziam, não havia assim...

Entrevistadora: Se a Cristina pudesse mudar algo na sua infância o que seria?

Participante: Acho que tinha prolongado a manutenção militar até ao 12º ano (ri: silêncio). (C4.4.4)

Entrevistadora: Porquê?

Participante: (silêncio) Porque de fato... mas também já tenho outra cabecinha (silêncio), porque de fato também assisti não só à minha mas também assisti e...não só a minha mas também à dos meus irmãos. Quando nós íamos para a manutenção militar com 15 dias de idade e saíamos de lá aos 10, no meu caso aos 11 (silêncio), e era sempre aquela choradeira do costume (silêncio), era como se a gente nunca mais se visse, como se nunca mais se fosse ver na vida, fomos criados 10 anos todos juntos (silêncio), e na altura não havia (silêncio), pronto um psicólogo de apoio às turmas ou...mais que não fosse para nos preparar para a vinda cá para fora (silêncio) no meu caso foi, foi determinante um...a saída da manutenção, quatro anos que tive cá fora a estudar enfim...(silêncio) estava totalmente desenquadrada (silêncio), talvez se calhar, se tivesse tido...apoio psicológico na altura ou dois anos antes ou na terceira classe (silêncio) talvez tivesse aceitado melhor as coisas cá fora, que no fundo eram, eu ia para uma escola fazer o que já fazia na manutenção (silêncio), se calhar não tinha tanto espaço para ser rebelde. (C4.4.4)

Entrevistadora: Quando estava triste o que é que fazia para se sentir melhor? Quando era pequenina.

Participante: (silêncio) Eu escrevia, fazia cartoons, (silêncio) anhh...agarrava no sintetizador e tentava compor qualquer coisa (silêncio), quase sempre (tosse) não saía nada, achava sempre que as coisas, as coisas...tirando os dois...normalmente era o que eu deixava sempre até ao fim, os retratos a carvão (silêncio), a escrita deixava sempre a meio também (silêncio), mas sim...e eu ia para a minha caverna como eu lhe chamava, enfiava-me na minha caverna e...(silêncio) e refugiava-me um bocado nas coisas que eu gostava de fazer...
(C1.1.2)

Entrevistadora: Como era estar na sua caverna?

Participante: (silêncio) O meu quarto era uma despensa grande, e permitiu-me desenhar um estúdio para que eu pudesse ter a minha televisão pequenina, o meu sintetizador, as minhas coisas de desenho, as minhas coisas de escrita (silêncio), eu praticamente só lá não tinha uma, uma casa de banho, uma cozinha, sendo que aquilo não tinha janelas, era uma caverna no verdadeiro sentido da palavra, uma caverna de luxo (silêncio), porque eu tinha tudo aquilo que a minha casa tinha praticamente.

Entrevistadora: Qual era o seu maior medo naquela altura?

Participante: (silêncio longo) Acho que não tive assim grandes medos (silêncio), tirando que não detestava que a minha mãe me fosse ver as coisas (silêncio) que eu escrevia (silêncio). Acho mesmo que era invasão da minha mãe e do meu irmão à minha caverna, de resto não tinha assim grandes medos. (C2.1; C4.1.3)

Entrevistadora: O que é que imaginava naquela altura se eles invadissem a sua caverna...o que acontecia?

Participante: Acontecia aquilo que aconteceu, que foi tirar as chaves das portas todas e jugá-las fora e...e ficar só com a do meu quarto no bolso e nesse dia fiquei... fiquei não sei quantas horas não me lembro ao certo à frente do meu pai à espera de dizer onde eu tinha posto as chaves e eu fiquei calada e quase sobre tortura nunca disse o que é que tinha acontecido com as chaves e...e a minha estava guardadinha.

Entrevistadora: Mas em termos emocionais essa invasão significou o quê?

Participante: (silêncio) Significou... o meu irmão prontos, queria-me roubar os chocolates porque era guloso e eu nunca fui muito gulosa (silêncio), então aproveitava os chocolates, os chocolates que a minha mãe me dava para fazer troca na rua ou com livro ou...aquelas coisas que a gente fazia antigamente. Os miúdos trocam jogos da playstation, a gente trocava (silêncio) os livros da BD ou... (silêncio) e o meu irmão roubava-me (silêncio), roubava-me a mercearia e eu, e eu a parte disso...ia com uma tesoura e cortava-lhe os fios dos carinhos ou dos aviões telecomandados (silêncio) e essa era a guerra, as grandes guerras. O meu irmão mais velho, quando ele assaltava o quarto eu estragava-lhe os brinquedos (silêncio). (C4.1.3) Com a minha mãe era, achava que ela não respeitava o meu espaço, porque eu sabia que ela ia ler as coisas que eu escrevia. Acho que tive um ou dois diários (silêncio), mas depois como consegui juntar dinheiro o modo de escrever era barulhento (silêncio), ela também não perdeu o vício de tentar...e claro tava dois ou três dias sem falar com ela. (C2.1)

Entrevistadora: Naquela altura identificava-se com quem?

Participante: Na família?

Entrevistadora: Conforme...

Participante: Se eu tinha alguém de referência... (silêncio longo) tirando com o Camões, nasci no dia de Camões (ri) (silêncio), e sou zarolha como o Camões (silêncio). Acho que não me identificava com ninguém (silêncio longo). (C4.1.2) Não sei...talvez...em algumas fases assim mais pequenina, mais pequenina talvez com o meu pai, por causa dos bombeiros (silêncio). Porque na adolescência a gente começava a ouvir os artistas...nunca fui de ser fanática por nenhum artista (silêncio longo). Não tinha assim... (silêncio longo) tirando (tosse) a minha tia Otília (silêncio) que para mim era um ponto de referência não tinha assim mais ninguém. (C4.1.1)

Entrevistadora: E porque é que ela era esse ponto de referência?

Participante: (silêncio longo) Porque eu costumo dizer até hoje (silêncio) que... (silêncio) até aos 14 anos ela ensinava-me a preparar por contrário...ensinou-me a preparar como... para as coisas boas da vida, só não teve tempo para me preparar para as más (silêncio), e tive que me...pois, tive que me desenrascar sozinha, mas pelo menos para as coisas boas da vida ela teve tempo de me preparar para elas... e olhar para a vida sempre com otimismo, e bastava eu olhar para ela e ela tinha uma filha com paralisia e...(silêncio) e ver o sacrifício que ela fazia e ainda ajudava toda a gente e mais alguém que lhe aparecesse pela frente por isso... (silêncio) Acho que talvez tenha sido aí que eu fui buscar esta minha mania de... de fato olhar mais para os outros do que para mim (silêncio), mas isso para mim é uma coisa... quer dizer agora já não é assim tão boa, mas...na altura era uma coisa boa. (C4.1.5)

Entrevistadora: Descrever-se-ia como uma criança...

Participante: Como uma?

Entrevistadora: Completando a frase descrever-se-ia como uma criança...

Entrevistadora: (silêncio) Não sei porque... (silêncio) eu acho que até aos 15 anos (silêncio), embora quem veja um bocado a história da minha vida dizia coitadinha, tchi coitada, (C1.3) mas as pessoas não fazem ideia que eu tive uma infância e uma adolescência fabulosa... poucas foram as raparigas que... (silêncio) não é que não haja (silêncio), que fizeram as barbaridades que eu fiz, inclusive andar de skate por baixo de um autocarro ou... por isso eu tive uma infância e uma adolescência apesar do modo familiar sempre foi muito, bastante intensa e vivida e... e não deixei de fazer tudo aquilo que me apetecia (silêncio). Mas aí a partir dos 15 comecei ah...porque já me disseram também, comecei a ser demasiado cedo adulta. (C1.1.3)

Entrevistadora: Mas que características é que tinha em criança? Se fosse se descrever em termos de características diria que era uma criança?

Participante: As pessoas dizem...as pessoas costumam dizer maria rapaz (silêncio), que eu até hoje ainda não sei qual o termo certo maria rapaz. Porque podia ser um Cristina faz tudo, não tem que ser necessariamente uma maria rapaz.

Entrevistadora: Como se via?

Participante: Na verdade era uma maria rapaz porque...(silêncio) também não tinha mais raparigas para ser uma maria rapariga (ri). A minha mãe prontos... os brinquedos que me davam ao princípio davam-me bonecas (silêncio), ia brincar com bonecas com quem? (silêncio) Ainda lhes cortava o cabelo, pintavas-lhe as unhas (ri) (silêncio), cheguei à conclusão que não tinha jeito nenhum para cabeleireira, a estética não era propriamente o meu forte, mas pronto... não era, não tava longe de ser na verdade, o que se chamava antigamente uma maria rapaz. (C1.1.1)

Entrevistadora: O que recorda de mais significativo da adolescência?

Participante: Os bombeiros (silêncio), pela positiva os bombeiros (silêncio), porque foi uma infância toda assistida às instruções aos sábados (tosse), à espera que chegasse a minha idade, para eu poder fazer a minha inscrição (silêncio) e começar a ir fazer aquilo que já sabíamos fazer, porque até ter idade para entrar nos bombeiros eu era sempre as instruções ao sábado, eu era sempre (silêncio), oferecia-me para fazer...eles faziam as instruções na casa escola onde havia simulacros e eu era sempre a vítima entre aspas.

Entrevistadora: Como era a relação nessa altura com os colegas e com os amigos, na adolescência?

Participante: Era boa, não era boa, tanto que o quartel novo foi construído e eu ainda lá tava adolescente, e nós os filhos dos bombeiros fizemos uma casinha de tijolos como se fosse o nosso quartel e um dia aquilo foi a baixo e ficámos lá todos debaixo dos tijolos. (C4.3.1)

Entrevistadora: Como era estar em grupo nessa altura?

Participante: (silêncio longo) Era mais ou menos aquilo que é agora em crescidos só eu comparar em grupo, e agora no trabalho (silêncio). Na infância, é uma bagunça mais ingénua, mais saudável (silêncio), menos consciente, o fazer uma casinha de tijolos e aquilo abanar por

tudo o que é lado e a gente fingir que aquilo era o nosso quartel, a gente não sabe se pode cair para cima de nós. (C4.3.1)

Entrevistadora: Está a dizer que na infância é uma bagunça mais ingénua e na adolescência?

Participante: (silêncio) Na adolescência tive que dividir, um bocado...por aquilo que falámos na semana passada (tosse) porque aos 15 anos já que estar a olhar para a minha mãe e irmão (silêncio) e já não podia brincar tanto (silêncio) e comecei a ter consciência das coisas mais cedo do que os outros adolescentes teve. (C2.1)

Entrevistadora: O que recorda de mais significativo na relação com os seus pais nessa altura?

Participante: (silêncio) Aos 15? (silêncio) Do meu pai é que... (ri) na altura, na altura, acho que a relação...com o meu pai é aquela, prontos...tinha-se separado da minha mãe, mas não deixava de ser (silêncio), uma coisa que não vou poder dizer agora (silêncio), porque ele foi-se embora mas levou as televisões todas que tínhamos em casa, levou algumas coisas que os filhos gostavam que tínhamos em casa. E isso como é óbvio não é muito positivo (silêncio). (C2.2) Em relação à minha mãe via um bocado os sacrifícios que ela fazia (silêncio), pronto ela era secretária do tenente coronel, na manutenção militar, saía da manutenção militar e ainda ia limpar escadas (silêncio), ainda assim como muita dificuldade e por isso é que os problemas de saúde dela se agravaram um bocado. (C2.1)

Entrevistadora: Como é que a Cristina vivenciou a separação deles?

Participante: Para mim foi ótimo (silêncio) acho que... foi (tosse) das melhores coisas que (silêncio)... como eu já os tinha visto em plena violência (silêncio), sendo que a última vez eu mesma me virei contra o meu pai por isso...acho que ele até tomou a decisão tarde de mais, devia tê-la tomado mais cedo, teria poupado o mais novo de algumas situações (silêncio). (C2.2) Acho que aceitei melhor a separação dos meus pais do que a minha mãe, mas prontos ela é que era a esposa, não era eu, ela é que era maltratada (silêncio), mas isso eu também fui. (C2.1)

Entrevistadora: E depois quais é que foram as mudanças?

Participante: (silêncio longo) As mudanças foi depois abandonar a escola, humm... (silêncio) porque a escola já era uma seca, (C4.4.4) e haviam professores que até já estavam a sofrer por mim porque sabiam que eu não tava a dar o meu melhor porque já me acompanhavam à dois ou três anos (silêncio), (C1.1.2) e de notas altas eu tava a descer para notas muito baixas, e eles...e eles próprios me disseram tavam a fazê-lo de propósito para ver se eu arrebitava (silêncio), e eu não quis arrebitar, (C4.4.2) comecei a tomar consciência que era (silêncio)... que era mais importante eu arranjar um trabalho e ajudar a minha mãe e o meu irmão do que propriamente estar ali a olhar para a janela quanto (silêncio)... enquanto a escola de fato não tinha nada de jeito, eu dizia... (silêncio) dizia... (tosse) a escola não me dizia nada, mesmo as aulas de educação visual, onde eu pudesse desenvolver mais (silêncio), uma das minhas veias artísticas, mas eu fazia tudo ao contrário (silêncio), e decidi ir trabalhar. Tive um ano em retiro espiritual (ri), se é que aos 16 anos se pode entrar em retiro espiritual.

Entrevistadora: E durante esse retiro...

Participante: Tive na minha caverna (silêncio), praticamente (silêncio). Depois a minha mãe achou que não era normal de fato, e levou-me ao psicólogo da manutenção militar (C2.1) de onde já tinha saído, e foi aí que me apresentou... (silêncio) achou que não era bom porem-me a trabalhar visto que eu não tinha hipóteses de estudar para uma escola de belas artes (silêncio) Não relacionar nada a tudo aquilo que eu tinha jeito para fazer, não quer dizer que não fosse boa a fazer mas tinha algum jeito (silêncio), e apresentou-me a um fotografo, onde sem querer fui gostar de fotografia, foi giro (silêncio)... nem fazia a ideia do que era uma máquina fotográfica (silêncio), (C1.1.3) depois fui trabalhar com um psicólogo aos 18 (silêncio).

Entrevistadora: Como não percebi?

Participante: E depois fui trabalhar para um laboratório fotográfico, acho que ainda não tinha 18, devia estar prestes a fazer 18 (silêncio), e prontos, assim comecei a ganhar o meu dinheiro.

Entrevistadora: E quando a Cristina estava na caverna (silêncio), aos 16 anos em retiro espiritual o que é que fazia? O que é que pensava?

Participante: (silêncio longo) Além de muitas folhas brancas que amassei e deitei fora, porque a máquina de escrever de fato fazia um barulho fenomenal (ri) (silêncio), e desenhos que deixei a meio (silêncio) e ruídos de barulhos do sintetizador (silêncio longo) ainda pensava muito... (tosse) ainda pensava muito na minha tia Otília e na...na verdade na falta que ela me fazia (silêncio longo) (C4.1.5) não pelos meus pais...mas prontos... (silêncio) porque os meus pais juntos ao pé dela não eram nem metade daquilo que ela era (silêncio longo), (C2.1; C2.2) e foi aí que eu comecei...prontos... mais ao menos aos 18 comecei a fumar bastante (tosse), naquela altura há 29 anos, só morria de cancro quem fumava, achava a gente (silêncio), mas a minha tia Otília tinha morrido com cancro, ela não fumava...então vamos fumar (silêncio), tínhamos aquela ideia um bocado platónica, que a gente se cruzava todos lá em cima numa nuvem qualquer.

Entrevistadora: Era esse o objetivo Cristina? Naquela altura?

Participante: De fumar? Era, era porque na verdade eu não identificava-me na altura com... (silêncio) e fazia-me a falta dela de fato (silêncio) não...ia dizer à minha mãe, coitada, (C1.3; C4.1.1) que via a consumir-se a sair da manutenção tinha um trabalho de alto cargo (silêncio), e lavar escadas (C2.1) e o meu pai ter de ir a tribunal na altura, acho que eram 7 contos e 500 (silêncio), os filhos para alimentação, quer dizer era o mínimo (silêncio), e chegou a Junho e só deu 10 dias da minha parte porque no dia 10 de junho fiquei de maior idade (silêncio), vá lá fiquei a saber que ele pelo menos sabia fazer contas (murmurar). (C2.2) Mas prontos (tom normal) não passávamos propriamente, houve alturas que passamos algumas necessidades, houve dias em que nós não víamos um bife, mas eu nessas coisa já não me atrapalhava muito, tentávamos transparecer isso à minha mãe. Mas é claro, uma mãe passa (silêncio), nunca se identifica com...com o que tá a dar a um filho para comer. Mas como nós vínhamos da manutenção militar e às vezes até a brincar com as rações de combate, a gente levava aquilo, prontos, estamos em combate, isto é a ração de combate (silêncio), relativizávamos muito, depois as economias que haviam na altura (silêncio). Claro que o meu pai com dois ordenados podia (tosse), podia ajudar tanto a família que ele tava a construir

como os filhos que fez né?! Porque a minha mãe não os fez sozinha (silêncio), e isso fez que eu durante muito anos tivesse anticorpos com... (silêncio) depois não fiz questão nenhuma de...(silêncio) de conviver com ele (silêncio) não tenho, não se lembra de um filho, como quando a importância de um olá ou um adeus, ou toma lá um gelado ou uma pastilha pirata, pelo menos eu era assim (C2.2) o meu irmão mais velho era tudo ao contrário, tudo o que viesse à rede era peixe (silêncio), o meu irmão mais novo coitado (silêncio), não tinha bem noção das coisas (silêncio longo).

Entrevistadora: Como é que se via nessa altura Cristina? Quando era adolescente.

Participante: (silêncio) Sentia-me... (suspira; silêncio) sentia-me como lhe disse à pouco sentia-me... que tive de crescer demasiado cedo ou se calhar não, mas por um lado (silêncio), não há datas para a adolescência não há datas para... (C1.1.1) tanto que a minha mãe ainda costuma dizer que eu cresci ao contrário (silêncio), que agora que estou mais velha sou mais criança do que era antigamente (silêncio longo). (C2.1) Não sei... (tosse) durante muito tempo senti-me (silêncio), eu já lhe tinha dito da última vez (silêncio), e faz amanhã 29 anos, senti-me muito... (tosse; silêncio longo) a falta da minha tia Otília fez-me muito mais falta que ter os meus pais juntos, isso é um ponto assente e não há (silêncio), (C2.1; C2.2; C4.1.5) e depois o ter...eu nunca fiz nada contra, contrariada nunca... nesse aspeto eu até posso (silêncio), posso levantar os braços porque nunca, nunca fiz nada contrariada na vida (silêncio) por isso é que também fui mal habituada, habituei-me mal a mim própria, nunca fiz nada que não gostasse, nunca comi nada que não queria, nunca... (silêncio). (C1.1.3) Não sei talvez aquela situação de ter de cuidar da minha mãe e... (C2.1) (silêncio) aquelas situações mais pois...aquelas situações mais determinantes que falamos a semana passada (silêncio), e prontos e que não deixaram de ser coincidências, 10 anos depois (tosse) do acidente do meu irmão, mas como também já tinha a experiência da minha mãe foi mais fácil de lidar com o meu irmão, foi mais fácil perceber o que era uma manha psicológica do que era realmente uma tentativa de suicídio, sendo que o meu irmão estava paraplégico e a minha mãe não (silêncio) mas não... (C2.1) e... (silêncio longo) as duas coisas mais, mais marcantes e...que são paralelas é... é a falta da minha tia Otília com, com... (silêncio longo) com...aquele sitio onde... (silêncio) onde o guerreiro veio descansar um bocadinho, ta repousando e a responsabilidade de não deixar que a minha mãe e o meu irmão que no fundo eramos os três da família que a gente desabasse por um buraco derivado às circunstâncias. (C4.1.5)

Entrevistadora: Naquela altura o que é que a preocupava?

Participante: (silêncio) Preocupava-me a minha mãe ter problemas de saúde já físicos e trabalhar de manhã à noite e aos fins-de-semana e... (silêncio) isso fez com que, também de ânimo leve eu... não foi difícil eu querer deixar a escola (silêncio) preocupava-me, preocupava-me na altura eu querer ajudar a minha mãe e proporcionar ao meu irmão, (C2.1) porque o Paulo também apresentava sinais eu não quero estudar para ser doutor, também não quero ser engenheiro porque quero é ser bombeiro (silêncio; tosse). Por isso o Paulo (tosse) em termos de... não era muito uma preocupação porque a gente já sabia, prontos isto tá na massa do sangue, a gente vai-lhe tirar o sangue, vamos fazer uma transferência também não dá (silêncio), vamos fazer uma transferência com algum agente de uma agência funerária ou coveiro é melhor estar assim (silêncio), mas havia sobretudo... e eu lembro-me porque já tava no jornal e tinha essa preocupação, nas folgas ia ao supermercado trazia cinco sacos depois levava às vezes sem necessidade três sacos de compras para casa do meu irmão (silêncio), acho que fiquei um bocado com o trauma de... (silêncio), (C4.1.1) eu tinha... muitas vezes ia à casa da minha mãe e do meu irmão e a minha tendência era abrir o frigorífico e tipo ver se falta comida, quer dizer era um disparate (silêncio), eles também estavam completamente equilibrados (C2.1) não havia...o Paulo já trabalhava, isto já foi depois do acidente (silêncio). O Paulo trabalhava a minha mãe tinha a reforma não...

Entrevistadora: E em relação a si algo a preocupava?

Participante: (silêncio) Não porque sem querer eu também tava a ter uma profissão que nunca pedi a Deus, nem estudei para ela (silêncio), mas que tinha descoberto que gostava de fazer aquilo que era ser repórter fotográfico (silêncio). E que era uma alternativa às coisas (silêncio) que eu... já não fazia mais (silêncio) e...de alguma maneira estava relacionado com artes e para mim era um desafio sempre uma vez visto que eu nunca tinha ido a cursos nunca tinha ido... para mim era sempre um desafio (silêncio), fazer uma foto, fosse ela como fosse, que queria sempre...a próxima tinha sempre de ser melhor (silêncio) (C1.1.1) e como...eu prontos, via colegas meus a chegar em...e tinha feito cursos tinham...eu sabia que eram caríssimos os cursos de fotografia quer os cursos (silêncio), o tempo que se tem de tar no curso de jornalismo eu não tive em cursos nenhuns (silêncio) e também se conheci metade do

mundo...sei que cheguei a metade à conta da minha profissão, também não...até nisso eu fui uma privilegiada pela sorte.

Entrevistadora: Quando era adolescente como viveu as mudanças do corpo?

Participante: As?

Entrevistadora: Mudanças do corpo.

Participante: (silêncio) Acho que o mais complicado é o que todas nós (ri) temos (silêncio) o resto achava... (silêncio) o resto achei normal (silêncio), aquela patética de... (silêncio) quer dizer, eu cada vez que me lembro desse, disso do que me lembro...meu Deus. Era patética, tipo pronto (silêncio), estar a tomar banho e a chamar a minha mãe e...tinha vindo a menstruação e...não sabia se tinha alguma ferida (ri), e a minha mãe foi dizer ao meu pai que eu já era uma mulherzinha e o meu pai chegasse ao pé de mim e dá-me os parabéns e eu mas porquê? (ri) eu faço anos em Junho, nem sei qual a data, não sei... e tirando essa parte, prontos, acho que nos limitava muito mais, agora com muitas mais facilidades (silêncio). (C1.1.2) As mudanças do corpo, não tive assim...problemas mais nenhuns (silêncio), só tinha prontos, mais cuidado. No jardim de Almada (tosse) mas isso também foi à posteriori (silêncio), não foi mais cedo quando era miúda, no jardim de Almada havia um lago e chegava o verão como a gente não podia ir para a praia (silêncio), a gente usava o lago enquanto eles pulavam para o lago de pelotazinha eu pulava de calção e t-shirt, mas como também parecia uma tábua de engomar não havia problemas, mas claro depois quando o meu corpo começou desenvolver também já tava muito dividida entre a escola e... (silêncio) entre a escola, os bombeiros e...já não ia tantas vezes para o jardim (silêncio longo) mas tirando aquela situação prontos que é normal numa criança, nem sei que idade foi se quer que lhe diga, dei-lhe tanta importância que nem sei... tirando aquela situação patética com o meu pai, “parabéns já és uma mulherzinha” (silêncio).

Entrevistadora: E como é que foram os primeiros amores?

Participante: (silêncio longo) Os de infância?

Entrevistadora: Sim podemos começar por aí.

Participante: (silêncio) Eu acho que foram todos uma desgraça porque... (ri: silêncio) ainda por cima porque...eu presava muito a minha liberdade, (C3.3.4) tirando aqueles namoros de escola ahh... (silêncio) acho que era mais namoradeira na minha adolescência do que propriamente depois (silêncio). Passando a fase da adolescência acho que acalmei muito mais, também a vida levou-me a acalmar, agora vejo as coisas com mais... (silêncio longo) tirando que...a única coisa que me lembro e me pesa um bocado na consciência é...o... (silêncio) um rapaz que conheço até hoje que é o Filipe, porque eu punha alcunhas nos meus namorados todos, aliás a toda a gente eu punha alcunhas.

Entrevistadora: Era qual a deste?

Participante: Eu punha alcunhas a toda a gente, trocava os nomes a metade das pessoas, arranjava-lhes uma alcunha qualquer. Eu tive um namorado, um rapaz que queria namorar comigo que se chamava Filipe e eu, como ele andava sempre de botas nomeadamente no verão eu comecei-lhe a chamar botinhas e ficou botinhas (silêncio). Mas nem sequer chegou a ser namorado porque...apesar dele... de fato ser muito jeitoso eu não... ser um rapaz extremamente bonito humm... depois eu fugia sempre do jardim para os bombeiros e...e ainda por cima o rapaz inscreveu-se nos bombeiros (silêncio). Eu saí dos bombeiros e ele ficou (ri), (C3.3.4) ficou lá nos bombeiros e acho que casou com alguém de lá dos bombeiros.

Entrevistadora: Porque é que fugia?

Participante: (silêncio longo) No caso do... no caso do Filipe foi mais porque não...porque de fato não sei se tinha aquela... porque tive essa sensação mais tarde, quando tava no laboratório (silêncio), namorar também com um Filipe (silêncio), acho que é uma perseguição, que eu tinha com Filipes (silêncio), que foi apresentado, que me foi apresentado por uma colega ainda do laboratório como o namorado dela era marinheiro (silêncio) combinamos os quatro ir à feira popular e ela apresentou-me esse tal Filipe também Filipe (silêncio). Assim moreno, de olhos verdes, pele morena (silêncio) e de fato fomos namorar, só que aquilo era...era muita areia para a minha camioneta (silêncio longo), porque normalmente... a gente tinha a mania que ainda acontece hoje que era... Os rapazes bonitos

nunca são para raparigas mais ou menos nem feias (silêncio) são sempre para as barbies da escola (silêncio). Eu achava que aquilo era muito marinheiro para... era muito marinheiro po... po... po meu barco (ri). não tinha barco para aquele marinheiro todo e também prontos... (C3.1; C3.3.3) (silêncio) mas acho que mesmo assim os namorados... (silêncio longo) acho que... (silêncio) eu é que lhes passava sempre a guia de marcha, se calhar fui muito incorreta nessa altura, mas passava sempre guia de marcha quando as coisas ficavam muito assim muito sérias, eu não queria-me sentir presa a nada nem a ninguém e então...preferia ficar com a minha liberdade. (C3.3.4; C3.5) Isto quando as coisas começam ah...quando começamos a ficar mais adultos mas... aqueles namoricos de adolescência acho que foram iguais ao das outras raparigas.

Entrevistadora: A Cristina estava-me a dizer que tinham sido muito maus, ao início começou por me dizer isso...

Participante: Não... Porque eu tenho esse sentimento quase de culpa, de que alguns namorados que eu tive porque nunca fui de fato muito namorada, para aí sei lá, a partir dos 17, 16, não 16, por ai até começar a trabalhar eram aqueles namoros prontos...(silêncio) adolescentes. (C3.2) Mas depois a partir dessa idade... (tosse; silêncio) não sei ou vesti o fato de macaco da vida e achei agora tás a trabalhar és uma rapariga séria (ri), tens que levar as coisas a sério, mas lembro-me de ter sempre a sensação até mesmo mais pequena inclusive com a história do botinhas, coitado (C1.3) do rapaz que se inscreveu nos bombeiros de propósito para conhecer o sogro (silêncio), e eu nem sequer...prontos tive, eu nem fui namorada dele (silêncio). (C3.2) E eu digo foram bons porque acho que se calhar eu na altura é que não, talvez por aquilo hum...acho que talvez por aquilo que eu vi em casa não... não queria, não queria criar expectativas nenhuma com ninguém (silêncio longo) e como também nessa altura também já não tinha a minha tia Otilia para me aconselha como deve ser... (silêncio) não ia pedir à minha mãe, não que ela não fosse boa conselheira mas também com estado de espírito que ela tava não era propriamente boa conselheira para... (silêncio), por isso é que eu digo maus nesse sentido mas se calhar muitas vezes fui injusta com... (silêncio). (C3.2) E de fato já podia estar casada, bem casada, com...com uma equipa de futebol de salão (silêncio) e ser uma dondoca (silêncio), só que optei por...(silêncio) por viver a minha vida intensamente naquilo que eu mais gostava de fazer e não deixar nada por fazer do que eu queria. (C3.3.4) ainda no fim de semana passado tive num, num aniversário com...(silêncio)

acho que era a única pessoa capaz de me levar ao altar, quer dizer no sentido figurado (silêncio) não de propósito...

Entrevistadora: Tamos a falar de quem? Do Filipe?

Participante: Não. Estou a falar de um rapaz que eu conheci no laboratório, que nos conhecemos há 25 anos (silêncio), e de fato havia ali qualquer coisa que não... tanto que ele foi aprender laboratório comigo, onde eu trabalhei 5 anos ele depois saiu foi para a B uma agência de fotografia e da B foi para a A e ali já tínhamos uma ligação muito forte (silêncio) e optamos sempre por... (silêncio) havia ali uma atraçãozinha mas a gente, eu resolvi não arriscar não... mais vale ficar com um amigo (silêncio) do que ficar com um ex-marido (ri) por isso... e até hoje a gente tem aquela, aquele cuidado um com o outro (silêncio) e já passaram 25 anos que a gente...se conhece (C3.3.4) e trabalhamos juntas em A durante 10 anos, tanto que em A pensavam que nós eramos namorados (silêncio) e nós até fizemos o filme para eles pensarem que eramos só pelo prazer de estar a enganar toda a gente (silêncio; tosse). Até anunciámos o nosso casamento e tudo (ri), eram aquelas partidas de... (silêncio longo) mas de resto foi tudo assim muito... (silêncio) eu acho que fugi muitas vezes eu fugi dessa responsabilidade, não é responsabilidade (ri). Eu ponho como casamento ou como união de fato serem uma responsabilidade mas... (C3.3.4) também penso no...esse rapaz chamava-se John não se chamava Filipe. Também houve um rapaz que trabalhava com a gente perto do laboratório num bar que era o Mário, coitado do rapaz (silêncio), (C1.3) também um dos meus melhores amigos hoje em dia conhecemo-nos há 20 e poucos anos (silêncio) e a nossa amizade ainda se mantém até hoje. Mas durante muitos anos acho que deixei sempre na expectativa de... mas pronto a gente também viveu muito a vida, divertimo-nos, fomos ao cinema, fomos a feira, fomos à praia, fomos... (silêncio) Mas nunca cheguei, nunca deixei que ninguém se aproximasse, aproximasse prontos, o suficiente para ter um...um pensamento de, de olhar para o futuro e ver aquilo que eu via quando era mais criança, prontos... a mãe de equipa de futebol feminino a mãe de um equipa de futebol mista. (C3.3.4)

Entrevistadora: Não se imaginava nesse papel Cristina?

Participante: Em criança era o que eu mais queria, tanto que já tinha os padrinhos e tudo, mas depois ah...não sei se foi por aquilo que eu vivenciei (silêncio) eu vivi, vivi intensamente

a minha profissão porque também tinha consciência que aquilo que eu tinha escolhido, não é tão duradouro como se eu fosse rapaz (silêncio). Ser repórter fotográfico não é só agarrar na máquina e tirar ah... fotos a gente. (C3.3.4) O nosso material pesa 30 quilos às costas e no corpo de uma mulher não é a mesma coisa que num corpo de um homem (silêncio). Embora também essa teoria tem vindo, por água a baixo, nos últimos anos, tenho colegas meus que já tiveram que encostar às boxs (silêncio). E no entanto eu que andei 10 anos sem carro com o material às costas ainda estou aqui um bocado para as curvas (C1.1.3) só tenho a cabeça um bocado queimada, de resto...

Entrevistadora: E esses amores tinham alguma coisa em comum? Em termos de características, se eles eram parecidos.

Participante: (silêncio) Hum... (silêncio) porque quando era miúda lembro-me que... queria que o meu marido fosse loiro de olhos azuis (silêncio) tirando o John que é mais nórdico, tem assim um ar de escocês, assim mais parecido com o tintin, o desenho animado, por isso é que o chamam o tintin (silêncio), (C3.3.3) o resto era tudo moreno (silêncio).

Entrevistadora: E como foram as separações?

Participante: E tirando o marinheiro que era mais loiro de olhos verdes parecido... (silêncio). Acho que as separações foram sempre tão suaves, tão suaves porque eu nunca levei nada a sério (silêncio), não sei se de fato houve algumas separações mas pronto... Se foram alguns afastamentos (Silêncio longo), também nunca levei assim nada a sério, de fato o meu irmão... agora olho para trás e... vejo que o meu irmão mais novo também fez mais ou menos o mesmo percurso com as namoradas que teve (silêncio), nunca levou nada muito a sério então... (silêncio) Embora ele seja um bocadinho mais sério que eu (silêncio) ele é muito mais sensível nessas coisas que eu (silêncio) (C3.3.5) isso de fato nunca houve assim... separações, separações. Acho que... (silêncio) as que me custaram mais, talvez fosse o John porque entretanto ele também saiu de A e foi para o (silêncio), para o jornal C, para o grupo do O, do Octávio Moreira (silêncio). Acho que era mais uma... todas as... o John foi o mais marcante porque a gente conheceu-se no laboratório a gente depois encontramos outra vez em A (silêncio) mesmo ele indo para outro jornal a gente encontrava-se no terreno, nos serviços (silêncio) havia sempre... reencontros ou então fazíamos sempre algo uma vez

por semana mas aí já ia havendo um círculo muito restrito de... de amigos que a gente trata-se é por irmãos e onde nos encontramos no domingo passado (silêncio longo). (C3.5) Mas talvez o John fosse o que foi mais, não sei se era por ele, é muito parecido comigo, em termos de... (silêncio) a teoria do bicho-do-mato, ele consegue ser o homem das cavernas (silêncio), que ele ria-se para muito poucas pessoas mas era...era um cérebro aquele rapaz, (C3.3.1) aquele homem, mas tem...e tem, tem, também tem curiosamente (silêncio) o pai dele também era médico e faleceu, mas curiosamente ele tem, a história dele é um bocado parecida com a minha, porque o pai dele também era médico Dr. João Gomes (silêncio) e também fazia aniversário no mesmo dia que eu (silêncio). E ele era...desde que o pai faleceu, é ele que toma conta da mãe (C3.3.1) e...mas não é sacrifício nenhum, é, é mesmo fazia-o por amor (silêncio). (C2.1) E tem sido quase como eu durante, durante muitos anos foi... o meu prontos, o meu guru (silêncio) em termos de fotografia (silêncio), por isso na verdade talvez o John fosse... (silêncio) que mais marcou a minha vida até hoje pois... (C3.31)

Entrevistadora: Então e agora Cristina há algum amor?

Participante: (silêncio longo) Houve... (silêncio) mas também... (ri: silêncio) mas também já lhe dei guia de marcha (silêncio longo). (C3.3.4; C3.5) Houve durante três anos e meio (silêncio) do outro lado do atlântico (silêncio), um rapaz que eu conheci lá, que não foi por internet's, conheci-o lá e depois quando vim para cá... (silêncio longo), as coisas começaram a ficar um bocado esquisitas e... (silêncio) depois de dois anos...há dois anos, ao fim de dois anos de não nos vermos e continuarmos a falar por internet (silêncio), e eu como sou muito desconfiada muito cautelosa, (C1.1.1) não vou só na cantiga da internet, ao fim de dois anos apareci lá, combinamos claro (silêncio). E de fato ao vivo era a mesma coisa que... sentia-se a mesma coisa que, que uma camara, quer dizer não era brincadeira nenhuma aquilo que se tava a passar. Tive lá, fiz questão de lá estar tempo suficiente para ter a certeza (silêncio), só que depois era... (silêncio longo) era muito confuso para mim, era...porque os brasileiros são assim, vivem de porta aberta, eu não sei para que é que eles põem grades com medo de serem assaltados, eles vivem de porta aberta (ri; silêncio). Só que...em 33 dias que eu tive lá, se eu tive sozinha com ele 5 dias (silêncio), porque eles multiplicam-se (silêncio), como as lagartas (silêncio) e...em 33 dias se eu tive 5 dias sozinha com ele (silêncio) foi muito, e eu cheguei à conclusão que, à conclusão que...mudo a minha vida para lá não mudo (tosse) mas não quero viver com 500 pessoas na mesma casa, quer dizer (silêncio). Eu até

podia comprar um sítio porque o sítio onde era podia por uma cerca eletrificada, anti família (silêncio), porque eles de fato eram muitos, não tinha privacidade nenhuma e isso incomodava-me de alguma maneira (silêncio). (C1.1.1) não o simples fato de eu conhecer a família, mas era... (silêncio longo) porque eu vivenciei isso duas vezes, as duas vezes que fui de férias ao Brasil vivenciei isso, e observei isso com outras pessoas que eu gostava. Caramba as pessoas não podem ter problemas e toda a gente se mete (Silêncio), ninguém dá espaço a ninguém é...parece...é pior que os ciganos em Portugal (ri) e isso incomodou-me de alguma maneira, portanto...ouve pessoas que se meteram pelo meio e eu...logo a partida pus um...construí um muro de segurança que é...as minhas relações eu sou responsável, eu sou responsável por elas e não admito que ninguém se ponha entre mim seja com amigos, seja com namorado, seja com (silêncio), com parente, seja com...com uma amiga (tosse; silêncio). (C3.3.4; C3.4) E quando dei por mim estava-me a meter numa relação a 50 (ri; silêncio) e eu resolvi (tosse; silêncio), e eu resolvi...prontos... (silêncio) contra a minha vontade, porque eu por mim...tava preparada para agarrar nas minhas cadelas, nas minhas trochas (silêncio), há dois anos atrás (silêncio) e...e...porque ia começar uma data de...de eventos no Brasil que me ia proporcionar fazer, fazer as duas coisas, abrir o café com a minha prima Jó (silêncio) e continuar a fazer jornalismo porque havia uma data de eventos, começaram agora e só acabar em 2017, permitia-me fazer as duas coisas ao mesmo tempo, ao mesmo tempo se eu quisesse (silêncio). Só que por um lado por ser aquela beleza toda a gente se mete na vida de toda a gente e isso incomoda-me e...e assim que souberam que, que eu podia ter esse negócio, e que a minha prima me podia ajudar porque ela cozinhava maravilhosamente (silêncio) automaticamente trataram prontos (ri) uma avalanche de índios, indígenas a meterem-se entre nós e... (C1.3) e o negócio ficou escarrapachado no chão e depois quando dei conta a minha relação também já tinha mais não sei quantos indígenas. Não quero isto para mim! (silêncio) Eu não me meto nas relações de ninguém por isso também não vou permitir que se metam nas minhas (silêncio longo) e pronto tem sido assim não...e muita gente me pergunta se eu...se eu sinto a falta de ter casado, de ser casada ou de...ou se me sinto solitária e as pessoas não entendem que estar sozinho não significa estar solitário (silêncio). (C3.4; C1.1.3) Há pessoas que não compreendem isso, a grande maioria das pessoas não compreende isso (silêncio). Eu já sou repórter fotográfico há 19 anos e... (tosse) e sempre precisei das minhas folgas para estar sozinha, não ver pessoas (silêncio), e as pessoas acham que sou uma pessoa solitária por isso vou deixá-las pensar porque também não me vou martirizar pelo pensamento que é delas não é meu (silêncio). O que depois também não deixa ser piada porque depois quando elas

próprias sofrem de solidão, eu depois faço-lhes o termo de comparação entre sentir solidão e uma pessoa sentir-se sozinha, e depois ficam de fato tinhas razão (silêncio). Eu não sou uma pessoa solitária (silêncio), sempre espero que as pessoas tenham os seus momentos de solidão e depois vem ter com a Cristina Sousa para desabafar, porque é sempre assim, devo ter...(silêncio) devo ter algum (silêncio), algum espírito de madre Teresa de Calcutá (silêncio) ou de algum santo qualquer, quase sempre procuram-me...para desabafar comigo e depois...eu faço lembrar, lembram-se quando me chamavam de solitária... (silêncio). Solitária é a pessoa que gosta de estar sozinha, solitária é como estás assim (ri), é aquilo que tu estás a sentir (silêncio), e eu não me sinto sozinha, (C1.1.3) porque senão nas minhas folgas eu tava na rua sendo que quando estou a trabalhar estou 6 dias na rua de manhã à noite a cumprimentar pessoas, por isso quando estou nas minhas folgas quero estar a ver os meus livros, os meus filmes, as minhas músicas, se me apetecer sair com os meus amigos saio se não me apetecer não saio.

Entrevistadora: E como é que foi a separação desse amor?

Participante: (silêncio longo) Foi... não foi fácil, porque havia todo um projeto que nós construímos em segredo praticamente (silêncio) (C1.2; C3.5) porque eu sabia prontos, que aqui a minha mãe e o meu irmão não iam gostar muito de eu atravessar o oceano, mas para eles também tava sempre a viajar (silêncio). Senti que havia...que ia ser difícil (silêncio longo), ia ser difícil lá (silêncio) precisamente por uma questão de... eu ia ter que me habituar há minha falta de espaço (silêncio) por isso é que eu disse que se o nosso negócio se concretizasse (silêncio) eu ia querer um sítio para morar, não ia querer uma casa (ri), e porque lá é fácil ter um sítio (silêncio longo). Só que depois prontos...custou-me um bocado ver que...que de repente aquilo que estava a ser preparado a 4 inclusive até com o meu primo que nos tinha arranjado um café (silêncio) já pronto. Até já na brincadeira, prontos... porque tudo surgiu de uma brincadeira e já estávamos a combinar a minha prima trabalhava de manhã, até à hora do lanche a gente agarrava, da hora do lanche até...sempre a dar até dar lucro (silêncio) e...e de repente quando eu olho à minha volta já tinha... (silêncio) umas 100 pessoas a fazer contas de somar (ri; silêncio) e a dar palpites à minha prima Jó e inclusive dar palpites a ele e a dar palpites também a mim, e... Eu sempre fui tão independente e agora tenho aqui pessoas a darem-me palpites que eu já pensei à meses. Não que eu me achasse melhor que eles só que não... eu não gostava daquela invasão (silêncio). (C1.1.3) Não sei se a Dra. conhece o povo

brasileiro é como o nosso tem pessoas boas e pessoas que de fato incomodam (silêncio) e eles sendo um povo mais...mais liberto mais... (silêncio) nós somos um povo mais reservado, mais fechado para dentro mais... são demasiadamente abertos para fora (ri; silêncio) se é que se pode usar esse termo. E aquilo incomodava-me de fato muito, era...era como de repente eu me levantasse e fosse à carteira da Dra. e... posso tirar esta caneta já que a caneta...e já invadi a sua carteira, posso ir à sua carteira posso tirar essa caneta e... era assim...Depois era a falta de privacidade para tudo, todos os passos que a gente dava... era... pareciam um KGB, a CIA, a PIDE (silêncio) e das duas uma ou fujo para a Amazônia ou vou vender pasteis de bacalhau para a Amazônia, sozinha, as crianças vão adorar (silêncio) ou tenho de me livrar desta gente toda, porque eu não quero casar com esta gente toda, quer dizer...eu não quero constituir família com esta gente toda (silêncio). No mínimo com ele, com a irmã dele, com o pai dele, que a mãe dele já tinha falecido (silêncio), com a minha prima Jó, com o meu primo Fabrício e que eram as pessoas que eu me sentia mais...agora vir mais 50, porque eles prontos eram muitos... (silêncio) e comecem a...a tomar conta das nossas ideias, a dar palpites, a dar...por muito bons que alguns fossem (silêncio). Mas foi assim tudo muito... (silêncio) foi como se tivesse caído assim um meteorito de gente no meio de nós, quando a gente tinha feito tudo em segredo, tudo...tudo muito bem planejado, tudo muito calmamente.

Entrevistadora: E o que ele fez nessa altura? Que posição é que ele assumiu?

Participante: (silêncio longo) Ele não queria só que... eu também depois comecei a ficar, um bocado insegura, porque também acho...não em relação aos sentimentos que eu tinha mas em relação porquê...porque é a mudança de vida... (silêncio longo). Eu por mim tinha arriscado, bastava comprar uma caçadeira e punha toda a gente dali para fora (ri; silêncio), (C3.4) só que de alguma maneira (silêncio) acabávamos sempre por ser invadidos na... quer fosse meu com a minha prima no negócio (silêncio). Eu senti que eu precisava pelo menos de me afastar 50% daquela gente toda (silêncio) e...e conseguia manter um... as coisas sem algum, sem... algum descontrole e de repente ter um vaípe. Eu não vou mudar de continente por prazer não vou... (silêncio) tem tudo que ser bem medido, bem pensado (silêncio). (C3.3.4; C3.5) Entretanto a crise aqui estoirou (silêncio), e...eu disse-lhe que prontos... embora fosse um bocado moroso (silêncio) eu dei-lhe as asas para voar se ele quisesse, eu não podia garantir quando eu ia chegar ou não, porque as coisas estavam aqui a sofrer as tais transformações (silêncio) e também haviam coisas que eu não sabia se iam

mudar do lado de lá (silêncio), e porque também não tinha, não tinha esse direito não posso mudar o habitat das pessoas, mas também ninguém é obrigado a...a mudar comigo (silêncio longo). E ficou até hoje, em águas de bacalhau, é verdade que há um ano que não nos falamos (silêncio), porque eu pedi (silêncio longo) e prontos, seja o que Deus quiser, daqui para a frente.

Entrevistadora: Como é que seria o homem ideal Cristina?

Participante: (silêncio longo) O homem ideal (suspira)...

Entrevistadora: Que características é que teria?

Participante: (silêncio) Na verdade saia-me o eurotostões não precisava de ser o euromilhões (silêncio) e eu...comprar...trocar de casa, ir ali para os lados da Charneca, tem mais zonas de mato (silêncio). Comprar uma casa térrea ou trocar a minha casa por uma casa térrea, que tenha um bocado de mato (silêncio), onde eu pudesse ir para o meu quintal junto com as minhas cadelas e escrever à noite (silêncio) também agora todas não fazem barulho, como as máquinas de escrever de antigamente (silêncio). Mas eu já quando fui para o Brasil eu tinha esse ideal que era ter o meu sítio, e lá é muito mais fácil do que aqui. E de preferência ter uma casa térrea com sótão (silêncio) e neste momento para mim esse era o rumo ideal (silêncio).

Entrevistadora: Esse era o homem ideal?

Participante: (silêncio) Era o lar ideal (ri).

Entrevistadora: E o homem como é que ele seria? Já temos o lar ideal.

Participante: E o ...

Entrevistadora: O homem ideal como seria? O par ideal?

Participante: (silêncio) Neste momento vou-lhe ser muito sincera à Dra. e já disse isto a uma ou duas amigas minhas, pode me passar o Tom Cruise todo nu à minha frente (silêncio), pode passar o Brad Pitt todo nu à minha frente (silêncio), que enquanto eu gostar, posso eu ter 120 anos e se eu ainda tiver a pessoa de quem gosto dentro do meu coração, eu sou muito fiel às pessoas que gosto, sejam amigos, sejam namorados (silêncio), familiares não há muitos graças a Deus, por isso não me tenho que dispersar muito por aí (silêncio). (C3.2) Enquanto eu gostar posso eu se calhar virar o quarto pastorinho de Fátima mas pelo menos posso fazer a inscrição (silêncio). (C1.1.3) porque eu não tenho aquele perfil de...prontos, à pessoas que dizem que faz bem a gente arranjar namorar outro para esquecer outro, eu não tenho esse perfil (silêncio). Enquanto, eu gosto de uma pessoa eu não consigo andar com outra para esquecer (silêncio) um fracasso e esse perfil eu nunca tive (silêncio). (C1.1.2) Também não me apetece experimentá-lo porque sempre dei liberdade aos meus sentimentos, não é agora que vou dar estigmas ou regras (silêncio). Há um ano que não nos falamos (silêncio), amanhã não sei depois de amanhã não me interessa nada e para a semana também não quero saber (silêncio). Como sem querer já me cruzei na vida dele duas vezes, se tiver que me cruzar outra vez tudo bem, depois logo se verá, se não acontecer mais...pode ser que entretanto apareça o Tom Cruise todo nu à minha frente (ri).

Entrevistadora: E como é que ele era? Como é que o descreveria?

Participante: Não tem nada a ver com os meus ideais (ri) sim... porque de fato é uma origem, é da zona do Pará, é de origem indígena (silêncio), é moreno, pele morena, (silêncio) tem traços de indígenas de fato (silêncio), por isso está muito longe de ser o loiro de olhos azuis que eu em criança idealizei e que o mais parecido (silêncio) que emocionalmente tive perto foi o John (silêncio). (C3.3.2) Mas foram de fato as duas pessoas que mais...(silêncio) sendo os opostos foram de fato as duas pessoas que mais mexeram comigo na minha vida (silêncio), mas prontos também não estou preocupada.

Entrevistadora: Mas em termos de características como pessoa...

Participante: Era muito estranho porque... (silêncio) como eu já tinha dito antes há pessoas que... eu não sou a única sei que há mais pessoas assim que a gente parece que fala telepaticamente e isso acontecia-me muito com ele, só ao fim de 15 dias é que, é que comecei

a falar com ele (silêncio). (C3.3.3) Porque eu nunca, nunca, fui socialmente simpática assim à primeira (C1.1.1) vista ainda, por cima num lugar estranho, com pessoas estranhas ah... se não vierem ter comigo eu também não vou ter com ninguém (silêncio). E...e da primeira vez que eu fiz essa viagem ao fim de um mês eu regresssei a Portugal e quando fui a Fortaleza achei estranho porque é que me apetece falar com ele, é verdade que vou tar aqui 9 horas em escala (silêncio). E a partir daí era tudo, uma necessidade muito (silêncio), chegar a casa depressa do trabalho e ligar a internet, são três, quatro horas de diferença, e durante dois anos e meio, não três anos e meio (silêncio), foi, foi namorar, prontos tirando a... a segunda ida, foi o consumir do...(silêncio) olhos nos olhos tipo... quero ver o que você diz, o que você faz (silêncio), e a gente já se falava na internet há três anos e meio, nós praticamente namorávamos na internet à dois anos e meio, se é que se pode dizer namoro na internet (silêncio), mas era aquela necessidade de ver, ouvir a voz ou... (silêncio) E cheguei a fazer imensas diretas e ao fim de dois anos vamos lá tirar as teimas (silêncio) ver se ao vivo e às cores é, é a mesma coisa que foi durante dois anos, estes dois anos na internet, ver se isto tem pernas para andar e de fato aconteceu. (silêncio) (C3.3.3) Eu fui a Belém do Pará ao fim de dois anos e... (silêncio) e prontos e... quando não havia ninguém a atravessar o nosso caminho (ri), quando não havia ninguém a atravessar-se no meio da gente bastava sentir só a presença perto que já, já era o suficiente para nós era um bocado estranho (silêncio). (C3.3.3; C3.1) Depois quando eu regresssei, foi... foi um bocado...ao fim de 33 dias (silêncio) a gente já tinha arquitetado aquele, aquelas possibilidades de...de vivência que era uma alternativa também ao cansaço da minha profissão (silêncio) e viver mais calmamente (silêncio), e juntar o útil ao agradável (silêncio). E depois...prontos...a despedida, ouve aquela despedida, era prevista voltar (silêncio), só que no espaço eu que eu não voltei e... houve muita confusão, houve família a meter-se no meio (silêncio), eu disse não quero isto para mim, por muito... (silêncio) pode ser que quando a gente formos velhinhos e já de bengala a gente se encontre, sei lá (silêncio). Em marte talvez, sei lá... não quer dizer que deixei de gostar dele, simplesmente (silêncio) não é...pelo menos desde há 2 anos, já faz 2 este ano que eu tive lá, tornou-se incompatível (silêncio). (C3.3.3; C3.5) Não é que me importe de viver no meio de uma tribo de índios (ri) que eles não são índios, mas são descendentes de índios (silêncio), agora o que eu não suporto é que estejam sempre, constantemente a meter-se em assuntos uns dos outros e de fato aquilo é uma constante (silêncio), meterem-se na vida um dos outros e viverem a vida um dos outros, eu cheguei a perguntar à minha prima, à minha prima Jó (silêncio), mas vocês não vivem as vossas vidas,

as vossas (ri; silêncio),e a minha prima que é mais parecida comigo dizia a gente tenta só que... (silêncio) e prontos ficou assim.

Entrevistadora: Tem muitos amigos agora, Cristina?

Participante: Eu nunca fui de ter grandes amigos, muitos na quantidade, felizmente também nisso fui beneficiada, eu sempre tive poucos amigos mas bons (silêncio). Mas também posso dizer que... (silêncio) as maiores facadas que a vida me deu foram precisamente das pessoas que eu mais gostava (silêncio). Foi o lado menos bom (silêncio longo), mas de resto humm...muitos amigos, nunca fiz questão de ter, até porque estava sempre rodeada de gente... na infância, a adolescência, os bombeiros, a manutenção militar, depois cá fora o laboratório de fotografia, o jornalismo, não me permite isolar muito (silêncio). E de fato mantenho, tanto que a gente chama-se irmãos (silêncio), meia dúzia de... (silêncio) meia dúzia de amigos alguns passaram...o Mário, por acaso foram quase todos rapazes, curiosamente...

Entrevistadora: E tem um contato regular com eles?

Participante: Tenho, com o Zé, com o John, com o Mário (silêncio).

Entrevistadora: E o que fazem quando estão juntos?

Participante: (silêncio longo) Tornamo-nos adultos (ri) inconscientes, porque de fato, curiosamente temos quase a mesma profissão e...e a gente aproveita pa... o desgaste ou aquilo que nos foi roubado durante...a gente permite-se, quando tamos juntos a cometer assim loucuras (silêncio). Não...opiniões normais, jantaradas ah...(silêncio) o cuidar constantemente um dos outros, conversamos. Ainda no domingo passado (silêncio) a filha do Zé Daniel fazia anos, tava la o John, tava lá outro amigo nosso também, é claro as conversas vão sempre dar ao jornalista (silêncio). Mas há sempre o cuidado de...de uns com os outros, eu por exemplo não bebo, mas como...(silêncio) emagreci muito há tempos atrás o Zé tava sempre cuidadoso comigo para eu comer, eu por exemplo tava sempre cuidadosa com o Zé para ele não beber muito (silêncio). O John tava sempre cuidadoso em ajudar a levar a loiça para a cozinha (ri; silêncio), por isso à sempre ali qualquer coisa que nos une. Eu tenho uma

amiga aqui (silêncio), que me dá muito trabalho porque ela é o meu oposto (silêncio), nesse aspecto humm...eu não faço questão de ter muitos amigos porque normalmente quem tem muito amigos não é amigo de ninguém. (C4.3.1)

Entrevistadora: E tem algum amigo mais próximo desses seis que me falou? Algum ainda mais próximo que destaque.

Participante: Fisicamente ou psicologicamente?

Entrevistadora: Psicologicamente. Que possa dizer o melhor amigo, que se destaque dos outros.

Participante: Tenho as minhas cadelas (ri), não tenho o Zé, o John e o Mário, destes, destes não lhe consigo dizer qual é o melhor.

Entrevistadora: Ok. Que características é que eles têm? Como é que os descreve como pessoas?

Participante: (silêncio longo) É talvez por sermos muito parecidos uns com os outros ahh... (silêncio) é, parece aquela coisa estranha que a gente sente-se uns aos outros, quando um não está bem, de repente a gente liga e de fato não tamos bem (silêncio longo), ou...se um de nos passar por uma aflição (silêncio), a gente atravessa o deserto e...e ninguém faz caminhadas sozinho (silêncio). Isso também acontecesse com a minha amiga que mora deste lado a Cristiana (silêncio), e ela é muito mais problemática que todos nós juntos (silêncio), e que eu estou a tentar...ela não é, ela prontos, não conhece o Zé, nem a irmã do Zé (silêncio), o John conhece, o Mário tá um bocadinho mais afastada mas não se deixa de encontrar, por ser uma necessidade, não por ser uma...(silêncio) A Cristiana estou a tentar, prontos...(silêncio) porque ela é mesmo complicada (silêncio longo) e aquilo que ela já viveu não lhe bateu suficientemente na cabeça, só lhe bateu no corpo (Silêncio). Porque ela ainda não tenha aprendido que não é por ali que ela vai ser feliz e...(silêncio) e às vezes até dá vontade de desistir e...deixa a maluca (ri), deixa a maluca levar, porque cada maluco (silêncio) sabe de si e Deus de todos (silêncio). Só que depois tem momentos em que ela me procura e eu também prontos...no desespero eu não vou virar costas, não vou virar costas por muito cansada que

esteja de a ajudar e tentar ajudar (silêncio) mas como...nós sempre fomos assim naturalmente, sem cansaços, sem...(silêncio) por isso de fato eles são...(silêncio) (C4.3.1) são os de eleição, tirando as minhas cadelas que estão à frente de qualquer homem. De qualquer animal com duas pernas (ri). (C4.3.2)

Entrevistadora: Que características é que não gosta nos outros?

Participante: (silêncio longo) Não gosto de...não gosto que...quando estamos juntos que se fale sempre das mesmas coisas, cansa-me que se fale sempre das mesmas coisas, gosto que me estimulem psicologicamente com conversa, (C1.1.1) de fato às vezes já me disseram que quando estão a conversar comigo as conversas são como as cerejas (silêncio). Não gosto de pessoas que se vitimizem constantemente (silêncio longo), incomoda-me um bocado imponem-me as coisas (silêncio) (C1.1.3) quando a gente sabe que cada pessoa é uma pessoa e...há que saber levar as pessoas cada uma do seu jeito (silêncio), não estar sempre a bater na mesma tecla (silêncio longo). É só isso, é só quando... o simples fato de não respeitarem... (silêncio) porque sabem perfeitamente que quando... eu não nego isso a ninguém, eles sabem perfeitamente que para conversarem comigo tem que ser boas conversas porque senão eu abro a boca e começo a dormir (silêncio), gosto de me sentir estimulada psicologicamente, seja nas conversas, seja...o quer que seja que estejamos a fazer (silêncio), (C1.1.1) Mas não gosto de...(silêncio) porque às vezes à pessoas que estão connosco e... gostam de impor, e gostam de...de ostentar, e gostam de fazer mostrar a sua presença e...(silêncio) e se eu não ligar muito as pessoas ainda tentam mais se impor para mostrar a sua presença então é quando eu me passo (ri). (C4.3.2; C4.3.4) Gosto que respeitem sobretudo a minha...a minha liberdade, porque eu também tenho noção (silêncio) que a liberdade dos outros também é importante pa...(silêncio) para que respeitem a minha. (C1.1.1)

Entrevistadora: O que não mudaria na sua vida?

Participante: O que não mudaria?

Entrevistadora: Sim.

Participante: (silêncio) Ao longo da minha vida ou agora? O que não mudaria... (Silêncio longo) acho que nada (silêncio) se eu tive de passar por todas as coisas, porque tive de passar, só fiquei de joelhos aos 42 anos não me posso queixar de nada, porque não deixam de ser coisas violentas (Silêncio), de alguma violência psicológica, não deixam de ser coisas que aguentei durante 40... praticamente 40 anos (silêncio). E sobrevivi 41 anos com as coisas que eu passei, boas e más (silêncio) posso dizer que estou aqui fresca (silêncio), quase fresca (ri). (C1.1.2; C1.1.3)

Entrevistadora: Então não mudaria nada é isso?

Participante: Não, se eu pudesse mudava, ia ali ao cemitério de Almada e ressuscitava a minha tia (ri; silêncio), ia ao jornal A e...e se calhar substituí a minha tia (silêncio) por uma pessoa que me chateia constantemente, me persegue constantemente no jornal, porque lhe incomoda a minha maneira de ser (silêncio). Porque no jornal onde maioritariamente é masculino, e toda a gente sabe que numa empresa maioritariamente masculina, neste país as mulheres que se sobressaem em cargos (silêncio) são um alvo a abater praticamente. Embora as coisas estejam a mudar devagarinho, já estão a andar, sendo que eu trabalho no jornal, centenário com mentalidades ainda centenárias (silêncio) talvez fazia isso trocava a minha tia ia para casa dela e... e punha lá o cromo que me incomoda que me persegue nos últimos anos no jornal A. (C4.4.2)

Entrevistadora: Qual é o seu maior medo?

Participante: (silêncio longo) O meu maior medo neste momento é... (silêncio) é as minhas cadelas (silêncio; ri) tenho medo de perder as minhas cadelas (silêncio). (C1.1.1)

Entrevistadora: O que é representa para si isso? (silêncio) A perda das cadelas?

Participante: Porque eu sempre tive cadelas desde pequenina, eu sempre fui criada com cadelitas (silêncio) e isso também me ajudou de alguma maneira a cuidar do próximo a cuidar... do mais frágil ou...se bem que eu acho que na relação entre animal e dono não há, o homem é o mais fraco, eles precisam tanto de nós como nós emocionalmente precisamos tanto deles (silêncio). E muitas vezes isso aconteceu, chegar cansada do trabalho, pousar as

coisas no chão deitar-me no chão e...ficar ali meia hora a receber prontos... meia hora de spa e não me custar absolutamente nada, muito pelo contrário era quase como ir ao psicólogo. E porque eu tenho essa facilidade também falar com animais porque...gosto tanto. Porque também tenho pássaros e isso acontece também com os pássaros e eu sinto-me bem a estar com os animais (silêncio). (C1.1.1) E neste momento preocupa-me porque as minhas cadelas porque... tenho uma com, a mais pequenina com 15 anos que tá... preocupou-me de fato a Joana que tem 10 ou 11 anos que tenho que ver (silêncio) que lhe apareceu este problema que tá mais difícil (silêncio). E por ela ser tão independentemente emocionalmente eu sou também um bocado analista (silêncio), dos meus animais, observo muito, muito o comportamento delas (silêncio), não tava à espera de ver a Joana tão frágil (silêncio longo) e prontos é diferente porque...eu observo-lhes pelo olhar, o seu comportamento, claro que não falamos a mesma língua, ainda (silêncio). Mas... (silêncio) claro que a Joana não me pode dizer olha...estou com uma dor imensa nesta pata (ri; silêncio), ou custa-me a respirar (silêncio), pelos sintomas dela, pelo olhar dela, pelo comportamento dela é que eu vejo se ela tá mais aflita ou não, e sendo que são doenças também da idade é claro que eu me preocupo, porque também se calhar não estou preparada para...como sempre tive animais na minha vida (silêncio) numa próxima prontos...a Morça tem 15 anos a Joana tem 10 ou 11 não sei se vou voltar a querer ter cadelas na minha vida (silêncio) se calhar vou ter mas prontos...(ri) (C1.1.2)

Entrevistadora: É difícil, imaginar perdê-las não é?

Participante: Sim (silêncio), é porque já que eu tive a Beckie e também tinha epilepsia, tinha problemas de coração e morreu com 14 anos e meio. Os meus animais sempre morreram de velhinhos felizmente. E ela teve que ir para casa da minha mãe e do meu irmão porque tinha que tomar a medicação todos os dias (silêncio) ou tínhamos que estar, eu... a minha mãe tava reformada e...(silêncio) se ela tivesse um ataque tinha quem lhe desse o comprimido. Sendo que na minha profissão tou mais fora que dentro com uma doença dessas torna-se mais complicado (silêncio) e eu quando senti a falta da, da Beckie na minha casa, três meses depois a...a minha colega que faleceu há 4 anos (silêncio) ofereceu a Morça (silêncio). Mas eu nunca deixava de nas minhas folgas ir lá sempre ver a minha Beckie e quando a Beckie morreu o meu irmão...a minha mãe tinha ido a uma consulta aqui no Garcia de Orta (silêncio) eu fui buscá-la (silêncio) eu levei-a para a minha casa depois fui buscar a minha mãe, depois fui

levá-la ao veterinário dela no Feijó para cremarem (silêncio). Mas pronto senti que ela também tinha 14 anos e meio tava velhinha, já tava passada, já tinha problemas de coração (silêncio) e essa se calhar foi uma das fases em que eu... e prontos cada cão é como as pessoas, um amigo não é igual. (silêncio) E a Morça que era...que eu tava mais preocupada com a Morça, neste momento estou muito mais preocupada com a Joana (silêncio) mas qualquer uma das duas claro, a Morça tem 15 aninhos e o...dou-lhes uma vida de borla (silêncio) nesse aspeto faço questão prefiro...se eu tivesse a passar dificuldades eu mais depressa lhes dava de comer a elas do que... do que me dava a mim porque se aceitei a responsabilidade de ter animais não vou vacilar com elas. (C1.1.1)

Entrevistadora: Como é que se descreve?

Participante: Eu?

Entrevistadora: Sim.

Participante: (silêncio longo) Digamos que eu sou um desenho animado (ri: silêncio) sou...deixe-me cá ver que desenho animado (silêncio) há os transformers não é? (silêncio) Que são gente normal que de vez em quando se transformam, eu nunca vi muitos desenhos animados a não ser o Marco e o Zé Carioca e o Tom Sawyer (silêncio). Acho que os transformers eram normais, depois transformavam-se mais ou menos em robocops (silêncio) Qualquer coisa assim do género (silêncio longo) é mais ou menos isso... (C1.1.3)

Entrevistadora: A Cristina também se transforma?

Participante: (silêncio longo) Que remédio tenho eu senão...já tinha cortado os pulsos (silêncio) senão...se tivesse de ir buscar forças ao meu imaginário (silêncio). E por isso é que eu ao fim de tantos anos estou cansada psicologicamente e de fato (silêncio longo), mas também já tive mais (silêncio longo) porque...a maneira de eu mostrar força não era precisava de me transformar era só...(silêncio) alisar psicologicamente o que é que estavam a querer de mim e eu conseguir superar expectativas mesmo que fosse com boas intenções, eu fazia sempre questão de superar as minhas próprias expectativas (silêncio longo). E nunca aceitava uma derrota não...nunca aceitava (silêncio) ou seja as poucas coisas que fraquejei e que

fracquejaram na minha vida e das poucas coisas que me...que não tiveram sucesso na minha vida, nunca foi por depender só de mim, porque se dependessem só de mim não tinham fracassado (silêncio), eu tenho essa consciência sem ser...prepotente ou egocêntrica ou...tenho a certeza que as coisas que fracassaram na minha vida se dependessem só de mim (silêncio) não tinham fracassado (silêncio). (C1.1.3) Mas prontos como eu também não sou...graças a Deus não sou o primeiro-ministro, não sou nenhuma ministra de nenhuma pasta também não tenho de ser responsável por tudo, por tudo e por nada. Só tenho de ser responsável pelos meus atos e pelas minhas atitudes, e quanto a isso....

Entrevistadora: Bem Cristina terminámos, agradeço muito a sua participação. Muito obrigada.

Participante: De nada, ora eça.

Entrevistadora: Foi muito importante esta entrevista e o fato de ter contado com a sua colaboração.

Observações

A “Cristina” foi uma pessoa que de alguma forma me seduziu com o seu sentido de humor. Que em alguns momentos se demonstrou uma defesa para tentar suavizar temas que para ela eram difíceis de abordar.

Existiram momentos em que notei que evitava responder aquilo que lhe perguntava, referindo outras coisas que não estavam ligadas ou pelo menos diretamente ligadas ao que lhe tinha perguntado.

Quando falou no seu irmão e na possibilidade de o ter perdido assim como na sua tia, Cristina emocionou-se mas tentou esconder essa emoção através da colocação dos seus óculos de sol. Isto levou-me a pensar numa dificuldade em Cristina expor o seu lado mais frágil.

Em termos relacionais “Cristina” parece evitar um pouco o estabelecimento de relações com medo de se ferir nestas, preferindo dessa forma estar sozinha com os seus animais de estimação que ela diz “não trocava por nenhum animal de duas patas” (sic).

Antes de se iniciar a investigação foram explicitados os objetivos da investigação, que se pretendia estudar o vínculo amoroso que as pessoas estabelecem e a interligação dessa escolha com o funcionamento psíquico de cada um. Após explicitados os objetivos e assinado o consentimento informado, administrou-se o teste projectivo Rorschach (1ª parte do primeiro encontro com a entrevistadora) e depois iniciou-se a entrevista (2ª parte do primeiro encontro com a entrevistadora), que terminou no segundo encontro.

Nome: “Jorge”	Idade: 64 anos
Estado Civil: viúvo; atualmente união de fato	Número de filhos: 2

1ª Parte entrevista

Entrevistadora: Então é assim senhor Jorge, eu agora gostava que o senhor me falasse um bocadinho da sua infância.

Participante: Ah...mm...a... a minha infância, foi uma infância boa... (silêncio) tava com...com a minha mãe e com o meu pai, e com a minha tia e o meu tio. O meu pai era irmão do meu tio e a minha tia era irmã da minha mãe. Duas irmãs casaram com dois irmãos. E eles coitaditos morreram agora há uns anos, eles os dois e elas as duas estavam a viver comigo. A minha tia faz agora dia 6 do mês que vem,... deste mês, faz um ano que faleceu, tinha 92 anos. (C4.1.5) Foi de eu ter tido o problema da doença, começaram a andar... e a minha mãe tem 91 aninho também. Pronto eram as duas irmãs, casaram com os dois irmãos

Entrevistadora: Então o senhor Jorge quando era pequeno vivia com os seus pais...

Participante: (interrompeu a entrevistadora) e com o meu tio.

Entrevistadora: E com o seu tio...

Participante: E com o meu tio...portanto, o meu pai tinha casa, tem casa...

Entrevistadora: Sim...

Participante: Oops que já me enganei...e a minha tia também tinha casa. E a minha tia tinha gado e faziam tudo. (C1.3) E o meu tio trabalhava na, na... na câmara lá de Évora. (C4.1.4) E então depois ia sempre, sempre para lá trabalhar e eu também ajudava eles no brincadeiro, era novo e comecei sempre a brincar com eles e a trabalhar com eles também. E tínhamos lá gado e tínhamos lá tudo. (C1.1.3) Vendíamos água, vendíamos leite de... de... das vacas, vendíamos as vacas, pronto. Tínhamos borregos, tínhamos...ahhmmm (pensa) agora ia dizer que era...coelhos, aquilo tudo. Pronto a gente tínhamos todas essas coisas e andávamos e eu andava sempre...depois ao fim de, ao fim de... eu tinha dezassete anos queria vir para a tropa, queria vir para a tropa e depois vim, vim para a marinha. Vim para a marinha com dezassete anos e tive lá quatro anos, na marinha. Depois saí da marinha, quando saí da marinha fui ali prá...ahmm, aqui pró...ahmm, aqui prá escola, prá...(suspira) aqui ao pé da...aqui em baixo, ali da grande, na...como é que se chama aquilo? Aquilo é a escola naval era onde eu tava na marinha. Depois é estas situações que eu quero, me lembrar logo de repente e depois esquece-me, do que é que fiz e do que tinha a fazer. Portanto eu trabalhava ali na, na, na...

Entrevistadora: Então e um bocadinho antes ainda, antes de falarmos nisso, o senhor Jorge nasceu onde?

Participante: Eu nasci em Évora.

Entrevistadora: E os seus pais trabalhavam no campo, era isso? Pelo que percebi.

Participante: O meu pai trabalhava na... numa empresa de, de, de autocarros e o meu tio trabalhava na, na, na câmara. Depois a minha mãe e a minha tia estavam sempre as duas e, e elas ajudavam-se uma à outra sempre. E depois era eu novo, comecei a ajudá-lo também com elas.

Entrevistadora: Então o senhor Jorge está-me a dizer que tinha dois irmãos, não é? (com base no questionário inicial)

Participante: Dois irmãos...ahmm o meu pai e o meu tio, eram dois irmãos.

Entrevistadora: Não, o senhor Jorge não tem irmãos?

Participante: Tenho uma irmã.

Entrevistadora: Sim, e a sua irmã nessa altura também vivia convosco!?

Participante: Todos, sempre, sempre.

Entrevistadora: Então, ou seja, era o senhor Jorge, os seus pais, o seu tio e a sua irmã.

Participante: E a minha irmã. A gente era assim, comíamos na casa do meu tio hoje se for preciso e no outro dia íamos comer a casa do meu pai. E eu quando vim para a tropa, quando vim para a tropa, levava almoço e íamos para lá. O meu tio ia para lá comer mais a minha tia, ou íamos comer a casa dela. Pronto, eramos sempre assim. Estávamos sempre juntos.

Entrevistadora: Então e como é que era a relação lá em casa senhor Jorge, com todos?

Participante: Era sempre tudo do melhor, tudo. (C1.3) O meu tio coitadito (C1.3) também teve um problema de a...ah...aqui nas costas, de...aquelas...aquelas...um cancro, um género de cancro e eu é que trazia sempre o meu tio lá de Évora para ir para aqui para hospital para o I.P.O. portanto quando tinha que ir eu ia lá buscá-lo e trazia-o sempre para aqui. (C1.1.3)

Entrevistadora: Mas pelo que percebi, esse tio do senhor Jorge era uma pessoa próxima de si.

Participante: Sim, sim.

Entrevistadora: Como foi viver a doença do seu tio, senhor Jorge naquela altura?

Participante: Naquela altura, foi uma doença que a gente andava sempre com problemas. Ele coitadito (C1.3), de noite saía lá da casa e ia esfregar as costas na...nas paredes e eu quase

todas as semanas ia para lá e quando era para ir ao I.P.O. ia sempre buscá-lo, tal e qual como com o meu pai, foi a mesma coisa sempre. (C1.1.3)

Entrevistadora: E como é que se sentiu senhor Jorge? Como é que se sentia nessa fase?

Participante: Nessa fase andava sempre com o problema também nervoso deles coitaditos estarem doentes e, e porque eles eram, o meu tio até aos 79 anos nunca teve doença nenhuma, o meu pai até aos 78 anos nunca teve doença nenhuma, depois começaram a estar com esses problemas. E depois a seguir, a minha mulher, a minha mulher tratava deles, adorava-os e depois a seguir foi a minha mulher quando o meu pai faleceu, ao fim de dois anos, foi a minha mulher com o problema também de, de, de aqui no hospital, bem teve aqui várias vezes no hospital, com leucemia. (C3.5)

Entrevistadora: E como foi lidar com essas perdas senhor Jorge?

Participante: Ahh... andava sempre com problemas do nervoso, com, com desgosto disto tudo, sempre. (C3.5) Mas mesmo assim tinha, tinha, tinha os meus filhos, eles adoravam muito a gente, a mãe, e os tios e como com a avó agora. A minha avó e a minha filha vêm agora para a semana, ela ainda há bocado me telefonou lá de Macau disse como é que estava a avó e pronto. E já está a ficar preocupada com ela, coitadita. (C1.3) Deus queira que ela não vá falecer agora (comovido). (C2.1)

Entrevistadora: Está a preocupá-lo muito isso, não está senhor Jorge?

Participante: Está, está. (silêncio) Ela coitadita está doentinha, (C1.3) andou sempre com saúde até há doi...um ano e tal...foi quando eu...eles, eles adoeceram quando eu tive este problema de cancro.

Entrevistadora: Ok...a sua mãe?

Participante: A minha mãe e a minha tia, estavam sempre sempre sempre porreirinhas, sempre...ehm. Quando tive este problema, elas depois até vinham aí ver-me, depois começaram a estar com o problema da doença delas de tarem enervadas. (C1.1.3)

Entrevistadora: E quando o senhor Jorge era mais novo? Aconteceu alguma vez o seu pai, ou a sua mãe adoecerem...?

Participante: Humm não, não.

Entrevistadora: Nunca esteve separado deles quando era pequenino senhor Jorge?

Participante: Não nada, não, nunca, nunca, nunca. Estávamos sempre todos felizes, sempre o melhor, uma família... (silêncio) que era do melhor que havia. (C1.3) E eu tive este problema só agora com os 60 anos, foi no carnaval, e agora foi este problema do cancro. E eu estava em Évora precisamente, no fim desse fim-de-semana fui à caça, no fim depois de ir dois dias para depois vir para cima tive esse problema do, do, do carcinoma.

Entrevistadora: Diga-me uma coisa senhor Jorge, quando era mais novo, assim miúdo, como é que se dava com o seu pai e a sua mãe?

Participante: Sempre tudo do melhor. (C2.3)

Entrevistadora: Mas havia alguém com quem se desse melhor? Com quem se identificasse mais? Ou se achasse mais parecido consigo?

Participante: Era mais coisas com a minha mãe. (C2.1) porque o meu pai pronto era...o meu pai não queria que eu às vezes fumasse e eu fumava um bocadinho naquela altura e andava sempre a fugir dele (ri) (C2.2) essas coisas, não é? Mas o meu pai nunca e infelizmente, e...e eu também quando vim para a marinha, fumava. Ao fim de 22 anos deixei de fumar, porque fumava e começava a sentir aqui no estômago também e deixei de fumar, o médico disse-me para deixar de fumar, e nunca mais fumei. Há, nunca mais fumei!? Isto é, de vez em quando, quando ia a um casamento, ou coisa assim, fumava sempre um cigarrinho, ou qualquer coisa com os amigos.

Entrevistadora: E de infância, senhor Jorge como era a sua relação com a sua irmã?

Participante: Com a minha sempre tudo do melhor! Ainda hoje. (C1.3)

Entrevistadora: Davam-se bem, é isso senhor Jorge?

Participante: Sim.

Entrevistadora: Diga-me uma coisa naquela altura tinha muitas obrigações e muitas responsabilidades quando era assim mais novo?

Participante: Ah... tinha responsabilidade mais por causa deles, portanto... porque o meu tio... lembro-me de uma coisa, lembro-me que o meu tio teve no hospital de Évora também com um problema de, de, de, aí era da comida... já não lembro do que é que foi. Ele bebia, comia, comia até leite precisamente, e ele teve lá uma semana, e eu nessa altura estava na marinha, pedi para sair para eles andarem, para eles deixarem ir para lá e estive lá 15 dias e eu fui para lá com a família toda estar lá. Com ele no hospital.

Entrevistadora: E como foi essa fase, senhor Jorge?

Participante: Foi assim do melhor sempre para eles. (C1.1.3)

Entrevistadora: Diga-me uma coisa senhor Jorge, como era, como os seus pais se davam? Entre eles?

Participante: Tudo do melhor. Tanto faz o meu pai e a minha mãe sempre do melhor, (C2.4) o meu tio é que era boa à mesma mas... como não tinha filhos. A minha tia teve duas meninas e as duas meninas faleceram quando eram pequeninas, logo assim que nasceram. Porque eles os dois tiveram vários problemas e nunca foram lá os médicos nem nada e...e depois elas as duas coitadinhas faleceram. E depois nós ficamos como filhos deles, pronto, era sempre.

Entrevistadora: Então pelo que eu percebi, ou seja, para além dos seus pais, outras pessoas que também foram importantes para o senhor Jorge, foram esses seus tios?

Participante: Sim, sim, sim.

Entrevistadora: É isso?

Participante: Os meus tios e a minha avó. A minha avó faleceu com 26 anos, com... 96 anos lá em casa (C4.1.5) e ela estava sempre...e a minha avó nunca foi, nunca foi com doenças nenhuma. Caiu e partiu o braço direito, partiu o braço direito, ao fim de 15 dias, coitadita, vai morreu.

Entrevistadora: Como é que se dava com a sua avó senhor Jorge?

Participante: Tudo do melhor, também. Sempre, sempre, sempre. (C1.3)

Entrevistadora: Então pelo que percebi, o senhor Jorge tinha uma boa relação com a sua família, é isso?

Participante: Toda, toda, toda a família e mesmo os meus tios à mesma. Porque o meu pai e o meu tio tinham mais dois irmãos, e eles, os outros dois também aquilo era... a família sempre toda e os casados e os meus primos todos também, sempre nos demos muita bem. (C1.3)

Entrevistadora: Não existiam discussões familiares?

Participante: Nada, nada, nada. (C1.3)

Entrevistadora: Então diga-me uma coisa senhor Jorge, com quem é que brincava naquela altura?

Participante: Naquela altura era com... com os meus amigos lá da terra e com... o pessoal todo lá da terra. E eu...e eu...tinha 16 anos e um dia quis ser forçado e ainda andei lá com os coisos a apanhar toiros, onde eram lá aquelas festas e ainda levei lá umas sovazitas mas pronto...eramos todos muitos amigos. (C4.3.4)

Entrevistadora: E brincavam a quê senhor Jorge?

Participante: Quando eramos pequenos, íamos para aquelas...ah...aquelas coisas das águas, como é que se chama aquilo?... Ah pah, eu esqueço-me do nome... íamos tomar banhos prás...prás... (silêncio) naquela, naqueles terrenos grandes ali naquela zona toda de herdades, a gente íamos para ali. E íamos também quando eramos novos apanhar pássaros e não sei quê mais, animais e ahh...e pronto brincávamos sempre a tudo.

Entrevistadora: E tinha muitos amigos naquela altura senhor Jorge?

Participante: Sim, sim, sim. E ainda hoje felizmente, a malta é toda amiga. Ainda agora tive na terra também com alguns, outros estão aqui em Almada, na, na, na, em Lisboa. Mas pronto houve lá festas agora e eu estive lá com eles também, e eles como souberam que eu estive doente, vinham aí, aqui ao hospital, vinham-me aqui ver, sempre. (C4.3.1)

Entrevistadora: Como é a relação com eles, com esses amigos da infância?

Participante: Sempre, sempre tudo muito amigo. (C1.3)

Entrevistadora: Continuam a dar-se bem, como se davam na infância, é isso senhor Jorge?

Participante: Sempre, todos, todos. (C1.3)

Entrevistadora: E tinha algum melhor amigo, naquela altura senhor Jorge?

Participante: Naquela altura tinha, tinha que era um moço que está lá em Évora. Ah...mas era com todos, era com todos. Mas aquele pronto, como era o que andávamos sempre mais, (C4.3.1) porque a mãe dele, a irmã dele, eu quando era miúdo fui, fui, fui padrinho de, de, de uma miúda e a irmã dele também foi minha comadre e a mãe, a mãe dele entretanto era minha comadre e não sei quê que mais, aquilo eramos quase como família.

Entrevistadora: E como é que era esse amigo... como é que é esse seu amigo? Como é que o descrevia senhor Jorge?

Participante: Descrevia como sendo um amigo, mesmo, mesmo, mesmo bom. (C1.3)

Entrevistadora: Que características o que é que ele tinha, que o senhor Jorge gostava?

Participante: Eu gostava dele andar sempre na brincadeira também comigo e...e andava sempre, andava sempre a...aquilo era, era, era dos maior, eu era o maior, ele era mais pequeno. Ele às vezes brincava com os outros, às vezes batiam-se uns aos outros, e então ele fugia deles e vinha pó pé de mim para eles não lhe baterem. E então andávamos sempre, mas pronto, eramos sempre amigos sempre todos. Aquela parte toda ali, aquela terra toda, aquilo era uma alegria. (C4.3.3; C4.3.1)

Entrevistadora: Davam-se todos bem, é isso?

Participante: Todos bem. Desde que morreu um amigo nosso, foi prá...foi pró coiso...prá...foi para Faro, quando eu andava lá, no coisa da, da, da, da tropa e depois ele era um chofer de um caminhão. Ele teve um acidente, morreu.

Entrevistadora: E como foi perder esse amigo, senhor Jorge?

Participante: Esse amigo ficámos muito, muito, muito tristes dele, coitadito. (C1.3) Tinha 21 ano quando faleceu, que era...morava lá ao pé de nós também. Morávamos todos, andávamos sempre todos na brincadeira.

Entrevistadora: Ou seja, eram um grupo unido, era isso?

Participante: Era, era. Aquilo era sempre tudo ali, aquela zona. Depois era tudo conhecido, era os pais, era as mães, depois os pais, as mães. A minha família sempre gostava muito de, das amizades todas dali das vizinhas...tudo. (C1.1.3) Depois eram as irmãs, eram os primos iam sempre lá buscar comida à minha tia. O coiso, aí, o leite, o leite estavam sempre lá todas as tardes e sempre a falarem umas com as outras, que elas gostavam muito de irem para ali.

Entrevistadora: Então e na escola como é que foi a entrada para a escola, senhor Jorge?

Participante: A entrada para a escola não gostava. Cheguei, eu cheguei a deixar aquilo escondido e não ia e não ia coiso, à escola.

Entrevistadora: Então? O que é que não gostava senhor Jorge?

Participante: Porque eu nunca gostei de ir para a escola. Mas felizmente tirei sempre, os quatro anos, tirei a quarta classe. E a minha mãe, pronto, andava sempre e os meus tios queriam que eu fosse até, mas eu, da escola nunca...

Entrevistadora: Mas o que é que não gostava na escola senhor Jorge?

Participante: Não gostava tinha que estar lá tempo e tempo sempre lá parado e não sei quê mais e não gostava. Gostava era de vir cá para casa e andar sempre ali com os amigos e aquela gente toda ali. (C2.1;C2.3; C4.3.1)

Entrevistadora: Então e como era nessa altura, como é que se dava com os colegas lá da escola?

Participante: Dava-me bem com eles à mesma, porque aquilo era tudo pessoal conhecido, que andávamos sempre todos... (C4.3.1) Ah! E o meu tio, o meu tio era muito amigo da senhora doutora que era a minha doutora e... (C4.1.4)

Entrevistadora: A professora é isso?

Participante: A professora. Então o que é que ele fazia. Eu saía da escola, eu às vezes não queria ir. Eu saía da escola e depois ia com os outros, a...outros moços também íamos para a casa da professora.

Entrevistadora: Então como é que se dava com a professora senhor Jorge?

Participante: Ah, dava-me bem com ela (ri). Mas ela de vez em quando batia-me com o coisito que ela...era uma joia de senhora mas ela de vez em quando batia na gente. (C4.4.1)

Entrevistadora: Era uma pessoa rígida, é isso senhor Jorge?

Participante: Era, era, era. E o filho dela, também era professor António que faleceu agora, tadito, faleceu (C1.3) agora há pouco tempo. E ela era uma jóia de senhora também, mas pronto a gente naquela altura íamos para lá, e estavam sempre moças também lá conosco lá sempre a estudar e depois,...e pronto eu felizmente, ele é que me ensinou a fazer tudo né que eu fui sempre...

Entrevistadora: Ele quem senhor Jorge, agora não percebi. O seu tio?

Participante: O meu tio é que...o meu tio era da câmara, e lá era o que arranjava, que ia lá lavar aquilo tudo e ele é que arranjava aquilo tudo. E mandava neles, era o encarregado daquilo (C4.1.4) e mandava eles irem fazer lá a casa da senhora doutora e tudo e ela pronto, gostava muito deles e de mim pronto, só que eu não gostava nada de...de andar nas escolas.

Entrevistadora: Ok. Então diga-me uma coisa senhor Jorge, uma recordação que guarde da infância? Uma coisa assim que se lembre da sua infância.

Participante: Da minha infância, o que eu gostei muito foi de... (silêncio), da infância gostei muito foi de...(silêncio)...da família toda, da...do que é que eu gostei, pronto gostei da família toda amiga e da minha família toda (C1.3)

Entrevistadora: Da união familiar é isso que recorda?

Participante: Sim, sim era sempre muito amigo deles e eles...depois ia a muito a casamentos, íamos sempre, andávamos sempre convidados a casamentos. Por causa que pronto...a minha avó, a minha avó era cozinheira dos casamentos e a minha tia ia, ia ah... (silêncio) as camas, ela é que ia arranjar as camas. Como é que se chama aquilo? Era a....

Entrevistadora: A camareira?

Participante: Não filha (C1.3) era...ela punha a roupa nas camas, ela é que fazia aquilo tudo, punha aquilo tudo bonito ali. Pediam-lhe a ela para lá ir arranjar aquilo e a minha tia era sempre assim tudo, sempre toda a gente lhe pediu aquilo.

Entrevistadora: Então o senhor Jorge ia só como convidado ou ia também ajudar a fazer alguma coisa?

Participante: Nãooooo era só como convidado. E era para comer, sempre (ri).

Entrevistadora: Então diga-me uma coisa senhor Jorge, se pudesse mudar alguma coisa na sua infância, o que é que mudava?

Participante: Naquela altura, naquela altura nunca me dei, nunca me lembro de mudar nada que eu gostava sempre de tudo. (C1.1.3) Só a única coisa que eu queria era vir, porque eu queria vir era, era, ou era para a tropa, para a marinha (C1.2) ou para, pró, prá... (silêncio) como se chama isso do, do, dos coisos...

Entrevistadora: Força aérea?

Participante: Força aérea queria ir para a força aérea também. Ou para a força aérea ou para a marinha, era o que eu queria. Eu até queria vir mais cedo.

Entrevistadora: Então era isso que mudava senhor Jorge?

Participante: Sim. E eles não queriam que eu viesse. A família não queria que eu viesse para ficar lá com eles. (C2.3) Mas pronto, depois...eu trabalhava numa empresa de serrilharia e mecânica e eramos todos, portanto a família toda de lá e os amigos eram tudo uma jóia de senhores, (C1.3) dois filhos agora dele, os pais já faleceram. E os filhos ainda lá estão alguns e sou muito amigo deles.

Entrevistadora: Então e quando o senhor Jorge estava assim mais triste o que é que fazia para se sentir melhor?

Participante: Felizmente para estar triste era muito raro estar triste. (C1.1.3) Tristeza é agora que eu tenho, tenho que estar a tristezas agora, foi do meu pai, do meu tio, da minha mulher, agora é da minha tia também que faleceu e agora é a minha mãe. Tenho andado nervoso por causa dessa...estou a tomar uns comprimidos que o senhor doutor me deu aqui.

Deu-me...parece que são, 3 de manhã, depois é outro ao almoço e são mais três à noite.
(C2.2; C2.3; C4.1.5)

Entrevistadora: Mas naquela altura pelo que percebi, foi uma altura muito feliz para o senhor Jorge, não é? Mas às vezes quando estava assim mais em baixo, o que é que fazia para ficar mais alegre?

Participante: Saía de casa. Saía de casa para ir.... Saindo de casa ficava logo mais alegre, não tava ali... (C2.3)

Entrevistadora: Então o que o deixava às vezes o senhor Jorge mais em baixo acontecia o em casa? Era isso?

Participante: Acontecia... o meu pai às vezes não queria que eu saísse. O meu pai não queria que eu saísse, não é!? por causa do problema de eu ser... de eu querer ir para o...ós...pah...porque eles às vezes, rasgavam-me as calças e os sapatos ah.... (C2.2)

Entrevistadora: Ah o senhor Jorge ainda agora disse...para os toiros.

Participante: Prós toiros (ri).

Entrevistadora: Não me lembrava agora do nome (ri).

Participante: Eu queria era andar nessas situações, os fins-de-semana, os domingos e não sei quantos e o meu pai não queria, não né!? Como eu dava cabo da roupa o meu pai dizia assim...ah e outra, eu às vezes queria, vinha lá dessa zona à meia-noite, meia-noite e tal e depois queria ficar a dormir e não queria ir trabalhar. E o meu pai disse-me “ou vais trabalhar ou então chegando à hora tal tens que vir para casa!”. E então não, comecei a ir sempre trabalhar e não, e pronto não ficar em casa a dormir, nem nada. Nunca dormi. Era sempre assim o meu pai, era uma joia de homem, às vezes pronto, de vez em quando essas coisas não, não, não queria que eu fizesse...andar à noite. (C2.2)

Entrevistadora: Então o senhor Jorge descrevia-se como uma criança...como? Em criança como é que se descrevia?

Participante: Ah, descrevia-me sempre bem não tinha problemas nenhuns. (C1.1.3)

Entrevistadora: Como é que era em criança o senhor Jorge?

Participante: Em criança, em criança era para andar sempre na brincadeira. Andava sempre na brincadeira. (C1.1.1) A minha irmã, a gente tinha lá terrenos, tínhamos lá coisas e eu e a minha irmã íamos, pronto mais a família, íamos apanhar a...a...lá nos terrenos, a, o...o... como é que se chama isso aí das árvores...os, os... (silêncio) feijão, não é feijão. Oh pronto íamos apanhar certas coisas e eu estava sempre a fazer... e dizia o meu tio para o meu pai “olha aquele já está ali, já não quer ir, já está ali sentado já não quer fazer nada”. E depois era a minha irmã sempre a brincar com essas coisas. Estávamos sempre com essas brincadeiras.

Entrevistadora: Mas em termos de características de personalidade. Ou seja, era uma pessoa tímida? Era mais extrovertido? Como é que se descrevia senhor Jorge?

Participante: Eu era mais extrovertido, andava sempre...adorava tudo, andava sempre na brincadeira com...até às vezes com velhotes e tudo, sempre a brincar com eles e com gente de mais idade. (C1.1.1) E eu nunca tive problemas nenhuns...faleceu lá um velhote, coitadito que era uma joia de senhor (C1.3) e tinha lá também gado, e ele morreu lá ao pé de mim. Tava eu quando ele caiu, coitadito e depois eu é que o vesti e eu disse à família e vesti-o mais o sobrinho dele, e nessas alturas nunca tive problemas nenhuns, andava sempre, ajudava às vezes as pessoas sobre isso.

Entrevistadora: E não era difícil para si, senhor Jorge?

Participante: Não. Nada, nada...nada. Andava sempre, sempre e eu agora tenho andado pior nessas situações.

Entrevistadora: Se calhar porque são pessoas mais próximas do senhor Jorge.

Participante: Pois...pois!

Entrevistadora: Então diga-me uma coisa senhor Jorge. Quando era assim pequenito, qual era o seu maior medo?

Participante: O meu maior medo, o meu maior medo...era...era de...era de ir pá...água, ter medo de entrar nas águas. Às vezes... (C1.1.2)

Entrevistadora: E porquê, senhor Jorge?

Participante: Porque...epah, houve lá, lá um ou dois moços coitaditos (C1.3) que faleceram nesse, nessa situação. E depois eu tinha um bocado de medo, mas depois comecei a entrar bem...ah entrar bem e nas paródias, mas mesmo assim estava sempre a ver...

Entrevistadora: Tinha medo de se afogar era isso, senhor Jorge?

Participante: Sim, mas consegui.

Entrevistadora: Conseguiu ultrapassar o medo?

Participante: Consegui sim, consegui.

Entrevistadora: Então assim na sua infância qual é a pessoa que.... que o senhor o senhor Jorge identificava-se? Gostava mais de estar porque era mais parecido consigo, ou com quem se dava melhor?

Participante: O meu primo. Portanto eu tenho, um primo meu que era irmão do meu tio também ele era muito meu amigo, andávamos sempre os dois também. E agora ele é mais velho do que eu. Ele tinha, ele tem 72 anos e hoje precisamente a gente íamos a essas coisas, há...à pesca...peixes e não sei que mais e eu ia sempre muitas vezes com eles e depois nos íamos lá para as águas, e então o que é que eles faziam. Os gajos despia-me, eu era mais pequenino, despia-me todo e ele punha-se na brincadeira sempre comigo. Andávamos sempre...

Entrevistadora: Então e como era esse seu primo, como é que o descrevia? Como pessoa.

Participante: Sim...é uma joia de moço. (C1.3) Era filho único do meu tio, era filho único, só tinha, só era...não tinha irmão nenhum.

Entrevistadora: E havia alguma coisa que não gostasse nesse seu primo, senhor Jorge? Alguma...

Participante: Não!

Entrevistadora: Alguma característica da personalidade dele que o senhor Jorge não achasse nenhuma graça?

Participante: Não! Não, não. Ele era também sempre. Ele era tudo. (C1.3) Jogava também futebol lá, nos treinos lá também em Évora. E... depois veio aqui para, pra... (silêncio) mais o meu tio, eles vieram para aqui que era, eram, era um encarregado o meu tio e depois veio para ali. E o meu primo, o meu primo veio com a mulher para todo o lado, e coitadita (C1.3) ela faleceu também. Faleceu e depois, arranjou uma mocinha também que o pai dela era também de fazer prédios. E agora está a viver com ela. E é, ela tinha dois filhos e ele também tinha um menino e uma menina, e agora dão-se bem todos também. A gente de vez em quando damos.

Entrevistadora: Encontram-se é isso senhor Jorge?

Participante: É.

Entrevistadora: Bem senhor Jorge estava aqui a pensar, se calhar hoje vamos ficar por aqui e depois marcamos mais uma sessão para terminar! Pode ser?

Participante: Sim, sim. Mas agora vem a minha filha para a semana filha. (C1.3)

Entrevistadora: Se o senhor Jorge não tiver disponibilidade para a semana, marcamos para a outra a seguir, não há problema!

2ª Parte da entrevista

Entrevistadora: Então é assim senhor Jorge, hoje queria que me falasse um bocadinho da sua adolescência. Como é que ela foi, o que é que aconteceu de mais significativo...

Participante: Foi sempre bem filha, (C1.3) sempre... a adolescência sempre foi muito bem, sempre tive com a família toda, sempre melhor e com...(silêncio) com a família toda, sempre foi bom para eles e eles sempre para mim. (C2.3)

Entrevistadora: E nessa altura lembra-se de ter acontecido alguma coisa de...que o tenha marcado na sua relação com os seus pais, senhor Jorge?

Participante: N...não. A única coisa que tive foi quando o meu pai faleceu agora há uns anos e o meu tio também só. Mas de resto toda a vida tivemos bem sempre, dá-mos sempre bem. (C1.3)

Entrevistadora: Nunca assistiu a discussões, nada que...

Participante: Nada, nada. O problema mais era por causa do tabaco naquela altura, fugia um bocadito deles para eles não me verem. (C2.2)

Entrevistadora: Isso foi em que altura senhor Jorge?

Participante: Foi tinha eu 25...vintee....tsc...tinha eu 18 anos, 17/18 anos. Antes de ter vindo pá, pá marinha. E então pronto, nessa altura fugia deles, não podia estar ao pé deles porque não queriam que eu fumasse. (C2.2)

Entrevistadora: Então e como é que foi isso senhor Jorge, teve que fugir deles pra...

Participante: Pronto andava sempre de um lado, para o outro íamos aos bares ou íamos às festas, mas ao pé dele não podia estar a... a fumar. Eles andavam sempre, os meus tios sempre na brincadeira, tinha um tio meu, que pronto punha-se sempre na brincadeira comigo e depois eles ah... o meu pai e outro meu tio que era mais velho, esse pronto não queria que eu fumasse, davam sempre coiso para eu não fazer, pronto...não queriam. Porque eles também não fumavam. Tanto que só o meu tio mais novo é que fumava. Eles eram quatro irmãos e só o meu tio mais novo é que fumava. Agora o meu pai e o meu tio mais velho, também não fumavam. Então eles andavam sempre a dizer para eu não fumar, que isso fazia mal.

Entrevistadora: Então e como era a relação com os amigos naquela altura?

Participante: Era sempre bem, andei sempre bem com eles. Nunca tive, zanga com amigos, andávamos sempre na brincadeira e andávamos sempre, andávamos sempre bem.
(C1.3)

Entrevistadora: E como era quando estavam todos juntos, senhor Jorge?

Participante: Quando estávamos juntos, andávamos sempre a brincar uns com os outros, a fazermos maldades às vezes, uns com os outros. (C4.3.4)

Entrevistadora: Que maldades?

Participante: Eh....pronto, empurrar um para o outro, ou... ou a roubar-lhe qualquer coisa que eles tinham, ou coisas assim na brincadeira....sempre. (C4.3.4)

Entrevistadora: Quando estavam em grupo, estavam sempre a brincar uns com os outros, é isso?

Participante: Sim, sim, sim.

Entrevistadora: Então e naquela altura como é que o senhor Jorge se via?

Participante: Via-me bem sempre. Sempre, sempre, sempre, sempre. Sempre tive boa altura, sempre em tudo. E havia uma coisa fulminante que eu tinha que era lembrava-me de tudo, e eu até nem precisava de muitas coisas, escreviam para não me esquecer, não, não...ah...conhecia as pessoas todas, ah... sabia até de casa os números de casa do, dos telefones e tudo e não precisava de escrever nada disso. Agora então é tudo, não consigo nada, de me lembrar. Tenho amigos meus que esqueço-me os nomes deles. Também já há uns tempos que, também agora uns estão de um lado outros estão do outro e então esqueço-me. É a situação que eu tive... o problema que eu tive, é assim... (C.1.1.2)

Entrevistadora: Então e naquela altura o que é que o preocupava senhor Jorge?

Participante: A única coisa que me preocupava era querer, querer vir-me embora para a... prá tropa ou prá, para qualquer lado, não queria tar sempre estar lá em casa, já com essa altura, muitos anos. Porque pronto, eu ajudava a minha tia, o meu tio e o meu pai. Andávamos sempre, tínhamos lá trabalho sempre, e ajudava-os e depois eu digo, epah eu já tenho uma certa idade, quero me ir-me embora...AH! Até cheguei a dizer ao meu pai e ao meu tio, “vocês não me deixam ir embora, eu vou-me embora, vou fugir. Vou para Espanha, ou vou pra França, ou qualquer lado. Se vocês não me deixam.” (C2.1; C2.2)

Entrevistadora: Então quanto queria sair de lá o que é que imaginava para si senhor Jorge?

Participante: Ah, eu imaginava pra entrar ai na, na, na, ai na...tsc...ai, na, na, na onde eu tive agora, na, na, na, onde eu tive naquela altura...na marinha. Queria ir para a marinha e queria ir para fuzileiro, para fuzileiro não, pra fuzileiro não é da marinha...ah...(começou a bater com a ponta dos dedos na mesa) pra...ah... (C1.2)

Entrevistadora: Força aérea?

Participante: Força aérea. Para essas coisas todas assim é que eu queria pronto entrar sempre. (C1.2)

Entrevistadora: E porque é que isso, porque é que gostava disso senhor Jorge? O que é que o fascinava?

Participante: Fascinava porquê, porque tinha uma certa idade e naquela altura já, sempre fui o mais alto, sempre tive uma altura de idade. De idade...de...estava sempre bem. (C1.1.3)

Entrevistadora: Era alto é isso?

Participante: Era alto, tinha 70 quilos como tenho hoje, e era precisamente o corpo que tenho hoje. (C1.1.1) Cheguei a ter, cheguei a ter 110 quilos agora quando tirei o coiso, foram quase 40 quilos que tiraram agora, quando fiz a operação. E nessa altura era...tinha 69/70 quilos andava sempre bem. E depois nunca tive azares nenhuns felizmente. (C1.1.3) Ah! E fiz uma operação quando era pequenino tinha cerca de 6 anos, aqui na...como é que se chama?

Entrevistadora: Apêndice?

Participante: Apêndice.

Entrevistadora: Então e como é que foi, lembra-se?

Participante: Lembro. Tinha 5 anos e estava em casa, começou-me a doer, a doer, a doer e a minha tia, estávamos lá precisamente no quintal por causa das vacas e aquilo tudo, depois havia um senhor amigo que ia lá sempre levar os tratamentos para os animais e ele chegou e ele é que me levou lá pra Évora. Fui operado mesmo em Évora, lá no hospital. Depois tive lá dois dias, no hospital, depois fui para casa. Andava sempre a perguntar pela minha mãe e a minha tia. (C2.1; C4.1.1)

Entrevistadora: Então como é que foram esses dois dias lá no hospital?

Participante: Esses dias no hospital andava sempre com, a chorar, pronto por causa delas, queria vê-las. (C2.1; C4.1.1)

Entrevistadora: Queria que elas estivessem consigo senhor Jorge?

Participante: Queria. E havia lá uma senhora que estava no hospital que era muito amiga da minha mãe e da minha tia, e então estava sempre ao pé de mim. Eu chamava-lhe que era a tia também, andava sempre a chamá-la coitadinha. (suspirou) Era assim...e agora, pronto a partir daí nunca mais tive problema nenhum, só aos 60 anos é que tive o carcinoma e agora este problema, da, da, do cancro. Tem sido sempre, fui sempre bom até aos 60 anos, eu sempre tudo... comia bem, dormia bem.

Entrevistadora: Era uma pessoa saudável, é isso?

Participante: Era saudável. Eu abusava, abusava muito nas bebidas, abusava muito nas bebidas e bebia sempre de tudo, era whisky, era tudo, tudo, tudo. Porquê? Era uma vida com amigos e, e, pronto. E fazíamos, púnhamos ai sempre um grupo, íamos sempre almoçar todas as semanas, duas vezes e depois quando saíamos daqui íamos, jantar fora, íamos ver o Benfica lá fora e é pronto. E depois foi até aos 60 anos, a partir daí deixei de beber, nunca mais bebi bebidas nenhuma, álcool e nada. Foi...isto foi em Outubro, não foi em Novembro a primeira situação, eu estava em Évora, fui à caça depois há noite tive este problema que fui para hospital de Évora, tive o problema de, de cabeça...que é que eu estava a dizer? O Carcinoma depois estive lá um dia, e depois tive aqui um dia também, mas pronto, correu tudo bem, não havia problemas nenhuns nem, já andava melhor. E depois no fim de três anos, foi este problema, também do cancro. E do cancro foi também precisamente no dia da caça também, que eu cai, cai e por causa das vésperas picaram cai e depois fui, eu tinha um médico meu amigo que é daqui de Almada, que é o Carlos Ramos, estava lá em Évora, casou lá com uma moça amiga. E... (silêncio) ele vive lá, estava lá no hospital. No hospital não, agora aquilo é...é hospital pronto, mas é até às oito horas só, e ele depois mandou-me para cá, para vir aqui ó doutor...está aqui no hospital a trabalhar, mas é aqui, ali em al...aqui na Cova da Piedade, é o doutor Vasco Ferreira, doutor Vasco Ferreira é que descobriu que eu tinha um cancro. Depois no outro dia vim para aí, e marcou-me logo e no fim de três dias operaram-me logo.

Entrevistadora: No estômago?

Participante: No estômago, que era no estômago. E eu tenho que tinha aí, tenho, tinha e tenho. O doutor Eduardo Amarante também, ele é que também marcou isso tudo e fizeram

logo. Eu tava do melhor depois quando comecei a fazer a radioterapia aqui no Barreiro, radioterapia e depois tive lá 25 dias a fazer. Depois vim para aqui fazer a quimioterapia, mas só fiz cinco vezes, quimioterapia. Tava senti-me bem e tudo, agora o problema mais é o sistema nervoso. Portanto da minha mãe e... (C2.1) só que eu antes estava melhor não tinha problema nenhum.

Entrevistadora: Esta preocupação com o estado da sua mãe agora deixou-o mais em baixo?

Participante: Foi, foi, da minha mãe e da minha tia, que faleceu também. Agora foi mais este problema.

Entrevistadora: A sua tia faleceu há quanto tempo senhor Jorge?

Participante: A minha tia faz agora dia 6 um ano, deste mês. E ela tinha 92 aninhos, quando faleceu.

Entrevistadora: E como é que foi essa perda senhor Jorge?

Participante: Essa perda, ah... (C4.1.5) ela coitadita, ela estava melhor, só se foi por causa de mim, quer dizer e a minha mãe a mesma coisa. (C1.1.3) Porque elas estavam cá na minha casa, depois quando eu tive este problema, depois a minha mulher saiu daqui e iam na matando ali, partiram-lhe a perna e ela depois tiveram que ir lá para a terra. Tinha lá uma prima minha e ela é que tratava delas. Depois começaram a estar com esse problema, a minha mãe deu lhe um AVC e depois foi a minha tia, começou a ver a minha mãe também com aquele problema e a minha tia depois faleceu coitadita. (C1.3)

Entrevistadora: Mas o senhor Jorge estava-me a dizer que foi um bocadinho por sua causa, porque por causa destes problemas de saúde que o senhor me estava a falar?

Participante: Sim, sim.

Entrevistadora: Acha que estas preocupações que elas tiveram consigo também levaram a que adoecessem é isso?

Participante: Foi, foi, foi. De certeza que foi. Porque elas coitaditas estavam sempre comigo, sempre, sempre toda a vida. (C1.1.3)

Entrevistadora: Eram muito próximos, todos.

Participante: Sempre, sempre foram, sempre. No tempo em que viviam lá no Alentejo, lá em Évora portanto eu de 15 em 15 dias ia sempre lá passar o fim-de-semana, ainda era na altura de, de, das férias, portanto quando trabalhava a minha mulher e pronto trabalhava sozinho, então íamos para lá e trazíamos as para cá, passavam cá uns dias e depois ia levá-las e assim sucessivamente. Depois quando elas começaram a estar um bocadito mais, mais antigas mais coisas trouxe-as para cá. Tiveram cá quatro anos, quatro anos viveram aqui, depois nós íamos também para o Alentejo.

Entrevistadora: Consigo, em sua casa, é isso?

Participante: Sim, sim. Eu tenho casa, lá no Alentejo que era da minha tia e tenho a casa da minha mãe que era da minha mãe também. Então elas estavam em casa as duas, estavam na casa da minha mãe e a gente, estávamos na casa cá cima da minha tia, que eram onde tínhamos o gado naquela altura então eu parti aquilo tudo e arranjei aquilo tudo, tudo do melhor. E agora está tudo lá parado, tá tudo. Mas olha a minha filha vem agora, de hoje a oito dias, se Deus quiser está cá depois vamos. Mas ela vai pra, pra, pra praia pro Algarve e depois passa uma semanazinha lá também.

Entrevistadora: Então como é a relação com a sua filha senhor Jorge?

Participante: A minha filha tem sido a melhor filha também como o meu filho. (C1.3) A minha filha teve aqui no hospital, no oitavo piso onde a minha mulher morreu coitadinha, ela é que estava a tratar, ela é que fazia o, o das doentes, ela é que fazia...

Entrevistadora: Ela é que estava no secretariado?

Participante: Sim secretariado era aquela do secretariado. Teve aí quase dois anos, depois na altura foi quando a despediram e ela depois, eles diziam a prima, porque ela tinha, tem aí uma prima, a madrinha dela que tava ali na, na, tava ali onde fazem os... (silêncio) quero lembrar-me das coisas assim de repente e não me lembro...o que fazem nos...as folhas...como é que é, onde fazem os pagamentos.

Entrevistadora: Ah sim, ali na zona das consultas? É isso?

Participante: Sim.

Entrevistadora: Na marcação.

Participante: Na marcação. Então ela pronto, arranjou para ela vir para cá e depois naquela altura já não coiso e ela foi mais o marido para com os pais dele vivem lá, lá em Macau. E depois eles foram lá para Macau.

Entrevistadora: E então como é estar longe da sua filha senhor Jorge?

Participante: Dela estar longe, é muito, muito triste dela estar longe de mim. E agora já tenho um netinho. Ainda ontem tivemos a vê-lo lá no coiso e ela vem agora na sexta-feira.

Entrevistadora: O que é que é mais difícil senhor Jorge? Estava-me a dizer que era difícil. O que é mais difícil em estar longe dela?

Participante: Era difícil estar longe dela, pronto. Gostava era de estar com ela de vez em quando, (C4.2.3) mas eu não fui lá a Macau já, porque causa de andar aqui com o doutor, se não eu tinha ido lá. Mas depois o que é que pensei, agora vou para lá, depois pode haver qualquer problema, deixa depois ela vem e agora queria ver se eu começava a ficar melhor daqui a mais um. Ela disse-me que em Novembro por aí vamos a Africa do Sul porque tá lá o pai dele agora com a mãe há já muito tempo, porque eles toda a vida...porque o meu genro é, nasceu na Africa do Sul, quando era pequenino, nasceu lá pronto, e depois saíram dali e foram para Macau. E depois ele veio para cá tirar o curso em Lisboa e a minha filha também, entretanto foi quando eles se conheceram, namoraram e depois casaram. E depois foram para

Macau. E agora estão lá com o pequenino. E eles são quatro irmão e eles de vez enquanto vinham aqui, vinham para cá estavam minha casa, são pessoas...os pais dele são alentejanos são de Moura. O avô do avô dele também foi sempre há muitos anos foi para lá e tinha uma, uma empresa lá na em...África do Sul e agora já cá está. Já está a dormir na casa que tem em Moura.

Entrevistadora: E como é que é a relação com o seu filho senhor Jorge?

Participante: E com o meu filho também é tudo bem. Fiquei um bocado triste foi deles se terem separado. (C4.2.4) Porque ele tava, o meu filho casou na, em, na, em...(bate com os dedos na mesa; silêncio) como é que se chama, quero lembrar-me dessas coisas de repente e depois esquece-me. É onde, onde a gente pertence...

Entrevistadora: Évora?

Participante: Não filha. (C1.3) não. Quando a gente vai de avião para lá...._(silêncio) agora, até chove lá muito, é que essas coisas que quero lembrar-me de repente e esquece-me (silêncio) pertence a nós é... hummm, onde fazem aquelas festas que é muita bonita que é lá na, na (silêncio)...(expira) é este problema que eu tenho de me lembrar.

Entrevistadora: Ou seja, casou fora de Portugal é isso?

Participante: Casou, casou, mas pertence a nós lá onde ele casou. É na, na, na...é... (silêncio)

Entrevistadora: No Brasil, em Angola?

Participante: Não filha, não, aquilo é português.

Entrevistadora: É português?

Participante: São as duas...

Entrevistadora: As ilhas. Os Açores...

Participante: É nos Açores (ri).

Entrevistadora: Quando disse que era fora de Portugal, pus-me a pensar que era uma Ex Península.

Participante: Não, é lá nos Açores. Ele depois foi lá para os Açores, foi para os Açores e conheceu a mulher. Ela estava lá na escola e ele vendia coisas lá na escola e isso tudo, depois conheceram-se lá e depois casaram. Tenho uma netinha já com oito aninho dele. Até vem agora, vem agora para a semana também, cá, passar cá 15 dias. Eee separaram-se, pronto e é essas coisas todas que eu...e fez para lá um, uma casa que é uma coisa impressionante e eu tive que o ajudar a pagar aquilo tudo e agora. E agora ele diz que fica para a filha, pronto, se ficar para a filha já não...

Entrevistadora: Mas porque é que a separação deles deixou assim o senhor Jorge mais triste?

Participante: Fiquei triste de, de, eles andavam sempre bem, sempre tudo do melhor até com a menina e não sei quê mais, e de um momento para o outro... (C4.2.4)

Entrevistadora: Não era de esperar que se separassem não é isso senhor Jorge?

Participante: É.

Entrevistadora: Foi uma surpresa.

Participante: Foi uma surpresa. E outra separaram-se já havia três ou quatro meses e não, não diziam nada. Só depois de estarem separados mesmo é que me disseram.

Entrevistadora: E como é que se sentiu com isso senhor Jorge?

Participante: Senti-me triste, bastante filha, (C1.3) porque de vez em quando eu ia lá, ia lá ver a menina e ia para lá pronto, passava lá. E sempre na altura do tempo bom, ia sempre lá. Agora até de verão, estava lá 15 dias ou uma semana, depois vinha e agora... (silêncio) foi esta situação.

Entrevistadora: Têm mantido contato senhor Jorge? Com o seu filho? Falam regularmente?

Participante: Não, não o meu filho já cá está, já cá está!

Entrevistadora: Ah! Veio para aqui?

Participante: Veio para cá! Veio para cá! Agora está cá a trabalhar e a miúda vem agora no sábado, vem cá passar também as férias. E vem a mãe com ela. Eles mesmo assim dão-se bem, estão sempre a falar e estou sempre a ver e falo com ela também. E ela até quer vir ver a minha mãe também, só que...eles dão-se bem, dão-se bem isto é de, falam-se bem e dão-se bem e tudo, mas acabaram...o casamento.

Entrevistadora: O senhor Jorge gostava que eles tivessem continuado?

Participante: Continuado, pois era isso sempre.

Entrevistadora: Agora voltando um bocadinho à sua adolescência senhor Jorge. Naquela altura como é que viveu as mudanças do seu corpo?

Participante: Na altura quando era novo?

Entrevistadora: Sim. Quando era assim adolescente, 14/15 anos, como é que viveu aquelas mudanças todas do corpo?

Participante: Sempre bem, tão sempre bem, sempre.

Entrevistadora: Não o preocupou nada?

Participante: Não.

Entrevistadora: Não houve uma mudança que o preocupasse?

Participante: Não, nada. Nada. Eu ate usava às vezes na brincadeira com os toiros e com... ia sempre em paródias e nunca tive problemas nenhuns de corpo, nem nada. (C1.1.3) Nem me doía nada. Agora felizmente, a única coisa que às vezes me doí é aqui o joelho só, de resto não.

Entrevistadora: Então e como é que foi os primeiros amores nessa altura senhor Jorge?

Participante: Os amores nessa altura (ri) os amores nessa altura era uma brincadeira sempre em quando, era moças amigas e tudo andávamos sempre para a brincadeira. (C3.3.5)

Entrevistadora: Quando é que foi o primeiro amor?

Participante: O meu primeiro amor era uma mocinha minha amiga que morava mesmo ao pé de nós e eu namorei com ela. Namorei com ela depois dois anos. E ela depois veio para a Amadora com os pais e depois eu estava na marinha, e ia lá a casa e o pai dela era terrível, não queria que eu andasse com a filha sozinho e não sei que mais, depois eu chateei-me e nessa altura disse-lhe a ela se ela queria ir viver comigo e ela não quis, depois separamo-nos! (C3.3.5; C3.5)

Entrevistadora: Tinha que idade senhor Jorge?

Participante: Eu tinha 19, quando comecei a namorar com ela, tinha ai uns 17 anos, 16 anos, 16 anos quando...depois ahmm, vim para a marinha e eles já estavam aqui na Amadora e depois ia para lá, ia lá a casa. Mas o pai nunca deixava a gente a bem dizer sair um bocadinho...o pai dela toda a vida foi um homem terrível. Até a família, os filhos e assim chateavam-se com os pais. Foi um homem sempre terrível até para a mãe, para a mãe dela coitadita. (C1.3) E hoje, hoje somos muito amigos porque ela teve um cancro também, coitadita. Há 17 anos, e ela hoje, portanto teve um marido também, não teve filho dele porque ela ate depois ela até punha aí, coiso dele que ele roubava dinheiro a elas e

depois...separaram-se. E agora está a viver com um senhor que lhe faleceu a mulher que ele é de lá o moço também e somos amigos à mesma. E ela teve um cancro, depois ficou lá na casa do pai agora já lá vivem, agora estão em Évora ao pé da minha casa também e a gente pronto, estamos sempre a falar uns com os outros, não ficamos mal nem coisa nenhuma.

Entrevistadora: E como é que era o namoro naquela altura senhor Jorge? Como é que se davam?

Participante: O namoro, naquela altura era (ri), era, era bom, só que a situação era o pai que não deixava a gente ir para aqui ou para ali, ou qualquer coisa andava sempre...foi por isso que eu nessa altura depois comecei a namorar a minha mulher, coitadita. (C1.3) Aqui na Cova da Piedade, que eu estava na marinha e depois conhecia-a aqui, conhecia-a aqui, que era também alentejana, que era do pé de Moura, ao pé de Pias. Depois comecei a com a minha mulher pronto, depois separamo-nos e depois casei-me com a minha mulher. (C3.3.5)

Entrevistadora: Então a ver se eu percebi senhor Jorge, quando disse que começou a namorar com a sua mulher é o que, a mãe dos seus filhos?

Participante: É a mulher dos meus filhos.

Entrevistadora: Mas separaram-se é isso?

Participante: Não filha. (C1.3)

Entrevistadora: Ou separaram-se quando a sua esposa faleceu? Ou quando ela faleceu já estavam separados?

Participante: Não estávamos, não, não nunca nos separamos.

Entrevistadora: Ou seja, foi mesmo com a morte da sua esposa é isso?

Participante: Sim, sim, sim.

Entrevistadora: Então e como é que se davam senhor Jorge?

Participante: Sempre bem, sempre do melhor, ela era sempre...até com os filhos e tudo. (C3.3.3) Porque a minha mulher, era a minha sogra e o meu cunhado e a minha mulher tava numa empresa de fazer roupas, e a mãe é que era a secretária...ahmm, quando coiso...e a minha mulher, era de fazer roupas e aquilo era, ela é que fazia sempre a roupa para nós, pós filhos e pra mim. E depois, quando ela começou a ter, pronto, teve o miúdo e depois foi a filha, depois... eu disse ó filha pronto porque é que não deixas isso e vens pó pé dos teus filhos e assim foi. (C3.3.6) Pronto deixou de estar lá a trabalhar na... lá nas coisas e depois ela andou aí do melhor, andávamos sempre e depois eu também comecei a ter a vida muito melhor e ela coitadita (C1.3) foi quando lhe começou a aparecer aquele problema de, de, de, da, da...(tsc)...ahmmm...como se chama aquilo? Que ela morreu...era... (silêncio)...não é cancro mas é foi na cabeça depois...ahmm...como é que se chama aquilo pá? (silêncio)... é de cancro também filha...

Entrevistadora: Aneurisma?

Paciente: Na...não!

Entrevistadora: Não?

Participante: Não (tocou com os dedos na mesa) fisio...fez fisioterapia. Outra vez não me lembro disto... depois foi à cabeça, coitadita, (C1.3) depois houve um problema quando ela teve, vinha aqui fazer tratamentos de três em três meses. Depois um dia em que eu fui, saí de casa, fomos lá ver a herdade quando tava lá telefonou-me a minha filha a dizer que ela coitadita ficou até com os olhos todos, todos...deixou de ter os olhos, pronto, os olhos saíram. Depois veio para aqui ao fim de 6 meses, de mês a mês vinha fazer o tratamento, depois ao fim de 6 meses faleceu. No dia 1 de Maio. Foi no dia 1 de Maio.

Entrevistadora: Como foi perder a sua esposa, senhor Jorge?

Participante: Foi, foi, foi muito mau. (C3.5) Nós pronto dávamos nos muito bem e até a mãe dela estava connosco e o cunhado, o meu cunhado. O pai dela faleceu tinha 25 anos e

portanto elas faleceram, e ela vivia com a mãe e com o irmão. O meu cunhado estava sempre conosco lá em casa aqui na Cova da Piedade. E é onde ele mora agora, que essa casa depois ficou para ele, e ele coitadito, (C1.3) o meu cunhado vinha todos os dias, todos os dias aqui ver, porque ele era da marinha e já estava reformado e ele todos os dias, todos os dias vinha-me ver mais a mulher. E agora a minha sobrinha, que é filha dele, teve agora um menino. Bem, e ainda está no hospital.

Entrevistadora: Então e como é que foram esses dias senhor Jorge, depois da morte da sua esposa, como é que foi? Esses tempos...que se seguiram.

Participante: Esses tempos, foi muito, foi muito mau, dois anos, dois anos e tal que eu tive sempre perdido, pronto ela. E aliás todos os dias no hospital, todo o dia ia sempre lá à câmara dela, à cama... (C3.5)

Entrevistadora: Há cama?

Participante: Sim à cama sempre, por lá, por lá as coisinhas dela e agora já está na...com a mãe na... (silêncio) numa caixinha. E eu vou lá de vez em quando por lá...

Entrevistadora: Como é que a sua esposa era, senhor Jorge?

Participante: A minha esposa era uma mulher espectacular, para toda a gente. Então a minha mulher, se alguém fosse a casa dela pedir-lhe qualquer coisa comida e assim, ela dava sempre...os velhotes...pois era uma mulher muito para todos, sempre. (C3.3.3; C3.1)

Entrevistadora: E havia alguma coisa que não gostasse senhor Jorge? Nela, se havia alguma coisa que não gostasse?

Participante: Na...Não, não ela nunca, ela era para toda a gente. (C3.3.3) Era uma mulher...nós tivemos ela depois...ainda fiz uma preza de roupas e ela depois andava lá naquilo com as amigas e tudo, ela depois à última da hora disse-me “epah deixa tar a gente vende-lhes isto a elas e pronto” (C3.3.6) e elas ficaram lá e ela adorava estar com elas. É assim...foi ali na, na, no Laranjeiro que a gente tinha aquela loja.

Entrevistadora: E depois passado quanto tempo é que conheceu a sua atual companheira?

Participante: Dois anos, dois anos e meio. Foi... foi porque ela, porque eu nessa altura vendia aí terrenos e ela queria comprar uns terrenos para a filha, miúda também e depois ela veio ter comigo, ela também tinha uma empresa de roupas. E depois, já a conhecia e depois começamos, fomos ver aquilo e começamos a falarmos e depois nessa altura depois começamos a namorar.

Entrevistadora: E tem alguma semelhança senhor Jorge, a sua atual companheira e a sua esposa? Tem alguma característica em comum?

Participante: Ahmmm, sim! Esta também é uma joia de moça, (C3.3.3) também é alentejana de Serpa. Mas pronto, veio para cá com a mãe tinha 10 anos, vieram para cá. E a família toda dela e tudo, e a filha. E ela coitadita com 21 anos teve um filho que faleceu num acidente em Lisboa e a partir daí foi quando ela começou a ter mais problemas. E depois foi nessa altura que ela depois levantou e nós começamos a, a namorar, pronto, ficámos juntos.

Entrevistadora: Então e (o que é que eu ia perguntar senhor Jorge) ...então como é que descreve a sua companheira? Como é que ela é, em termos de características? Já me disse que é muito boa pessoa, que gosta muito de ajudar os outros, mais alguma coisa?

Participante: Sim, ela, ela tá sempre ahmm, ela antes tinha essa loja dela e ajudava as pessoas e dava a toda a hora. Ainda agora, o meu sobrinho, miúdo, nasceu agora, ela é que foi, ela tinha lá ainda roupa e foi-lhe dar a ela à minha sobrinha. Ela é uma jóia também de moça. (C1.3) Estamos bem e hoje temos a nossa, a neta, que é a neta dela, que a filha vem dormir com a gente hoje. Porque a mãe, a mãe de vez em quando vem, porque ela de vez em quando vai para lá fica lá a dormir e de vez em quando depois traz a menina para cá e vai lá dormir.

Entrevistadora: E então diga-me uma coisa senhor Jorge, como seria a mulher ideal?

Participante: Ah quê?

Entrevistadora: A mulher ideal, que características, é que teria?

Participante: Oh filha! (C1.3)

Entrevistadora: Imaginando assim o senhor Jorge. Quais as características que o senhor Jorge admira numa mulher?

Participante: Ahmm...,eu admiro numa mulher que ela seja sincera, seja uma mulher verdadeira, não seja má, não seja, não seja, com mau feitio e seja sincera não é!? Que é aquilo que eu sempre gostei, porque eu felizmente sempre acreditei em toda a gente (C1.1.1) e quando me diziam mal, eu sabia que as pessoas eram, não, não, não diziam as coisas bem, deixava de ligar. Não gostava das pessoas assim nessas situações. Até ai nos, às vezes nos casamentos e tudo havia sempre aquelas pessoas que iam para lá e aquilo, na comida era uma coisa impressionante né? E eu não gostava de as ver fazer coisas dessas.

Entrevistadora: O que é que é ter mau feitio senhor Jorge? Para si.

Participante: Mau feitio é as pessoas dizerem mal, serem, serem vigaristas e serem más e dizerem mal umas das outras e depois elas é que são as piores não é. Não gosto de ver essas situações. E se toda a minha vida tive amigos sempre em todo o lado. Tenho aí dois, tenho aí dois amigos com 80 e 87 anos que eram construtores, aqui do Laranjeiro aqui d'Almada, o senhor Dias e o senhor Farinha, e eu a toda a hora estou aí com eles sempre. (C4.3.1) E eles todos os dias vinham ver aqui ao hospital, sempre.

Entrevistadora: Então e agora tem muitos amigos senhor Jorge? Neste momento.

Participante: Sim, sim.

Entrevistadora: Mantém o contato regular com eles?

Participante: Sim, sim. Então eu tenho uns terrenos ali no, na quando se vai para o Laranjeiro por baixo...pra... (silêncio) pronto, tenho ali uns terrenos, que eram para prédios e aquilo agora está tudo na última e eles fizeram, fizeram até uma passagem depois, na Cova da

Piedade quando se vai prá Cruz de Pau e então tenho ali um terreno, onde estavam lá uns lotes, e tenho lá uma senhora que andava sempre comigo e que agora está lá na quinta da...e gere aquilo tudo e temos lá galinhas e temos lá aquilo tudo. (C1.1.3) E de vez em quando vamos lá almoçar com a malta amiga aí. Eee... e eles agora até foram para o Algarve os três que era para fazermos um almoço esta semana. Mas eles foram para o Algarve no fim do mês já. E pronto e é assim.

Entrevistadora: Para além do almoço o que é que fazem mais juntos?

Participante: Quando é almoço vamos à bola, às vezes ver o Benfica ou às vezes o Sporting também porque uns são do Sporting e outros são do Benfica e a gente tá sempre na brincadeira uns com os outros eee...é tudo é tudo, são pessoas muito amigas e essas pessoas que eu digo, alguns que morreram iam também lá comer com a gente. E havia lá um que era o Manel, quando eu digo que teve na, lá na América e ele coitadito (C1.3) é que fazia a comida a gente. E ele veio aqui ao hospital a mulher dele andava há três anos quase a morrer e ele vai e vê aqui no hospital com um problema de cancro e vai falecer. E era ele que fazia lá a nossa comida, era sempre porque ele queira sempre fazer tudo. Era uma joia de moço (C1.3) também e era outro também da marinha e que era ajudante da marinha que íamos todas as semanas, a gente agora nestas alturas íamos sempre ali comer, fazer ali almoçozinhos para estarmos entretidos uns com os outros e agora.

Entrevistadora: Tem algum amigo mais próximo agora senhor Jorge?

Participante: Sim, tenho, tenho aí, são os meus compadres. Um é o pai, é o pai da minha, pronto, o meu compadre Tó Zé, que é o pai do meu, que... é o padrinho da minha filha. E há outro que é o padrinho da filha, é o pai de, de, de, da madrinha da minha filha que teve aqui, tava aqui na, na, na coisa, no hospital. (C4.1.4) Ali no escritório, que é a Vera. E então pronto são muito amigos, a toda a hora a gente vai e qualquer coisa que precisamos uns dos outros até carros. Eu tinha uma carrinha que comprei há uns anos que era de seis lugares e eles de vez em quando pediam uma carrinha para ir passear com a família para fora, pró estrangeiro e tudo. (C1.1.3)

Entrevistadora: Então como é que ele é? Esse seu compadre como é que é?

Participante: Esse meu compadre é, é...

Entrevistadora: Como é que o descreve?

Participante: É uma joia de moço, (C1.3) ele tem ali uma oficina mecânica é primo direito do Eduardo Amarante aqui do médico, é primo direito dele. (C4.1.4) E pronto nós há anos e anos, que a gente... foi quando eu vim da terra foi quando o conheci mais a minha comadre a mulher dele, depois foi o meu compadre Tó Zé, também. Somos muito...depois era tudo malta, pronto...e depois íamos à caça, também. Eramos todos, somos todos caçadores eee...pronto, e havia de tudo na altura dos anos das pessoas, pronto, nos anos da gente íamos para a casa deles e eles para a casa, para a minha casa, outros pra baixo Évora, íamos sempre com a família toda, sempre, sempre, sempre. E eu tinha, a minha mulher tinha uma tia, que tinha uma herdade em, em, na Amareleja, a gente ia para lá caçar e levávamos a família toda era as mulheres era os filhos eramos todos, íamos para lá dormir lá sempre. Era uma vida sempre, uma coisa muito bonita. Agora pronto, é a tia da minha mulher que agora também faleceu, depois o marido depois vendeu aquilo e tenho aí os dois filhos, os filhos dele estão aqui comigo, moram aqui ao pé de mim também. Agora tão aí.

Entrevistadora: Então o que é que agora faz nos seus tempos livres senhor Jorge?

Participante: Os meus tempos livres é assim é estar em casa, depois saio dali e vou pró, prá oficina do meu compadre e estou ali um bocadito com eles, porque eu tenho que comer de duas em duas horas e levo comida e vou comer lá, lá na oficina. Eeee...e depois vou até ao café com eles, à tarde e depois vou para casa, vou buscar a minha mulher eee...pronto, vou comprar coisas pra casa. E o meu filho almoça com a gente às vezes, outras vezes vai ou estar com a namorada, ou de vez em quando fica em casa da namorada. Hoje almoça com a gente.

Entrevistadora: E então diga-me uma coisa senhor Jorge? Como é que se descreve atualmente? É uma pessoa com que características?

Participante: Oh filha... (C1.3) sempre me descrevi bem. (C1.1.3)

Entrevistadora: Como é que, ou seja, que características é que acha que o senhor Jorge tem? É uma pessoa com que características?

Participante: Oh filha, (C1.3) eu sempre me dei bem nessas situações... nunca tive problemas. (C1.1.3)

Entrevistadora: É uma pessoa que se dá bem com toda a gente?

Participante: Sim, sim, sim, com toda a gente filha, (C1.3) Mesmo às vezes aí com qualquer pessoas que eu vejo que tão, tão a, aí a cair eu ajudo-as e muito e até tenho aí agarrado nelas e chamar a ambulância e isto, ou aquilo. Eu até tenho levado às vezes no carro certas pessoas, quando há pessoas assim a...ainda agora há dias uma senhora lá ao pé da minha casa coitadita que tive que o ir lá levar à filha, que ela caiu. E fui leva-la lá à filha, (C1.1.3) E é assim, pronto, é o que eu agora ando a fazer depois vou buscar coisas para casa.

Entrevistadora: E o que é que não mudaria na sua vida, senhor Jorge?

Participante: Quê, quê?

Entrevistadora: Olhando agora para trás, de tudo aquilo que o senhor Jorge já viveu, o que é que não mudaria? Algo que foi muito importante para o senhor Jorge e que o senhor Jorge não mudava nada.

Participante: Não mudo nada filha. Não mudava nada. Sempre tive, tive boas... com toda a gente, nunca tive problemas nenhuns. (C1.1.3) Só os problemas que tive com a família, foi as doenças, de terem morrido coitaditos. (C1.3)

Entrevistadora: Neste momento qual é o seu maior medo senhor Jorge?

Participante: O meu maior medo é de eu morrer filha. Que eu queria estar mais um tempo para ver o meu neto e as minhas netas e os meus filhos estarem felizes. É isso que estou sempre a preocupar. (C1.1.2)

Entrevistadora: Porque é que tem esse receio senhor Jorge, é por causa destes problemas de saúde que teve?

Participante: Sim. Tem sido sempre...e depois é de ver a situação da minha mãe e tia, de eu estar sempre nervoso deste problema estar nervoso. Eu estou a tomar os medicamentos que o senhor doutor, Dr. Luís...

Entrevistadora: Agora não me estou a lembrar senhor Jorge.

Entrevistadora: É daqui é doutor. É doutor aqui (silêncio) pronto, Luís, um assim baixinho.

Participante: Ai não?

Entrevistadora: Não.

Participante: Dr. Luís, Dr. Luís...porque é que não trouxe o coiso dele...

Entrevistadora: Então e esse medo senhor Jorge, da morte é só agora? Só surgiu depois destes problemas de saúde? Ou quando era pequeno o senhor já tinha esse medo?

Participante: Nunca, nunca me lembrou de nada, nem tinha problemas de coisa nenhuma. Só agora, só desde esta situação agora, mesmo quando tive outro problema de...nunca me lembrou dessa situação. Só agora porquê? Eu creio que foi do problema da, da minha mãe e pronto, (C2.1) e da minha tia, tenho andando mais preocupado com isto tudo... (silêncio) e depois é os netinhos, é os filhos é tudo. A gente está sempre a pensar. Agora é a minha filha no avião, levo o tempo a pensar que isto vai avisar problemas, e eu é sempre... (C4.2.3)

Entrevistadora: Tem medo que possa acontecer alguma coisa com eles é isso?

Participante: Sempre, sempre, sempre.

Entrevistadora: Pelo que percebi o senhor Jorge também tem passado uma fase com muitas perdas, não é? Assim com pessoas muito próximas umas das outras.

Participante: Sim. E estas situações e momentos para outro, é que eu nunca tive, nunca tive... amigos e tudo sempre do melhor e lá na minha terra por exemplo já morreram dois amigos meus também, coitaditos (C1.3). Estas situações, depois estou sempre a pensar neles. Eu vou, eu vou ahmm, eu estou no quarto, deito-me e quando estou deitado ponho-me a pensar nisto tudo. (C4.1.5)

Entrevistadora: O que é que se lembra senhor Jorge?

Participante: Lembro-me logo deles todos, dos amigos, das coisas, dos que faleceram. Estou sempre a pensar nisto. (C4.1.5)

Entrevistadora: Mas recorda-se do quê? Dos bons momentos que viveu com eles é isso?

Participante: Sim, sim, sim. Sempre a pensar neles, sempre... Às vezes é por isso que eu levanto saio do quarto e vou-me embora de casa, por causa desta situação. (C4.1.5)

Entrevistadora: Em casa pensa mais sobre isso?

Participante: Penso mais sobre isso.

Entrevistadora: O seu pai faleceu há quanto tempo senhor Jorge?

Participante: O meu pai há 14 anos, e o meu tio há 16 e a minha mulher há 12. E a minha avó coitadita há 18. (C4.1.5) A minha avó foi a primeira coitadita (C1.3) com 97 aninhos coitadita mas enfim, ela coitadita já estava...e o meu avô que era o marido dela, nunca conheci, que ele coitadito (C1.3) morreu mais cedo. E a minha avó da parte do meu pai também não conheci. Só conheci a minha avó, que era a mãe da minha mãe e conheci o meu avô que era pai do meu pai, que estava em minha casa, na casa dos meus pais. E eu dormia, o meu avô dormia comigo lá no quarto estávamos sempre, estava sempre na brincadeira com ele. Era uma joia de homem também coitadito. (C1.3) E ele depois teve um problema tiraram-lhe, cortaram-lhe as duas pernas nessa altura. Mas pronto eu nessa altura era... fiquei triste

dele falecer, mas... (silêncio) é assim, de vez em quando lembro-me dele e tenho fotografias deles todo, lá em casa tenho fotografias deles todos. Está tudo junto, do meu pai, da minha tia, do meu avô, da minha avó, está tudo junto na na... Ainda agora fizemos lá, lá fui tudo lá em casa, e era onde eu tinha tudo e então tive a limpar aquilo tudo e a arranjar. (C2.2; C.4.1.5)

Entrevistadora: O que é que significa para o senhor Jorge tê-los ali todos juntos e estar a tratar das fotografias? O que é que isso significa para si?

Participante: Para mim significa pronto de os ver, de estar bem, de saber essa situação deles coitaditos, (C1.3) do que foi, do que não foi. E adoro imenso. (C2.2; C4.1.4)

Entrevistadora: É uma forma de os ter mais próximo é isso?

Participante: Sim, sim e a minha sogra, o meu sogro tenho um coiso com o marido que eu não conheci, coitadita. E também lá na parede, coiso, tenho-os ali todos juntos. E a minha mulher lá tá também, comigo, tenho lá um coiso quando ela faleceu à mesma. (C4.1)

Entrevistadora: Então diga-me uma coisa senhor Jorge, quais são os seus planos para o futuro com a sua companheira? Como é que imagina que vai ser o futuro? Ou como é que gostava que fosse o futuro?

Participante: Gostava que fosse o futuro pronto, que a gente tivesse aí uns anos, uns anos bons estarmos a viver bem e felizes. E se fosse na altura a gente depois de ter uma certa idade, a gente sabe que tem que falecer né!?! (C1.2; C1.1.2) Ee...que fossem agora uns anos bons para estar a viver todos e com a família dela também, porque a filha dela também é uma jóia de miúda e o marido dela também. (C1.3) O marido dela, tá sempre, estão sempre a toda a hora a telefonar a dizer se estou bom ou não estou bom e vem na mesma cá a casa, trazer a mãe e a pequenina. Depois vem-na buscar. Porque ela de vez em quando fica lá, mas quer é trazer a menina para casa, lá para nossa casa. É assim.

Entrevistadora: Então diga-me uma coisa senhor Jorge, assim num geral o que é que não gosta nas outras pessoas? Há bocado estava-me a dizer que não gosta quando as pessoas falam mal umas das outras...

Participante: Nada, nada, nada.

Entrevistadora: Há mais coisas que não goste senhor Jorge?

Participante: Sim...sim, não gosto que as pessoas façam mal às pessoas e que roubem, que façam, que andem a bater em certas pessoas. Eu só, só uma vez é que bati, armou-se em parvo e... (silêncio) é estas situações que eu não gosto de ver as pessoas a serem vigaristas, a serem, roubarem as pessoas e... é isso que estou sempre preocupado. Eu já fui, um dia que eu fui ali pra o terreno, ali pró, pró...vinha lá da, do coiso e ia para ir para o carro e trazia um casaco e trazia no bolso a carteira tinha ido lá ao coiso levantar dinheiro. Há um individuo que para o carro, parou o carro e veio para me roubar, e eu trazia, tinha sempre, e agora já não trago, trazia o coiso e ele para me roubar o... o fio então ele partiu-me aquilo e depois fugiu e meteu-se no carro, mas o gajo não conseguiu enfiar-se logo lá dentro e eu ainda o tratei bem lá.

Entrevistadora: Foi nessa situação que o senhor Jorge diz que bateu em alguém é isso?

Participante: Sim, sim, foi. Foi precisamente que ele depois, não conseguiu com a outra perna e eu apertei-lhe a perna no carro e comecei-lhe a bater lá dentro. Mesmo assim lhe dei um pontapé no carro, e eu não sei quem era, mas até estou desconfiado que ele era cigano. Depois andei preocupado, andei aí muito preocupado, digo assim, depois andava sempre com... (C1.1.1) porque eu tenho uma pistola sempre, depois andava sempre com a pistola dentro do carro.

Entrevistadora: E tem a pistola porquê senhor Jorge?

Participante: Porque era, era, era, na altura estava na marinha, depois quando saí da marinha vim sempre com... depois fui à caça sempre todos os anos. Sou caçador também, tenho essa...agora este ano tenho que ir ali à policia para mostrar isso tudo. Tenho que pagar.

Entrevistadora: Ok senhor Jorge, bem, senhor Jorge já terminámos. Agradeço muito a colaboração do senhor Jorge por me ter ajudado aqui com o estudo. Muito obrigado senhor Jorge, olhe...

Participante: Muito obrigado também.

Entrevistadora: Até à próxima.

Participante: E eu gostei muito de estar aqui e sinto-me muito melhor quando estou aqui consigo. (C1.3)

Entrevistadora: Olhe senhor Jorge, fico satisfeita que se tenha sentido melhor.

Participante: Muito melhor.

Entrevistadora: Já percebi que esta fase está a ser um bocadinho complicada para o senhor Jorge.

Participante: É agora por causa, deste problema do, do, do deste amigo que agora também outra vez...e é a minha mãe coitadinha. Pronto! É mais estas situações.

Entrevistadora: Olhe senhor Jorge que corra tudo pelo melhor.

Participante: Obrigadinha.

Observações

“Jorge” teve uma atitude colaborante para participar no estudo, porém acaba por evitar falar sobre os seus sentimentos, tendo um discurso com muitas descrições fatuais. A atitude com a entrevistadora oscilou entre uma certa sedução “fez muito bem falar comigo” (sic) e a desvalorização da mesma através do uso constante do termo “filhinha”. O que suscitou constransferencialmente na entrevistadora, uma constante irritação. Uma característica comum das pessoas com patologia narcísica.

Ao longo da entrevista “Jorge” esteve sempre muito agitado ao nível psicomotor (e.g. sempre a mexer as mãos e os olhos estavam sempre a tremer), verificando-se ainda algumas falhas ao nível do discurso, que parece ser uma consequência do problema de saúde que teve, o carcinoma.

Anexo H. Tabelas referentes à análise quantitativa dos dados

Tabela 1. Preponderância das categorias por participante

Categorias	“Cristóvão”	“Cristina”	“Jorge”	Totais
Elementos estruturais do narcisismo	57 (38,7%)	70 (27,6%)	86 (55,1%)	213 (38,2%)
Relação com os objetos primários	66 (44,9%)	68 (26,7%)	24 (15,4%)	158 (28,4%)
Escolha de objeto amorosa	12 (8,2%)	36 (14,2%)	15 (9,6%)	63 (11,3%)
Outras relações self/objeto importantes	12 (8,2%)	80 (31,5%)	31 (19,9%)	123 (22,1%)
Total	147 (100%)	254 (100%)	156 (100%)	557 (100%)

Tabela 2. Preponderância das categorias e subcategorias por participante

Categorias e Subcategorias	“Cristóvão”	“Cristina”	“Jorge”	Totais
Elementos estruturais do narcisismo	57 (38,7%)	70 (27,6%)	86 (55,1%)	213 (38,2%)
Representação do self	46 (31,2%)	57 (22,5%)	28 (17,9%)	131 (23,5%)
• Dimensões mais integradas do self	7 (4,7%)	19 (7,5%)	5 (3,2%)	31 (5,6%)
• Self vulnerável	39 (26,5%)	11 (4,3%)	3 (1,9%)	53 (9,5%)
• Self grandioso	-	27 (10,7%)	20 (12,8%)	47 (8,4%)
Ego ideal vs. Ideal do ego	4 (2,7%)	1 (0,4%)	4 (2,6%)	9 (1,7%)
Objeto idealizado vs. Objeto desvalorizado	7 (4,8%)	12 (4,7%)	54 (34,6%)	73 (13,0%)

Relação com os objetos primários	66 (44,9%)	68 (26,7%)	24 (15,4%)	158 (28,4%)
Representação objeto materno	16 (10,9%)	36 (14,1%)	8 (5,1%)	60 (10,8%)
Representação objeto paterno	35 (23,8%)	23 (9,0%)	9 (5,8%)	67 (12,0%)
Posicionamento face ao casal edipiano	9 (6,1%)	5 (2,0%)	6 (3,9%)	20 (3,6%)
Relação entre pais	6 (4,1%)	4 (1,6%)	1 (0,6%)	11 (2,0%)
Escolha de objeto amorosa	12 (8,2%)	36 (14,2%)	15 (9,6%)	63 (11,3%)
Objeto total vs. Objeto parcial	1 (0,7%)	2 (0,8%)	1 (0,6%)	4 (0,8%)
Escolha de objeto anaclítica	-	4 (1,6%)	-	4 (0,8%)
Escolha de objeto narcísica	11 (7,5%)	21 (8,3%)	9 (5,8%)	40 (7,2%)
• Gemelar	-	2 (0,8%)	-	2 (0,3%)
• Oposto	3 (2,1%)	1 (0,4%)	-	4 (0,7%)
• Ideal	4 (2,7%)	6 (2,4%)	4 (2,5%)	14 (2,5%)
• Evitamento do contato	1 (0,7%)	11 (4,3%)	-	12 (2,1%)
• Desvalorização do relacionamento	3 (2,0%)	1 (0,4%)	3 (1,9%)	7 (1,3%)
• Controlo do outro	-	-	2 (1,3%)	2 (0,3%)
Agressividade auto-infligida vs. Agressividade infligida ao outro	-	3 (1,2%)	-	3 (0,5%)
Ruturas e Separações	-	6 (2,3%)	5 (3,2%)	11 (2,0%)
Outras relações self/objeto importantes	12 (8,2%)	80 (31,5%)	31 (19,9%)	123 (22,1%)
Relação com figuras de referência/familiares próximos	2 (1,4%)	41 (16,1%)	16 (10,3%)	59 (10,6%)
• Relacionamento de dependência	-	5 (2,0%)	2 (1,3%)	7 (1,3%)
• Evitamento do contato	-	7 (2,7%)	-	7 (1,3%)
• Conflitos	-	6 (2,4%)	-	6 (1,2%)

• Importância do estatuto	-	-	6 (3,8%)	6 (1,2%)
• Ruturas/Mudanças relevantes	2 (1,4%)	21 (8,3%)	8 (5,2%)	31 (5,6%)
Relação com os filhos	2 (1,4%)	-	4 (2,6%)	6 (1,1%)
• Desvalorização/ataque	-	-	-	-
• Evitamento	-	-	-	-
• Dependência	1 (0,7%)	-	2 (1,3%)	3 (0,55%)
• Prolongamento narcísico	1(0,7%)	-	2 (1,3%)	3 (0,55%)
Relação com amigos/colegas	6 (4,0%)	14 (5,5%)	10 (6,4%)	30 (5,4%)
• Procura de proximidade	3 (2,0%)	5 (2,0%)	6 (3,9%)	14 (2,5%)
• Evitamento do contato	2 (1,3%)	6 (2,3%)	-	8 (1,4%)
• Controlo do outro	-	2 (0,8%)	1 (0,6%)	3 (0,6%)
• Conflitos	1 (0,7%)	-	3 (1,9%)	4 (0,7%)
• Competição	-	1 (0,4%)	-	1 (0,2%)
Relação com figuras de autoridade	2 (1,4%)	25 (9,9%)	1 (0,6%)	28 (5,0%)
• Submissão	2 (1,4%)	3 (1,2%)	1 (0,6%)	6 (1,1%)
• Confronto	-	12 (4,7%)	-	12 (2,1%)
• Superioridade	-	4 (1,6%)	-	4 (0,7%)
• Mudanças	-	6 (2,4%)	-	6 (1,1%)